

# Autonomia e integração local de refugiados(as) e migrantes venezuelanos(as) acolhidos(as) nos abrigos em Boa Vista (RR)



# REFÚGIO

## SUMÁRIO EXECUTIVO

©ACNUR/Allana Ferreira

Criada em fevereiro de 2018 pelo Governo Federal, a Operação Acolhida recebe refugiados e migrantes venezuelanos no Brasil e operacionaliza a assistência emergencial necessária ao acolhimento das pessoas em situação de maior vulnerabilidade. Um dos pilares para essa acolhida é o abrigamento, e o Ministério da Cidadania, como órgão ao qual compete a gestão de abrigos no país, firmou acordo de cooperação com o ACNUR – Agência das Nações Unidas para Refugiados para gerir os espaços de acolhimento em Boa Vista e em Pacaraima. Nesses abrigos, há também a atuação das Forças Armadas brasileiras<sup>1</sup>, e esse conjunto de atores desempenha relevante papel para viabilizar a resposta humanitária no país.

Nesse contexto, a AVSI Brasil – Associação Voluntários para o Serviço Internacional Brasil, como parceiro implementador do ACNUR, é responsável pela gestão dos abrigos para a população venezuelana não indígena em Roraima. A pesquisa aqui apresentada objetivou ampliar o conhecimento existente sobre o perfil sociodemográfico e laboral dessa população, de modo a contribuir para o planejamento de ações que fomentem o alcance da autonomia e da autossuficiência dessa população, com a sua inserção no mercado de trabalho e integração à comunidade de acolhida<sup>2</sup>.

A pesquisa quantitativa com amostra probabilística do tipo survey levou em consideração os distintos arranjos familiares<sup>3</sup> de refugiados e migrantes venezuelanos que estão abrigados nos centros de acolhimento temporário Rondon 1, Rondon 2, Rondon 3, São Vicente 1 e Pricumã, localizados em Boa Vista. A maior parte das pessoas entrevistadas (64%) declara-se satisfeita ou muito satisfeita com

sua qualidade de vida nos abrigos. A despeito dos desafios que enfrentaram ao chegar em território brasileiro e com os quais ainda se deparam, a pesquisa aponta que, atualmente, é ampla a satisfação manifesta com a qualidade de vida no Brasil, sendo que 93,7% deles declaram estar muito satisfeitos (38,6%) ou satisfeitos (55,1%) enquanto 6,3% afirmam estar insatisfeitos (4,8%) ou muito insatisfeitos (1,5%).

A fronteira do Brasil com a Venezuela, em decorrência da pandemia da Covid-19, encontra-se fechada desde 18 de março de 2020. Contudo, a pesquisa sugere que o fluxo regular de pessoas venezuelanas para o Brasil deva ser retomado quando as fronteiras do Brasil forem reabertas, uma vez que muitos dos abrigados entrevistados esperam essa regularização para que outros membros de suas famílias possam entrar no país.

A maior parte dos refugiados e migrantes venezuelanos acolhidos está disposta a ser interiorizada, deslocando-se a qualquer estado brasileiro em busca de melhores possibilidades de emprego e geração de renda (72,6%) e, desses, 80,7% gostariam de trazer um ou mais familiares ao país. Entretanto, 27,1% dos abrigados querem permanecer perto da fronteira, de forma a manter a proximidade com familiares na Venezuela. Desses 27,1% que querem permanecer próximos à fronteira, mais da metade (58%) estaria disposta a se mudar para Manaus ou alguma outra cidade em Roraima, caso apareça alguma oportunidade de emprego; enquanto 42% restantes não se mostraram dispostos a se mudar de Boa Vista, ainda que apenas 25,6% das pessoas abrigadas estejam atualmente ocupadas na força de trabalho. E somente 0,3% dos abrigados afirmou não ter intenção de permanecer no Brasil.

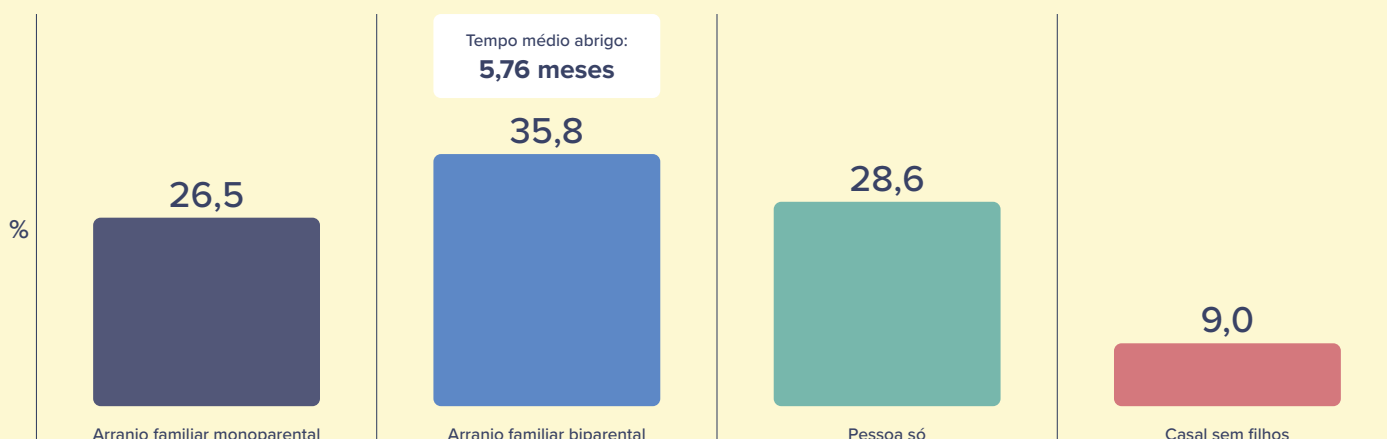
## TEMPO NOS CENTROS TEMPORÁRIOS DE ACOLHIMENTO

A população de refugiados e migrantes venezuelanos acolhida encontrava-se, no momento da pesquisa, em

média há 5,8 meses nos abrigos temporários em que foram entrevistados. Enquanto 69,6% estavam lá há menos de 4 meses; 14,7% chegaram entre há mais de 4 meses a até 1 ano; 15,3% encontravam-se nos abrigos há mais de um ano.

**Gráfico 1: Distribuição dos abrigados segundo os arranjos familiares**

n=332



O tipo de arranjo familiar é uma variável que tem efeito significativo sobre o tempo de permanência nos abrigos. Famílias monoparentais - representam 26,5% da amostra, em geral chefiadas por mulheres, registram em média 8,4 meses no abrigo, o que representa duas vezes mais tempo no abrigo do que os casais sem filhos (9%) da amostra, os quais registraram em média 3,77 meses. Pessoas só, que constituem 28,6% da amostra, estavam em média há 4,1 meses no abrigo. As famílias biparentais, que são 35,8% da amostra, apresentaram tempo médio de 5,8 meses nos abrigos, portanto, também inferior ao tempo médio das famílias monoparentais.

## EDUCAÇÃO

Há nos abrigos não indígenas da Operação Acolhida em Boa Vista predominância de refugiados e migrantes de escolaridade de Ensino Fundamental e Médio completo (83,8%). 10,2% têm formação técnica e 6% possuem formação superior. É grande, em todas as três categorias de escolaridade, a disponibilidade manifesta para o exercício de uma variedade de tarefas: 64,2% relatam experiência em mais de uma área de atuação – o que é sugestivo de disposição ao trabalho em mais de um ofício; 29,8% declaram ter experiência em um tipo de ocupação ou ofício; 6% não têm nenhuma experiência prática em qualquer tipo de ofício.

Dentro da diversidade de formação profissional e experiência prática dos respondentes desta amostra, as

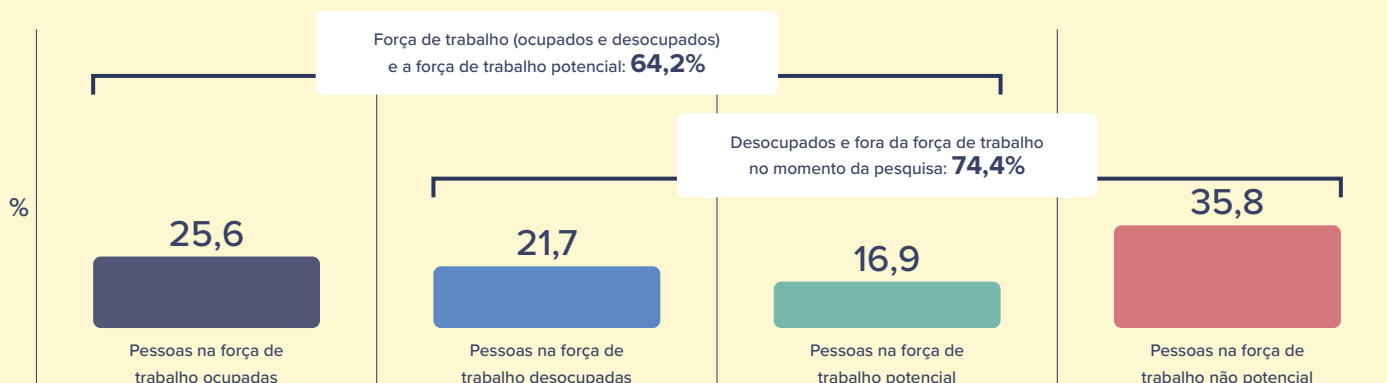
atividades e ofícios que mais se repetem são: cozinheiro; pedreiro/mestre de obras/assentador de pedras dentre outras atividades na construção civil; comércio e vendas; professor/educador; costureira (trabalhos em crochê e em tecidos); cabelereiro, estética, manicure e pedicure; e motorista. Foram citadas outras 53 atividades<sup>4</sup>, descritas na seção Trabalho e Renda.

## FORÇA DE TRABALHO

Integram a força de trabalho ocupada no Brasil aqueles respondentes que, no mês de referência desta pesquisa, estavam trabalhando em emprego regular, como autônomos diaristas, como autônomos ambulantes ou como empreendedores. Em dezembro de 2020, a força de trabalho ocupada representou 25,6% dos refugiados e migrantes respondentes dos abrigos em estudo. As pessoas na força de trabalho desocupada – que estavam desempregadas e procurando se inserir no mercado – representam 21,7%. Já aqueles desempregados que não procuraram emprego no mês que antecedeu esta pesquisa - por motivos diversos –, embora estivessem disponíveis para o trabalho, integram a força de trabalho potencial: são 16,9%. Donas de casa, estudantes, idosos, pessoas com problemas de saúde que os incapacitam, que não estão disponíveis para o mercado, estão fora da força de trabalho e integram o grupo da força de trabalho não potencial: 35,8%.

Gráfico 2: Pessoas na força de trabalho ocupadas, desocupadas e fora da força de trabalho

n=332



A força de trabalho ocupada e com potencial para ser integrada ao mercado (ocupados, desempregados e desalentados), era de 64,2% na data de referência.

Já a força de trabalho não potencial, que representa os 35,8% restantes, é a categoria de maior vulnerabilidade e é composta, principalmente, por mães que cuidam sozinhas dos filhos, idosos e pessoas com problemas de saúde. 58% estão na faixa etária de 25 a 49 anos, porém, é elevada a frequência de pessoas com mais de 65 anos nessa categoria, na qual, o tempo de permanência nos abrigos é maior que a média geral.

### PRECARIEDADE DA OCUPAÇÃO E ESCOLARIDADE

A escolaridade superior ou formação técnica não tem sido facilitador de inserção no mercado de trabalho. Ao contrário, há maior presença de pessoas até o Ensino Fundamental no grupo da força de trabalho ocupada do que de pessoas com escolaridade até o Ensino Médio e de Escolaridade Superior ou Técnica. A força de trabalho de venezuelanos refugiados e migrantes em Boa Vista, neste momento, se

insere sobretudo como autônoma diarista, em alguns casos prestando serviços em mais de uma atividade.

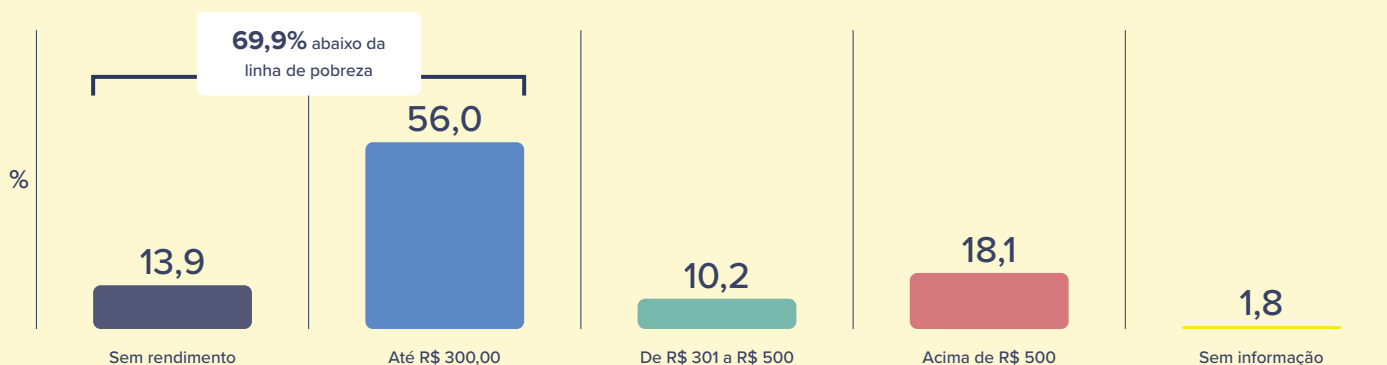
### RENDA

A força de trabalho ocupada de refugiados e migrantes venezuelanos nos centros de acolhimento em Boa Vista, além constituir apenas um quarto de seu contingente, está inserida principalmente na informalidade e é, em grande medida, subutilizada, já que há uma insuficiência de horas trabalhadas: 20% trabalham em média até 10 horas por semana; 15,3% trabalham entre 10 e 20 horas; 34,1% entre 20 e 40 horas; e 30,6% mais de 40 horas na semana. O rendimento médio do trabalho é de R\$ 840,10. Considerando-se inclusive benefícios governamentais, a renda média das famílias acolhidas nos centros temporários que prestaram as informações necessárias foi, no mês de referência, de R\$ 757,60.

No mês de referência, a renda per capita média dos refugiados e migrantes venezuelanos residentes nos abrigos da Operação Acolhida em Boa Vista administrados pelo ACNUR e AVSI Brasil foi de R\$ 316,00, estando 69,9% deles abaixo da linha de pobreza.

Gráfico 3: Distribuição da renda per capita em categorias

n=326



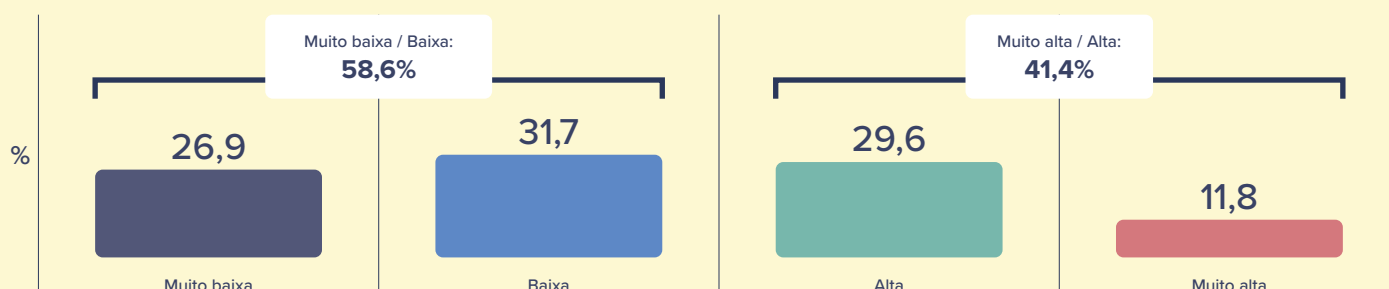
## PROFICIÊNCIA EM PORTUGUÊS

Com relação à proficiência em português, 11,8% apresentam proficiência muito alta em português; 29,6% têm

proficiência alta; 31,7%, proficiência baixa; e 26,9%, proficiência muito baixa. Em dois grandes grupos, 58,6% têm a proficiência muito baixa ou baixa; e 41,4% têm a proficiência alta ou muito alta.

Gráfico 4: Índice de Proficiência em Português

n=331



Na alta proficiência, estão mais homens do que mulheres. Também estão na alta proficiência mais pessoas da força de trabalho desocupada (procuram emprego), com alta escolaridade e as pessoas que planejam mais a saída do abrigo. Aqueles que socializam mais com brasileiros também possuem alta proficiência.

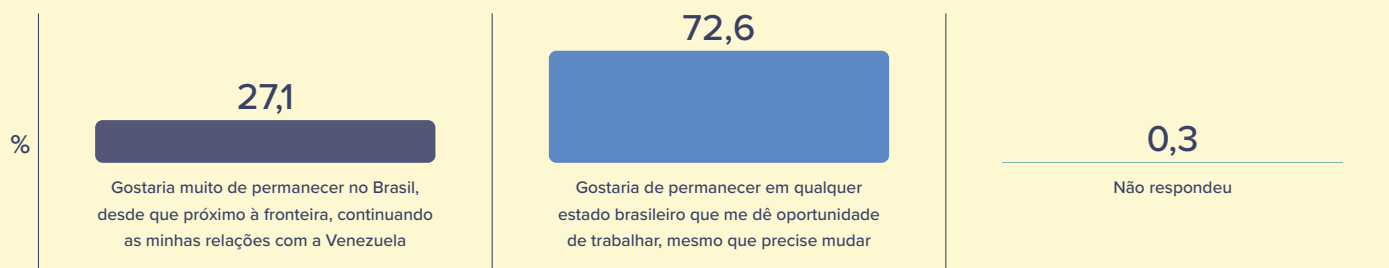
Da mesma forma, na baixa proficiência, encontram-se mais mulheres do que homens, assim como mais pessoas que estão na força de trabalho não potencial, com escolaridade até o Ensino Fundamental e no grupo de pessoas que nunca calculou de quanto precisaria ganhar para deixar o abrigo. Além dos que socializam apenas com venezuelanos.

## INTERIORIZAÇÃO

Cerca de três quartos (72,6%) dos refugiados e migrantes venezuelanos que estão nos centros de acolhimento provisório em Boa Vista querem permanecer em qualquer estado brasileiro que lhes dê oportunidade de trabalhar. Percebe-se, qualitativamente, uma idealização da perspectiva da interiorização, na qual é depositada grande expectativa para oportunidades de trabalho e integração.

Gráfico 5: Disposição para interiorização

n=332



Estão menos propensas à interiorização pessoas que têm vínculos com grupo social primário – cônjuges e filhos – que permaneceu na Venezuela, o qual desejam trazer para o Brasil. Entre pessoas na força de trabalho não potencial e nas categorias etárias de 60 anos ou mais há maior proporção de pessoas que preferem permanecer próximas à fronteira em relação aos mais jovens. Os menos propensos à interioriza-

ção tendem a permanecer mais tempo nos abrigos do que aqueles refugiados e migrantes dispostos à interiorização.

Estão propensos à interiorização homens, mais do que mulheres, jovens e pessoas na força de trabalho potencial (ou seja, estão desempregadas, não procuraram emprego em Boa Vista no mês de referência, embora estivessem disponíveis para o trabalho).

Embora pessoas com formação técnica apresentem maior tendência à interiorização do que as demais categorias de escolaridade, a distribuição das demais faixas de escolaridade não está associada ao desejo de permanecer próximo à fronteira. O tipo de arranjo familiar e o nível de proficiência em português não estão associados à disposição de interiorização.

### AUTOSSUFICIÊNCIA

Enquanto 59,3% dos acolhidos afirmam já ter calculado o quanto precisariam ganhar ao mês para deixar o abrigo; 40,7% dizem nunca ter feito esse cálculo. O fato de nunca ter projetado quanto precisariam ganhar para alcançar autonomia é sugestivo de uma vulnerabilidade intensa, que impõe desafios cotidianos pela sobrevivência, impeditivos ao olhar para o futuro no curto e no médio prazo.

Entre aqueles 59,3% que demonstraram ter feito o cálculo dos rendimentos mensais que necessitariam para deixar o abrigo, a avaliação média é de que precisariam de R\$ 2.038,00 para a manutenção da família no Brasil, sendo que a mediana da distribuição foi de R\$ 2.000,00. Enquanto no primeiro quartil da distribuição a estimativa do valor varia de R\$ 600,00 (valor mínimo) a R\$ 1.500,00 para alcançar autonomia, aqueles 25% que projetaram os valores mais altos, fizeram-no entre R\$ 2.500,00 (3º quartil) e R\$ 7.000,00 (valor máximo projetado por um indivíduo em arranjo familiar categorizado como “pessoa só”).

Avaliou-se o impacto de um conjunto de fatores sobre a probabilidade de que um refugiado ou migrante nos abrigos tenha condições de planejar a sua autonomia financeira. As pessoas que possuem arranjos monoparentais têm, entre todos, a menor probabilidade de ter condições para planejar a sua autonomia: alguém que integre um arranjo familiar do tipo “pessoa só” tem 2,8 vezes mais chance de planejar a sua saída do abrigo do que uma pessoa do arranjo familiar monoparental; uma pessoa que possui arranjo familiar biparental tem chance 2,6 vezes maior do que alguém de arranjo monoparental; e alguém que integra um arranjo do tipo “casal sem filhos” tem chance 3,6 vezes maior do que uma pessoa do arranjo monoparental). A proficiência em português também é fator que amplia as chances de autossuficiência. Quem fala o idioma tem chance 5,2 vezes maior que os que não falam de planejar o seu futuro no curto e médio prazo. Além desses fatores, também ter pessoas na Venezuela que gostaria de trazer para o Brasil é variável que aumenta em 2,7 vezes a chance de uma pessoa planejar a sua autossuficiência e saída do abrigo.

Dessa forma, arranjos monoparentais têm menor probabilidade de planejar a autossuficiência em relação aos demais arranjos familiares; quem tem mais alta proficiên-

cia em português; e quem planeja a reunificação familiar têm maior probabilidade de projetar a autossuficiência em relação a quem não fala português e quem não tem planos para a reunificação familiar.

### CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES

A pesquisa forneceu um perfil sociodemográfico e laboral mais detalhado da população abrigada nos abrigos gerenciados pela AVSI Brasil e aponta um caminho para facilitar o alcance da autonomia e a autossuficiência dessa população, com a sua inserção no mercado de trabalho e integração à comunidade de acolhida.

Os resultados em relação ao grupo da força de trabalho não potencial demonstram que essa categoria tende a permanecer mais tempo nos abrigos do que as categorias da força de trabalho ocupada, desocupada e potencial. Há, nessa categoria, maior incidência de pessoas em arranjos familiares sem nenhum rendimento do trabalho; de pessoas que não conseguem projetar um rendimento para a sua autossuficiência; além de maior proporção de pessoas resistentes à interiorização; e também maior presença de pessoas com baixa proficiência em português. O grupo de pessoas que integra a força de trabalho não potencial não se distingue em particular pela distribuição da escolaridade, caracterizando-se, contudo, pela maior presença de pessoas com mais de 60 anos e maior frequência de mulheres do que homens.

Na força de trabalho não potencial há maior incidência de arranjos familiares monoparentais, chefiados por mulheres, que, tomadas pela premência do cuidado com filhos e cuidado com familiares doentes, não encontram em sua rotina diária disponibilidade para o trabalho. Embora não sejam particularmente resistentes à perspectiva da interiorização, responsáveis por chefiar arranjos monoparentais tendem a projetar menos do que as demais categorias de arranjos familiares a própria autossuficiência fora do abrigo.

O grande desafio ao projeto de integração à sociedade brasileira do grupo conformado por arranjos monoparentais de refugiados e migrantes venezuelanos começa por prover condições estruturais para que tais chefes de família, que são principalmente mulheres, possam dispor, ao longo de sua jornada diária, de um período ou intervalo de horas para o trabalho. Seja por meio do estabelecimento de grupos de mães (ou de cuidadoras) que estão em igual situação, para que possam se revezar coletivamente no cuidado com os filhos e com os familiares doentes; seja na hipótese de instituições destinadas ao cuidado com as crianças em parte do período diurno; o primeiro passo para a autossuficiência é permitir que estejam disponíveis para o trabalho. E nesse sentido, a hipótese de soluções baseadas na ação coletiva, como a formação de

grupos de mães e de cuidadoras, requer treinamento das mães para o cuidado com as crianças.

Além da maior incidência de arranjos familiares monoparentais, há outra característica de destaque no grupo de pessoas que integram a força de trabalho não potencial: 37,8% não estão disponíveis para a interiorização, proporção maior do que os 27,2% do total da amostra.

A resistência à interiorização explica-se, sobretudo, pela intenção de trazer ao Brasil familiares do núcleo primário – principalmente filhos e ou cônjuges -, o que os vincula à região da fronteira: 54,9% daqueles que não desejam se interiorizar aguardam cônjuge, filhos ou filhos e cônjuges. Entre os não afeitos à interiorização, há maior presença de pessoas idosas e não há distinção educacional, por tipo de arranjo familiar ou pela proficiência em português.

Para esse grupo, o desafio que se apresenta é a inserção laboral em um estado em que a economia é pouco diversificada e altamente dependente do setor público. Em 2018, a administração pública em Roraima respondeu por 42,3% (R\$ 5,654 bilhões) do PIB de R\$ 13,369 bilhões a preços correntes. No mercado de trabalho, o setor de “administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde e serviços sociais” respondeu por 27,5% da força de trabalho ocupada, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, novembro/2020). Para fins de comparação, no Brasil, naquele mês, 18,2% da força de trabalho ocupada se empregava na administração pública, portanto, proporcionalmente um terço inferior àquele de Roraima.

Os dados da pesquisa apontam para uma empregabilidade dada pela baixa remuneração e por oportunidades de baixa qualificação, o que resulta na inserção mais frequente entre pessoas de escolaridade até o Fundamental. Dessa forma, apesar de a maioria dos refugiados e migrantes venezuelanos em Boa Vista ter experiência em mais de uma atividade e flexibilidade para atuar em qualquer área disponível, mais anos de estudo não tem sido fator propulsor da empregabilidade no estado, mesmo para aqueles que procuram emprego (força de trabalho desocupada) ou aqueles que não estão procurando, mas estão disponíveis para o trabalho (força de trabalho potencial).

Nesse contexto, para aumentar as chances de integração de pessoas da categoria da força de trabalho não potencial, para além da solução das questões estruturais – como com quem deixar os filhos ou com quem deixar as pessoas da família com problemas de saúde –, que retiram das chefes de arranjos monoparentais a disponibilidade para a busca do emprego, urge a qualificação. A começar pela língua portuguesa. O domínio da língua demonstra ser uma habilidade de grande relevância para o capital social e também para que os

refugiados e migrantes passem a projetar a própria autossuficiência em território brasileiro.

Quem fala a língua tem chance 5,2 vezes maior que os que não falam de planejar o seu futuro no curto e médio prazo para deixar o abrigo. É também fator com impacto para o planejamento da autonomia financeira o tipo do arranjo familiar – e nesse sentido, arranjos monoparentais têm a menor probabilidade de projetar a saída do abrigo. Não menos importante mencionar que, se por um lado a expectativa de trazer filhos e cônjuge da Venezuela é a principal explicação para a menor aderência ao programa de interiorização, por outro lado, este é um fator que estimula a prospecção e planejamento do futuro: ter pessoas na Venezuela que gostaria de trazer para o Brasil é variável que aumenta em 2,8 vezes a chance de uma pessoa planejar a sua autossuficiência e saída do abrigo.

Abrir possibilidades de inserção no mercado de trabalho para as pessoas que integram os arranjos monoparentais assim como aqueles que não estão disponíveis para a interiorização, dois grupos que tendem a permanecer mais tempo nos abrigos, requer uma proposta de qualificação assertiva e capaz de responder a aspectos muito particulares das demandas das cadeias produtivas em Roraima. Dessa forma, a segunda fase deste projeto de pesquisa é focada em compreender as oportunidades e os desafios observados pelos empresários e representantes dos setores produtivos para a contratação de venezuelanos refugiados e migrantes. A identificação de oportunidades e a pertinente preparação desse público visa promover maiores oportunidades de geração de renda e o fomento da autossuficiência para a adequada integração dessa população no território brasileiro.

## NOTAS

1 — As Forças Armadas são responsáveis pelas ações de segurança, pela alimentação, pela saúde, pela infraestrutura e logística nos abrigos, sob as diretrizes do Subcomitê Federal de Acolhimento.

2 — Foram selecionadas 332 unidades amostrais, de tal forma que a margem de erro máxima estimada para variáveis categóricas deste survey é de 3,9 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%. Os gráficos em que n é diferente de 332 dizem respeito a perguntas que não foram respondidas por algum ou alguns dos entrevistados.

3 — Foram consideradas quatro grandes categorias de arranjos familiares: 1 Família biparental (casal com filhos); Família monoparental (família com uma única pessoa adulta responsável); Pessoas adultas sem família nos abrigos; e Casal sem filhos.

4 — Cozinheiro/Auxiliar de cozinha (13,5%); Pedreiro/Mestre de obras/Assentador de pedras (10,3%); Comércio e vendas (10,3%); Limpeza e manutenção (6,4%); Professor/Educador (5,4%); Costureira/Crochê/Trabalhos em tecidos (4,8%); Cabelereiro/Estética/Manicure/Pedicure (4,5%); Motorista/Motorista de caminhão e máquinas agrícolas (3,2%); outros (41,7%).



# Sumário

---



Sumário Executivo . . . . .	002
Apresentação . . . . .	.012
Descrição Metodológica . . . . .	.016
Relatório Analítico . . . . .	020
Em Resumo: Resultados . . . . .	.126
Questionário Aplicado . . . . .	.138

## Relatório analítico

### Bloco 1: Caracterização sociodemográfica dos respondentes

Gênero, Idade, Escolaridade, Raça, Religião e Estado Civil . . . . .	021
Arranjos familiares: categorias, número de integrantes, número de filhos, número de pessoas com atividades que geram rendimento e tabelas cruzadas por força de trabalho, gênero, estado civil, idade, escolaridade. . . . .	024
Arranjos familiares e perfis predominantes . . . . .	032

### Bloco 2: Migração, Refúgio e Abrigo

Estados e cidades de origem . . . . .	035
Força de trabalho na Venezuela . . . . .	037
Situação ocupacional na Venezuela . . . . .	038
Itens de posse na Venezuela. . . . .	039
Ingresso no Brasil e documentação . . . . .	042
Tempo no Brasil e Tempo de permanência nos Centros de Acolhimento Temporário . . . . .	046
Projeção do tempo necessário para a saída do abrigo . . . . .	050
Planejamento para a autossuficiência. . . . .	051
Modelo de regressão logística binária - Fatores associados ao planejamento para a autossuficiência . . . . .	056
Tempo mínimo considerado necessário para a permanência no abrigo . . . . .	057
Satisfação com a vida no abrigo e avaliação dos atributos. . . . .	057

### Bloco 3: Trabalho e Renda

Escolaridade e experiência profissional . . . . .	061
Situação ocupacional, ramo de atividade e horas trabalhadas do respondente. . . . .	067
Força de trabalho . . . . .	070
Rendimento do trabalho do respondente . . . . .	077

Situação ocupacional do cônjuge, rendimentos do trabalho do cônjuge e horas trabalhadas . . . . .	079
Rendimentos do trabalho do respondente e ou do cônjuge no âmbito do arranjo familiar . . . . .	081
Renda familiar inclusive programas sociais . . . . .	083
Fatores que impactam a Renda Familiar - Modelo de regressão linear múltipla . . . . .	089
Renda Per Capita . . . . .	089
Apoio às famílias na Venezuela (envio de recursos) . . . . .	090
Gastos com Telefone . . . . .	091
Percepção quanto a discriminação de estrangeiros e xenofobia no mercado de trabalho . . . . .	092

#### Bloco 4: Usos do Tempo

Usos do tempo na rotina de vida no Brasil . . . . .	097
Usos do tempo e assimetrias de gênero na distribuição de tarefas . . . . .	097
Usos do tempo e ócio . . . . .	099
Determinantes nos usos do tempo – modelos de regressão logística binária . . . . .	101

#### Bloco 5: Planos para o futuro

Interiorização . . . . .	109
Planos para trazer ao Brasil a família da Venezuela . . . . .	144
A Covid-19 em 2021 . . . . .	115
Expectativa por oportunidades de cursos para a qualificação profissional . . . . .	116
Fluência em idiomas e proficiência em português . . . . .	118
Satisfação com a vida no Brasil . . . . .	124





©ACNUR/Lucas Novaes

## Apresentação

### O CONTEXTO DA PESQUISA

Os desenvolvimentos políticos, socioeconômicos e de direitos humanos na República Bolivariana da Venezuela levaram ao maior movimento de refugiados e migrantes na história recente da América Latina e do Caribe. Atualmente, mais de 5,448 milhões de pessoas venezuelanas encontram-se fora de seu país de origem, conforme informações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)<sup>1</sup>. Dados da Plataforma Regional de Coordenação Interagencial indicam ser principalmente países de destino<sup>2</sup> dos venezuelanos a Colômbia, que registra a chegada de 1,722 milhão de venezuelanos, e o Peru de 1,043 milhão.

Em junho de 2019, o Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE reconheceu a existência na Venezuela de uma situação de grave e generalizada violação de direitos humanos, o que levou ao estabelecimento de um processo

acelerado de reconhecimento da condição de refugiado daqueles que solicitam refúgio em território brasileiro. No Brasil, as estatísticas da Plataforma Regional de Coordenação Interagencial atualizadas em 31 de outubro de 2020 apontam para um total de 261.441 refugiados e migrantes da Venezuela, entre os quais, 145.462 haviam recebido a autorização de residência temporária ou definitiva no país. Ainda segundo essa fonte, o Brasil havia recebido 96.556 solicitações de refúgio de nacionais da Venezuela; e eram 46.343 os refugiados venezuelanos reconhecidos. Ingressam no Brasil sobretudo através da divisa entre Santa Elena de Uairén, na Venezuela, e Pacaraima, no estado de Roraima, fluxo que foi oficialmente interrompido em março de 2020, com o fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela, em decorrência da Covid-19.

Assim como em todo o mundo, a pandemia impactou de forma abrupta os movimentos migratórios de entrada e saída do Brasil<sup>3</sup>, registrando, segundo assinala o

1 — Totalização de migrantes, refugiados e solicitantes de asilo venezuelanos reportados pelos países de destino. A estatística não implica necessariamente a identificação ou registro individual e tem um nível de estimação que varia de acordo com a metodologia de processamento dos dados utilizada por cada governo. Esse número total pode ser mais alto, dado que muitas das fontes de informação dos governos não consideram venezuelanos sem um status migratório regular. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/venezuela/> e <https://r4v.info/es/situations/platform>, acesso em 26.12.2020.

2 — Plataforma Regional de Coordenação Interagencial foi criada em resposta à solicitação, em abril de 2018, do Secretário Geral da ONU ao ACNUR e à Organização Internacional para as Migrações (OIM) para que coordenassem respostas operativas interagenciais ao intenso fluxo de saída de venezuelano. Considerando-se as estatísticas de 2,486 milhões de venezuelanos que haviam recebido, até 5 de Novembro de 2020, vistos de residência temporário ou permanente, foram principais países de destino: Colômbia (766.296, representando 31,6% dos casos); o Peru (477.060, o que significa 19,7% do total); o Chile (472.827, o que equivale a 19,5% do universo); a Argentina (210.071, representando 8,7% dos casos); o Equador (178.246, 7,4%); e o Brasil (148.782, 6,1%). Além da estatística dessa situação migratória de residência temporária ou permanente, há registros, em todo o mundo, de 803.786 solicitações de refúgio pendentes; 143.402 casos de venezuelanos já reconhecidos como refugiados. Disponível em <https://r4v.info/es/situations/platform/location/7509>.

3 — Segundo os dados do Sistema de Tráfego Internacional (STI), a partir de março de 2020, quando as fronteiras brasileiras foram fechadas, registrou-se a maior queda na série histórica: em 2019 o volume médio mensal era de cerca de 2,5 milhões; entre abril e maio de 2020, caiu para aproximadamente 90 mil; e nos dois meses seguintes, para menos de 40 mil; em agosto voltaram a aumentar, mas ainda sem chegar a um patamar comparável ao que se observava nos anos anteriores (menos de 200 mil). Disponível em: [OBMigra\\_RELATORIO\\_ANUAL\\_2020.pdf](https://www.obmigra.org.br/OBMigra_RELATORIO_ANUAL_2020.pdf) (mj.gov.br)

Observatório das Migrações Internacionais, uma inflexão na tendência desta que foi a década marcada pela aceleração, sem precedentes, do deslocamento forçado no planeta<sup>4</sup>.

A mudança sobre as estatísticas nacionais e internacionais da mobilidade humana imposta pela Covid-19, não significa, contudo, que os projetos migratórios tenham sido permanentemente modificados e que não venham a ser retomados após a imunização da população global. Essa é uma hipótese com boa probabilidade de ocorrência, uma vez que, quando vencida a pandemia, persistirão as fontes que impulsionam e explicam os fluxos migratórios contemporâneos<sup>5</sup>.

O advento da pandemia gerou como uma de suas consequências a restrição de entrada no Brasil de pessoas de qualquer nacionalidade por rodovias, outros meios terrestres ou por transporte aquaviário, especialmente daquelas provenientes da Venezuela. A partir das informações qualitativas e quantitativas coletadas nesta pesquisa, a hipótese formulada é de que o fluxo de pessoas venezuelanas para o Brasil deva ser retomado na intensidade anterior à pandemia, quando as fronteiras do Brasil forem reabertas. Muitos dos abrigados entrevistados esperam essa regularização para que outros membros de suas famílias possam entrar legalmente no Brasil. Tal é a percepção também de participantes das entrevistas em profundidade deste trabalho, que, atuando no âmbito da Associação Voluntários para o Serviço Internacional Brasil – AVSI Brasil e do ACNUR, mantêm intensas interações com os abrigados na dinâmica diária de trabalho.

*“Nós temos, nos abrigos pessoas que estão esperando a fronteira abrir para que os familiares cheguem. Eu recebo mensagem de pessoas que já foram interiorizadas, com vaga de trabalho, e que perguntam se a fronteira está aberta, se está fechada, porque os familiares estão em Santa Helena de Uairén, e já querem fazer essa reunificação social e familiar, por exemplo.”*

Entrevistado 1

Criada em fevereiro de 2018 pelo Governo Federal, os refugiados e migrantes venezuelanos são recebidos no Brasil pela Operação Acolhida, a qual se destina-se a operacionalizar a assistência emergencial necessária ao acolhimento das pessoas em situação de maior vulnerabilidade. Órgão ao qual compete legalmente a gestão de abrigos no Brasil, o Ministério da Cidadania firmou acordo de cooperação com o ACNUR para gerir os espaços de acolhimento criados em Boa Vista e em Pacaraima. Em tais espaços, há ainda a atuação das Forças Armadas, responsáveis pelas ações de segurança, pela alimentação, pela saúde, pela infraestrutura e logística nos abrigos, sob as diretrizes do Subcomitê Federal de Acolhimento. O ACNUR, as agências da ONU e organizações da sociedade civil, como a AVSI Brasil, desempenham relevante papel junto às Forças Armadas e ao Poder Público para viabilizar a resposta humanitária no país.

## A PESQUISA

A Operação Acolhida é estruturada em três eixos: o ordenamento de fronteira; o abrigamento; e a interiorização, que consiste na transferência voluntária para outros estados brasileiros. **Esta é uma pesquisa que, no contexto do abrigamento, tem por elemento de análise os migrantes e refugiados – e os seus respectivos arranjos familiares – presentes nos cinco centros de acolhimentos administrados pelo ACNUR e AVSI Brasil na capital Boa Vista.** São eles: Rondon 1, Rondon 2, Rondon 3, São Vicente 1 e Pricumã, que acolhem pessoas não indígenas<sup>6</sup>, afetadas pela crise humanitária na Venezuela.

Este trabalho de pesquisa destina-se a levantar o perfil sociodemográfico e laboral dos abrigados, além de variáveis relevantes dos arranjos familiares que possam contribuir com o diagnóstico e as probabilidades de sucesso para conquista da autonomia e autossuficiência dessa população, com a sua inserção no mercado de trabalho e integração à sociedade brasileira. A primeira fase deste projeto – objeto deste relatório – é o diagnóstico destinado à promoção da autonomia e integração local da população não indígena de refugiados e migrantes venezuelanos, acolhidos no âmbito da Operação Acolhida.

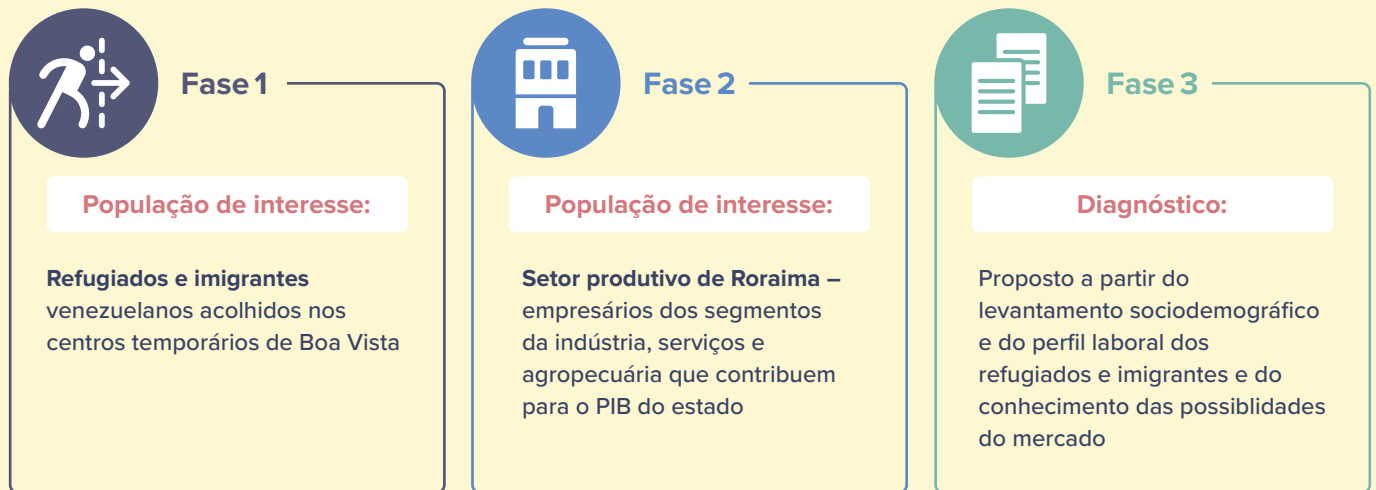
4 — *Global Trends: forced displacement in 2019* (ACNUR, 2020) divulgado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) em junho de 2020, por ocasião de um conjunto de atividades que celebram o Dia Mundial do Refugiado.

5 — Brumat, Leiza; Freier, Luiza Feline. Folha de S. Paulo (10.12.2020), Proteção dos Refugiados na América do Sul: Lições para a Europa. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/protecao-dos-refugiados-na-america-do-sul-licoes-para-a-europa.shtml>

6 — Pessoas indígenas que se encontram nesses abrigos, compõem família com pessoas não indígenas.

Em sua segunda fase, a pesquisa buscará levantar informações relevantes do mercado de trabalho junto a representantes do setor produtivo em Boa Vista (RR), que contribuam para a identificação de possibilidades e oportu-

nidades de trabalho, aos refugiados e migrantes, nas cadeias produtivas dos diversos setores da economia. A partir dos dados coletados nas duas fases do projeto será elaborado o diagnóstico.



## MÉTODOS APLICADOS

O desenho desta pesquisa combina métodos qualitativo e quantitativo. Nesta primeira fase, os dados qualitativos apresentados neste relatório – cuja coleta antecedeu à pesquisa do tipo survey junto aos refugiados e migrantes nos abrigos – foram coletados por meio da técnica de entrevistas em profundidade, com atores envolvidos na estruturação e organização do acolhimento desse público, como método auxiliar na construção do instrumento da pesquisa quantitativa. Foram entrevistados dois representantes do ACNUR e dois representantes da AVSI

Brasil, parceira do ACNUR na gestão dos espaços de acolhimento, foco deste trabalho. A pesquisa quantitativa do tipo survey – cujos resultados aqui são apresentados – foi realizada junto aos refugiados e migrantes venezuelanos que, no contexto da Operação Acolhida se encontram abrigados nos centros de acolhimento temporário de Boa Vista, gerenciados pelo ACNUR e AVSI Brasil.

Na segunda fase deste projeto de pesquisa, serão igualmente combinados métodos qualitativo – entrevistas em profundidade – e websurvey, tendo por população alvo, os representantes dos setores produtivos de Roraima.



# Descrição Metodológica

©ACNUR/Lucas Novaes

## TÍTULO

Diagnósticos para a promoção da autonomia e integração local de refugiados (as) e migrantes venezuelanos (as) acolhidos (as) pela Operação Acolhida nos abrigos gerenciados pela AVSI Brasil na cidade de Boa Vista (RR)

## UNIVERSO DE INTERESSE E TEMA

**Universo de interesse:** refugiados e migrantes venezuelanos acolhidos nos abrigos gerenciados pelo ACNUR e AVSI Brasil em Boa Vista;

**Palavras chave:** Crise humanitária, refugiados e migrantes venezuelanos, integração local, autonomia, acesso a trabalho, renda, educação, saúde e moradia

## OBJETIVO

É objetivo deste estudo levantar informações relevantes que contribuam para a elaboração de diagnóstico destinado à promoção da integração em território brasileiro da população de refugiadas, refugiados e de migrantes ve-

nezuelanos, abrigada nos centros de acolhida Rondon 1, Rondon 2, Rondon 3, São Vicente 1 e Pricumã, localizados no Estado de Roraima, na capital Boa Vista.

A gestão humanitária dos referidos abrigos é realizada pelo Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), por meio da AVSI Brasil e conforme Acordo de Cooperação com o Ministério da Cidadania. É igualmente objetivo deste trabalho que esse diagnóstico constitua linha de base (marco temporal) para acompanhamento longitudinal futuro desse universo de refugiados e de migrantes.

**Centros de acolhida em Boa Vista segundo número de pessoas abrigadas e arranjos familiares<sup>7</sup>**

Centros de acolhida em Boa Vista	Pessoas abrigadas	Arranjos familiares <sup>8</sup>
Rondon 1	503	162
Rondon 2	147	50
Rondon 3	779	258
São Vicente 1	195	77
Pricumã	339	140
<b>Total</b>	<b>1.963</b>	<b>687</b>

7 — As estatísticas dos abrigos são dinâmicas, em decorrência da constante entrada e saída de pessoas. As informações da tabela referem-se às listas encaminhadas à Pólis Pesquisa nos dias 17, 18 e 20 de dezembro de 2020. O levantamento de campo ocorreu nos dias 21, 22, 23, 24 e 28 de dezembro de 2020.

8 — Nos abrigos do estudo, foram consideradas famílias aquele conjunto de pessoas que, no centro de acolhimento, além do registro individual, possui um único registro para o grupo de pessoas com quem possui laços de parentesco ou dependência, a este indicando um único ponto focal (aquela pessoa com quem as instituições responsáveis pela gestão dos centros de acolhimento identificam como o principal canal para interações e comunicação com o grupo). O conceito foi adaptado a partir da definição do IBGE de família: “Conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar”.



## MÉTODO EMPREGADO

Métodos de pesquisa qualitativo e quantitativo são combinados neste estudo. A pesquisa quantitativa do tipo survey, com a aplicação de questionários estruturados, em meio digital, foi realizada junto à população de refugiados e migrantes venezuelanos dos centros de acolhimento Rondon 1, Rondon 2, Rondon 3, São Vicente 1 e Pricumã, localizados em Boa Vista (RR). O método qualitativo, entrevistas em profundidade, foi empregado em apoio à construção do questionário e antecedeu o survey.

### Construção do instrumento

Elaborado em português e traduzido para o espanhol, o questionário foi construído a partir da pesquisa bibliográfica<sup>9</sup> sobre a temática do êxodo venezuelano e entrevistas em profundidade realizadas com atores-chave na gestão dos abrigos, a saber, representantes do Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) e da AVSI Brasil. O instrumento foi submetido, em 14.12.2020 à aprovação do ACNUR e da AVSI Brasil.

#### Entrevistas em profundidade realizadas

Perfis	Número de entrevistas	Data de realização
Representante da AVSI Brasil com atuação dentro dos abrigos	2	11 e 12 de dezembro de 2020
Representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)	2	
<b>Total</b>	<b>4</b>	

**Pré-teste** – O questionário foi pré-testado para avaliação da qualidade da tradução e do alcance e da compreensão das questões formuladas pelo público de interesse deste trabalho, de diferentes níveis educacionais, conforme apontam os dados coletados neste survey: 44,6% (n=148) dos adultos entrevistados da amostra deste estudo têm formação escolar até o ensino fundamental – cujo correspondente na Venezuela é a *Educación primaria / Educación básica*; 39,2% (n=130) têm Ensino Médio; 4,2% (n=14) possuem formação técnica média; 6% (n=20) têm formação superior técnica; 5,1% (n=17) educação universitária; e 0,9% (n=3) pós graduação. Uma equipe de cinco pesquisadores, fluentes em espanhol, recebeu treina-

mento para a aplicação das entrevistas naquelas pessoas selecionadas da amostra em cada abrigo.

**TLCE** – Consta do questionário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE) para a participação na pesquisa. Após a explanação da motivação do trabalho, foram registradas apenas três recusas.

### Planejamento amostral

Amostra probabilística, com seleção sistemática **dos arranjos familiares** de abrigados<sup>10</sup> nos centros de acolhimento temporário Rondon 1, Rondon 2, Rondon 3, São Vicente 1 e Pricumã, localizados em Boa Vista (RR), a partir da identificação do ponto focal nas listas de referência. A seleção sistemática das unidades amostrais foi feita entre adultos dos arranjos familiares, considerando um único indivíduo por arranjo familiar (unidade de resposta).

A população de interesse em estudo é população pequena (finita), de tal modo que a definição do tamanho da amostra se deu segundo a fórmula<sup>11</sup> em que  $N$  representa o tamanho da população,  $p$  a proporção de referência,  $q = 1 - p$ ,  $z_{\alpha/2}$  denota um percentil da distribuição normal padrão associado ao nível de confiança e  $E$  é a margem de erro.

$$n = \frac{N \cdot p \cdot q \cdot (z_{\alpha/2})^2}{(N - 1) \cdot E^2 + p \cdot q \cdot (z_{\alpha/2})^2}$$

Para a população de interesse  $N = 687$  (número de arranjos familiares abrigados nos cinco centros de acolhimento, identificados em **21/12/2020, início do levantamento de campo**), nível de confiança de 95% e margem de erro de 5 pontos percentuais para mais ou para menos, seria necessária a seleção de um mínimo de 247 unidades amostrais. Contudo, foram selecionadas 332 unidades amostrais, de tal forma que a **margem de erro máxima estimada para variáveis categóricas deste survey é de 3,9 pontos percentuais**, para mais ou para menos, dentro do mesmo **nível de confiança de 95%**.

A amostra foi estratificada entre os cinco abrigos, adotando-se um número mínimo de 30 entrevistados em cada um, conforme mostra o **Quadro 1**. A seleção das unidades amostrais foi realizada de forma sistemática a partir de lista de adultos elegíveis fornecida pelos abrigos.

9 — Algumas referências consultadas: Baeninger, Rosana; Silva, João Carlos Jarochinski (org). Migrações Venezuelanas, Unicamp (2018); OBMigra, Relatório Anual (2020); Simões, G.; Cavalcanti, L.; Oliveira, T.; Moreira, E.; Camargo, J. Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil. Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF: CNIG, 2017; SILVA, G. J.; CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Refúgio em Números, 5ª Ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

10 — Foram definidas quatro grandes categorias de arranjos familiares: 1 Família biparental (casal com filhos); Família monoparental (família com uma única pessoa adulta responsável); Pessoas adultas sem família nos abrigos; e Casal sem filhos. Dentro dessas categorias, há variedade de possibilidades para a classificação, sobretudo considerando-se gênero e a idade dos (as) filhos (as) e dependentes. Há um único respondente que integra a amostra com menos de 18 anos, com 17 anos.

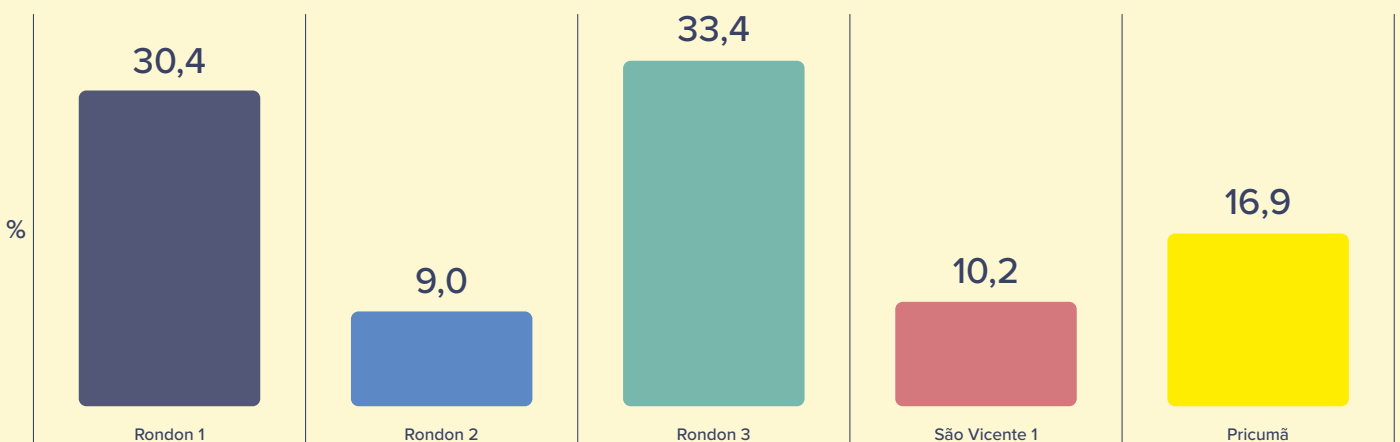
11 — Miot HA. Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. J Vasc Bras. 2011;10:275-8.

## Distribuição da amostra por abrigos

Abrigo	N (Arranjos familiares)	Amostra mínima para m.e. +/-5 p.p.	Amostra selecionada para m.e. +/- 3,9 p.p.
Rondon 1	162	54	101
Rondon 2	50	30	30
Rondon 3	258	86	111
São Vicente 1	77	30	34
Pricumã	140	47	56
<b>Total</b>	<b>687</b>	<b>247</b>	<b>332</b>

Gráfico 1: Representação gráfica da distribuição da amostra por Centro de Acolhimento

n=332



Embora em geral os abrigos recebam pessoas de diferentes arranjos familiares, no abrigo São Vicente 1, registra-se maior presença do que a média de arranjos familiares do tipo família monoparental – sobretudo mães com filhos. Em Rondon 3 há maior frequência do que a média de arranjos familiares biparentais. No Pri-

cumã há maior incidência do que a média de pessoas adultas sem família. Já em Rondon 2, centro temporário caracterizado por receber pessoas que aguardam a interiorização, não se verifica diferenças estatisticamente significantes na distribuição dos quatro perfis de arranjos familiares.

## Distribuição da amostra segundo Arranjos familiares por Centros de acolhimento

		Rondon 1	Rondon 2	Rondon 3	São Vicente 1	Pricumã	Total
Pessoa só	n	31	8	25	7	24	95
	%	30,7%	26,7%	22,5%	20,6%	<b>42,9%</b>	28,6%
Biparental	n	27	13	59	5	15	119
	%	26,7%	43,3%	<b>53,2%</b>	14,7%	26,8%	35,8%
Monoparental	n	34	7	19	19	9	88
	%	33,7%	23,3%	17,1%	<b>55,9%</b>	16,1%	26,5%
Casal sem filhos	n	9	2	8	3	8	30
	%	8,9%	6,7%	7,2%	8,8%	14,3%	9,0%
Total	n	<b>101</b>	<b>30</b>	<b>111</b>	<b>34</b>	<b>56</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 45,4111, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Levantamento de campo

O levantamento de campo foi realizado nos dias 21, 22, 23, 24 e 28 de dezembro, nos cinco abrigos, conforme cronograma abaixo.

#### Distribuição da coleta ao longo do período do levantamento de campo

Abrigo	Dias da coleta: dezembro de 2020
Rondon 1	21, 22, 23 e 24
Rondon 2	28
Rondon 3	21, 22, 23 e 24
São Vicente 1	23 e 24
Pricumã	28

Em cada abrigo, foram dispostos computadores conectados à internet, instalados em espaço que garantiu a privacidade para a aplicação das entrevistas. Os pesquisadores, identificados com crachá e camiseta da Pólis Pesquisa, trabalharam com *face shields* e máscaras de proteção, mantendo espaços arejados, com distancia-

mento mínimo de 1,5 m e vidros de álcool geral para a higienização das mãos e equipamentos. Os selecionados da amostra foram convidados a participar da pesquisa, em abordagem realizada pela AVSI Brasil, a partir da amostra selecionada. Foram selecionados 335 pontos focais dos arranjos familiares, com registro de 3 recusas, após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

**Informações indiretas** – Além das perguntas diretas sobre a realidade social e laboral dos migrantes e refugiados venezuelanos, estes também prestaram informações indiretas sobre a situação laboral de seus cônjuges ou companheiros. Dessa forma, este relatório traz informações diretas prestadas por 332 indivíduos (unidades de resposta) e informações laborais indiretas relacionadas aos 149 cônjuges ou companheiros deles.

#### Responsável técnica

Bertha Maakaroun, doutora em Ciência Política e diretora técnica da Pólis Pesquisa



Relatório Analítico

## **Bloco 1**

# **Caracterização Sociodemográfica dos Respondentes**

## CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

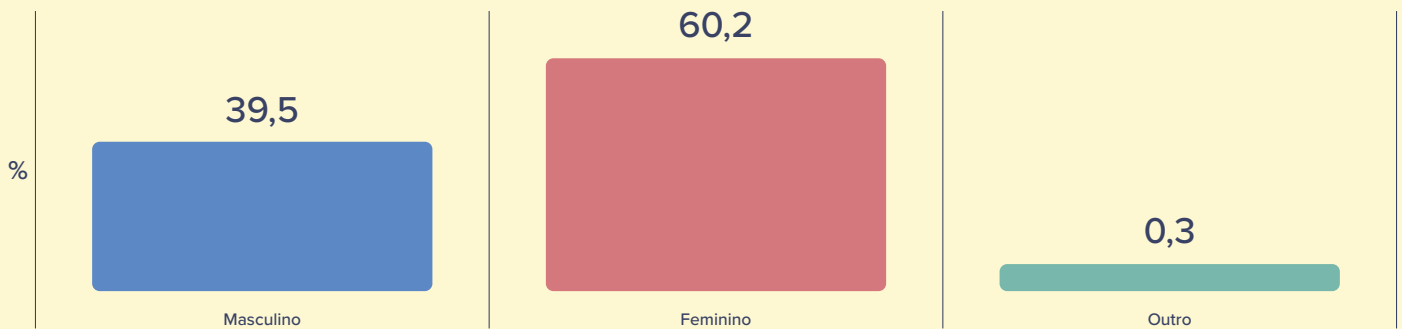
### Distribuição dos respondentes por gênero

Entre os adultos respondentes desta pesquisa selecionados a partir da lista de referência dos pontos focais e adul-

tos abrigados nos cinco centros de acolhimento de Boa Vista, 60,2% (n=200) são mulheres; 39,5% são homens (n=131); e 0,3% (n=1) se posiciona na categoria “outro” para a identificação de seu gênero.

Gráfico 1: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra segundo gênero<sup>12</sup>

n=332



### Distribuição dos respondentes por idade

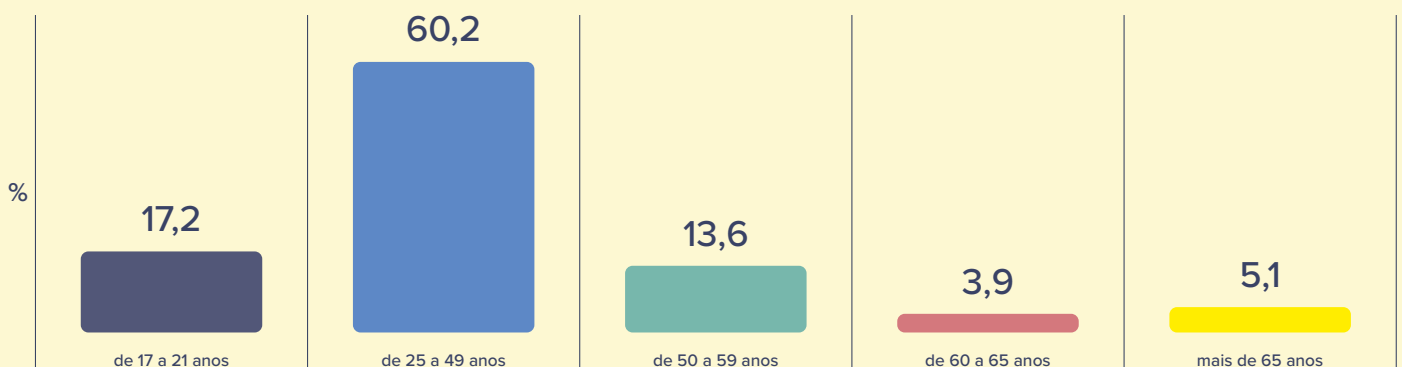
A idade média dos respondentes é de 38,65 anos. Um quarto dos respondentes mais jovens têm entre 17 e 27 anos. A mediana da distribuição é 36, ou seja, metade dos respondentes têm entre 17 e 36 anos. No terceiro quartil, ou seja, os 25% dos respondentes mais velhos têm entre

48 anos e 82 anos (valor máximo da distribuição).

A distribuição dos respondentes segundo categorias etárias é a que segue: 17,2% (n=57) têm de 17 a 24 anos; 60,2% (n= 200) têm entre 25 e 49 anos; 13,6% (n=45) estão na faixa etária de 50 a 59 anos; e 3,9% (n=13) têm mais de 60 a 65 anos; e 5,1% (n=17) estão com 65 anos ou mais.

Gráfico 2: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por faixas etárias

n=332

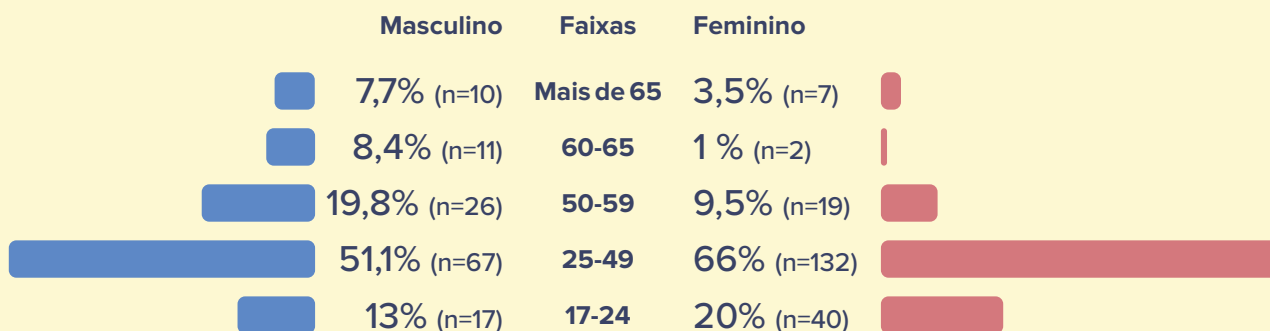


1º Quartil: **27 anos** / Média: **38,65 anos** / Mediana: **36 anos** / 3º Quartil: **48 anos**

12 — A categorização do gênero nesta pesquisa se deu a partir da autoidentificação do respondente.

Distribuição dos respondentes por gênero e idade

Gráfico 3: Pirâmide etária



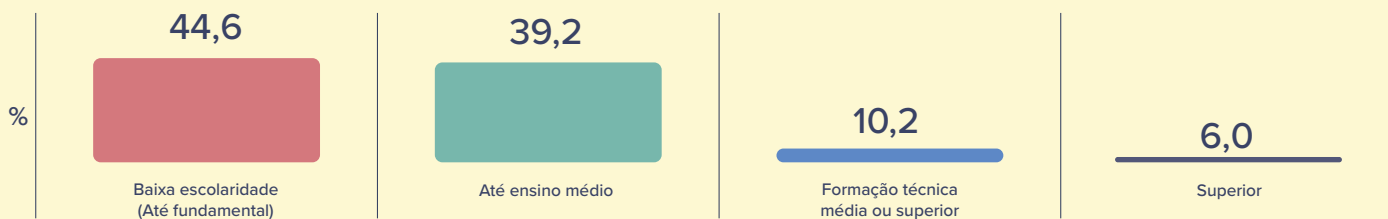
Distribuição dos respondentes por escolaridade

Há prevalência da escolaridade até o Fundamental entre respondentes, seguida da categoria de escolaridade até o Ensino Médio. Incluem-se na categoria da escolaridade

até Ensino Fundamental – 44,6% (n=148) dos respondentes; 39,2% (n=130) têm até Ensino Médio; possuem formação técnica 10,2% (n=34); 6% (n=20) têm educação superior ou pós-graduação.

Gráfico 4: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por formação escolar em categorias agregadas

n=332

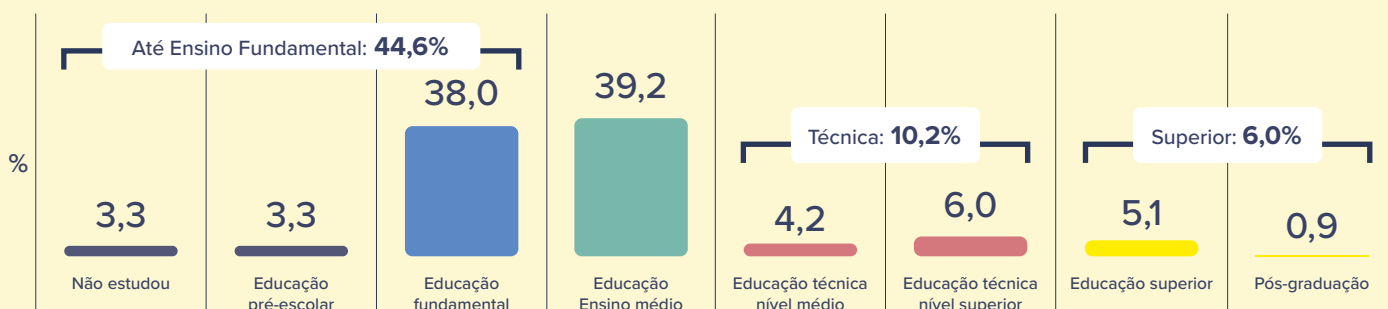


Considerando as categorias desagregadas de escolaridade, 3,3% (n=11) informam nunca ter estudado; 3,3% (n=11) têm educação inicial ou pré-escolar; 38% (n=126) têm educação básica (ensino fundamental); 39,2% (n=130) possuem

educação correspondente a até o Ensino Médio; 4,2% (n=14) têm educação técnica de nível médio; 6% (n=20) educação técnica de nível superior; 5,1% (n=17) cursaram ensino universitário; 0,9% (n=3) cursou a pós-graduação.

Gráfico 5: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por formação escolar segundo as categorias de resposta

n=332



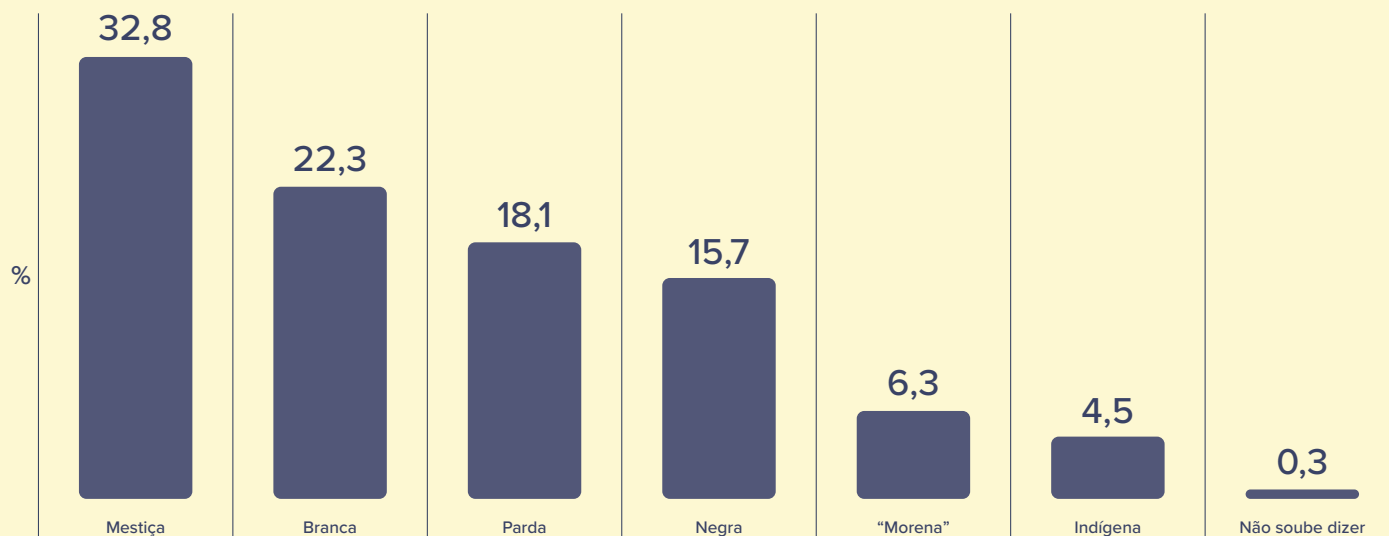
**Distribuição dos respondentes por Cor ou Raça<sup>13</sup>**

Autodeclararam-se mestiços 32,8% (n=109) dos respondentes; 22,3% (n=74), brancos; 18,1% (n=60), pardos; 6,3%

(n=21) identificam a sua cor como “morena”; 4,5% (n=15) declaram-se indígenas; e 0,3% (n=1) não soube identificar a sua cor ou raça.

**Gráfico 6: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por raça ou cor autodeclarada**

n=332

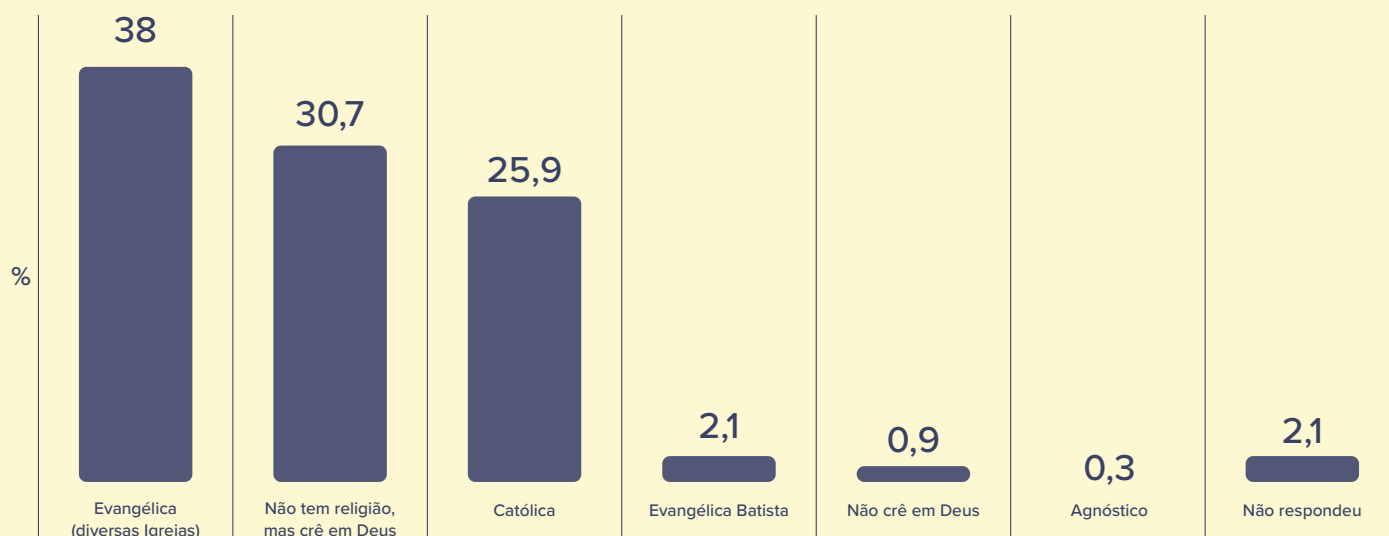
**Distribuição dos respondentes por Religião**

Declaram-se evangélicos de diversas igrejas 38,0% (n=126); 30,7% (n=102) dizem não ter religião, embora

acreditem em Deus; e 25,9% (n=86) são católicos. Não crê em Deus 0,9% (n=3), é agnóstico 0,3% (n=1) e 2,1% (n=7) não informam a sua religião.

**Gráfico 7: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por religião ou crença**

n=332



13 — A pesquisa sobre cor ou raça foi feita com base na autodeclaração.

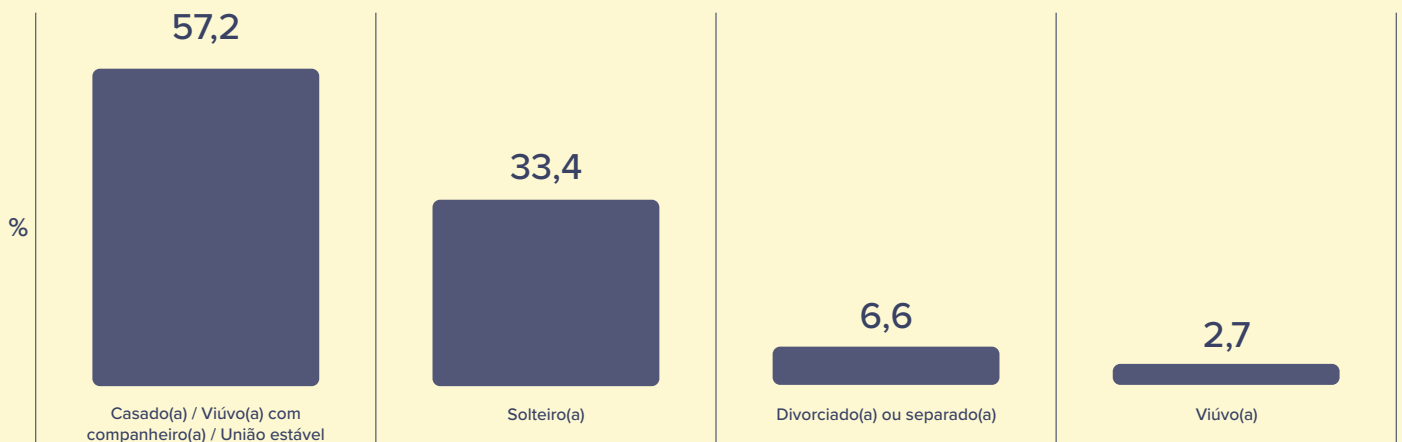
### Distribuição dos respondentes por Estado Civil

São casados ou em união estável 57,2% (n=190) dos respondentes; 33,4% são solteiros (n=111); 6,6% (n=22)

são divorciados; e 2,7% (n=9) viúvos. Alguns dos respondentes estão distantes dos familiares ou cônjuges neste momento.

**Gráfico 8: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por Estado Civil**

n=332



### Arranjos familiares

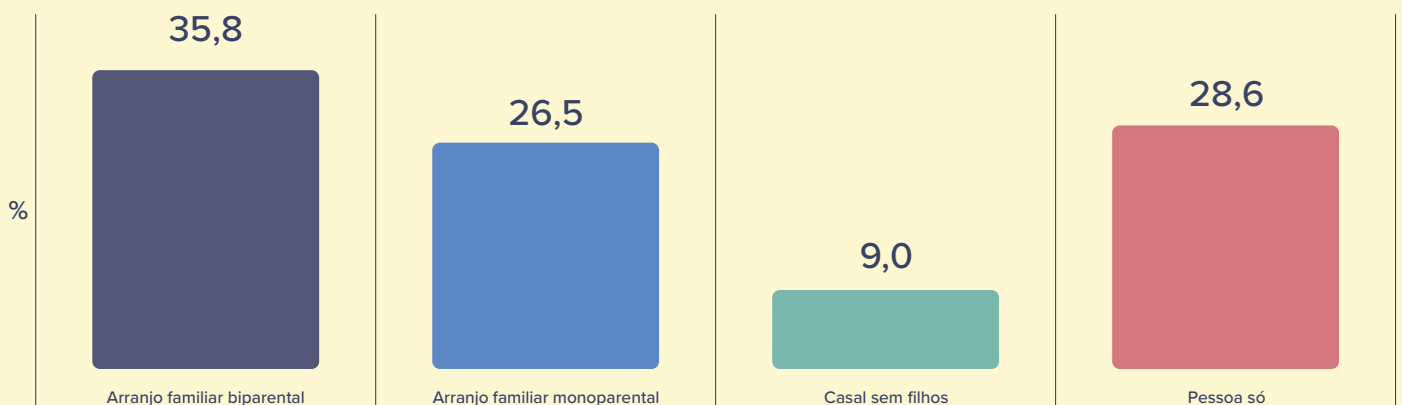
**Categorias de arranjo familiar** – A partir da classificação do IBGE para “família” residente em “domicílio” – conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar; ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar – o conceito foi adaptado para o contexto deste trabalho. Quatro grandes categorias de arranjos familiares foram identificadas. Os arranjos famílias biparentais, são aqueles que têm em seu núcleo primário o casal com filhos; os arranjos monoparentais, aqueles que têm em seu núcleo principal um dos pais

responsável pelos filhos; o arranjo familiar do “casal sem filhos”; e as pessoas que estão sozinhas nos abrigos, sem qualquer relação de parentesco ou dependência financeira e afetiva com outras pessoas abrigadas. Há arranjos familiares estendidos nos abrigos, com avós, tios, tias e irmãos dos pontos focais (pessoa de referência para o contato com a administração do abrigo).

Entre os respondentes desta amostra, 35,8% (n=119) são arranjos biparentais; 26,5% (n=88) constituem arranjos monoparentais; 9,0% (n=30) são casais sem filhos; e 28,6% (n=95) pessoas adultas só, sem familiares nos abrigos.

**Gráfico 9: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra segundo os arranjos familiares**

n=332



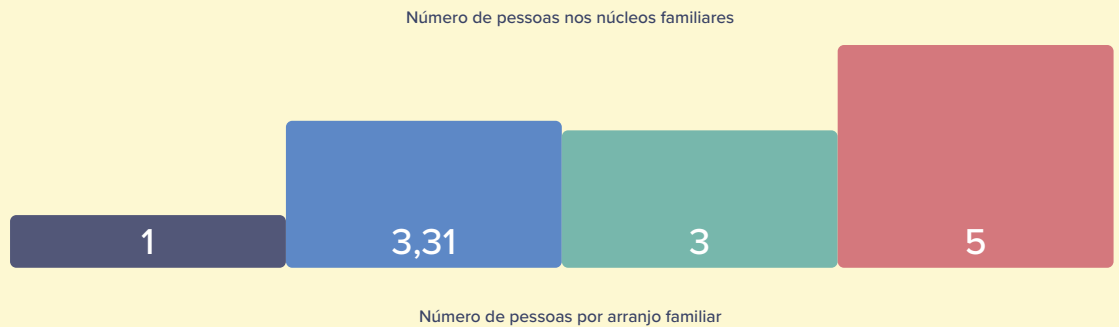


**Número de integrantes** – Em média, os arranjos familiares que estão nos abrigos têm 3,31 integrantes. No primeiro quartil da distribuição os arranjos familiares têm um único in-

divíduo; a mediana indica na metade da distribuição núcleos familiares com até 3 pessoas; no 3º quartil os núcleos familiares têm de 5 pessoas a até 12 integrantes (valor máximo).

**Gráfico 10: Representação gráfica das medidas de tendência central e quartis da distribuição do número de integrantes dos núcleos familiares**

n=332



■ 1º quartil	1
■ Média	3,31
■ Mediana	3
■ 3º quartil	5

Um quarto dos arranjos familiares (25,3%, n=84) têm uma pessoa; 18,7% (n=62) têm duas pessoas; 12% (n=40) têm 3 pessoas; em 14,2% (n=47) há 4 pessoas; em 15,4%

(n=51) são 5 pessoas; e em 8,7% (n=29) há seis pessoas. Há em 5,7% (n=19) dos arranjos familiares sete ou mais pessoas.

**Número de pessoas por Arranjo Familiar**

	n	%
1 pessoa	84	25,3
2 pessoas	62	18,7
3 pessoas	40	12,0
4 pessoas	47	14,2
5 pessoas	51	15,4
6 pessoas	29	8,7
7 pessoas	8	2,4
8 pessoas	6	1,8
9 pessoas	2	0,6
10 pessoas	2	0,6
12 pessoas	1	0,3
<b>Total</b>	<b>332</b>	<b>100,0</b>

**Média de pessoas por arranjo familiar** – Há nos abrigos situações de famílias estendidas, com a presença de avós, sogros, irmãos ou cunhados do ponto focal (indivíduo de referência). Os arranjos familiares bipa-

rentais têm, em média, 4,8 integrantes; os arranjos monoparentais têm, em média 3,92 pessoas; os arranjos familiares de casais sem filhos têm em média 2,4 pessoas.

**Número de integrantes do núcleo familiar no abrigo segundo o tipo de arranjo familiar<sup>14</sup>**

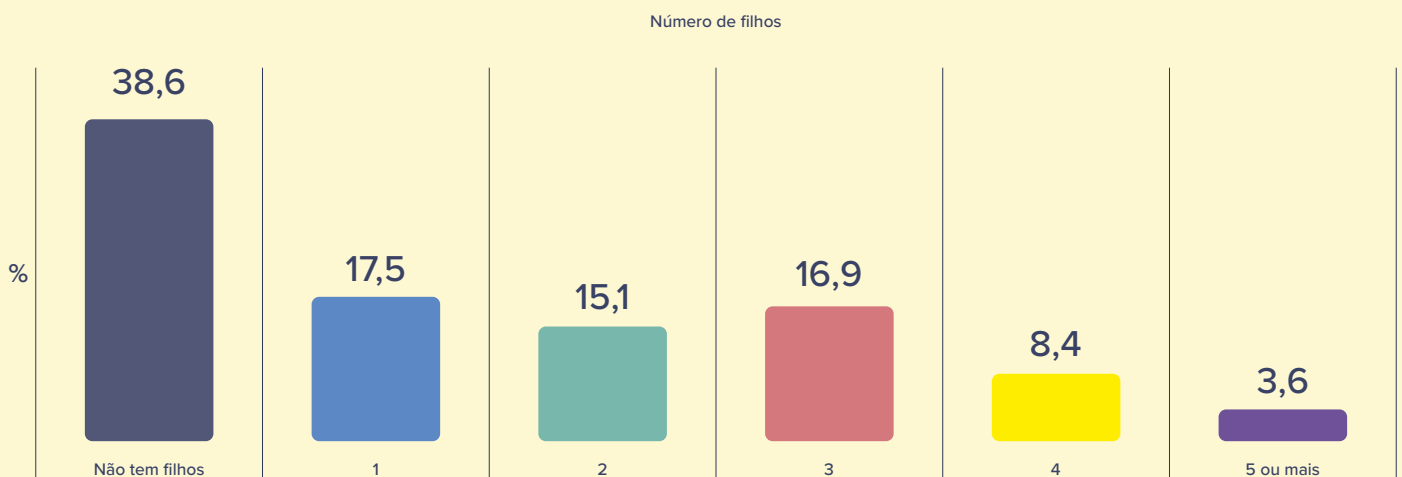
	n	Média (pessoas)	Intervalo de confiança 95%	
			Limite inferior	Limite superior
Pessoa só	95	1,0	0,90	1,10
Casal sem filhos	30	2,40	1,99	2,81
Arranjo monoparental	88	3,92	3,54	4,30
Arranjo biparental	119	4,80	4,53	5,10
Total	332	3,31	3,09	3,53

**Filhos** – Em 17,5% (n=58) dos arranjos familiares há um filho; em 15,1% (n=50), dois filhos; em 16,9% (n=56), três filhos; e em 8,4% (n=28), quatro filhos. Em 3,6% (n=12)

dos arranjos há cinco filhos ou mais<sup>15</sup>. São arranjos familiares do tipo “casal sem filhos” ou “pessoa só” 38,6% (n=128).

**Gráfico 11: Número de filhos nos arranjos familiares dos abrigos**

n=332



14 — Anova unidirecional,  $p=0,000$ . A hipótese nula é de que as médias entre as categorias da variável em análise são iguais; resultados significativos, como é o caso, rejeitam a hipótese nula e assumem que existe diferenças significativas entre as médias do número de pessoas entre os tipos de arranjo familiar. O teste de Bonferroni, *post hoc*, realizado na sequência, procede a comparações múltiplas entre as médias dentro dos grupos, indicadoras de diferenças estatísticas significativas entre as médias de cada categoria dos grupos.

15 — Há na amostra seis arranjos familiares com cinco filhos, cinco arranjos com seis filhos; e um arranjo com sete filhos.

**Número de filhos** – Há nos arranjos biparentais ou monoparentais - que representam 61,4% (n=204) do total da amostra - em média 2,48 filhos por família. A mediana da distribuição é 2. No primeiro quartil da distribuição os arranjos têm 1 filho e, no terceiro quartil 3 filhos. Não há

diferença estatisticamente significativa entre as médias do número de filhos nos dois arranjos. Mas identifica-se, como se nota na tabela abaixo, maior incidência de filhos únicos nos arranjos monoparentais em relação aos arranjos biparentais.

Número de filhos por Arranjo Familiar				
		Monoparental	Biparental	Total
1	n	31	27	58
	%	<b>36,5%</b>	22,7%	28,4%
2	n	18	32	50
	%	21,2%	26,9%	24,5%
3	n	19	37	56
	%	22,4%	31,1%	27,5%
4	n	13	15	28
	%	15,3%	12,6%	13,7%
5 ou mais	n	4	8	12
	%	4,7%	6,7%	5,9%
Total	n	<b>85</b>	<b>119</b>	<b>204</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 7,465, p=0,280. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ . Tabela a título ilustrativo.

**Arranjos familiares e gênero dos respondentes** – Em 93,2% dos casos (n=82) os arranjos familiares monoparentais são chefiados por mulheres, de tal forma que nesta categoria, é residual a presença de

homens chefiando sozinhos os núcleos familiares. Entre respondentes adultos só nos abrigos, há maior presença de homens do que a média encontrada no conjunto da amostra.

Distribuição da amostra segundo Gênero por Arranjos familiares						
		Pessoa só	Biparental	Monoparental	Casal sem filhos	Total
Masculino	n	62	46	6	17	131
	%	<b>65,3%</b>	38,7%	6,8%	56,7%	39,5%
Feminino	n	32	73	82	13	200
	%	33,7%	61,3%	<b>93,2%</b>	43,3%	60,2%
Outro	n	1	0	0	0	1
	%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	,3%
Total	n	<b>95</b>	<b>119</b>	<b>88</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 72,979, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Arranjos familiares e estado civil dos respondentes –

Entre pessoas só nos abrigos, 60% são solteiras, mas 23,2% - quase um quarto delas – são casadas ou vivem em união estável e, nesse sentido, diferentemente dos grupos biparentais, tendem a construir mais frequentes

planos para trazer principalmente cônjuge e filhos (as) da Venezuela. De forma análoga, um quarto dos arranjos familiares monoparentais são casados ou vivem em união estável estando, neste momento, separados de seus pares.

Estado Civil por Arranjo familiar						
		Pessoa só	Biparental	Monoparental	Casal sem filhos	Total
Casado(a) / União estável	n	22	119	22	27	190
	%	23,2%	<b>100,0%</b>	25,0%	90,0%	57,2%
Solteiro(a)	n	57	0	52	2	111
	%	<b>60,0%</b>	0,0%	<b>59,1%</b>	6,7%	33,4%
Divorciado(a) ou separado(a)	n	10	0	12	0	22
	%	10,5%	0,0%	<b>13,6%</b>	0,0%	6,6%
Viúvo(a)	n	6	0	2	1	9
	%	6,3%	0,0%	2,3%	3,3%	2,7%
Total	n	<b>95</b>	<b>119</b>	<b>88</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 188,971, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Arranjos familiares e faixas etárias dos respondentes –

Há na categoria de arranjo familiar “pessoa só” maior incidência de pessoas nas faixas acima de 50 anos – de 50 a 59 anos; de 60 a 65 anos e acima de 65 anos – em relação às faixas inferiores – de até 24 anos; e de 25 a 49 anos. Na categoria de arranjo familiar “casal sem filhos” há maior presença e pessoas na faixa etária de 50 a 59 anos em relação às demais faixas de idade. Na categoria

de arranjo familiar “biparental” é maior presença de pessoas na faixa de 25 a 49 anos em relação às demais faixas de idade. A categoria de arranjo familiar monoparental se distribui com diferenças não significativas entre as faixas etárias mais jovens – de até 24 anos; de 25 a 49 anos – e mais velhas – de 50 a 59 anos e mais de 65 anos. Não há presença deste perfil de arranjo familiar na faixa etária de 60 a 65 anos.

Categorias Etárias por Arranjo Familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Até 24 anos	n	15	25	14	3	57
	%	17,0%	21,0%	14,7%	10,0%	17,2%
De 25 a 49 anos	n	57	89	39	15	200
	%	64,8%	<b>74,8%</b>	41,1%	50,0%	60,2%
De 50 a 59 anos	n	12	3	21	9	45
	%	13,6%	2,5%	<b>22,1%</b>	<b>30,0%</b>	13,6%
De 60 a 65 anos	n	0	1	11	1	13
	%	0,0%	0,8%	<b>11,6%</b>	3,3%	3,9%
Mais de 65 anos	n	4	1	10	2	17
	%	4,5%	0,8%	<b>10,5%</b>	6,7%	5,1%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 65,327, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Arranjos familiares e escolaridade dos respondentes –**

Há entre “pessoas sós” tendência de maior presença na categoria de alta escolaridade em relação às faixas inferiores de formação escolar. Já entre arranjos familiares biparentais registra-se maior presença

na categoria de Ensino Médio em relação às demais faixas. A associação entre escolaridade e arranjos familiares é fraca e não significativa em  $\alpha = 0,05$ , contudo, as celas destacadas na tabela abaixo têm relevância estatística.

Escolaridade por Arranjo Familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Até Fundamental	n	44	46	44	14	148
	%	50,0%	38,7%	46,3%	46,7%	44,6%
Ensino Médio	n	30	58	29	13	130
	%	34,1%	<b>48,7%</b>	30,5%	43,3%	39,2%
Formação técnica	n	6	11	15	2	34
	%	6,8%	9,2%	<b>15,8%</b>	6,7%	10,2%
Ensino Superior ou Pós-graduação	n	8	4	7	1	20
	%	9,1%	3,4%	7,4%	3,3%	6,0%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 14,691,  $p=0,100$ . Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Arranjos familiares e Experiência de trabalho –** Não há relação de associação entre os arranjos familiares e a experiência de trabalho, exceção à maior presença

do que a esperada de pessoas sem experiência de trabalho no arranjo monoparental (resíduo ajustado).

Experiência de trabalho por Arranjos familiares						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Nenhuma experiência	n	11	4	3	2	20
	%	<b>12,5%</b>	3,4%	3,2%	6,7%	6,0%
Experiência em apenas uma ocupação	n	20	38	34	8	100
	%	22,7%	31,9%	35,8%	26,7%	30,1%
Experiência em mais de uma ocupação	n	57	77	58	20	212
	%	64,8%	64,7%	61,1%	66,7%	63,9%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 11,881,  $p=0,065$ . Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Arranjos familiares e situação ocupacional** – Há maior presença de donas de casa/cuidadoras nos arranjos familiares monoparentais em relação aos

demais; entre pessoas só, há maior frequência na média da amostra de pessoas aposentadas ou aguardando aposentadoria.

Situação ocupacional por Arranjo Familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Emprego regular	n	2	3	2	1	8
	%	2,3%	2,5%	2,1%	3,3%	2,4%
Autônomo diarista	n	6	23	19	8	56
	%	6,8%	19,3%	20,0%	26,7%	16,9%
Autônomo ambulante	n	5	6	5	2	18
	%	5,7%	5,0%	5,3%	6,7%	5,4%
Desempregado	n	14	29	26	3	72
	%	15,9%	24,4%	27,4%	10,0%	21,7%
Desempregado desalentado	n	13	21	16	6	56
	%	14,8%	17,6%	16,8%	20,0%	16,9%
Dona de casa/cuidadora	n	36	25	4	4	69
	%	<b>40,9%</b>	21,0%	4,2%	13,3%	20,8%
Estudante	n	0	0	2	0	2
	%	0,0%	0,0%	2,1%	0,0%	0,6%
Empreendedor ou dono do próprio negócio	n	1	2	0	0	3
	%	1,1%	1,7%	0,0%	0,0%	0,9%
Aposentado/pensionista/aguardando aposentadoria	n	3	1	10	0	14
	%	3,4%	0,8%	<b>10,5%</b>	0,0%	4,2%
Outro	n	8	9	11	6	34
	%	9,1%	7,6%	11,6%	20,0%	10,2%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 68,710, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho** – Há maior presença de respondentes de arranjo monoparental no grupo da força de trabalho não potencial (ou seja pessoas que não estão disponíveis para trabalhar). Há maior presença da categoria “casal

sem filhos” entre as pessoas na força de trabalho ocupadas. E a categoria “pessoa só” está mais presente no grupo de pessoas na força de trabalho desocupadas que procuram emprego.

Força de trabalho do respondente por Arranjos familiares						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	14	34	26	11	85
	%	15,9%	28,6%	27,4%	<b>36,7%</b>	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas	n	14	29	26	3	72
	%	15,9%	24,4%	<b>27,4%</b>	10%	21,7%
Pessoas na força de trabalho potencial	n	13	21	16	6	56
	%	14,8%	17,6%	16,8%	20%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	47	35	27	10	119
	%	<b>53,4%</b>	29,4%	28,4%	33,3%	35,8%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 22,440, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Arranjos familiares e Autossuficiência** – Há maior incidência de pessoas que não planejam a autossuficiência,

buscando avaliar e considerar quanto precisariam para deixar o abrigo na categoria de arranjo monoparental.

Planejamento para a autossuficiência por Arranjos familiares						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Planeja a autossuficiência	n	39	73	64	21	197
	%	44,3%	61,3%	<b>67,4%</b>	70,0%	59,3%
Não planeja a autossuficiência	n	49	46	31	9	135
	%	<b>55,7%</b>	38,7%	32,6%	30,0%	40,7%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 12,378, p=0,006. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

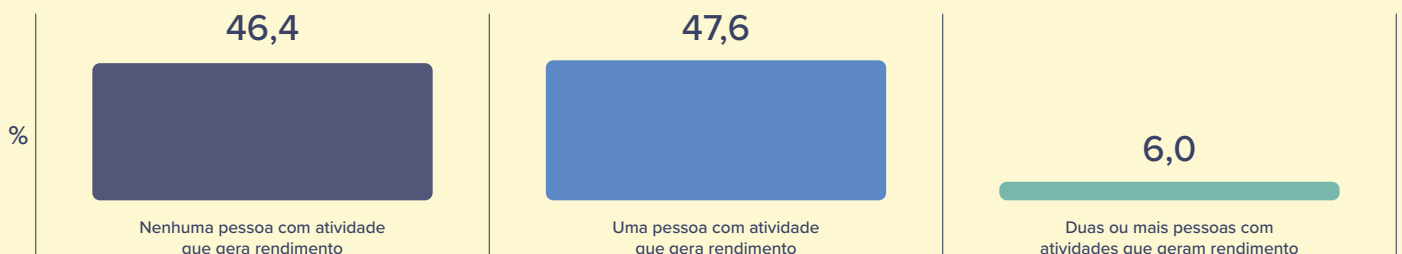
**Por número de pessoas com atividades que geram rendimentos** – Em 46,4% (n=154) dos arranjos familiares, não há nenhuma pessoa com atividades que geram rendimento, segundo informam os respondentes desta

pesquisa. Em 47,6% (n=158) dos arranjos familiares há uma pessoa com atividades que geram rendimentos; e em 6,0% (n=20) dos arranjos familiares, há duas<sup>16</sup> ou mais pessoas com atividades que geram rendimento.

**Gráfico 12: Ao todo, quantas pessoas em seu núcleo familiar que estão neste abrigo têm algum tipo de atividade remunerada no Brasil?**

n=332

Pessoas com atividade que geram rendimento no Arranjo Familiar



Nos arranjos monoparentais e entre “pessoas sós” há maior incidência de não ter pessoas exercendo

atividades que geram algum tipo de renda do que nas categorias de arranjos biparental e casal sem filhos.

Pessoas com atividades que geram renda por Arranjo Familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Sem pessoas com atividades que geram rendimentos	n	51	28	62	13	154
	%	<b>58%</b>	23,5%	<b>65,3%</b>	43,3%	46,4%
1	n	30	79	33	16	158
	%	34,1%	<b>66,4%</b>	34,7%	53,3%	47,6%
2 ou mais	n	7	12	0	1	20
	%	7,9%	<b>10,1%</b>	0,0%	3,3%	6,0%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 50,177, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

16 — Há na amostra um único caso em que o respondente informa haver 4 pessoas no arranjo familiar com atividades que geram renda. Todos os outros 19 casos nesta categoria informam duas pessoas no arranjo familiar com atividades que geram renda.

**Arranjo familiar e interiorização** – O tipo de arranjo familiar não está associado à disposição de interiorização,

estando a distribuição entre as categorias sem diferença estatística significativa em relação à média da amostra.

Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Arranjo familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	60	93	66	22	241
	%	68,2%	78,2%	70,2%	73,3%	72,8%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	28	26	28	8	90
	%	31,8%	21,8%	29,8%	26,7%	27,2%
Total	n	88	119	94	30	331
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 2,991, p=0,393. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Arranjo familiar e proficiência em português** – Não há relação de associação entre a proficiência em língua portuguesa e o tipo de arranjo familiar, estando a distribuição entre as categorias sem diferença es-

tatística significativa em relação à média da amostra. Chama atenção, contudo, a proporção média geral da baixa proficiência em português bastante alta (58,6%, n=194).

Proficiência em português por Arranjo familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Baixa proficiência	n	56	72	50	16	194
	%	63,6%	60,5%	53,2%	53,3%	58,6%
Alta proficiência	n	32	47	44	14	137
	%	36,4%	39,5%	46,8%	46,7%	41,4%
Total	n	88	119	94	30	331
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 2,575, p=0,462. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

## Perfis sociodemográficos dos arranjos familiares

### Arranjo familiar monoparental: média de 3,9 pessoas



- Prevalência de mulheres em relação a homens
- Mais pessoas solteiras e divorciadas em relação à média da amostra
- Há maior incidência do que na média da amostra de pessoas sem atividade que geram renda
- Há neste grupo maior presença de pessoas na força de trabalho não potencial em relação à média da amostra
- Há maior incidência neste grupo de pessoas que não planejam a autossuficiência do abrigo

### Pessoa só



- Prevalência de homens em relação a mulheres
- Mais pessoas solteiras em relação à média da amostra
- Maior presença de pessoas de 50 anos ou mais em relação à média da amostra e demais categorias etárias
- Maior presença de escolaridade técnica ou superior em relação à média da amostra
- Há maior presença do que na média da amostra de pessoas sem atividades que geram renda
- Há maior incidência neste grupo de pessoas desocupadas que procuram emprego em relação à média da amostra





**Arranjo familiar biparental:  
média de 4,8 pessoas**

- Pessoas casadas, em maior incidência na faixa etária de 25 a 49 anos em relação à média da amostra
- Mais pessoas de formação escolar de ensino médio em relação à média da amostra



**Casal sem filhos: média  
de 2,4 pessoas**

- Maior presença na categoria etária de 50 a 59 anos em relação à média da amostra
- Há maior incidência neste grupo de pessoas na força de trabalho ocupada em relação à média da amostra



Relatório Analítico

**Bloco 2**  
**Migração, Refúgio e Abrigo**

Na principal porta de entrada de refugiados e migrantes venezuelanos ao território brasileiro, - a fronteira<sup>17</sup> Santa Elena de Uairén-Pacaraima -, um Posto de Interiorização e Triagem, instalado pelo Governo Federal em junho de 2018, realiza o cadastramento e documentação, com o apoio do ACNUR e OIM, assim como o ACNUR e Ministério da Cidadania atuam para a identificação daqueles que chegam em situação de vulnerabilidade e sem condições financeiras de se manter autonomamente no país. Estes são direcionados aos centros de acolhimento temporário em Pacaraima ou em Boa Vista.

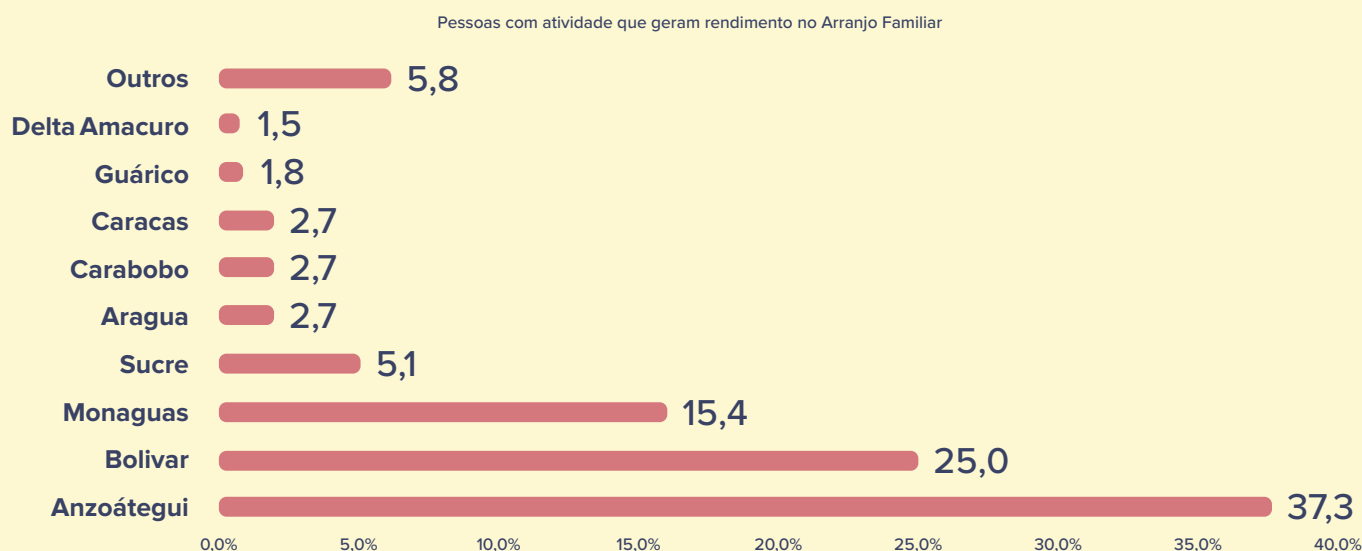
*“Em sua grande maioria, as pessoas chegam caminhando na fronteira. E já na fronteira recebem esse primeiro atendimento.”*

Entrevistado 1

**Estados de origem** – Anzoátegui (37,3%, n=124), Bolívar (25%, n= 83) e Monagas (15,4%, n=51) são os estados venezuelanos de onde se originam pouco mais de três quartos (77,7%) dos migrantes e refugiados que estão nos centros de acolhimento temporário de Boa Vista, da Operação Acolhida geridos pelo ACNUR e AVSI Brasil. A localização desses estados possibilita deslocamento terrestre para o Brasil.

**Gráfico 13: Estados venezuelanos de onde se originam os migrantes e refugiados, abrigados em Boa Vista**

n=332



Em menor frequência, registra-se também entre os refugiados e migrantes entrevistados nesta pesquisa deslocamentos que se originam em 21 dos 23 estados venezuelanos mais o Distrito Federal (Caracas). São eles: Sucre (5,1%, n=17); Aragua (2,7%, n=9); Carabobo (2,7%, n=9); Caracas (2,7%, n=9); Guárico (1,8%, n=6) e Delta Amacuro (1,5%, n=5); Miranda (n=3); Barinas (n=2), Nueva Esparta (n=2) Fálcon (n=2); Lara (n=2), Táchira (n=2); Yaracuy (n=2); La Guaira também denominado Vargas (n=1); Portuguesa (n=1); Trujillo (n=1); e Zulia (n=1).

Entre as 62 cidades venezuelanas de onde se originaram os deslocamentos dos respondentes desta pesquisa, são as mais citadas: Maturín (13,6%, n=45), no Estado de Monagas; El Tigre (11,1%, n=37), Barcelona (9,0%, n=30), Puerto La Cruz (6,3%, n=21) e Anaco (4,8%, n=16), todas as quatro no Estado de Anzoatégui; San Félix (6,9%, n=23), Ciudad Bolívar (5,1%, n=17), Puerto Ordaz (3,9%, n=13), Santa Elena de Uairén (2,4%, n=8) e Ciudad Guayana (2,4%, n=8), estas cinco no estado de Bolívar; além de Cumaná (2,4%, n=8) e Carúpano (2,1%, n=7), no estado de Sucre.

17— Com intenso e histórico intercâmbio fronteiriço entre brasileiros e venezuelanos, em 1987, os presidentes do Brasil e da Venezuela iniciaram a exploração de fórmulas institucionais para a cooperação fronteiriça diante do potencial das cidades de Boa Vista e de Santa Elena do Uairén. No contexto desse esforço de cooperação foi feita a pavimentação da BR 174, ao norte de Boa Vista, até o marco BV-8 na fronteira entre os dois países. A rodovia BR 174, liga Manaus (Amazonas) a Pacaraima (Roraima), fronteira com a Venezuela. Do lado venezuelano está Santa Helena de Uairén (Estado Bolívar) que tem ligação asfáltica até Ciudad Bolívar, Porto Ordaz e Caracas. Nas últimas décadas do século 20 e primeira década do século 21, muitos brasileiros migraram para a Venezuela para trabalhar no garimpo de ouro, inclusive muitos adquiriram cidadania venezuelana durante o governo Chávez. Principalmente a partir de 2016, contudo, houve a inversão desse fluxo. Disponível em <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/viewFile/1152/939>.



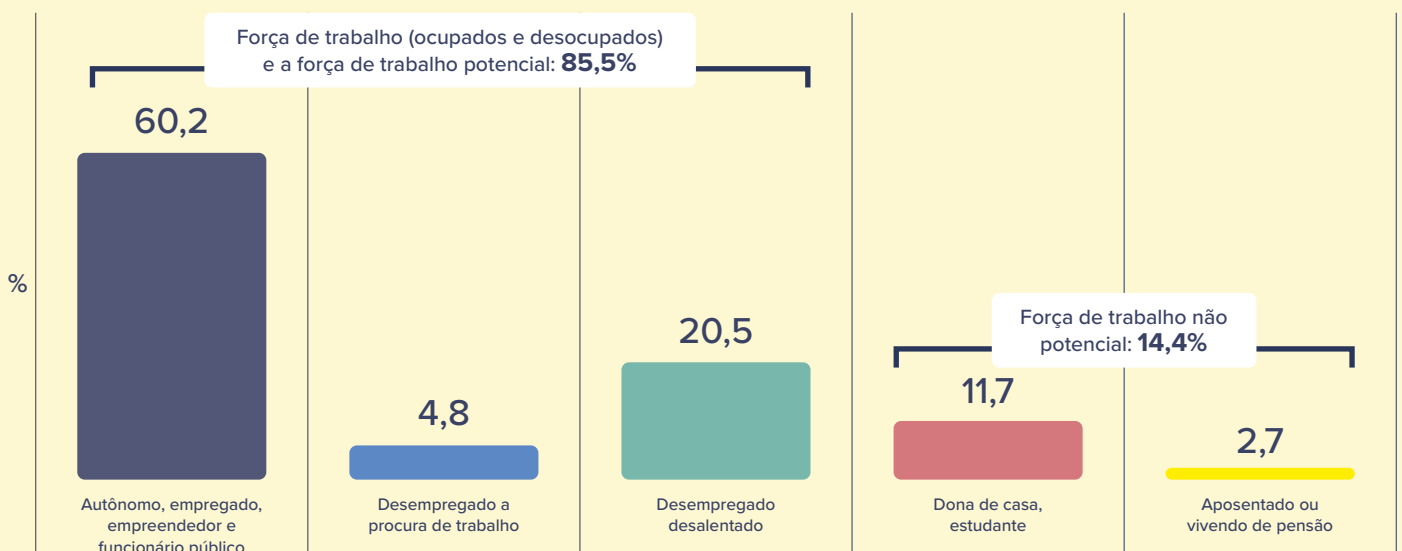
Estados e municípios de origem				
Município	Estado	n	%	
Cumaná	Sucre	8	2,4	
Carúpano	Sucre	7	2,1	
Valencia	Carabobo	6	1,8	
Caracas	Distrito Capital	6	1,8	
El Dorado	Bolívar	5	1,5	
El Tigrito	Anzoatégui	5	1,5	
Temblador	Monagas	5	1,5	
Tucupita	Delta Amacuro	5	1,5	
Maracay	Aragua	4	1,2	
Tumeremo	Bolívar	3	0,9	
Outros municípios: Barinas, Barquisimeto, Caicara del Orinoco, El 88 (Km88)/sem identificação, Miranda, Pariaguan, San Critóbal, San Felipe, Upata, Valle de la Pascua, Zaraza, Aragua de Barcelona, Bocono, Cagua, Calabozo, Cantaura, Caua, Colonia Tobar, El Chaparro, Guanare, Guiria, Isla de Margarita, La Pastora, La Victoria, Las Charas, Manga Escobera, Maracaibo, Mariara, Monagas, Piritu, Ocumare del Tuy, Palo Negro, Propatria, Puerto Cabello, Punta de Mata, Punto Fijo, San Francisco de Asis, Santa Fe, Soledad, Turmero, Urica, Valles del Tuy, Vargas		60	18,3	
<b>Total</b>		<b>332</b>	<b>100,0</b>	

**Força de trabalho na Venezuela** – Antes de migrarem ou refugiarem-se no Brasil, 65% (n=198) dos venezuelanos adultos que estão abrigados nos centros de acolhimento temporário em Boa Vista integravam no país de origem a Força de Trabalho -, que engloba as categorias de situação ocupacional autônomo, empregado, empregador/empreendedor, funcionário público e desem-

pregado procurando trabalho. A categoria de pessoas desempregadas por desalento está no grupo de pessoas fora da força de trabalho, mas que integram a força de trabalho potencial. Agregadas a força de trabalho ocupada e desocupada e a força de trabalho potencial constituíam 85,5% (n=266). A força de trabalho não potencial somava 14,4% (n=48).

**Gráfico 14: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por segmentos demográficos e do mercado de trabalho**

n=332



Metade das famílias que hoje estão nos abrigos e integram a categoria “arranjo monoparental” estavam na força de trabalho ocupada, antes de refugiar-se ou migrar para o Brasil. Atualmente, pouco mais da metade das famílias em arranjos monoparentais nos abrigos está na força de trabalho não potencial. Entre os in-

tegrantes nos abrigos da categoria “casal sem filhos” 83,3% (n=25) estavam na força de trabalho na Venezuela. Entre os desocupados procurando emprego na Venezuela, há maior frequência de famílias que estão na categoria biparental do que nas demais categorias arranjos familiares.

**Força de Trabalho na Venezuela por Arranjo familiar nos abrigos em Boa Vista**

		Pessoa só	Biparental	Monoparental	Casal sem filhos	Total
Força de trabalho ocupada	n	57	72	46	25	200
	%	60,0%	60,5%	<b>52,3%</b>	<b>83,3%</b>	60,2%
Desocupado	n	1	11	4	0	16
	%	1,1%	<b>9,2%</b>	4,5%	0,0%	4,8%
Força de trabalho potencial	n	23	19	23	3	68
	%	24,2%	16,0%	26,1%	10,0%	20,5%
Força de trabalho não potencial	n	14	17	15	2	48
	%	14,7%	14,3%	17,0%	6,7%	14,5%
Total	n	<b>95</b>	<b>119</b>	<b>88</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 19,162, p=0,024. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

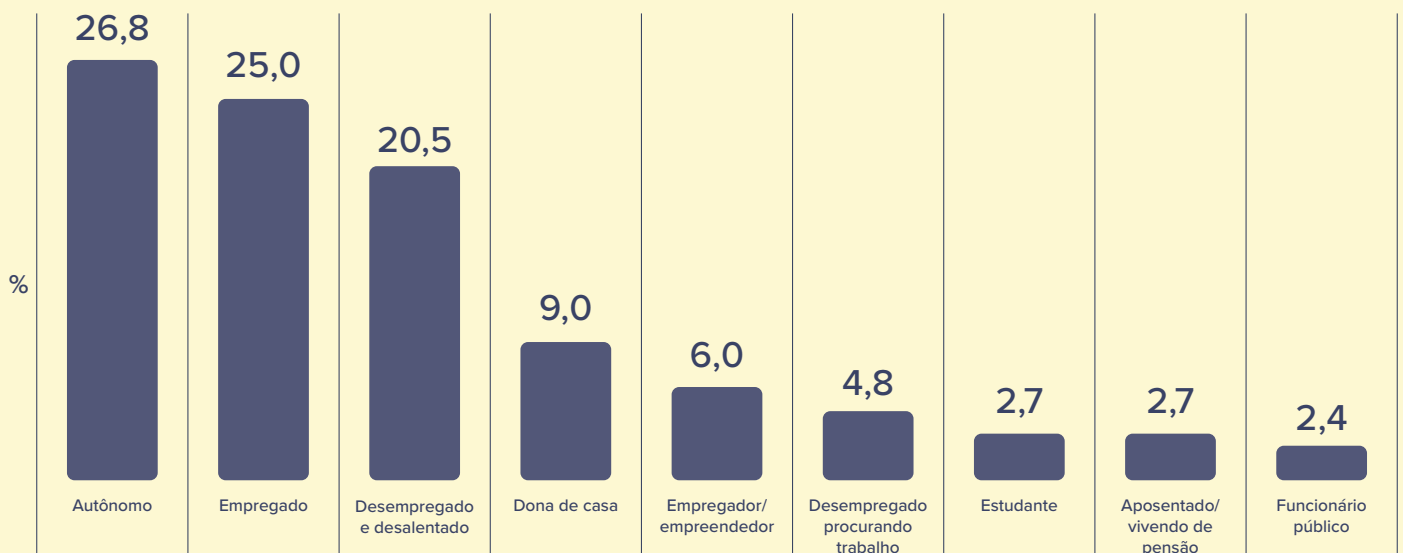
**Situação ocupacional** – 26,8% (n=89) dos venezuelanos adultos que estão nos centros de acolhimento temporário de Boa Vista trabalhavam na Venezuela por contra própria (autônomos); 25,0% (n=83) estavam empregados; 20,5%

(n=68) eram desempregados desalentados (já haviam parado de procurar emprego); 6,0% (n=20) eram empregadores ou empreendedores; 4,8% (n=16) estavam desempregados procurando trabalho; 2,4% (n=8) eram funcionários públicos.

**Gráfico 15: Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por situação ocupacional na Venezuela antes de se deslocar para o Brasil**

n=332

Situação ocupacional na Venezuela antes de imigrar ou refugiar-se no Brasil

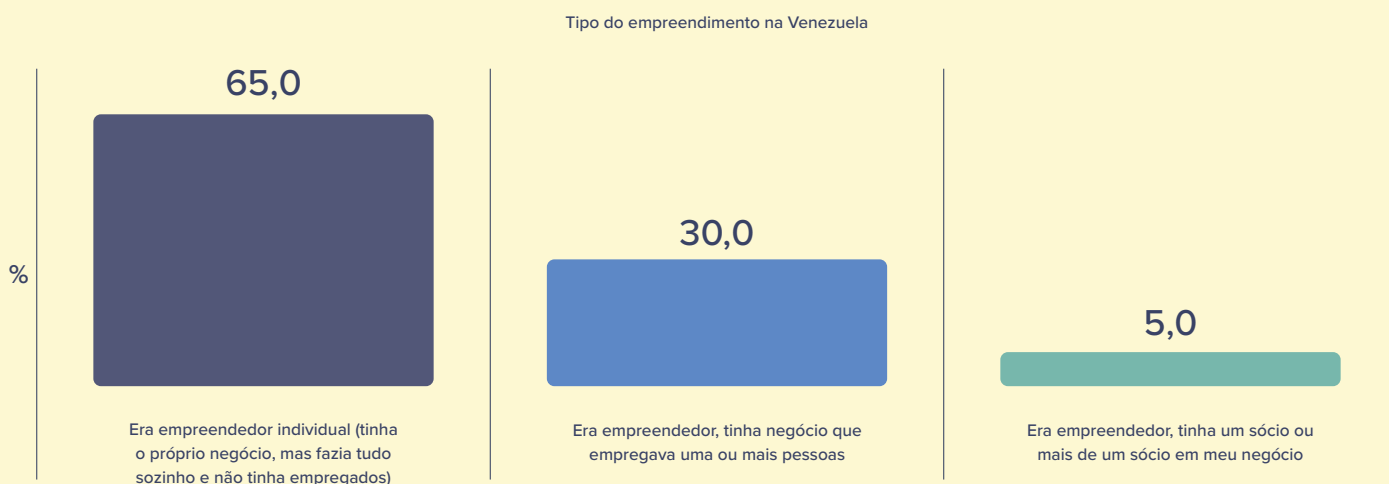


Entre aqueles 6,0% (n=20) que declararam ter sido empreendedores na Venezuela; 65,0% (n=13) tinham o próprio negócio, mas não tinham empregados, portanto, eram empreendedores individuais; 30,0% (n=6)

tinham negócio que empregava uma ou mais pessoas; e um deles, - que corresponde a 5,0% do conjunto destes que eram empreendedores (n=20) – tinha sócio e empregados.

**Gráfico 16: Representação gráfica com a descrição do tamanho do negócio que os empreendedores declaram ter tido na Venezuela**

n=20



**Itens de posse na Venezuela** – Viviam em casa própria na Venezuela 69,6% (n=231) dos respondentes refugiados e migrantes nos abrigos de Boa Vista; 9,3%

(n=31) moravam em casa alugada; 21,1% (n=70) informam outras situações para a propriedade do imóvel em que viviam.

**Gráfico 17: Representação gráfica situação da propriedade do imóvel que vivia na Venezuela antes de vir para o Brasil**

n=332



Entre estes 21,1% (n=70) que antes de vir ao Brasil, moravam na Venezuela em uma outra situação, foram as respostas mais recorrentes: vivia com a mãe, o pai ou os pais (44,3%, n=31); vivia em casa dos filhos ou de outros familiares (25,7%,

n=18); morava na casa dos sogros (11,4%, n=8); morava no local em que trabalhava (7,1%, n=5); vivia em casa emprestada por amigos ou familiares (5,7%, n=4); ou outras situações (5,7%, n=4) como vivia num asilo, vivia na rua e vivia em um lote.

#### Sem casa própria nem casa alugada: locais em que vivia na Venezuela antes de vir para o Brasil

	n	%
Morava na casa da mãe, do pai ou dos pais	31	44,3
Morava na casa de filhos ou outros familiares	18	25,7
Morava na casa do sogro ou sogra	8	11,4
Morava no local em que trabalhava	5	7,1
Morava em casa emprestada por amigos ou familiares	4	5,7
Outros: vivia em um asilo de idosos, vivia na rua, vivia em um lote	4	5,7
<b>Total</b>	<b>70</b>	<b>100,0</b>

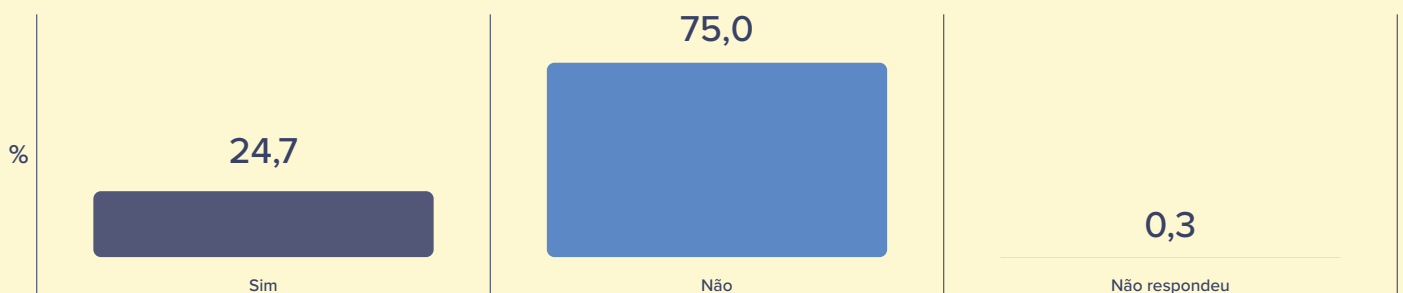
As famílias de 24,7% (n=82) dos entrevistados possuíam um veículo na Venezuela antes de vir ao Brasil; 38,3%

(n=127) possuíam pelo menos um computador no domicílio; e 41,3% (n=137) dispunham de acesso à internet no domicílio.

**Gráfico 18: Posse de veículo na Venezuela antes de vir para o Brasil**

n=332

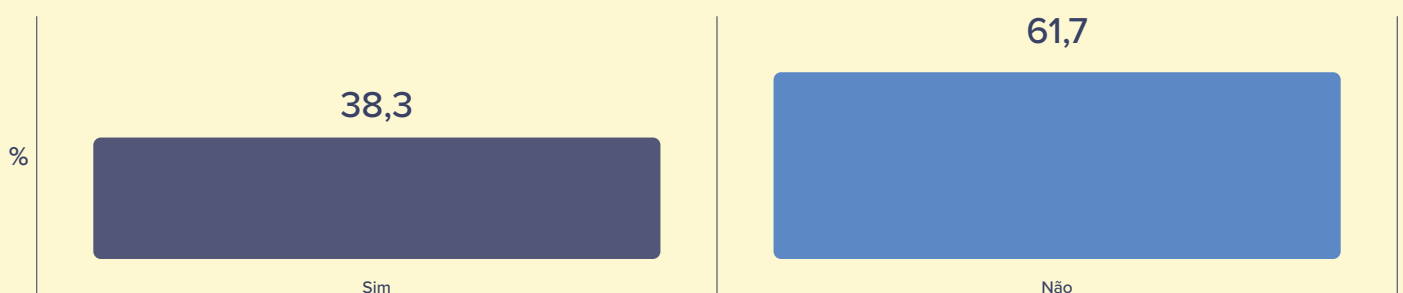
A família tinha carro na Venezuela?



**Gráfico 19: Posse de computador na Venezuela antes de vir para o Brasil**

n=332

Alguém no domicílio da família tinha computador?

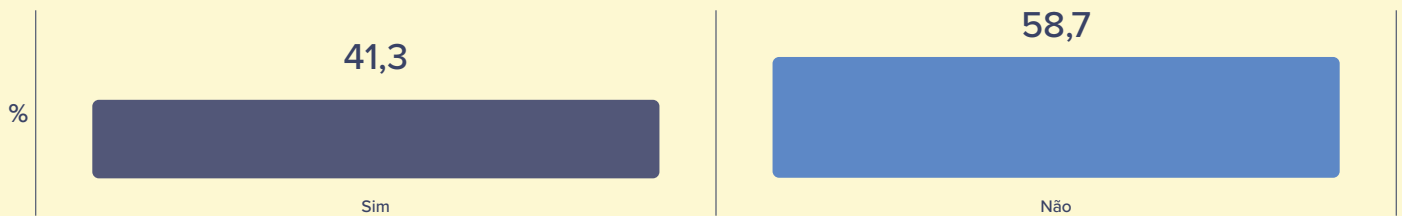




**Gráfico 20: Acesso às oportunidades de comunicação pela internet na Venezuela antes de vir para o Brasil**

n=332

Alguém no domicílio da família tinha acesso à internet?



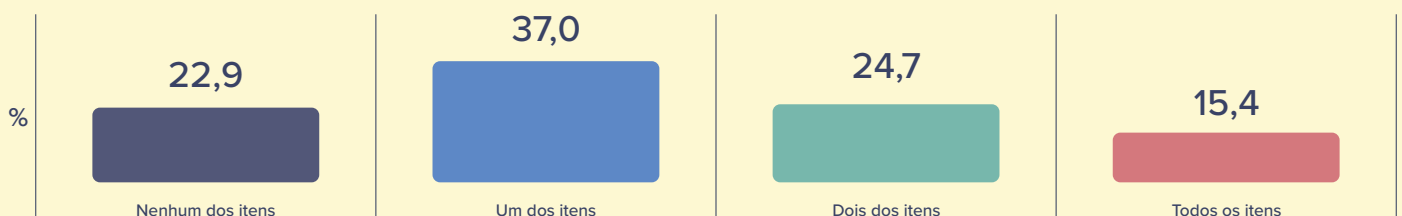
**Itens de posse da família na Venezuela** – As famílias de 22,9% (n=76) dos respondentes desta pesquisa não possuíam nem casa própria, nem automóvel, nem computador – conjunto de itens que podem ser referenciados a uma proxy para avaliação do seu nível de vulnerabilidade

material no país de origem. Apenas 15,4% (n=51) das famílias dos respondentes tinham na Venezuela a propriedade dos três itens. Enquanto 37% (n=123) tinham a propriedade de um só dos três itens; 24,7% (n=82) possuíam dois dos três itens.

**Gráfico 21: Posse de itens (casa, automóvel e computador) na Venezuela antes de vir para o Brasil**

n=332

Posses de itens da família na Venezuela antes do deslocamento para o Brasil



Existe uma relação de associação significativa entre a posse dos itens básicos no país de origem, relacionada à vulnerabilidade material e o acesso à internet, variável comunicacional que expressa algum nível de autonomia individual para a busca de informações. À medida em que cresce a posse de itens, aumenta a frequência de famílias com acesso à internet. O inverso é verdadeiro:

quanto menor a posse de itens, maior a presença de famílias sem acesso à internet. Entre aquelas famílias que possuíam todos os três itens é duas vezes superior o acesso à internet em relação à média do conjunto da amostra. Por outro lado, ser uma família despossuída dos três itens é bom preditor de que nenhum de seus membros terá acesso à internet.

**Acesso à internet e posse de itens**

		Nenhum dos itens	Um dos três itens	Dois dos três itens	Todos os itens	Total
Não tinha acesso à internet	n	64	91	31	9	195
	%	<b>84,2%</b>	<b>74,0%</b>	37,8%	17,6%	58,7%
Tinha acesso à internet	n	12	32	51	42	137
	%	15,8%	26,0%	<b>62,2%</b>	<b>82,4%</b>	41,3%
Total	n	76	123	82	51	332
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 82,496, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Integração em Roraima e abrigos** – O Estado de Roraima apresenta particulares características que dificultam a integração dos refugiados e migrantes em sua inserção no mercado de trabalho. A Noroeste da Região Norte do Brasil, além de ser a unidade federativa mais distante dos centros decisórios e econômicos, integra o Complexo Regional Amazônico, de difícil circulação. A economia<sup>18</sup> de Roraima é modesta se comparada aos outros estados com setores produtivos mais complexos: possui o menor Produto Interno Bruto (PIB) – e também o menor contingente populacional entre os estados brasileiros. Nas palavras dos participantes das entrevistas qualitativas que antecederam ao survey:

*“(..) o principal ponto de entrada do fluxo venezuelano tem sido Roraima, que é um Estado menos desenvolvido do que os outros estados do Brasil. Tem uma questão aí que é quase de isolamento geográfico, também, por conta da Floresta Amazônica, né? Então, é difícil e caro sair de Roraima por conta própria. E é um Estado pequeno, não é um Estado com maior oferta de meios de vida, maior oferta de serviços públicos (...)”*

Entrevista 3

*“(..) Roraima, basicamente, é comércio o principal setor econômico onde as pessoas acabam se empregando. E, também, alguma coisa na prestação de serviço. Porque, na verdade, Roraima tem muito poucas outras atividades. Além do serviço público, você vai ter uma agricultura e pecuária muito iniciante, pequena, e, também, alguma coisa na indústria, mas muito pouca coisa (...) A construção civil é um setor que acabou dando uma retraída agora... já vinha retraindo, né, desde dois, três anos, então, também, é um setor que não é muito representativo das contratações lá em Roraima.”*

Entrevista 2

Implantados no contexto da Operação Acolhida a partir de 2018, os centros de acolhimento temporário têm recebido, ao longo dos anos, não apenas refugiados e migrantes recém-chegados ao Brasil, mas também em situação de vulnerabilidade que já estavam no país há mais

tempo. São famílias que não conseguiram se integrar ao mercado local, reconhecidamente limitado, o que se tornou ainda mais difícil dada a baixa escolaridade, a baixa qualificação e as dificuldades com o idioma.

Alguns relatos qualitativos com refugiados e migrantes que se seguiram às entrevistas estruturadas deste survey, indicam que para muitos a jornada da Venezuela ao Brasil constituiu uma busca desesperada por sobrevivência, sem nenhum tipo de planejamento financeiro, na qual muitos foram levados a dormir nas ruas, antes que fossem acolhidos nos abrigos a partir de 2018.

**Ingresso no Brasil em 2020** – Apesar do fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela em 18 de março de 2020, decorrente da pandemia da Covid-19, entre aqueles 30,7% (n=102) da amostra que ingressaram no país no ano de 2020, 41,2% (n=42) o fizeram entre abril e dezembro; 58,8% (n=60) cruzaram a fronteira nos primeiros meses do ano.



**Documentação** – 93,7% (n=311) dos respondentes da amostra possuem documentação. A maior parte dos casos sem documentos chegaram ao Brasil em 2020.

18 — As principais atividades econômicas do Estado são a agricultura (arroz, feijão, milho, mandioca e banana), pecuária (bovino, suínos e aves) e o extrativismo animal, vegetal e mineral (diamantes, cassiterita, molibdênio, bauxita, cobre, areia, argila, granito e ouro), artesanato e turismo ecológico.

		Posse de documentação e Ano de Ingresso no Brasil				
		2017 ou antes	2018	2019	2020	Total
Sem documento	n	0	0	1	20	21
	%	0,0%	0,0%	,7%	<b>19,6%</b>	6,3%
Com alguma documentação	n	30	54	145	82	311
	%	100,0%	<b>100,0%</b>	<b>99,3%</b>	80,4%	93,7%
Total	n	<b>30</b>	<b>54</b>	<b>146</b>	<b>102</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 43,882, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Sem documentos** – Entre os 332 respondentes da amostra, informaram estar sem documentos no Brasil 6,3% (n=21). Quase todos (95,2%, n=20) que estão nessa situação ingressaram no Brasil em 2020, dos quais, 80,0% (n=16) a par-

tir de junho de 2020; 4,8% (n=1) em janeiro; 4,8% (n=1) em fevereiro; e 9,5% (n=2) em março. Há um caso na amostra que está sem documento e ingressou no país em setembro de 2019, tendo sido acolhido no abrigo em dezembro de 2020.



A nova Lei de Migração brasileira<sup>19</sup> (Lei nº 13.445 de 2017) apresenta uma visão contemporânea e compatível com o intenso fluxo migratório em marcha no mundo: entende a migração como um fenômeno da humanidade e simplifica diversos procedimentos administrativos para o não nacional. Além disso, no caso específico dos venezuelanos, as autoridades brasileiras responsáveis pelo reconhecimento da condição de refugiado aplicaram a definição ampliada da Declaração de Cartagena<sup>20</sup>, reconhecendo a condição de refugiados dos venezuelanos, a partir do princípio da grave violação dos direitos huma-

nos, o que facilita as análises dos processos e simplifica as concessões do status de refugiado.

Nesse sentido, os refugiados e migrantes da Venezuela têm facilidade para regularizar a sua situação no país, - favorecendo o processo de sua integração na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, as estatísticas oficiais dos fluxos migratórios têm bom grau de confiabilidade, já que a estrutura leva à apresentação das pessoas às autoridades brasileiras visando à documentação, diferentemente do que ocorre em alguns países. A questão é assim avaliada por um dos participantes da pesquisa qualitativa que antecedeu o survey:

19 — Em 24 de maio de 2017 foi aprovado o novo marco legal das migrações, fundado, em grande medida, na garantia e nos direitos dos migrantes e emigrantes. A nova legislação recebeu vetos importantes por parte da Presidência da República e experimentou regulamentação restritiva em alguns dos pontos positivos previstos na Lei, limitando assim os avanços pretendidos, o que foi materializado com a edição do Decreto de Regulamentação 9.199, segundo assinala Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira, em artigo A transição na legislação migratória: um estudo empírico para 1980-2019, publicado no Relatório Anual do Obmigra (2020).

20 — A definição de refugiado de Cartagena amplia a proteção a “pessoas que fugiram do seu país porque as suas vidas, segurança ou liberdade foram ameaçadas pela violência generalizada, agressão estrangeira, conflitos internos, violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que perturbaram gravemente a ordem pública”.

*“Do ponto de vista mais estrutural, o Brasil tem uma vantagem, vamos dizer assim, tem um contexto que é mais favorável a essa integração. Porque, no caso dos refugiados, seja solicitante de refúgio, seja refugiados já reconhecidos, a legislação brasileira, ela é muito avançada. Então, as pessoas, formalmente, do ponto de vista legal, têm acesso a trabalho, podem trabalhar... mesmo como solicitantes de refúgio, tiram carteira de trabalho, têm CPF, conseguem... enfim, trabalhar nas diversas modalidades que a legislação trabalhista brasileira permite. E, também, conseguem atuar principalmente como microempreendedores. Então, a legislação do microempreendedor individual também autoriza, e não há nenhuma barreira legal ao acesso dessa população, também, como microempreendedor. Então, acesso à seguridade social... tudo isso é possível. Do ponto de vista formal, não há obstáculos, a essa população, em geral, está documentada... né? Esse tema das pessoas indocumentadas, principalmente na questão do refúgio, é um tema que não é um tema muito grave, como é, por exemplo, em outros países”*

Entrevistado 2

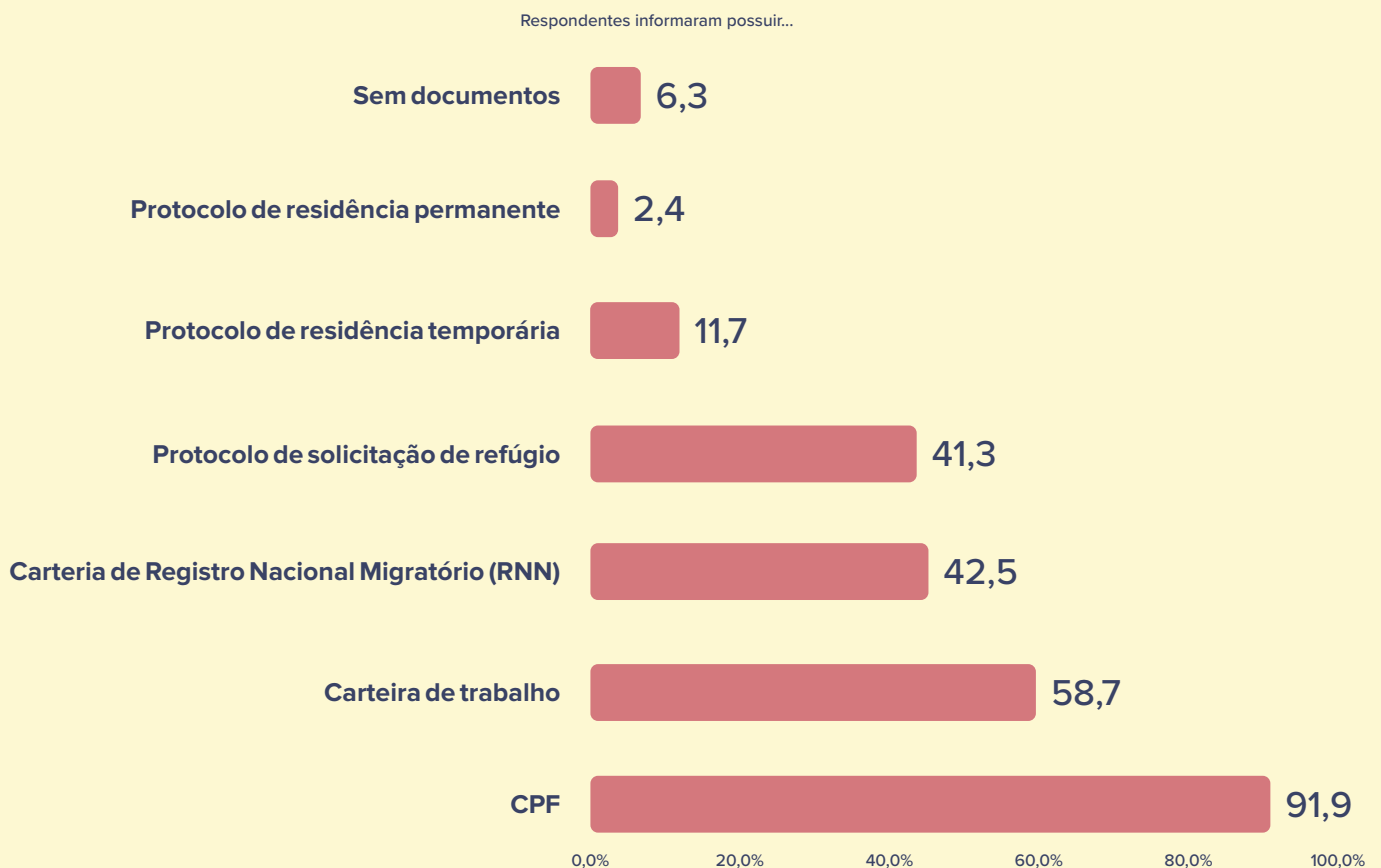
Nesse sentido, a hipótese é de que os casos de refugiados e migrantes venezuelanos sem documentação no Brasil, que ingressaram em 2020, possivelmente estejam associados à pandemia de Covid-19, que levou ao fechamento das fronteiras em 18 de março.

**Documentação** – Muitos dos respondentes tiveram dificuldades em apontar o seu status migratório no Brasil, inclusive desconhecendo nomenclaturas como protocolo de solicitação de refúgio, protocolo de solicitação de residência temporária ou permanente e também desconhecendo as diferenças legais entre cada categoria de solicitação.

Entre os respondentes da amostra, 91,9% (n=305) informaram possuir CPF; 58,7% (n=195) informaram ter carteira de trabalho; 42,5% (n=141) disseram ter a Carteira de Registro Nacional Migratório; 41,3% (n=137) afirmaram ter um protocolo de solicitação de refúgio; 11,7% (n=39) disseram ter protocolo de residência temporária; e 2,4% (n=8) o protocolo de residência permanente.

**Gráfico 22: Posse de documentação informada em resposta binária – sim/não – pelos respondentes da amostra**

n=332



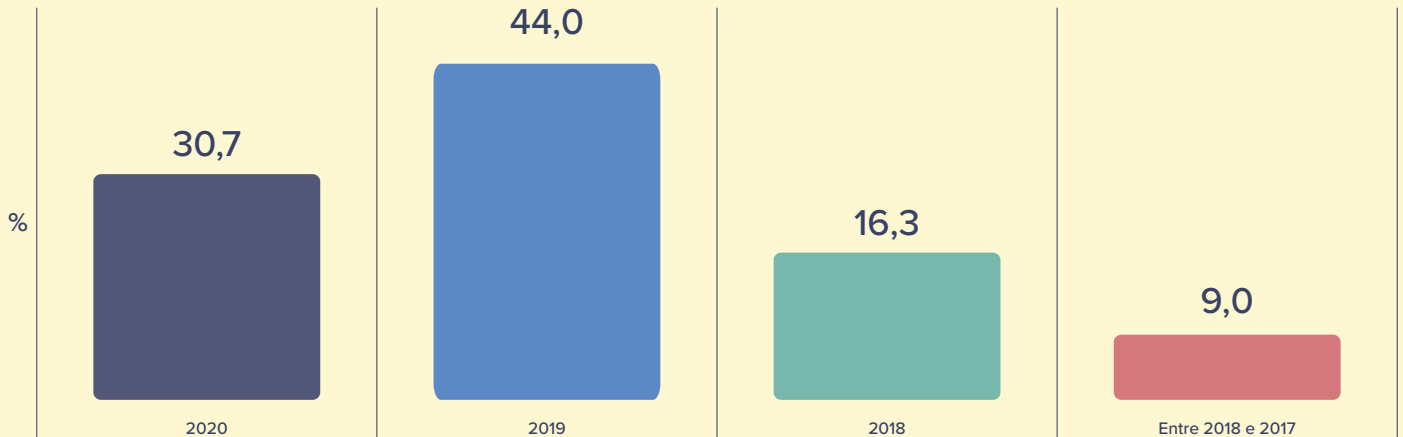
**Ingresso no Brasil e nos abrigos** – Considerando a população abrigada que participou desta pesquisa, 30,7% (n=102) chegaram ao Brasil em 2020; 44,0% (n=146)

ingressaram em 2019; 16,3% (n=54) entraram neste país em 2018; e 9,0% (n=30) chegaram no Brasil entre 2008 e 2017.

**Gráfico 23: Ano de ingresso no Brasil**

n=332

Ano em que chegou ao Brasil



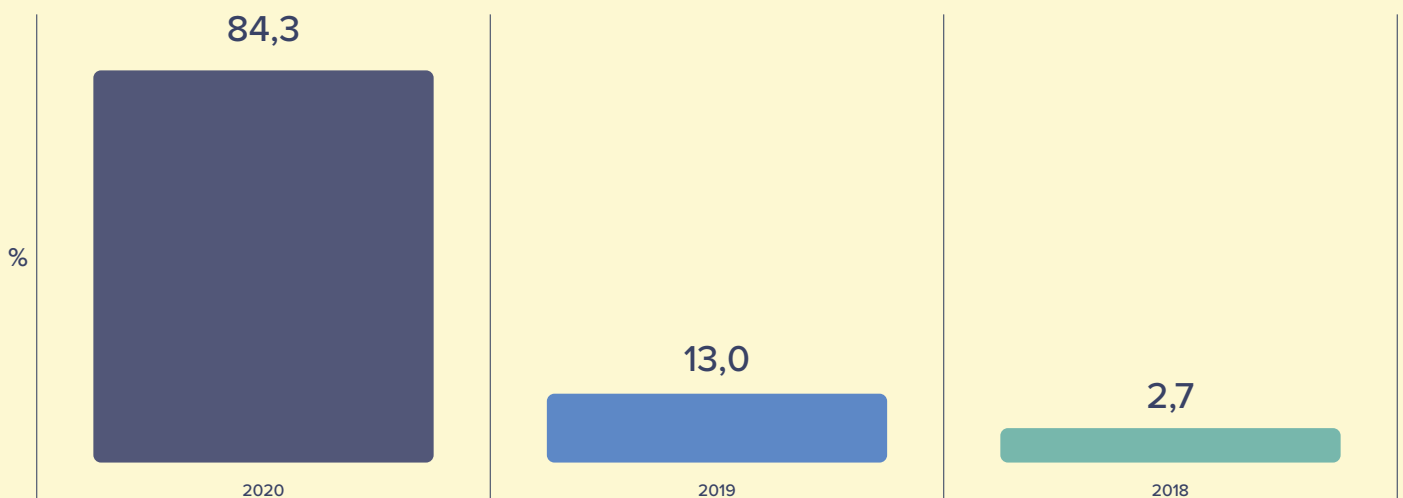
Por seu turno, 84,3% (n=280) dos respondentes da amostra que estão hoje acolhidos nos abrigos deram

entrada nestes em 2020; 13% (n=43) em 2019; e 2,7% (n=9) foram acolhidos em 2018.

**Gráfico 24: Ano de ingresso no abrigo**

n=332

Ano em que chegou ao abrigo



Entre aqueles que ingressaram nos abrigos em 2020, 9,3% (n=26) chegaram ao Brasil entre 2008 e 2017; 14,3% (n=40) entraram no Brasil em 2018; 40%

(n=112) cruzaram a fronteira em 2019; e 36,4% (n=280) ingressaram no Brasil no próprio ano em que chegaram aos abrigos.

Ano de ingresso no Brasil por Ano de Ingresso nos Centros de Acolhimento Temporário

		2018	2019	2020	Total
Entre 2008 e 2017	n	2	2	26	30
	%	22,2%	4,7%	9,3%	9,0%
2018	n	7	7	40	54
	%	77,8%	16,3%	14,3%	16,3%
2019	n	0	34	112	146
	%	0,0%	79,1%	40,0%	44,0%
2020	n	0	0	102	102
	%	0,0%	0,0%	36,4%	30,7%
Total	n	9	43	280	332
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 60,227, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Tempo no Brasil e nos Centros Temporários de Acolhimento de Boa Vista** – A população de refugiados e migrantes venezuelanos acolhida nos abrigos Rondon 1, Rondon 2, Rondon 3, São Vicente 1 e Pricumã, em Boa Vista, está em média há 17,5 meses no Brasil; **e, no momento desta pesquisa, se encontrava em média há 5,8 meses nos abrigos.**

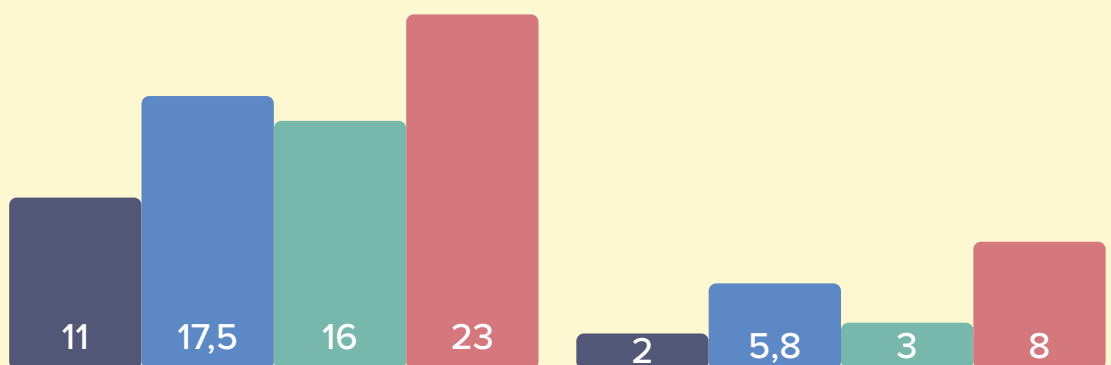
Considerando o tempo de ingresso no Brasil, no momento da pesquisa, um quarto dos refugiados e mi-

grantes estavam há 11 meses no país; a mediana era de 16 meses e, no terceiro quartil da distribuição, 25% deles havia ingressado no Brasil entre 23 meses há até 84 meses (valor máximo). Considerando o tempo de permanência nos abrigos, no momento da pesquisa, 25% dos refugiados e migrantes estavam há 2 meses; a mediana da distribuição era de 3 meses; e aqueles 25% com mais tempo de permanência no abrigo estavam entre 8 meses (3º quartil) a até 33 meses (valor máximo).

**Gráfico 25: Representação gráfica das medidas de tendência central e quartis do tempo de ingresso no Brasil e tempo de permanência nos abrigos**

n=332

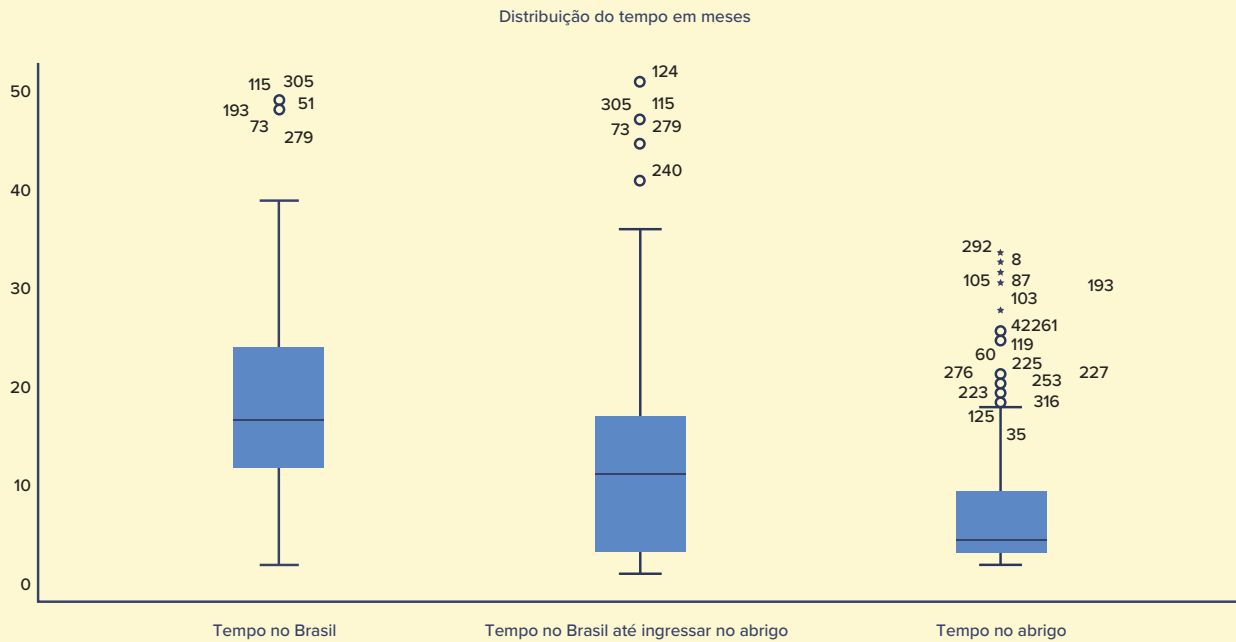
Tempo de ingresso no Brasil e tempo no abrigo atual



	Tempo no Brasil (meses)	Tempo no atual abrigo (meses)
■ 1º quartil	11	2
■ Média	11,3	5,8
■ Mediana	16	3
■ 3º quartil	23	8

**Gráfico 26: Representação gráfica das medidas de tendência central e quartis do tempo de ingresso no Brasil e tempo de permanência nos abrigos**

n=332



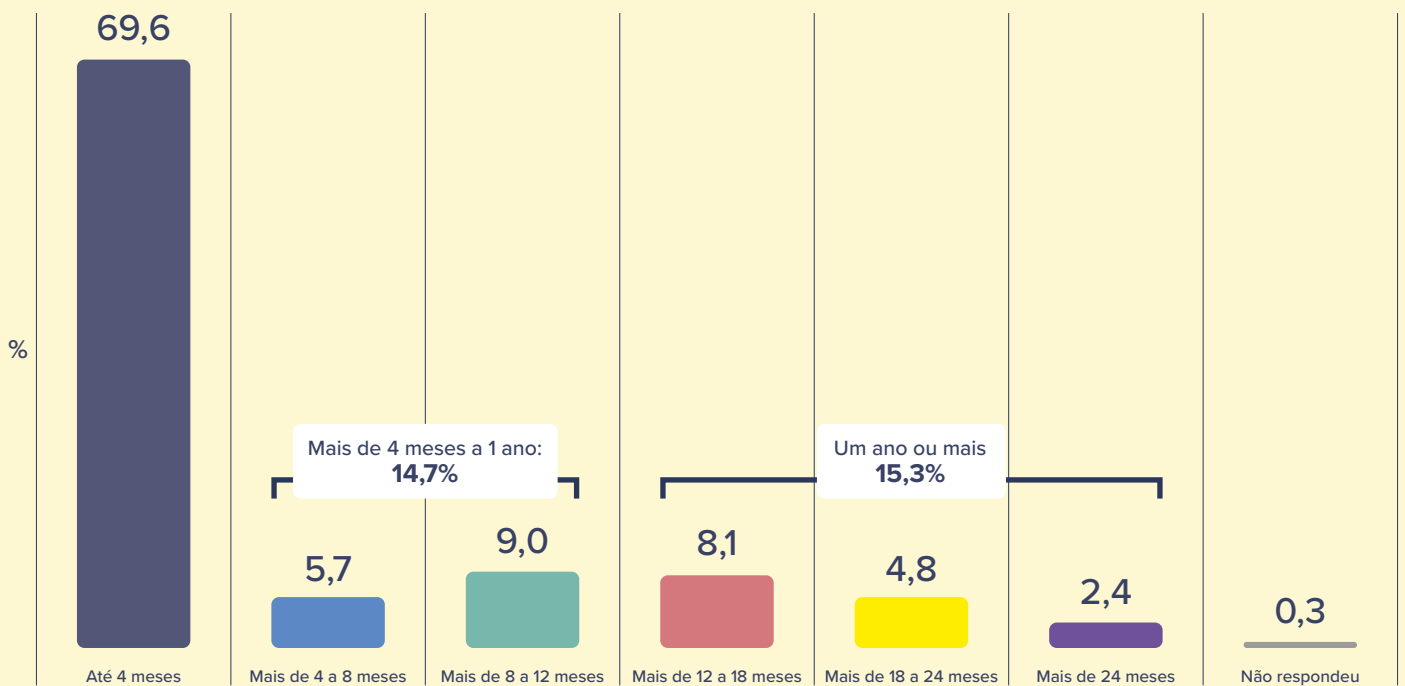
**Tempo nos Centros Temporários de Acolhimento de Boa Vista** – Em que pese a diversidade de perfis de permanência nos abrigos em relação ao tempo, 69,6%

chegaram há até 4 meses nos centros temporários de acolhimento; 14,7% chegaram entre há mais de 4 meses a até 1 ano; 15,3% estão há mais de um ano nos abrigos.

**Gráfico 27: Tempo de permanência nos abrigos (em categorias)**

n=332

Distribuição do tempo em meses



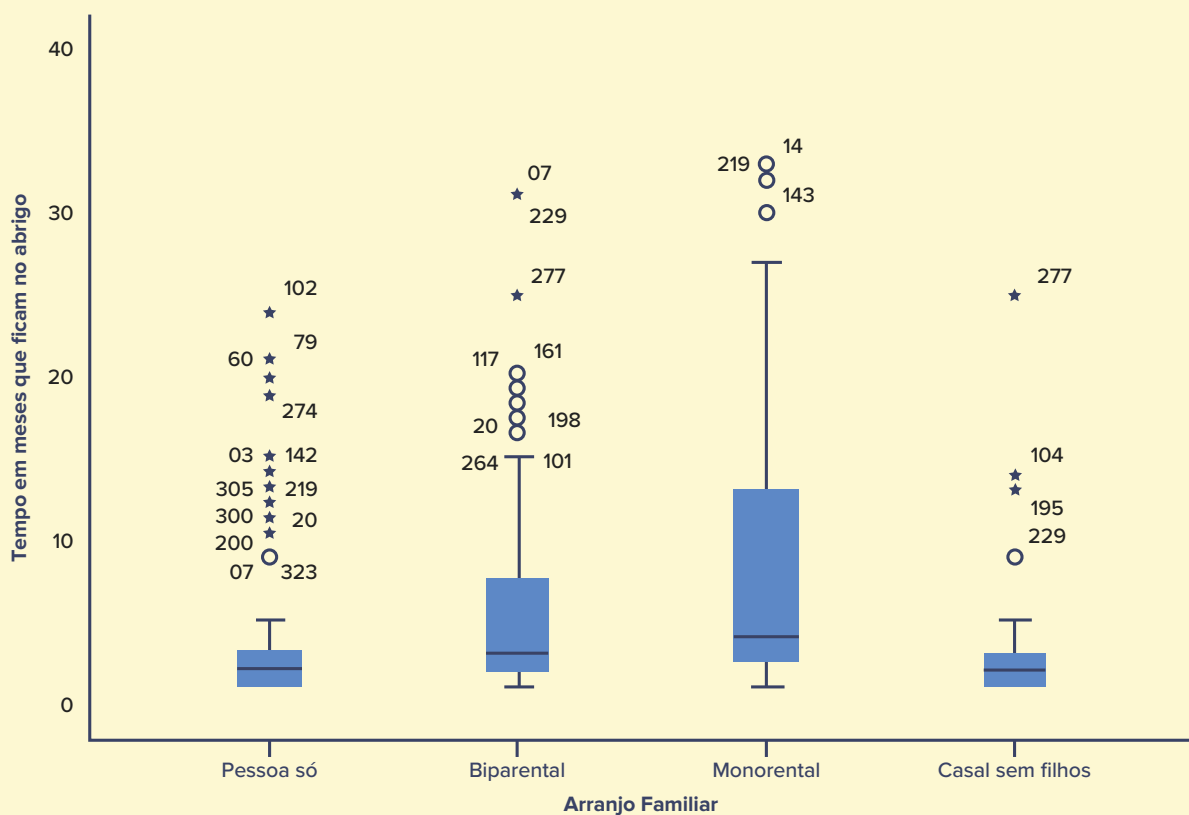
**Tempo nos abrigos e Arranjos familiares** – O tipo de arranjo familiar é uma variável que tem efeito significativo sobre o tempo de permanência nos abrigos. Famílias monoparentais – em geral chefiadas por mulheres – registram em média 8,43 meses no abrigo, o que representa duas vezes

mais tempo no abrigo do que estão casais sem filhos – que registram em média 3,77 meses. Pessoas só, estão, em média há 4,11 meses no abrigo. As famílias biparentais apresentam tempo médio de 5,76 meses nos abrigos, portanto, também inferior ao tempo médio das famílias monoparentais.

**Tempo médio de permanência no abrigo segundo o tipo de arranjo familiar<sup>21</sup>**

	n	Média (meses)	Intervalo de confiança 95%	
			Limite inferior	Limite superior
Casal sem filhos	30	3,77	1,84	5,69
Pessoa só	94	4,11	3,09	5,12
Famílias biparentais com filhos	119	5,76	4,63	6,89
Famílias monoparentais com filhos	88	8,43	6,72	10,14
Total	331	5,82	5,11	6,53

**Gráfico 28: Boxplot e a distribuição do tempo (meses) de permanência nos abrigos segundo o tipo de arranjo familiar**



21— Anova unidirecional, p=0,000. A hipótese nula é de que as médias entre as categorias da variável em análise são iguais; resultados significativos, como é o caso, rejeitam a hipótese nula e assumem que existe diferença entre as médias dentro dos grupos. O teste de Bonferroni, post hoc, realizado na sequência, procede a comparações múltiplas entre as médias dentro dos grupos, indicadoras de diferenças estatísticas significativas entre as médias de cada categoria dos grupos. O grupo famílias monoparentais apresenta média superior e estatisticamente significante em relação às demais categorias.

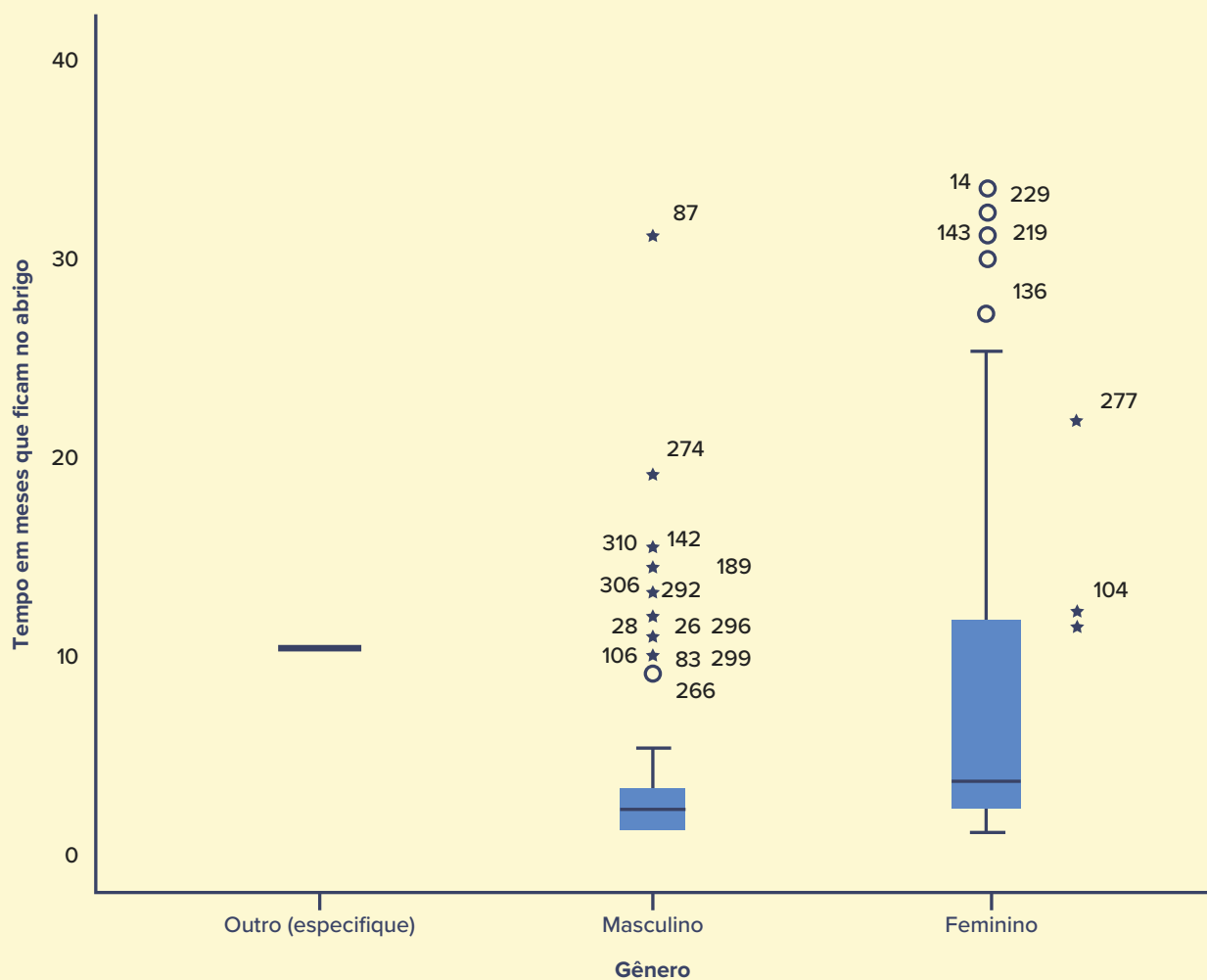


**Tempo nos abrigos e Gênero** – Enquanto homens tendem a permanecer em média 3,66 meses nos abrigos; o tempo médio de permanência das mulheres é de 7,20 meses.

Tempo médio de permanência no abrigo segundo Gênero				
Intervalo de confiança 95%				
	n	Média (meses)	Limite inferior	Limite superior
Masculino	130	3,66	2,91	4,41
Feminino	200	7,20	6,17	8,23
Outro	1	10	-	-
Total	332	5,82	5,11	6,53

AnovaUnidirecional: p=0,000

**Gráfico 29: Boxplot e a distribuição do tempo (meses) de permanência nos abrigos segundo Gênero**



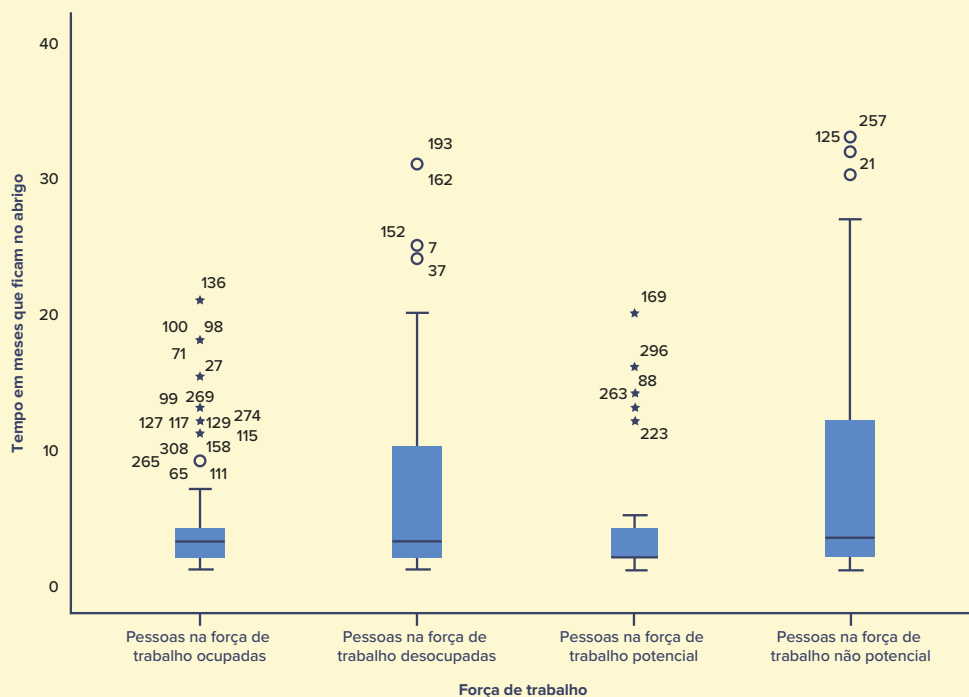
**Tempo nos abrigos e Força de Trabalho** – Pessoas na força de trabalho não potencial – que estão fora da força de trabalho (donas de casa, idosos à espera de aposentadoria, entre outros que não procuram emprego e não estão disponíveis para se empregar) tendem a ficar mais tempo nos abrigos do que as pessoas que estão ocupadas (trabalhando efetivamente) e do que as

pessoas que estão na força de trabalho potencial (não procuraram emprego no mês de referência da pesquisa, mas estão disponíveis para o trabalho). Há grande presença de pessoas na força de trabalho potencial que aguardam a interiorização e, por isso, não estão procurando emprego, embora, no momento da pesquisa, não estivessem trabalhando.

Tempo médio de permanência no abrigo segundo Gênero				
			Intervalo de confiança 95%	
	n	Média (meses)	Limite inferior	Limite superior
Pessoas na força de trabalho potencial	56	3,57	2,53	4,61
Pessoas na força de trabalho ocupadas	85	4,64	3,62	5,65
Pessoas na força de trabalho desocupadas (procuram emprego)	71	6,34	4,57	8,10
Pessoas na força de trabalho não potencial	119	<b>7,41</b>	6,02	8,81
<b>Total</b>	<b>331</b>	<b>5,82</b>	<b>5,11</b>	<b>6,53</b>

AnovaUnidirecional; p=0,000

**Gráfico 30: Boxplot e a distribuição do tempo (meses) de permanência nos abrigos segundo as categorias de Força de Trabalho**

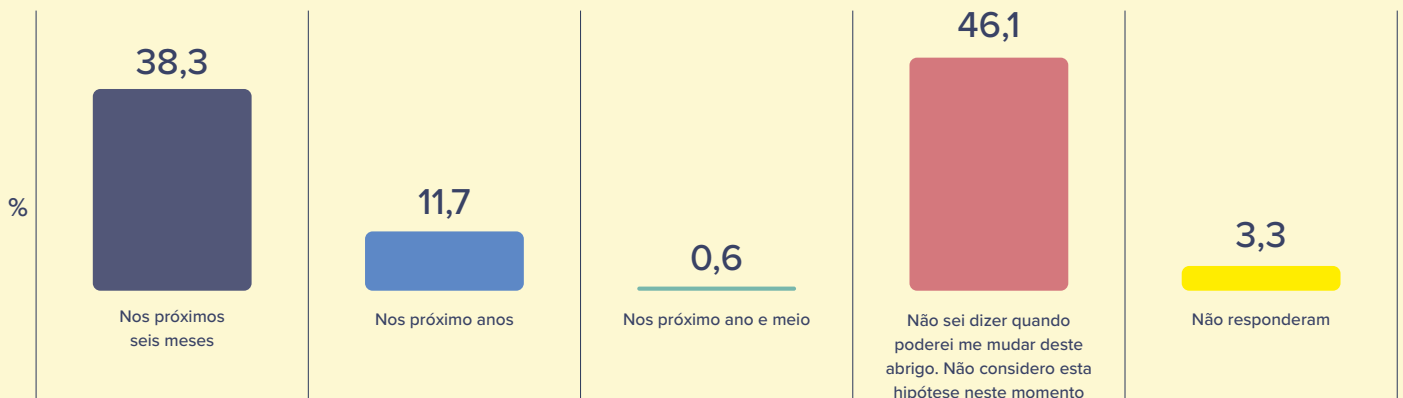


**Projeção do tempo necessário para a saída do abrigo** – Quase a metade (46,1%, n=153) dos respondentes da amostra afirmam não ter como avaliar o intervalo de tempo de que precisarão para deixar abrigo. Para

38,3% (n=127) nos próximos seis meses conseguirão deixar o abrigo; 11,7% (n=39) acreditam no próximo ano; e 0,6% (n=2) no próximo ano e meio. Não responderam 3,3% (n=11).

**Gráfico 31: Quando você acredita que terá recursos financeiros suficientes para deixar este abrigo?**

n=332



Aqueles 46,1% (n=153) que informam não ter previsão de quando deixarão o abrigo se justificaram. As respostas que mais se repetem relacionam-se à dificuldade de inserção no mercado de trabalho (desemprego), além da precariedade da ocupação e rendimentos, em se tratando de pessoas que estão ocupadas. Já as pessoas que aguardam a interiorização, tendem a não fazer projetos e mesmo, como se verifica nas relações entre as variá-

veis, há neste grupo forte presença de pessoas que não estão ocupadas e não estão procurando emprego porque depositam todas as expectativas na interiorização. Há também uma categoria de respostas que se repete e refere-se a tratamento de saúde de si ou de um familiar. Menos incidentes foram justificativas: a idade, o cuidado com os filhos, além de expectativa de recebimento de auxílios assistenciais.

#### Justificativas espontâneas para não considerar deixar o abrigo neste momento

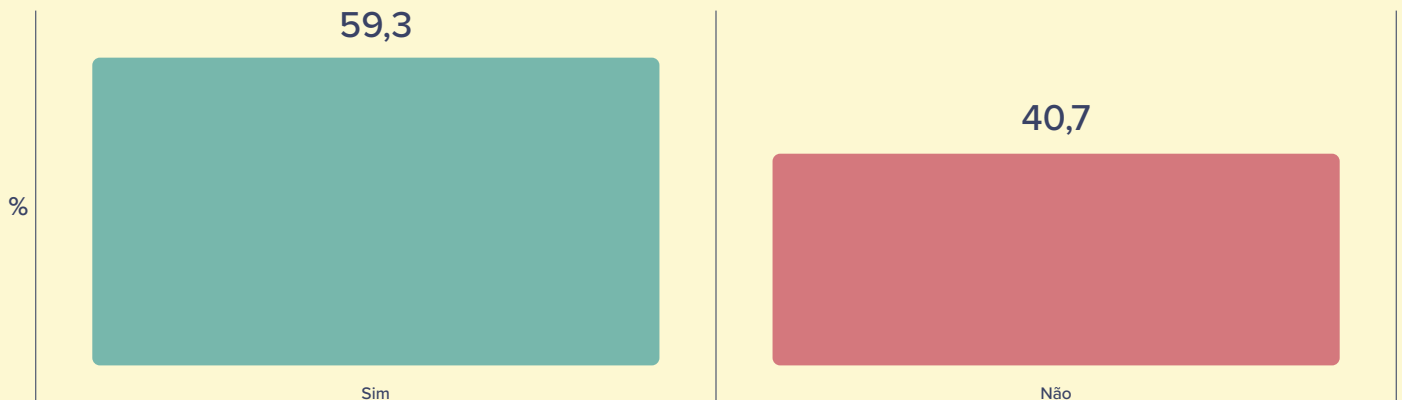
	n	%
Não tenho trabalho; não tenho trabalho estável; renda insuficiente	67	43,8
Aguarda a própria interiorização	40	26,1
Aguarda tratamento de saúde próprio ou de familiar, parto, problemas de saúde	16	10,4
Aguarda reunificação familiar	10	6,5
Aguardo documentação própria ou de parente, aguarda asilo próprio ou de parente	5	3,3
Filhos ou netos pequenos, precisa cuidar e não consegue emprego	5	3,3
Por sua idade não consegue emprego	4	2,6
Aguarda benefício assistencial do governo para pessoas com deficiência, aguarda pensão por incapacidade	3	2
Aguarda a reabertura da fronteira para retornar à Venezuela, quer retornar à Venezuela quando a situação lá melhorar	2	1,3
Preciso enviar recursos para a Venezuela e não consigo pagar aluguel	1	0,6
<b>Total</b>	<b>153</b>	<b>100</b>

**Planejamento para a autossuficiência** – Enquanto 59,3% (n=197) afirmam já ter calculado o quanto precisariam ganhar ao mês para deixar o abrigo; 40,7% (n=135) dizem nunca ter feito esse cálculo. O fato de nunca ter projetado

quanto precisariam ganhar para alcançar autonomia, é sugestivo de uma vulnerabilidade intensa, que impõe desafios cotidianos pela sobrevivência, impeditivos ao olhar para o futuro no curto e no médio prazo.

**Gráfico 32: Alguma vez você já calculou o quanto você e sua família precisariam ganhar por mês para se mudar deste abrigo?**

n=332



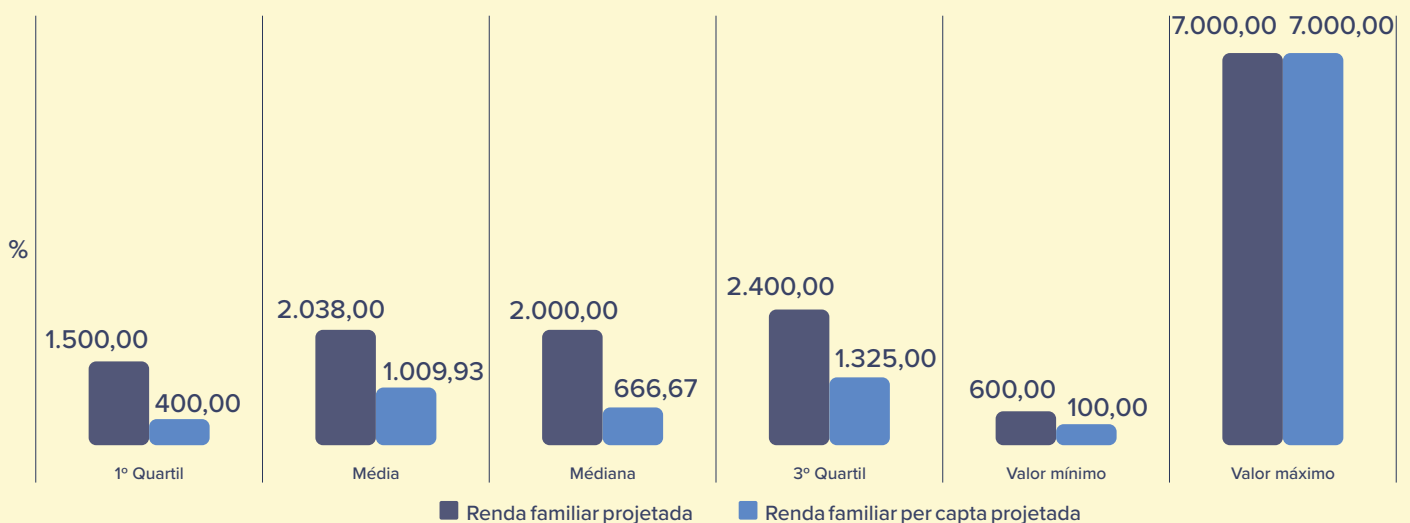
#### Expectativa de renda necessária para deixar o abrigo –

Entre aqueles 59,3% (n=197) que demonstraram ter feito o cálculo dos rendimentos que necessitariam para deixar o abrigo, a avaliação média é de que precisariam de R\$ 2.038,00 para a manutenção da família no Brasil. Aqueles 25% que têm o cálculo mais modesto – avaliaram gastos de sobrevivência que variam entre R\$ 600,00 e R\$ 1.500,00 (1º quartil). A mediana da distribuição foi R\$ 2.000,00, portanto, metade dos entrevistados que pro-

jetam os menores gastos acreditam que precisam até R\$ 2.000,00 ao mês para sobreviver fora do abrigo. Aqueles 25% que projetam os gastos mais altos entre os respondentes, acreditam que precisariam de R\$ 2.400,00 (3º quartil) até R\$ 7.000,00 (o valor máximo da distribuição, *outlier* distante a mais de 3 desvios padrões da média). Quando considerados os valores per capita, a distribuição no primeiro quartil é de R\$ 400,00; a média R\$ 1.009,93; e no terceiro quartil, de R\$ 1.325,00.

**Gráfico 33: Renda familiar média e renda per capita projetada para a autossuficiência do abrigo**

n=197



#### Expectativa de renda necessária para deixar o abrigo –

Entre os tipos de arranjo familiar a expectativa média de renda necessária para deixar o abrigo é similar, não havendo diferença estatisticamente significativa entre as

médias projetadas. Já em relação à renda per capita, pessoas sós e casais sem filhos projetam estimativa média de renda maior do que os arranjos familiares monoparentais e biparentais.

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
						Limite inferior	Limite superior
Quanto você e sua família precisa para sair do abrigo?	Monoparental	39	1866,41	780,04	124,90	1613,5477	2119,2729
	Biparental	73	2144,52	910,49	106,56	1932,0868	2356,9543
	Pessoa só	64	1975,32	1090,55	136,319	1702,9152	2247,7410
	Casal sem filhos	21	2180,95	917,94	200,31	1763,1098	2598,7949
	<b>Total</b>	<b>197</b>	<b>2038,38</b>	<b>950,95</b>	<b>67,75</b>	<b>1904,7626</b>	<b>2171,9988</b>
Estimativa per capita	Monoparental	39	619,10	338,63	54,22	509,3313	728,8738
	Biparental	73	508,41	348,98	40,84	426,9960	589,8435
	Pessoa só	64	1820,25	1099,35	137,41	1545,6387	2094,8613
	Casal sem filhos	21	1009,52	507,10	110,65	778,6927	1240,3549
	<b>Total</b>	<b>197</b>	<b>1009,92</b>	<b>905,62</b>	<b>64,52</b>	<b>882,6781</b>	<b>1137,1761</b>

### Distância entre a renda projetada para deixar o abrigo e a renda familiar real –

O mês de referência desta pesquisa, em dezembro, coletou informações de renda familiar do mês de novembro, - quando 66% (n=219) dos refugiados e migrantes dos abrigos em estudo foram beneficiados com o auxílio emergencial. O auxílio importou em média entre R\$ 439,40 e R\$ 642,85<sup>22</sup> a mais nos ganhos ordinários dos arranjos familiares que têm algum rendimento de trabalho, como se verá no bloco *Trabalho e Renda* deste relatório. Esta explicação faz-se necessária porque é com a renda familiar robustecida pelo benefício temporário desse auxílio que aqui se calcula a distância entre o que a família ganhou naquele mês e quanto ela ainda projeta ampliar em seus rendimentos de trabalho para alcançar a autossuficiência.

Entre os 59,3% (n=197) que calculam e projetam o que precisam ganhar mensalmente para deixar o abrigo, apenas 12,6% (n=25), teriam naquele mês de referência alcan-

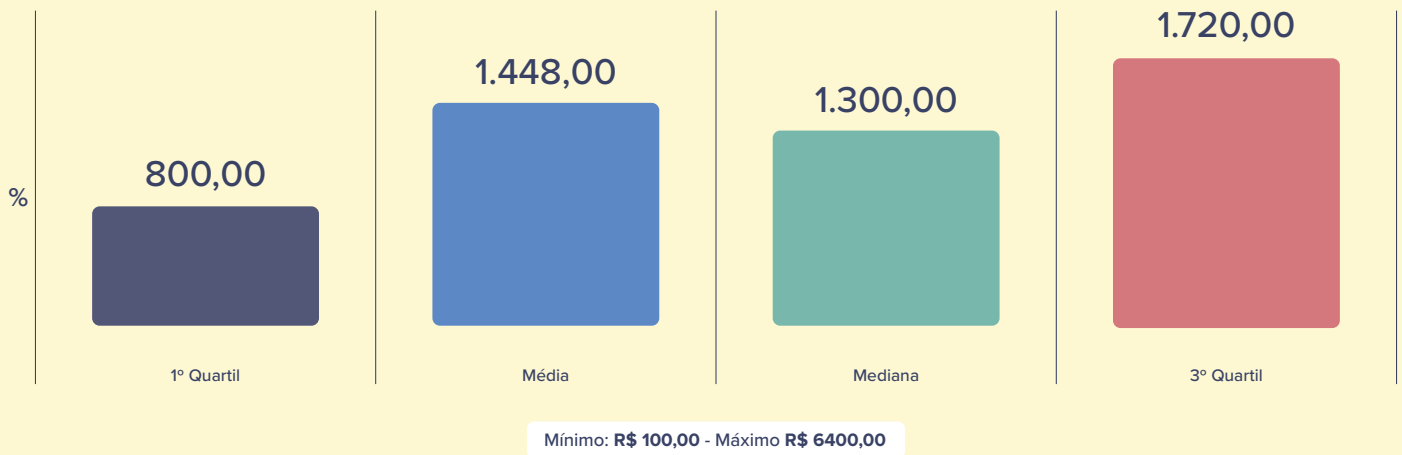
çado a meta. No conjunto da amostra (n=332), representam 7,5% (n=25). Naquele mês, a renda familiar desse grupo superou em média R\$ 391,00 o valor necessário projetado para que se sustentem fora do abrigo. Nesse grupo de 25 respondentes, em apenas cinco casos – representam 1,5% no conjunto da amostra (n=332) - a diferença entre a renda real e a projetada foi superior a R\$ 600,00.

Aqueles 59,3% (n=197) que conseguem olhar para o futuro e, por meio de um cálculo, se projetar nele para deixar o abrigo, precisariam ganhar a mais, - sempre em referência à renda familiar informada em dezembro de 2020 e relativa a novembro de 2020 - em média, R\$ 1.448,21. O primeiro quartil da distribuição é R\$ 800,00, a mediana R\$ 1.300,00 e o terceiro quartil R\$ 1.720,00. Dessa forma, os 25% que precisam ampliar menos a renda para deixar o abrigo, precisariam fazê-lo em até R\$ 800,00; e os 25% que precisam ampliar mais a renda para se sustentar fora do abrigo, precisariam fazê-lo em R\$ 1.720,00.

22 — No bloco Trabalho e Renda apresentamos os coeficientes do modelo de regressão que estimam o impacto do auxílio na renda familiar naquele mês.

**Gráfico 34: Diferença entre a renda familiar no mês de referência (novembro de 2020, informada em dezembro de 2020) e o valor projetado para o sustento da família fora do abrigo.**

n=197



**Perfil da vulnerabilidade que dificulta a prospecção da renda necessária para a saída do abrigo** – Estão em situação de maior vulnerabilidade e, por isso mesmo, com dificuldades para projetar a própria autonomia financeira: 1) mulheres mais do que homens; 2) pessoas da escolaridade até o Ensino Fundamental em relação à escolaridade Superior; 3) pessoas de arranjos familiares monoparentais em relação

aos arranjos familiares de casais sem filhos e pessoas só; 4) pessoas da força de trabalho não potencial em relação às pessoas ocupadas e as pessoas desocupadas (que procuram emprego); 5) pessoas que não fazem planos para trazer familiares da Venezuela em relação aquelas que fazem planos para trazê-los; 6) pessoas de baixa proficiência em português em relação às pessoas de alta proficiência.

#### Prospecta o futuro com projeção de renda para deixar o abrigo por Gênero

		Feminino	Masculino	Total
Projeta a renda necessária para a saída do abrigo	n	102	94	196
	%	51,0%	<b>71,8%</b>	59,2%
Nunca projetou a renda necessária para sair do abrigo	n	98	37	135
	%	<b>49,0%</b>	28,2%	40,8%
Total	n	<b>200</b>	<b>131</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 14,119, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

#### Prospecta o futuro com projeção de renda para deixar o abrigo por Escolaridade

		Até Fundamental	Ensino Médio	Ensino Técnico ou Superior	Total
Projeta a renda necessária para a saída do abrigo	n	78	78	41	197
	%	52,7%	60,0%	<b>75,9%</b>	59,3%
Nunca projetou a renda necessária para sair do abrigo	n	70	52	13	135
	%	<b>47,3%</b>	40,0%	24,1%	40,7%
Total	n	<b>148</b>	<b>130</b>	<b>54</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 8,882, p=0,012. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Prospecta o futuro com projeção de renda para deixar o abrigo por Arranjo Familiar

		Pessoa só	Bipariental	Monoparental	Casal sem filhos	Total
Projeta a renda necessária para a saída do abrigo	n	64	73	39	21	197
	%	<b>67,4%</b>	61,3%	44,3%	<b>70,0%</b>	59,3%
Nunca projetou a renda necessária para sair do abrigo	n	31	46	49	9	135
	%	32,6%	38,7%	<b>55,7%</b>	30,0%	40,7%
Total	n	<b>95</b>	<b>119</b>	<b>88</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 12,379, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Prospecta o futuro com projeção de renda para deixar o abrigo por Força de Trabalho

		Pessoas na força de trabalho ocupadas	Pessoas na força de trabalho desocupadas	Pessoas na força de trabalho potencial	Pessoas na força de trabalho não potencial	Total
Projeta a renda necessária para a saída do abrigo	n	57	50	28	62	197
	%	<b>67,1%</b>	<b>69,4%</b>	50,0%	52,1%	59,3%
Nunca projetou a renda necessária para sair do abrigo	n	28	22	28	57	135
	%	32,9%	30,6%	50,0%	<b>47,9%</b>	40,7%
Total	n	<b>85</b>	<b>72</b>	<b>56</b>	<b>119</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 9,755, p=0,021. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Prospecta o futuro com projeção de renda para deixar o abrigo por Planos para trazer familiares da Venezuela ao Brasil

		Não planeja trazer familiares da Venezuela para o Brasil	Planeja trazer familiares da Venezuela para o Brasil	Total
Projeta a renda necessária para a saída do abrigo	n	28	169	197
	%	43,8%	<b>63,1%</b>	59,3%
Nunca projetou a renda necessária para sair do abrigo	n	36	99	135
	%	<b>56,3%</b>	36,9%	40,7%
Total	n	<b>64</b>	<b>268</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 7,984, p=0,005. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

### Prospecta o futuro com projeção de renda para deixar o abrigo por Proficiência em Português

		Baixa proficiência em português	Alta proficiência em português	Total
Projeta a renda necessária para a saída do abrigo	n	92	105	197
	%	47,4%	<b>76,6%</b>	59,5%
Nunca projetou a renda necessária para sair do abrigo	n	102	32	134
	%	<b>52,6%</b>	23,4%	40,5%
Total	n	<b>194</b>	<b>137</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 28,453,  $p=0,000$ . Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Fatores associados ao planejamento da autossuficiência: modelo logístico binário** – Calcular quanto precisaria para deixar o abrigo é uma maneira de projetar um planejamento para o futuro e quem faz este cálculo tende a prospectar um futuro em que vá se estabelecer no Brasil: verifica-se associação significativa entre esta variável e o tipo de arranjo familiar que tem nos abrigos; também a perspectiva de trazer parentes para o Brasil; assim como a variável também está associada à proficiência em português, ou seja, falar a língua um capital fundamental para a autonomia de expressão e confiança nas interações.

Em modelo de regressão logística binária, avaliou-se o impacto desses fatores sobre a probabilidade de que um refugiado ou migrante nos abrigos tenha condições de planejar a sua autonomia financeira.

Pessoas que possuem arranjos monoparentais têm, entre todos, a menor probabilidade de ter condições para

planejar a sua autonomia: alguém que integre um arranjo familiar do tipo “pessoa só” tem 2,857 vezes mais chance de planejar a sua saída do abrigo do que uma pessoa do arranjo familiar monoparental,  $p=0,002$ ; uma pessoa que possui arranjo familiar biparental tem chance 2,661 vezes maior do que alguém de arranjo monoparental; e alguém que integra um arranjo do tipo “casal sem filhos” tem chance 3,607 vezes maior do que uma pessoa do arranjo monoparental,  $p=0,008$ ).

A proficiência em português também é fator que amplia as chances de autossuficiência. Quem fala a língua tem chance 5,239 vezes maior que os que não falam,  $p<0,001$  de planejar o seu futuro no curto e médio prazo. Além desses fatores, também ter pessoas na Venezuela que gostaria de trazer para o Brasil é variável que aumenta em 2,759 vezes a chance  $p=0,001$  de uma pessoa planejar a sua autossuficiência e saída do abrigo.

### Modelo logístico binário de fatores associados ao planejamento de deixar o abrigo

Variáveis	Razão de chance (OD)	IC 95% OR	p-valor
Constante	0,172	(0,079; 0,358)	<0,001
<b>Arranjo familiar</b>			
Monoparental (referência)	-	-	-
Biparental	2,661	(1,442; 5,002)	0,002
Pessoa só	2,857	(1,488; 5,594)	0,002
Casal sem filhos	3,607	(1,430; 9,692)	0,008
<b>Fala português</b>			
Não (referência)	-	-	-
Sim	5,239	(3,074; 9,230)	<0,001
<b>Tem pessoas na Venezuela que gostaria de trazer para o Brasil</b>			
Não (referência)	-	-	-
Sim	2,759	(1,496; 5,190)	0,001

P-valor teste de Hosmer-Lemeshow 0,934.

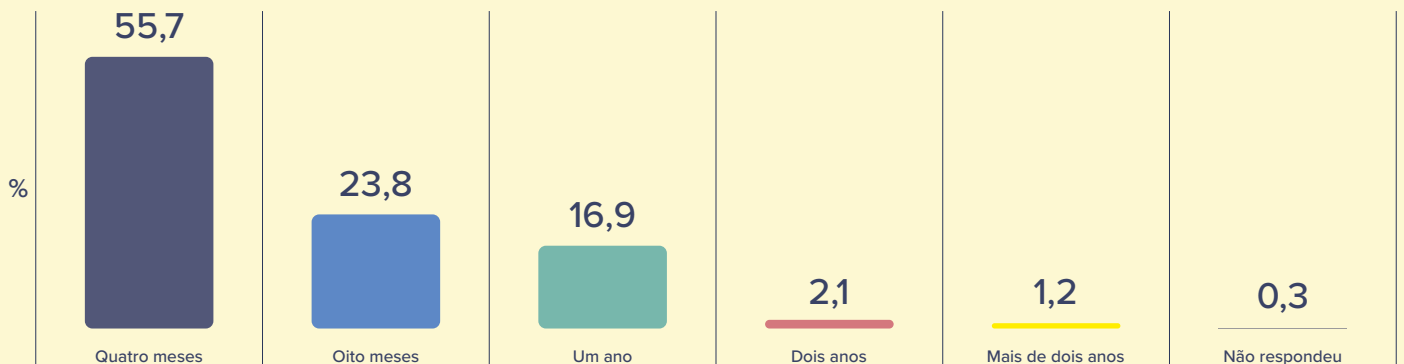


**Tempo mínimo considerado necessário para a autonomia de uma família de refugiados ou migrantes no Brasil** – Para 55,7% (n=185) o tempo mínimo necessário seria de quatro meses; 23,8% (n=79) calculam em oito meses; 16,9% (n=56) avaliam em um ano; 2,1% (n=7), dois anos; e para 1,2% (n=4) mais de dois anos. 0,3% (n=1) não respondeu.

Embora mais da metade dos respondentes tenham assinalado quatro meses como tempo mínimo necessário para se alcançar a autossuficiência, qualitativamente vincularam a resposta à empregabilidade, ou seja, assinalaram que desde que obtivessem emprego, o tempo necessário seria de no mínimo quatro meses.

**Gráfico 35: Pensando em sua experiência de imigração aqui no Brasil, qual é, em sua opinião, o tempo mínimo necessário para que uma pessoa ou uma família consiga se mudar do abrigo para um espaço próprio?**

n=332

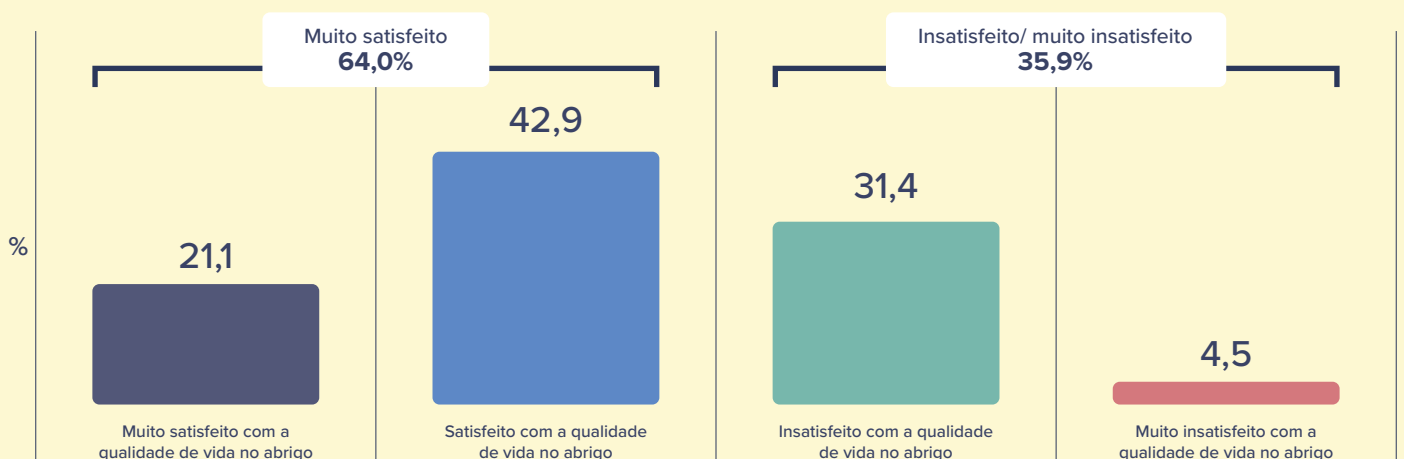


**Avaliação dos abrigos** – Declaram-se satisfeitos com a qualidade de vida no abrigo 64,0% (n=212) dos respondentes – 21,1% (n=70) afirmam estar muito satisfeitos e 42,8%

(n= 142) estão satisfeitos. Afirmam estar insatisfeitos com a qualidade de vida no abrigo 35,9% (n=119) – 31,4% estão insatisfeitos (n=104) e 4,5% muito insatisfeitos (n=15).

**Gráfico 36: Como avalia a sua qualidade de vida aqui neste abrigo?**

n=331



Há maior incidência de satisfação com a qualidade de vida no abrigo na categoria de arranjo familiar “Casal sem filhos” em relação aos demais tipos de arranjo familiar. Há maior frequência de insatisfação com a qualidade de vida no abrigo entre arranjos fa-

miliares biparentais em relação às demais categorias de arranjo familiar. A relação de associação entre as variáveis não é significativa em  $\alpha = 0,05$ , contudo, os resíduos ajustados padronizados são significativos nas células indicadas.

Satisfação com a qualidade de vida no abrigo e Arranjo Familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Satisfeito com a qualidade de vida no abrigo	n	55	67	63	27	212
	%	64,7%	56,8%	66,3%	<b>81,8%</b>	64,0%
Insatisfeito com a qualidade de vida no abrigo	n	30	51	32	6	119
	%	35,3%	<b>43,2%</b>	33,7%	18,2%	36,0%
Total	n	85	118	95	33	331
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 7,461,  $p=0,059$ . Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Avaliação dos abrigos e Gênero** – Há entre homens maior incidência de satisfação com a qualidade de vida nos abri-

gos do que entre mulheres; entre estas, há maior frequência de insatisfação manifesta em relação aos homens.

Satisfação com a qualidade de vida no abrigo e Gênero				
		Masculino	Feminino	Total
Satisfeito com a qualidade de vida no abrigo	n	100	112	212
	%	<b>76,3%</b>	56,3%	64,2%
Insatisfeito com a qualidade de vida no abrigo	n	31	87	118
	%	23,7%	<b>43,7%</b>	35,8%
Total	n	131	199	330
	%	100,0%	100,0%	100,0%

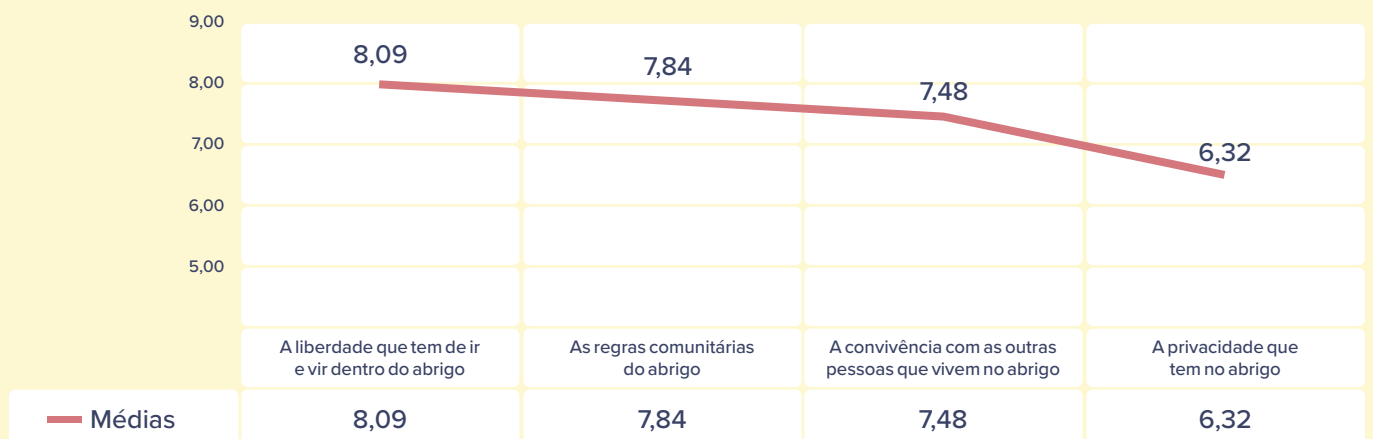
Qui-quadrado: 13,831,  $p=0,000$ . Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Atributos do abrigo** – Entre os quatro atributos avaliados, a privacidade é aquele que recebe a menor nota média na escala ordinal crescente de avaliação com notas de 1 a 10: 6,32. A liberdade de ir e vir é o atributo

mais bem avaliado, com média de 8,09. As regras comunitárias do abrigo recebem nota média de 7,84 e a convivência com as pessoas do abrigo, nota média de 7,48.

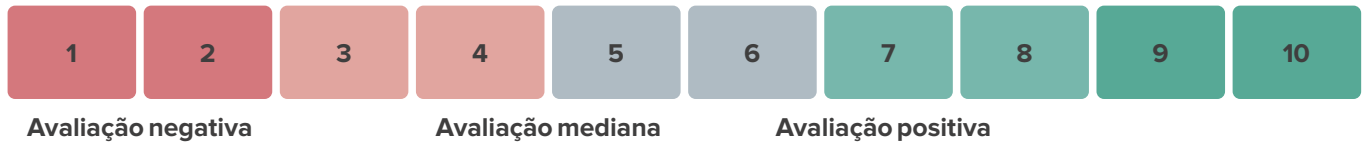
**Gráfico 37: Sobre o abrigo, de 1 a 10, em que 1 é uma nota muito ruim e 10 a melhor e mais alta nota, que nota você dá para...**

n=332



**Atributos dos abrigos: avaliação em escala categórica de cinco pontos** – Enquanto a liberdade de ir e vir e as regras comunitárias do abrigo, recebem, nesta ordem 77,4%

e 72,3% de notas acima de 7; a convivência com as pessoas e a privacidade recebem, nesta ordem, 65,4% e 50,6% de notas acima de 7.



**Gráfico 38: Sobre o abrigo, de 1 a 10, em que 1 é uma nota muito ruim e 10 a melhor e mais alta nota, que nota você dá para... Em categorias**

n=332



	A privacidade que tem no abrigo	A convivência com as pessoas que vivem no abrigo	As regras comunitárias do abrigo	A liberdade que tem de ir e vir dentro do abrigo
■ NS/NR	0,0	0,3	0,6	0,0
■ Notas 1-2 péssimo	17,2	9,0	8,1	5,4
■ Notas 3-4 ruim	12,3	6,6	5,7	5,1
■ Notas 5-6 regular	19,9	18,7	13,3	12,0
■ Notas 7-8 bom	16,3	13,6	16,6	18,4
■ Notas 9-10 ótimo	34,3	51,8	55,7	59,0



Relatório Analítico

**Bloco 3**  
**Trabalho e Renda**

## TRABALHO E RENDA

**Escolaridade e experiência profissional** – É grande a flexibilidade de atuação profissional dos venezuelanos migrantes e refugiados que estão no Brasil: 64,2% (n=213)

têm experiência em mais de uma área de atuação – o que é sugestivo de disposição ao trabalho em mais de um ofício; 29,8% (n=99) declaram ter experiência em apenas um tipo de ocupação ou ofício; 6,0% (n=20) não têm nenhuma experiência prática em qualquer tipo de ofício.

Gráfico 39: Experiência prática em atividades e ofícios

n=332



Dentro da diversidade de formação profissional e experiência prática dos respondentes desta amostra, as atividades e ofícios que mais se repetem são: cozinheiro; pedreiro/mestre de obras/assentador de pedras dentre outras atividades na construção civil; comércio e vendas; professor/educador; costureira (trabalhos em crochê e

em tecidos); cabelereiro, estética, manicure e pedicure; e motorista. Foram citadas outras 53 atividades, que, em decorrência da baixa frequência, foram incluídas na categoria “outros”. Essas atividades incluídas na categoria “outros” estão discriminadas nas tabelas seguintes, por nível de formação: até o Ensino Médio e Superior ou Técnica.

### Experiência prática: primeira citação

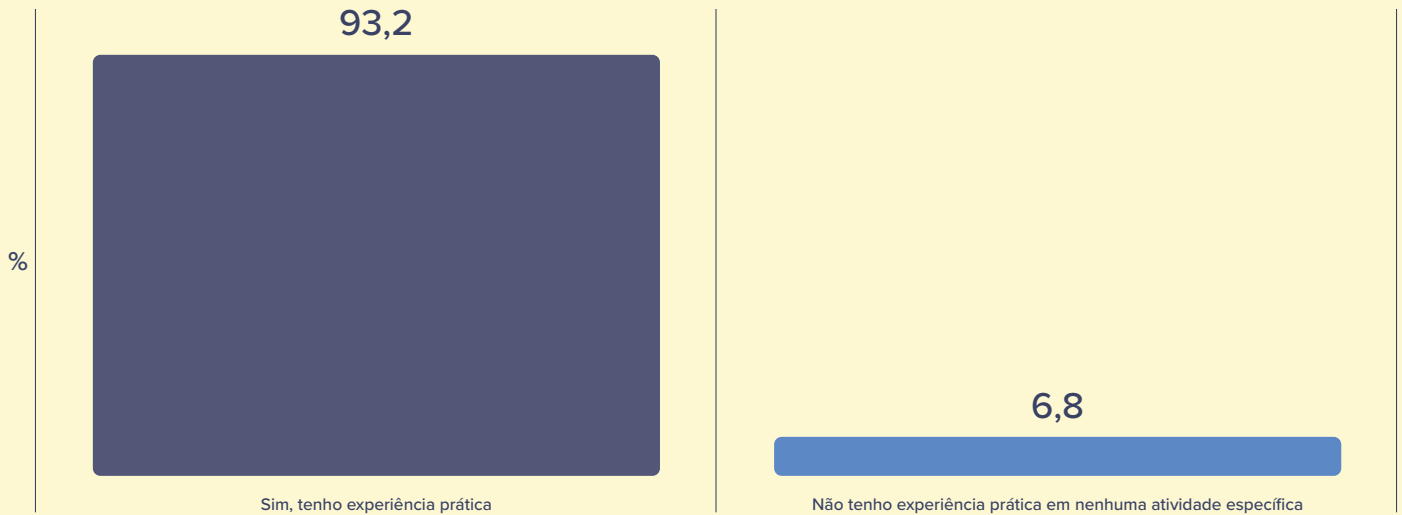
	n	%
Cozinheiro (a)/auxiliar de cozinha	42	13,5
Pedreiro/mestre de obra/assentador de pedras	32	10,3
Comércio, vendas	32	10,3
Limpeza e manutenção	20	6,4
Professor/educador	17	5,4
Costureira/crochê/trabalhos em tecidos	15	4,8
Cabelereiro/estética/manicure/pedicure	14	4,5
Motorista/motorista de caminhão/de máquinas agrícolas	10	3,2
Outros	130	41,7
<b>Total</b>	<b>312</b>	<b>100,0</b>

**Experiência prática entre aqueles com Até Ensino Médio** – Entre aqueles 83,4% (n=278) respondentes da

amostra com escolaridade baixa e média, 93,2% (n=259) informam ter experiência prática em algum tipo de ofício.

**Gráfico 40: Respondentes da amostra com escolaridade até Ensino Médio que têm experiência prática em algum ofício**

n=278

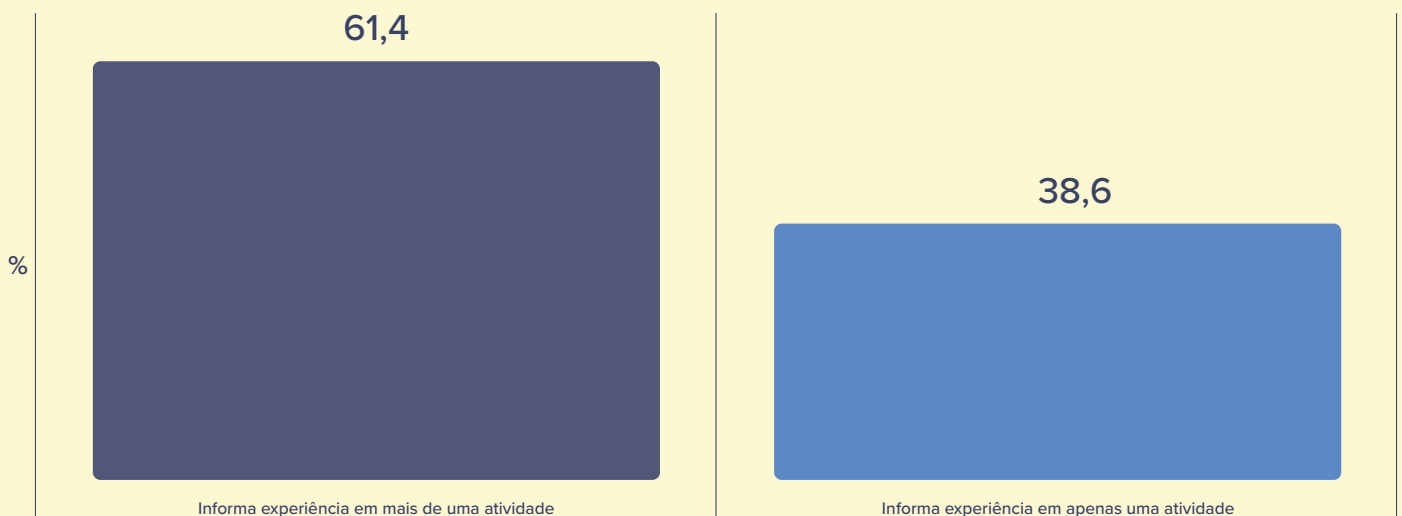


**Escolaridade até Ensino Médio e experiência prática** – Entre aqueles 78% da amostra (n=259) com formação até o Ensino Médio e experiência prática em algum ofício,

61,4% (n=159) indicaram mais de uma atividade ou ofício em que acumulam experiência.

**Gráfico 41: Respondentes da amostra com escolaridade até Ensino Médio que têm experiência prática em mais de um ofício**

n=259





**Escolaridade até Ensino Médio e experiência prática** – Entre aqueles com formação até Ensino Médio, é grande a diversidade de experiência prática em

alguma atividade ou ofício. Em primeira citação – top of mind – a tabela abaixo computa sempre a primeira atividade informada.

Atividade em que tem experiência (primeira citação)		
	n	%
Cozinheiro (a)/auxiliar de cozinha/preparação de alimentos	41	15,8
Pedreiro/mestre de obra/assentador de pedras	32	12,4
Comércio, vendas	31	12,0
Limpeza e manutenção	20	7,7
Cabelereiro/estética/manicure/pedicure	14	5,4
Costureira/crochê/trabalhos em tecidos	14	5,4
Motorista/motorista de caminhão/de máquinas agrícolas	10	3,9
Professor/ensino infantil	8	3,1
Artesanato	7	2,7
Vigia, serviços de vigilância/serviços de segurança	7	2,7
Cuidador (a) de crianças ou idosos	6	2,3
Carpintaria/marcenaria/estofamento	5	1,9
Serviços administrativos/secretariado	5	1,9
Mecânico	5	1,9
Recepcionista/Atendimento ao público	4	1,5
Operador de máquinas/manejo de maquinaria pesada	4	1,5
Padaria/auxiliar de padaria/padeiro	4	1,5
Outros (caixa, metalurgia, mecânico, agricultor, açougue, eletricista, bombeiro, fisioterapia, estilista, serralheiro, frigorífico, peixaria, farmácia, pintor, refrigeração/ar condicionado; contabilidade, enfermeira, despachante, instalações eletrônicas, mineração, publicidade, confeitoiro/bolos)	42	16,2
<b>Total</b>	<b>259</b>	<b>100</b>

**Escolaridade Técnica e Ensino Superior** – Entre aqueles 16,2% (n=54) que informaram ter formação média técnica, superior técnica ou formação universitária, magistério (17,0%, n=9) é a mais citada, seguida de administração de empresas, recursos humanos (9,5%, n=5) e analistas de sistemas, informática (9,4%, n=5). São áreas de formação direito (5,7%, n=3); relações industriais e higiene industrial (5,7%, n=3); agroindústria (3,8%, n=2); artes plásticas (3,8%, n=2); ciências/ciências militares (3,8%, n=2); construção

civil (3,8%, n=2); contabilidade (3,8%, n=2); eletricidade/eletricista (3,8%, n=2); técnica em mecânica (3,8%, n=2).

Um dos respondentes<sup>23</sup> não informou a sua área de formação. São áreas com uma citação: bombeiro hidráulico, desenho gráfico, engenharia de petróleo, entomologia, gestão social, hotelaria e turismo; idiomas; mecânica de aviões; primeiros socorros; saúde pública; agropecuária; técnico em esterilização; rádio; e técnico em controle de qualidade.

23 – Este respondente declarou ter experiência prática em hotelaria, mas não informou a área de educação formal.



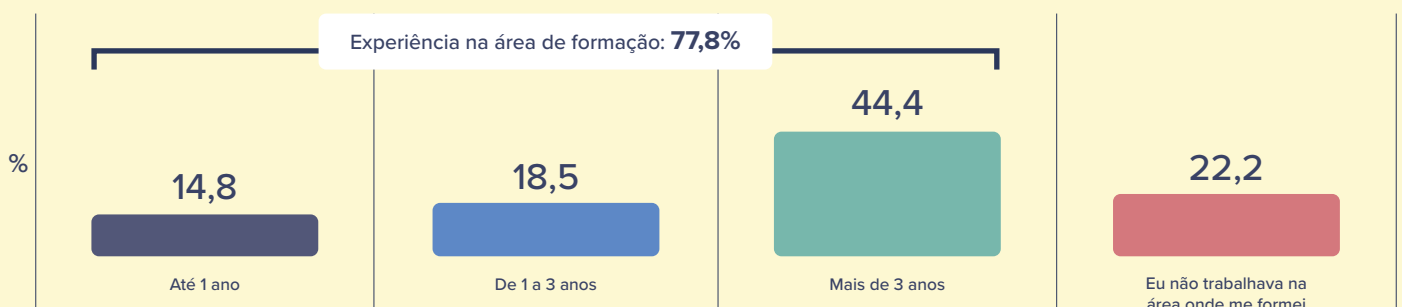
Atividades com formação profissional ou técnica superior		
	n	%
Educadora/professora/magistério	9	17,0
Administração de empresas, de fronteiras, de Recursos Humanos	5	9,4
Sistemas (análise e desenho)/informática	5	9,4
Direito	3	5,7
Relações industriais/Segurança e Higiene Industrial	3	5,7
Agroindústria	2	3,8
Artes Plásticas	2	3,8
Ciências Militares	2	3,8
Construção Civil	2	3,8
Contabilidade	2	3,8
Eletricidade/eletricista	2	3,8
Técnico em mecânica	2	3,8
Bombeiro hidráulico	1	1,9
Desenho Gráfico	1	1,9
Engenharia de Petróleo	1	1,9
Entomologia	1	1,9
Gestão Social	1	1,9
Hotelaria e Turismo	1	1,9
Idiomas	1	1,9
Mecânica de aviões	1	1,9
Primeiros socorros	1	1,9
Saúde pública	1	1,9
Agropecuária	1	1,9
Técnico em esterilização	1	1,9
Rádio	1	1,9
Técnico em controle de qualidade	1	1,9
Total	53	100,0
Mising (s/informação)	1	

**Escolaridade Técnica e Ensino Superior** – Entre aqueles 16,2% (n=54) dos respondentes da amostra que informaram ter formação técnica e formação universitária,

77,8% (n=42) têm experiência na área de sua educação formal; 22,2%(n=12) não trabalharam na área em que se formaram.

**Gráfico 42: Escolaridade técnica e escolaridade universitária segundo a sua experiência na atividade de formação**

n=54



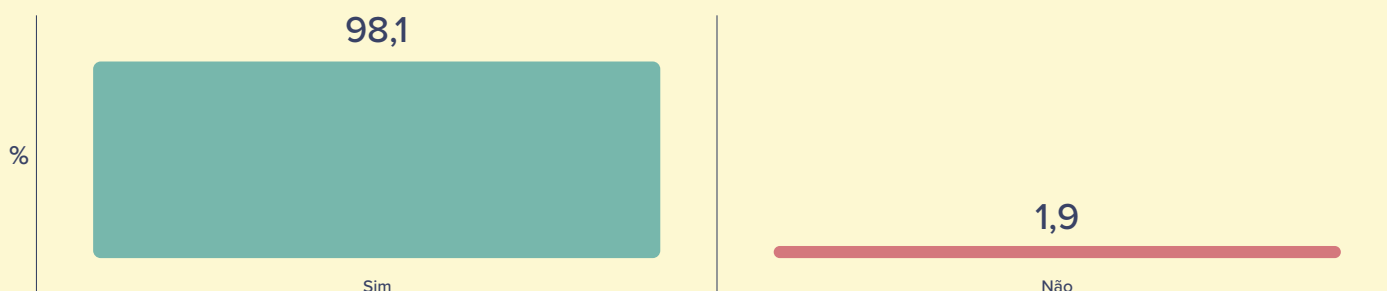
Quase a totalidade daqueles 16,2% (n=54) que informaram ter formação média técnica, superior técnica ou formação

universitária, 98,1% (n=53) afirmam ter tido experiência ou ter trabalhado em alguma outra área diferente de sua formação.

**Gráfico 43: Escolaridade técnica e escolaridade universitária segundo a sua experiência na atividade de formação**

n=54

Tem experiência em área diferente de sua formação?



**Escolaridade Técnica e Ensino Superior** – Considerando a totalidade daqueles com formação média ou superior técnica e educação universitária, 57,4% (n=31) exerceram uma única ati-

vidade fora de sua área de formação; 40,7% (n=22), exerceram mais de uma atividade fora de sua área de formação; 1,9 (n=1) não atuou em nenhuma área fora de seu campo de formação.

**Gráfico 44: Escolaridade técnica e escolaridade universitária segundo as áreas em que tem experiência**

n=54



Assim como aqueles com formação apenas até o Ensino Médio – e sem formação técnica – entre aqueles com formação superior ou técnica as atividades relacionadas à gas-

tronomia – cozinheiro (a), auxiliar de cozinha, preparação de alimentos – são as mais citadas (11,3%, n=6) sendo a alternativa mais frequente fora do próprio campo de formação.

**Educação técnica e educação superior: áreas distintas da formação educacional em que já trabalhou**

	n	%
Cozinha, auxiliar de cozinha, preparação de alimentos	6	11,3
Motorista	5	9,4
Agricultura, agropecuária	3	5,7
Construção civil	3	5,7
Atendimento ao cliente, recepcionista, vendas	3	5,7

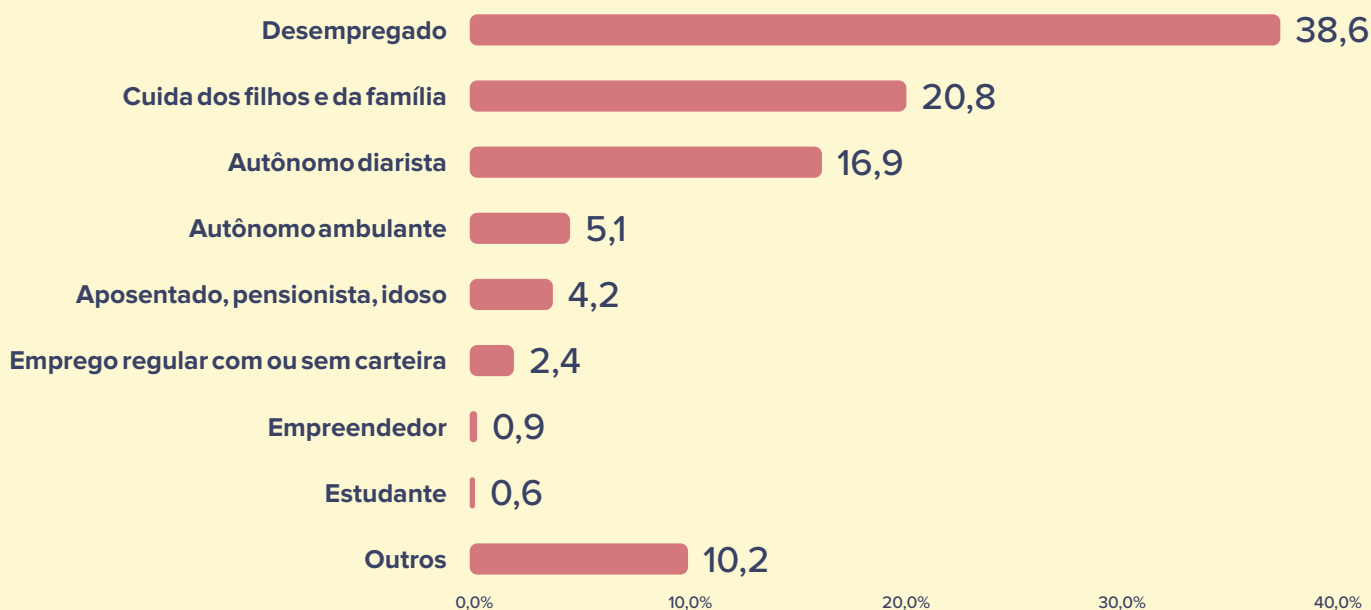
Educação técnica e educação superior: áreas distintas da formação educacional em que já trabalhou		
Comércio, comércio informal	3	5,7
Educação, professor, pré-escola (auxiliar), professora de crianças especiais	3	5,7
Caixa	2	3,8
Exército Venezuelano	2	3,8
Segurança	2	3,8
Outros: Administração, confeitaria – bolos, cabelereira, costura, dona de casa, embalagem de alimentos, empreendedor (negócio próprio), farmacêutico, frigoríficos, funcionário público, petróleo (perfuração de plataformas), hotelaria, maquiagem, maquinaria pesada, mecânico industrial, mineração de ouro, panificação, paramédico, pintura, professora de academia esportiva, supermercados	21	39,6
<b>Total</b>	<b>53</b>	<b>100,0</b>

**Situação Ocupacional dos respondentes** – O desemprego, o trabalho precário e a subocupação por insuficiência de horas são características marcantes da situação ocupacional da população adulta de refugiados e migrantes venezuelanos abrigados nos cinco centros de acolhimento temporário em Boa Vista. Informam estar desempregados<sup>24</sup> 38,6% (n=74) dos respondentes. São trabalhadores autônomos, como diaristas, seja em atividades diferentes, seja prestando o mesmo tipo de serviço para mais de uma pessoa 16,9% (n=56). Trabalham como ambulantes nas ruas, vendendo produtos ou serviços 5,1% (n=17) dos

respondentes. Têm emprego regular, principalmente sem carteira assinada<sup>25</sup> 2,4% (n=8). Integram a força de trabalho não potencial (porque não estão disponíveis para trabalhar e não procuram emprego) 20,8% (n=69) de donas de casa, que cuidam dos filhos ou pessoas doentes na família; 4,2% (n=14) de pessoas aposentadas ou idosas que aguardam a aposentadoria; e estudantes<sup>26</sup> 0,9% (n=2). Informam situações categorizadas como “outras” 10,2% (n=34) que se referem principalmente a problemas de saúde que classificam a pessoa como na força de trabalho não potencial.

**Gráfico 45: Situação ocupacional do respondente no Brasil**

n=332



24 — Incluem-se nesta classificação desocupados e pessoas na força de trabalho potencial: pessoas desocupadas que estão na força de trabalho (querem, podem e procuram emprego ou trabalho) e pessoas da força de trabalho potencial (querem e podem trabalhar, mas não procuraram no mês de referência da pesquisa seja por desalento ou por outras razões). Participam da força de trabalho as pessoas que têm idade para trabalhar (14 anos ou mais) e que estão trabalhando ou procurando trabalho (ocupadas e desocupadas); IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

25 — Há entre respondentes da amostra uma única pessoa com carteira assinada.

26 — Um dos respondentes que informa ser estudante tem 64 anos.

**Ramo de atividade** – A força de trabalho de venezuelanos refugiados e migrantes em Boa Vista, neste momento, é sobretudo como autônomos diaristas, alguns deles prestando serviços em mais de um setor. A construção civil (36,8%, n=32) é o segmento em que houve mais incidência de citações; seguido de serviços domésticos, em casas de terceiros (11,5%, n=10) e serviços de limpeza e manutenção prestados em empresas (7%, n=8). Há aqueles que estão prestando serviços em estabelecimentos

comerciais de venda a varejo ou atacado (6%, n=7); e no setor de hotelaria e alimentação (5%, n=6); 4% (n=5) citam a indústria. 17,9% indicam serviços autônomos de conserto de ar refrigerado, geladeiras e outros equipamentos (3,4%, n=3); em atividades ligadas à beleza, como cabeleireiro e manicure (3,4%, n=3); e sexo para sobrevivência (2,3%, n=2). Artesão, carpintaria, costureira, ferreiro, panificação, frigorífico, palestras e trabalhos numa fazenda foram também citados uma vez cada.

#### Qual é o ramo da atividade econômica que exerce neste momento? Respostas múltiplas

	n	%
Construção Civil	32	36,8
Serviços domésticos prestados em casas de família	10	11,5
Serviços de limpeza e manutenção prestados em empresas	7	8
Vendedor ambulante	7	8
Serviços prestados em estabelecimentos comerciais e de venda a varejo e atacado	6	7
Serviços prestados em estabelecimentos de alimentação e hotéis (restaurantes, hotéis, pousadas e similares)	5	6
Indústria	4	5
Autônomo: conserto de ar refrigerado, geladeiras e outros equipamentos	3	3,4
Autônomo: Beleza: cabelo, unhas	3	3,4
Sexo para sobrevivência	2	2,3
Autônomo: Artesão	1	1,1
Autônomo: Carpintaria	1	1,1
Autônomo: Costureira	1	1,1
Fazenda - Agropecuária	1	1,1
Autônomo: Ferreiro, soldadura	1	1,1
Panificação	1	1,1
Frigorífico	1	1,1
Palestras	1	1,1
<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>100,2</b>

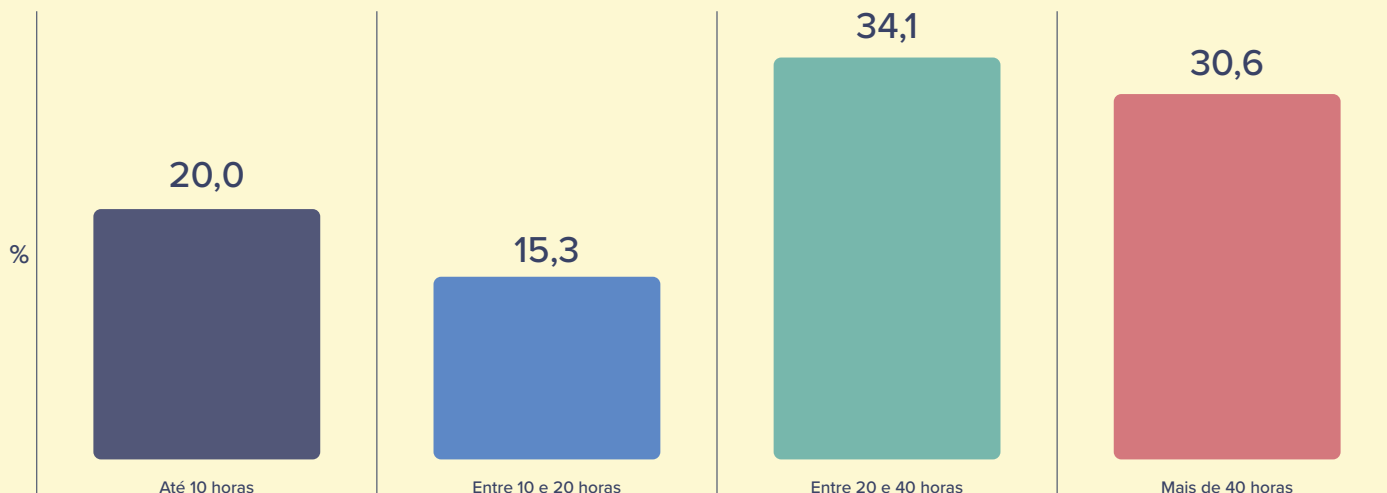
**Horas trabalhadas** – Entre os respondentes que integram a força de trabalho ocupada deste levantamento de pesquisa – são 85 pessoas que representam 25,6% do total da amostra - 20% (n=17) trabalham em média até 10 horas por semana; 15,3% (n=13) trabalham entre 10 e 20 horas; 34,1% (n=29) entre 20 e 40 horas; e 30,6% (n=26) mais de 40 horas na semana.

É assim que a força de trabalho ocupada de refugiados e migrantes venezuelanos nos centros de acolhimento em Boa Vista, além de estar na informalidade e integrar apenas um quarto de seu contingente, também se constitui, em grande medida, em força de trabalho subutilizada<sup>27</sup>.

27 – A subutilização da Força de trabalho (labour underutilization) é um conceito relacionado ao monitoramento do mercado de trabalho. Além da desocupação (unemployment), da força de trabalho ocupada (employment) e da força de trabalho potencial, há a subutilização da força de trabalho: são as pessoas que, na semana de referência, trabalhavam habitualmente menos de 40 horas no seu único trabalho ou no conjunto de todos os seus trabalhos, gostariam de trabalhar mais horas e estavam disponíveis para trabalhar mais horas no período de 30 dias, contados a partir do primeiro dia da semana de referência. As pessoas nessa situação são consideradas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas.

**Gráfico 46: Normalmente, quantas horas por semana em média você está trabalhando no Brasil?**

n=95



Enquanto pessoas com emprego regular tendem a trabalhar mais de 40 horas por semana; autônomos diaristas e

autônomos ambulantes trabalham respectivamente entre 20 e 40 e até 10 horas por semana.

**Horas trabalhadas na semana e Situação Ocupacional**

		Emprego regular	Autônomo diarista	Autônomo ambulante	Empreendedor	Outro	Total
Até 10 horas	n	1	9	6	0	1	17
	%	12,5%	16,1%	<b>35,3%</b>	0,0%	100,0%	20,0%
Entre 10 e 20 horas	n	0	8	4	1	0	13
	%	0,0%	14,3%	23,5%	33,3%	0,0%	15,3%
Entre 20 e 40 horas	n	3	23	2	1	0	29
	%	37,5%	<b>41,1%</b>	11,8%	33,3%	0,0%	34,1%
Mais de 40 horas	n	4	16	5	1	0	26
	%	<b>50,0%</b>	28,6%	29,4%	33,3%	0,0%	30,6%
Total	n	<b>8</b>	<b>56</b>	<b>17</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>85</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 14,284, p=0,283. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ . Mas as células marcadas têm resíduos padronizados significantes.

Integram no Brasil a **força de trabalho ocupada** aqueles respondentes que, no mês de referência desta pesquisa, estavam trabalhando (força ocupada) – seja em emprego regular, como autônomos diaristas, como autônomos ambulantes ou como empreendedores; e também as pessoas que estão desempregadas, mas procurando se inserir no mercado do trabalho. Em dezembro de 2020, a força de trabalho representou 25,6% (n=85) dos refugiados e migrantes respondentes dos abrigos em estudo. Desocupados, pessoas na força de trabalho potencial e pessoas fora da força de trabalho somaram 74,4% (n=247) dos respondentes. Contudo, a força de trabalho ocupada

e com potencial para ser integrada ao mercado (ocupados, desempregados e desalentados), era de 64,2% (n=213) na data de referência.

São pessoas fora da força de trabalho, aqueles desempregados desalentados – que não procuraram emprego no mês de referência por razões diversas, mas que desejam e estão disponíveis para trabalhar: constituem a **força de trabalho potencial**. Já as pessoas que estão fora da força de trabalho em ocupações como – donas de casa ou só estudantes – além de idosos, que não querem, não podem e não procuram emprego, integram a **força de trabalho não potencial**.

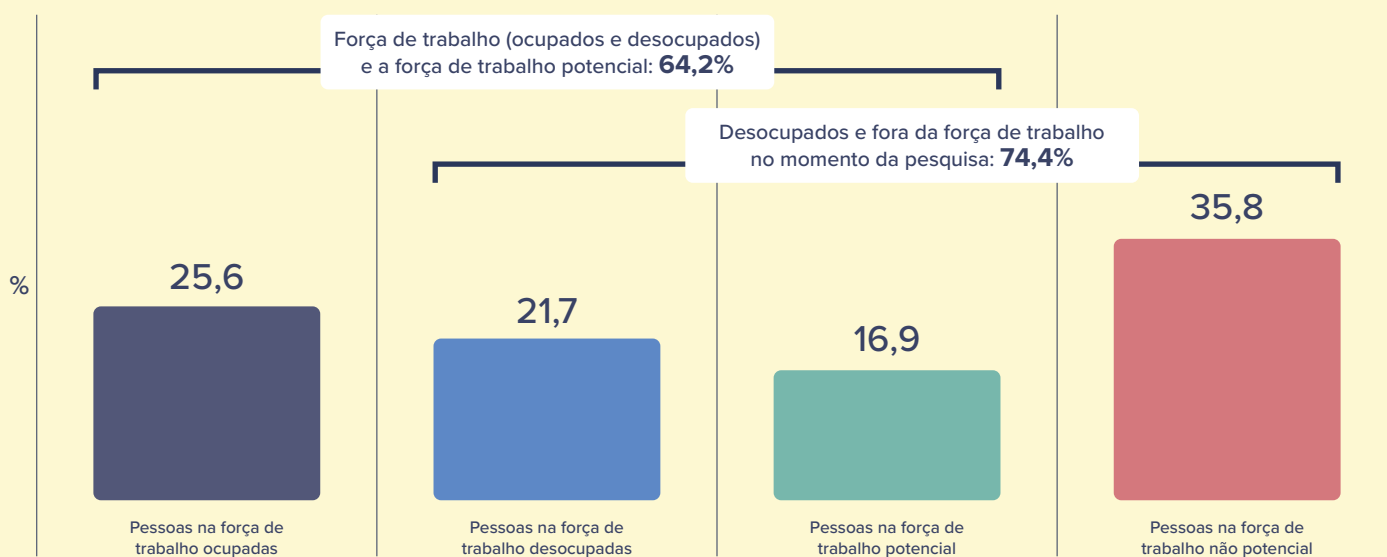
As pessoas na força de trabalho ocupadas desta amostra representam 25,6% (n=85). Já as pessoas na força de trabalho desocupada – que estavam desempregadas e procurando se inserir no mercado – representam 21,7% (n=72). Aqueles desempregados que não procuraram emprego no mês que antecedeu esta pesquisa, - por motivos diversos –

são consideradas fora da força de trabalho, **mas integram a força de trabalho potencial**: são 16,9% (n=56). Donas de casa, estudantes, idosos, pessoas com problemas de saúde que os incapacita, que não estão disponíveis para o mercado, estão fora da força de trabalho e integram o grupo da **força de trabalho não potencial**: 35,8% (n=119).

**Gráfico 47: Mercado de trabalho – pessoas na força de trabalho ocupadas e desocupadas – e pessoas fora da força de trabalho**

n=95

Ocupados, desocupados, desalentados e força de trabalho não potencial



**Força de trabalho** – As pessoas que integram o grupo da força do trabalho não potencial ficam mais tempo no abrigo do que pessoas que estão na força de trabalho potencial (que tendem a investir mais na interiorização e se

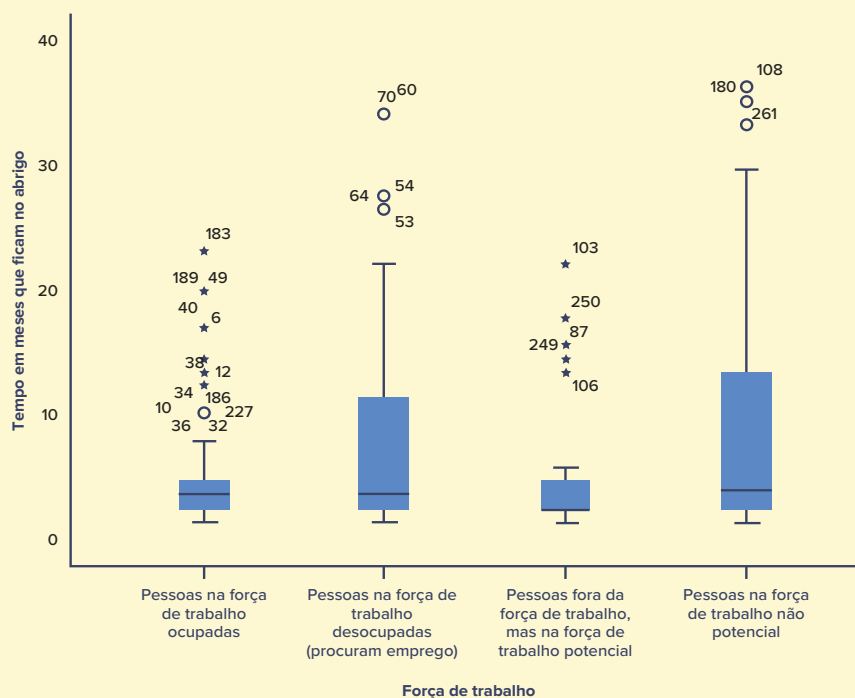
enquadram nesta categoria enquanto aguardam a oportunidade para se mudar). As pessoas na força de trabalho não potencial também ficam mais tempo do que aquelas que estão na força de trabalho ocupada.

**Tempo médio de permanência no abrigo e categorias da Força de Trabalho**

Intervalo de confiança 95%

	n	Média (meses)	Limite inferior	Limite superior
Pessoas na força de trabalho ocupadas	85	4,64	3,62	5,65
Pessoas na força de trabalho desocupadas (procuram emprego)	71	6,34	4,57	8,10
Pessoas fora da força de trabalho, mas na força de trabalho potencial	56	3,57	2,53	4,61
Pessoas na força de trabalho não potencial	119	<b>7,41</b>	6,02	8,81
<b>Total</b>	<b>331</b>	<b>5,82</b>	<b>5,11</b>	<b>6,53</b>

**Gráfico 48: Boxplot com a representação do tempo de permanência no abrigo segundo a classificação na Força de Trabalho**



**Força de trabalho e número de pessoas com rendimentos no arranjo familiar** – Há maior incidência de respondentes que estão na força de trabalho não potencial em arranjos familiares sem nenhum rendimento de trabalho do que a média da amostra, o que torna este grupo ainda mais vulnerável. Entre aqueles que são do grupo força de trabalho não potencial 64,7% (n=77) estão em arranjos familiares sem nenhum rendimento neste momento

e 35,3% (n=42) estão em arranjos familiares com uma pessoa com rendimentos. Também no grupo de força de trabalho potencial e no grupo de força de trabalho desocupada – portanto em ambos os respondentes não estão trabalhando neste momento – há, respectivamente, 60,7% (n=34) e 59,7% (n=43) em arranjos familiares sem nenhuma pessoa com algum tipo de rendimento de trabalho.

**Número de pessoas do arranjo familiar com rendimentos do trabalho por Força de trabalho**

		Força de trabalho ocupadas	Força de trabalho desocupada	Força de trabalho potencial	Força de trabalho não potencial	Total
Sem nenhuma pessoa com rendimentos de trabalho	n	0	43	34	77	154
	%	0,0%	<b>59,7%</b>	<b>60,7%</b>	<b>64,7%</b>	46,4%
1	n	73	23	20	42	158
	%	<b>85,9%</b>	31,9%	35,7%	35,3%	47,6%
2	n	11	6	2	0	19
	%	<b>12,9%</b>	8,3%	3,6%	0,0%	5,7%
4	n	1	0	0	0	1
	%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	,3%
Total	n	<b>85</b>	<b>72</b>	<b>56</b>	<b>119</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 89,792, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho e arranjo familiar** – Há no grupo da força de trabalho não potencial (ou seja pessoas que não estão disponíveis para trabalhar) maior presença de arranjos monoparentais em relação

aos demais arranjos familiares. Pessoas na força de trabalho ocupadas são proporcionalmente mais presentes no arranjo de casal sem filhos em relação aos demais.

Força de trabalho por Arranjo familiar						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	14	34	26	11	85
	%	15,9%	28,6%	27,4%	<b>36,7%</b>	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas	n	14	29	26	3	72
	%	15,9%	24,4%	27,4%	10,0%	21,7%
Pessoas na força de trabalho potencial	n	13	21	16	6	56
	%	14,8%	17,6%	16,8%	20,0%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	47	35	27	10	119
	%	<b>53,4%</b>	29,4%	28,4%	33,3%	35,8%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 21,150, p=0,012. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha=0,05$ .

**Força de trabalho e gênero** – Há maior presença de homens do que de mulheres no grupo de pessoas na força de trabalho ocupada. Há maior proporção de

mulheres no grupo de pessoas na força de trabalho não potencial (fora da força de trabalho) em relação aos homens.

Força de trabalho e Gênero				
		Mulher	Masculino	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	31	54	85
	%	15,5%	<b>41,2%</b>	25,7%
Pessoas na força de trabalho desocupadas	n	42	29	71
	%	21,0%	22,1%	21,5%
Pessoas na força de trabalho potencial	n	33	23	56
	%	16,5%	17,6%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	94	25	119
	%	<b>47,0%</b>	19,1%	36,0%
Total	n	<b>200</b>	<b>131</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 37,650, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha=0,05$ .



**Força de trabalho e Faixas etárias** – Não há relação de associação entre a força de trabalho e as categorias etárias, exceção à categoria de mais de 65 anos, que

apresenta maior incidência de pessoas na força de trabalho não potencial (resíduo ajustado é  $> 1,956$ ) do que nas faixas etárias inferiores a 59 anos.

Força de trabalho por Faixas etárias							
		Até 24 anos	De 25 a 49 anos	De 50 a 59 anos	De 60 a 65 anos	Mais de 65 anos	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	15	52	13	3	2	85
	%	26,3%	26,0%	28,9%	23,1%	11,8%	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas	n	9	46	14	1	2	72
	%	15,8%	23,0%	31,1%	7,7%	11,8%	21,7%
Pessoas na força de trabalho potencial	n	11	33	9	2	1	56
	%	19,3%	16,5%	20,0%	15,4%	5,9%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	22	69	9	7	12	119
	%	38,6%	34,5%	20,0%	53,8%	<b>70,6%</b>	35,8%
Total	n	<b>57</b>	<b>200</b>	<b>45</b>	<b>13</b>	<b>17</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 18,363,  $p=0,105$ . Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho e Escolaridade** – Na escolaridade até o Fundamental há maior presença de pessoas no grupo da força de trabalho ocupada em relação às pessoas com escolaridade até o Ensino Médio e Escolaridade

Superior ou Técnica. A precariedade do tipo de trabalho o qual permite a inserção dessa população é hipótese para explicar essa relação de maior presença da escolaridade até o Fundamental na força de trabalho ocupada.

Força de trabalho e Escolaridade					
		Até Fundamental	Ensino Médio	Superior ou técnico	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	45	26	14	85
	%	30,4%	20,0%	25,9%	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas	n	22	35	15	72
	%	14,9%	26,9%	27,8%	21,7%
Pessoas na força de trabalho potencial	n	26	18	12	56
	%	17,6%	13,8%	22,2%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	55	51	13	119
	%	37,2%	39,2%	24,1%	35,8%
Total	n	<b>148</b>	<b>130</b>	<b>54</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 12,912,  $p=0,04$ . Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho e experiência** – Há maior tendência de empregabilidade entre pessoas com experiência em mais de uma ocupação em relação aos grupos que não têm experiência alguma ou que têm experiência em uma só ocu-

pação. Pessoas na força de trabalho não potencial estão mais presentes no grupo sem “nenhuma experiência” de trabalho e com “experiência em uma ocupação” em relação àqueles que têm experiência em mais de uma ocupação.

Força de trabalho e Experiência de trabalho					
		Nenhuma experiência	Experiência em uma ocupação	Experiência em mais de uma ocupação	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	1	22	62	85
	%	5,0%	22,0%	<b>29,2%</b>	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas (procuram emprego)	n	5	21	46	72
	%	25,0%	21,0%	21,7%	21,7%
Pessoas fora da força de trabalho, mas na força de trabalho potencial	n	3	11	42	56
	%	15,0%	11,0%	<b>19,8%</b>	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	11	46	62	119
	%	<b>55,0%</b>	<b>46,0%</b>	29,2%	35,8%
Total	n	<b>20</b>	<b>100</b>	<b>212</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 15,717, p=0,015. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho e interiorização** – Na força de trabalho não potencial há maior presença de pessoas que não estão propensas à adesão ao programa de interiorização.

Já na força de trabalho potencial tende a ser maior a presença daqueles que aderem à interiorização em relação àqueles que preferem ficar próximos à fronteira.

Força de trabalho e Interiorização				
		Gostaria muito de permanecer no Brasil, desde que próximo à fronteira, continuando as minhas relações com a Venezuela	Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	22	63	85
	%	24,2%	26,1%	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas (procuram emprego)	n	16	56	72
	%	17,6%	23,2%	21,7%
Pessoas fora da força de trabalho, mas na força de trabalho potencial	n	8	48	56
	%	8,8%	<b>19,9%</b>	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	45	74	119
	%	<b>49,5%</b>	30,7%	35,8%
Total	n	<b>91</b>	<b>241</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 12,397, p=0,006. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho e Planejamento para a autossuficiência** – Pessoas na força de trabalho não potencial estão mais presentes no grupo daqueles que não

projetam a autossuficiência em relação ao grupo que calcula e planeja a sua autonomia em relação ao abrigo.

Força de trabalho por Planejamento para a autossuficiência				
		Já projetou a saída do abrigo	Não projetou a saída do abrigo	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	57	28	85
	%	28,9%	20,7%	25,6%
Pessoas na força de trabalho desocupadas (procuram emprego)	n	50	22	72
	%	<b>25,4%</b>	16,3%	21,7%
Pessoas fora da força de trabalho, mas na força de trabalho potencial	n	28	28	56
	%	14,2%	20,7%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	62	57	119
	%	31,5%	<b>42,2%</b>	35,8%
Total	n	197	135	332
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 9,755, p=0,021. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Força de trabalho e Proficiência em Língua Portuguesa** – Há maior presença de pessoas na força de trabalho não potencial com baixa proficiência em Língua Portuguesa em relação ao grupo que têm alta proficiência em

Língua Portuguesa. Já entre pessoas na força de trabalho potencial é proporcionalmente maior a presença de pessoas com alta proficiência em português em relação ao grupo de baixa proficiência em português.

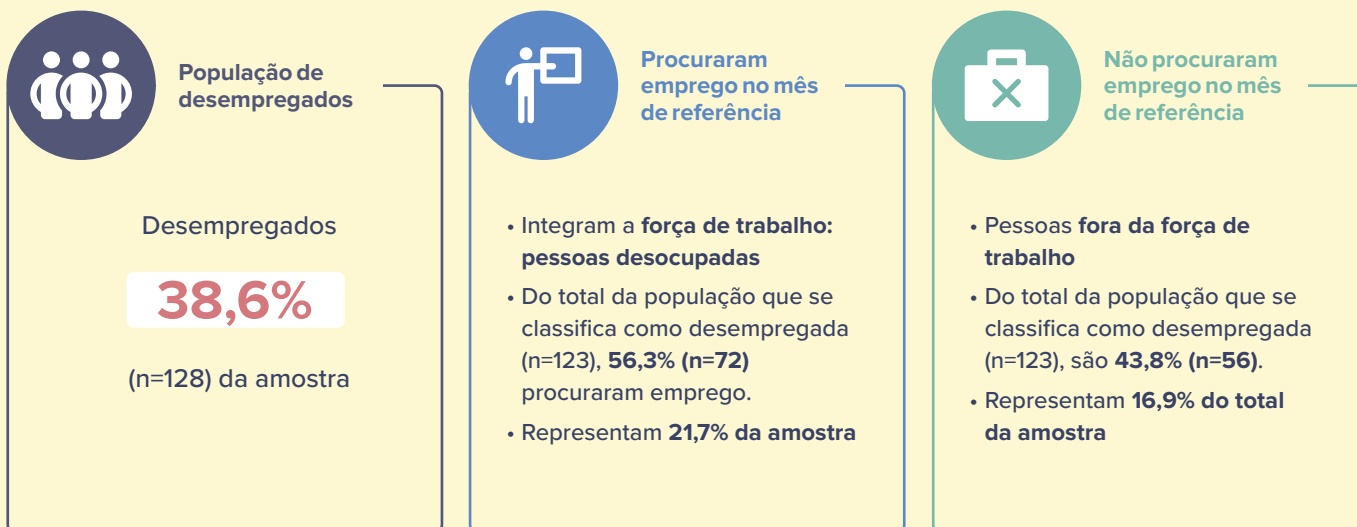
Força de trabalho e Proficiência em Língua Portuguesa				
		Baixa Proficiência	Alta Proficiência	Total
Pessoas na força de trabalho ocupadas	n	43	41	84
	%	22,2%	29,9%	25,4%
Pessoas na força de trabalho desocupadas (procuram emprego)	n	35	37	72
	%	18,0%	<b>27,0%</b>	21,8%
Pessoas fora da força de trabalho, mas na força de trabalho potencial	n	36	20	56
	%	18,6%	14,6%	16,9%
Pessoas na força de trabalho não potencial	n	80	39	119
	%	<b>41,2%</b>	28,5%	36,0%
Total	n	194	137	331
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 9,260, p=0,026. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Desemprego** – Entre as 38,6% (n=128) pessoas que informaram estar desempregadas, 56,3% (n=72) procuraram emprego no mês que antecedeu este levantamento de campo. São classificados no grupo **pessoas que integram a força de trabalho e estão desocupadas**. Representam 21,7% (n=72) do conjunto da amostra (n=332).

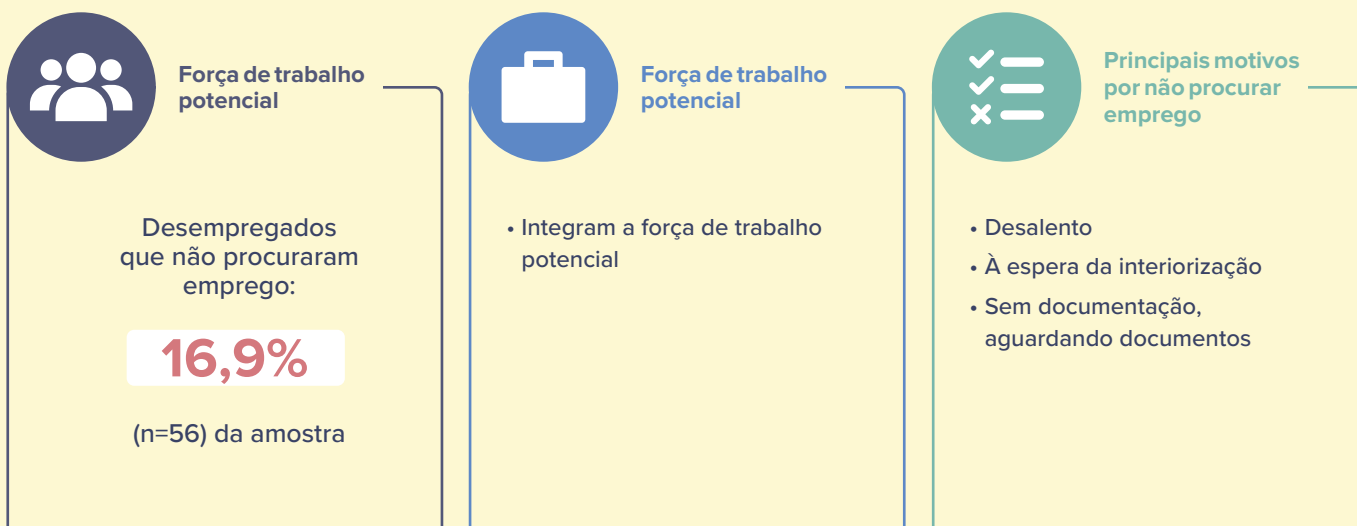
Não procuraram emprego ou trabalho nos últimos

30 dias que antecederam este levantamento de campo 43,8% (n=56) dos desempregados. É um grupo que representa 16,9% (n=56) da amostra total (n=332) de refugiados e migrantes desta pesquisa e que, no momento do levantamento de campo, ao não ter, no mês de referência procurado se inserir no mercado por uma série de motivos, não integra o que se denomina “pessoas na força de trabalho”.



Entre as pessoas que não procuraram emprego, os motivos informados são diversos. Entende-se que essas pessoas, embora estejam fora da força de trabalho no mês de referência, integram a **força**

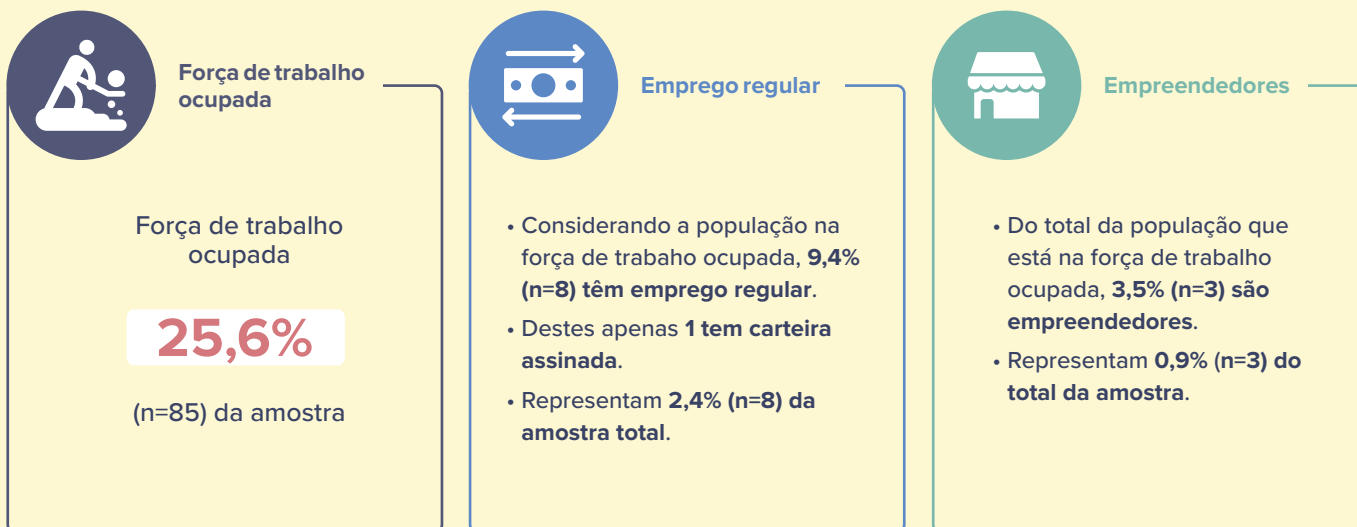
**de trabalho potencial:** não procuraram emprego no mês de referência por exemplo por desalento, embora estejam disponíveis para trabalhar (ou gostariam de fazê-lo)



**Precariedade do trabalho** – É grande a precariedade e a vulnerabilidade das condições de trabalho da força de pessoas ocupadas que integram o universo desta pesquisa. Entre aqueles 2,4% (n=8) da amostra que informaram ter emprego regular; há um único caso que tem a carteira regularmente assinada; os outros sete indivíduos – por-

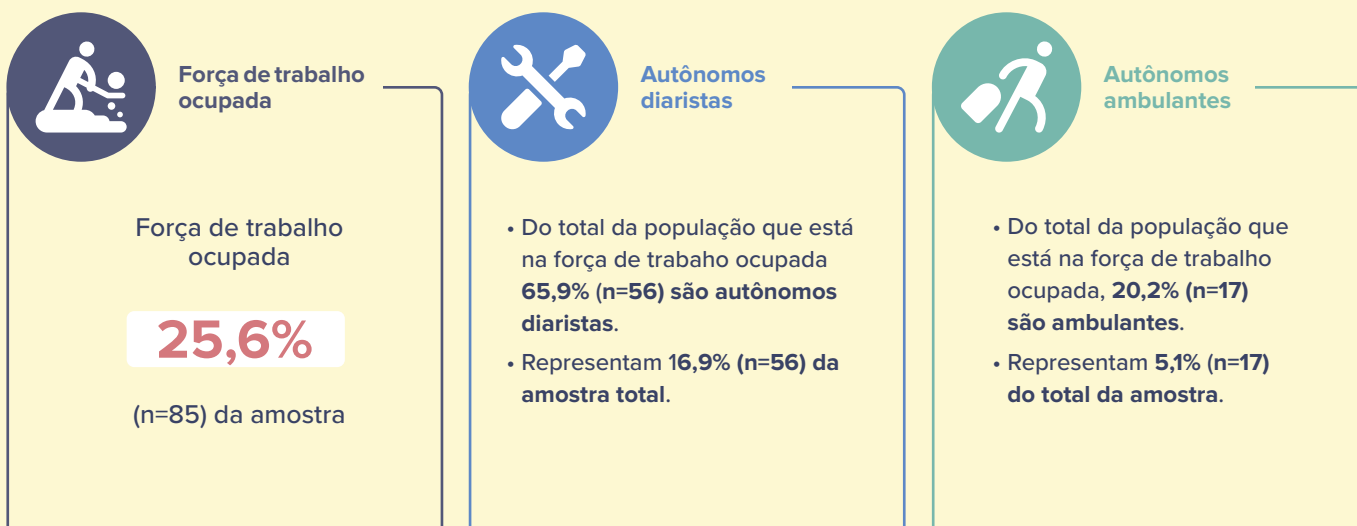
tanto 87,5% daqueles que têm emprego regular – embora informem regularidade semanal de cinco (n=2), seis (n=3) e até sete dias (n=2) na semana, estão na informalidade.

Há na força de trabalho ocupada 3 casos de empreendedores (0,9% do total da amostra; 3,5% da força de trabalho ocupada).



Os autônomos diaristas são a categoria de maior peso entre as pessoas que estão na força de trabalho: são 65,9% (n=56). Representam 16,9% (n=56) da amostra total (n=332). Os autônomos ambulantes –que vendem uten-

sílios, alimentos, prestam serviços nas ruas, ou mesmo ganham pedindo dinheiro) são 20,2% (n=17) das pessoas que estão na força de trabalho. Representam 5,1% (n=17) da amostra total.

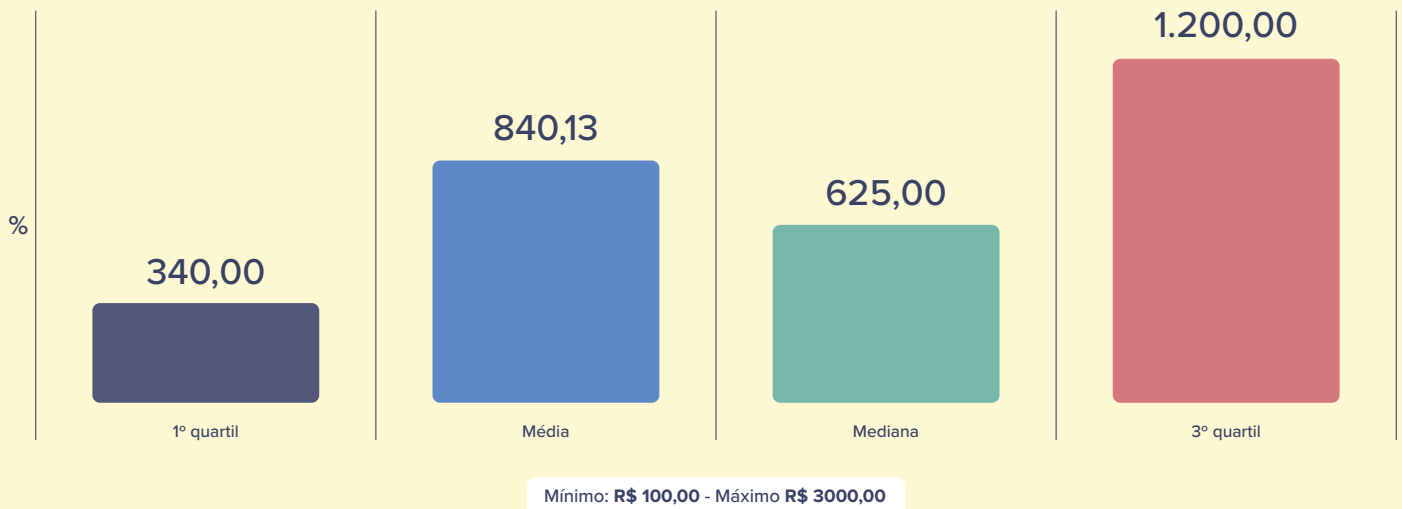


**Rendimento do trabalho (respondente) – A força de trabalho ocupada** desta pesquisa ganha, em média, R\$ 840,13 ao mês. No primeiro quartil da distribuição, onde estão aqueles com os rendimentos mais baixos, os rendimentos são de R\$ 100,00 (valor mínimo) até R\$ 340,00 (1º quartil). A mediana

da distribuição é R\$ 625,00, o que significa dizer que ordenados de modo crescente, metade dos respondentes ganham com o seu trabalho até R\$ 625,00. Aqueles 25% que têm os rendimentos mais altos, ganham de R\$ 1.200,00 (3º quartil) até R\$ 3.000,00 (valor máximo da distribuição).

**Gráfico 49: Quanto aproximadamente você ganha por mês no Brasil com o seu trabalho? (não se incluem neste cálculo eventuais benefícios do governo, apenas rendimento com trabalho)**

n=80



Em média, aqueles que trabalham até 10 horas por semana, ganham R\$ 561,54 ao mês. E aqueles que trabalham entre 10 e 20 horas ganham em média R\$ 476,67. Aqueles que trabalham entre 20 e 40 horas por semana ganham,

em média R\$ 735,71 por mês. Não há diferença estatística entre as três médias (os intervalos de confiança são coincidentes). As pessoas que trabalham mais de 40 horas por semana recebem, em média R\$ 1.263,08 ao mês.

#### Média de rendimentos segundo as categorias em horas trabalhadas na semana de referência

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Até 10 horas	13	561,54	420,889	307,20	815,88
Entre 10 e 20 horas	12	476,67	244,181	321,52	631,81
Entre 20 e 40 horas	28	735,71	445,940	562,80	908,63
Mais de 40 horas	26	1263,08	762,788	954,98	1571,17
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>841,27</b>	<b>622,726</b>	<b>701,78</b>	<b>980,75</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

Na tabela abaixo, estão os rendimentos discriminados segundo a área de atividade.

#### Média de rendimentos em diferentes áreas

	n	Média em (R\$)	Desvio Padrão
Fazenda, atividade agropecuária	1	100,00	
Serviços de beleza: salão, cabelo, unhas	3	233,33	57,735
Alimentação e hotéis	2	300,00	282,843

Média de rendimentos em diferentes áreas			
Frigoríficos	1	300,00	
Serviços domésticos	8	555,00	374,433
Autônomo: artesão	1	600,00	
Autônomo: vendedor	6	616,67	430,891
Indústria	2	725,00	106,066
Serviços em estabelecimentos de venda a varejo ou atacado	6	741,67	422,394
Autônomo: ferreiro, soldadura	1	1000,00	
Construção civil	25	1052,80	611,443
Serviços de limpeza e manutenção em empresas	3	1116,67	927,811
Autônomo serviços de mecânica: geladeira, ar refrigerado	3	1166,67	650,641
Autônomo: carpintaria	1	1200,00	
Autônomo: costura	1	1600,00	
Sexo para sobrevivência	2	2000,00	1414,214
Outras	14	Entre 100,00 e 400,00	
<b>Total</b>	<b>80<sup>28</sup></b>	<b>840,13</b>	<b>621,553</b>

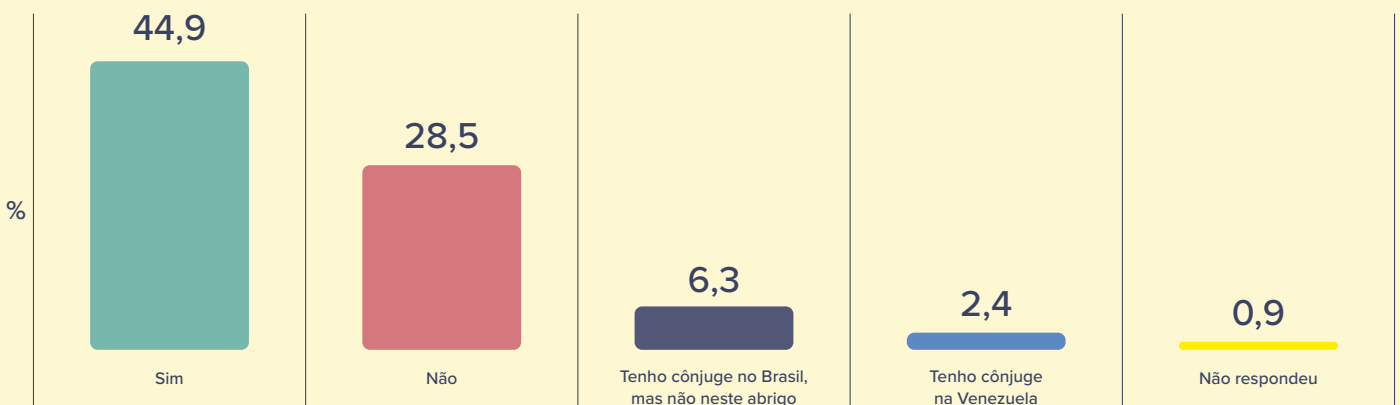
**Cônjuge** – Informaram ter cônjuge no abrigo 44,9% (n=149); 6,3% (n=21) têm cônjuge no Brasil que não está no abrigo; e

2,4% (n=8) têm cônjuge na Venezuela. Não têm cônjuge ou companheiro 45,5% (n=151). 0,9% (n=3) não respondeu.

**Gráfico 50: Você tem cônjuge no Brasil?**

n=332

Ocupados, desocupados, desalentados e força de trabalho não potencial



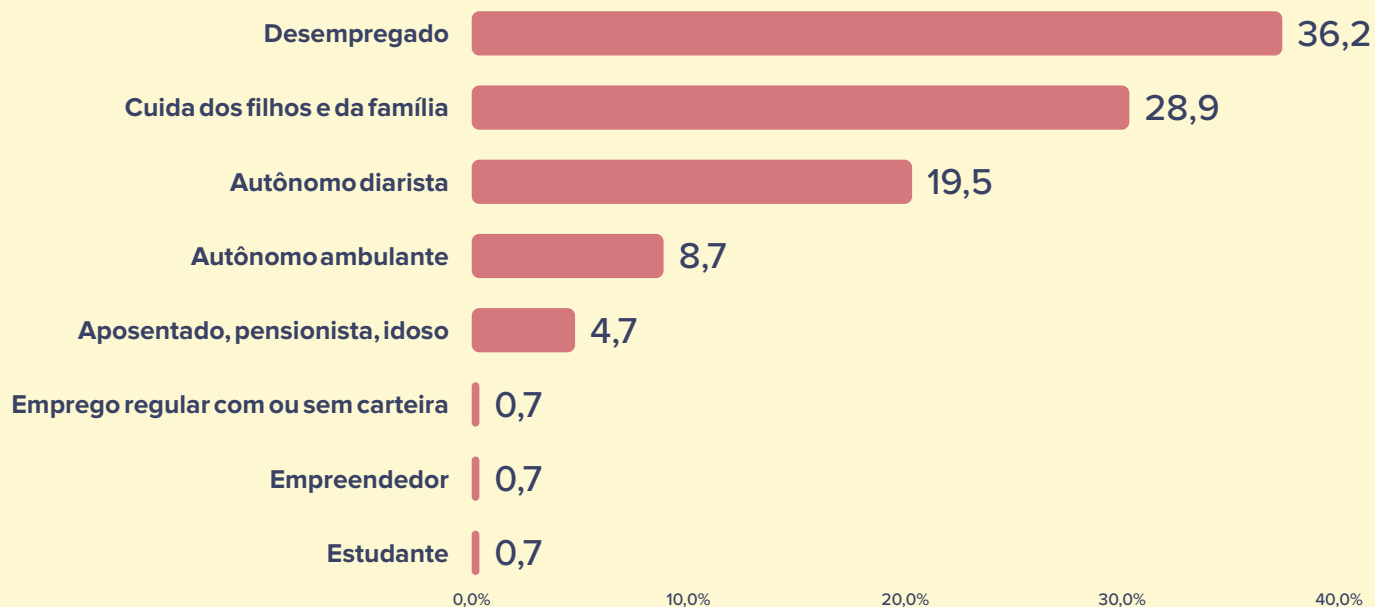
**Situação ocupacional do cônjuge** – Estão desempregados (pessoas desocupadas ou na força de trabalho potencial) 36,2% (n=54) dos cônjuges ou companheiros (as) dos respondentes. São autônomos diaristas 28,9% (n=43) e 4,7% são autônomos ambulantes (n=7). Têm emprego

regular 8,7% (n=13) – dos quais, 2,7% (n=4) com carteira assinada e 6% (n=9) sem carteira assinada. Há um caso que é empreendedor (0,7%, n=1). Estão na força de trabalho não potencial 19,5% (n=29) dos cônjuges que cuidam dos filhos e 0,7% (n=1) que aguarda a aposentadoria.

**Gráfico 51: Qual é a situação ocupacional no Brasil do seu cônjuge?**

n=149

Usos do tempo: "No último mês como usou o seu tempo? Quais das seguintes tarefas realizou?"

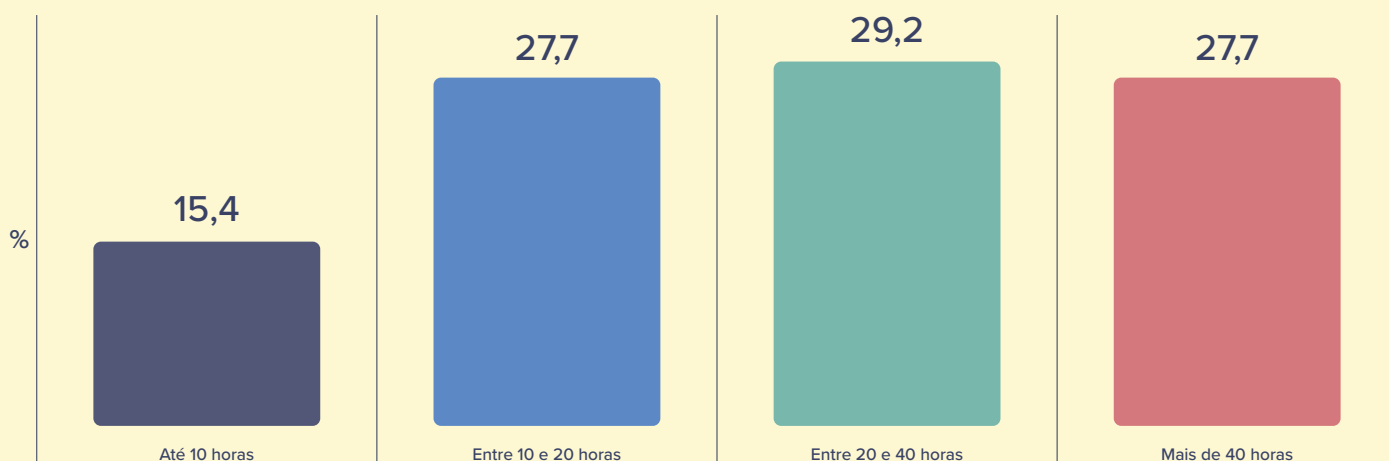


**Horas trabalhadas cônjuge** – Entre os cônjuges na força de trabalho também é grande, assim como verificou-se entre os respondentes que informaram sobre a sua própria situação laboral, a força de trabalho subutilizada:

15,4% (n=10) trabalham até 10 horas por semana; 27,7% (n=18) trabalham entre 10 e 20 horas por semana; 29,2% (n=19) trabalham entre 20 e 40 horas; e 27,7% (n=18), mais de 40 horas por semana.

**Gráfico 52: Normalmente, quantas horas por semana em média seu cônjuge está trabalhando no Brasil?**

n=65



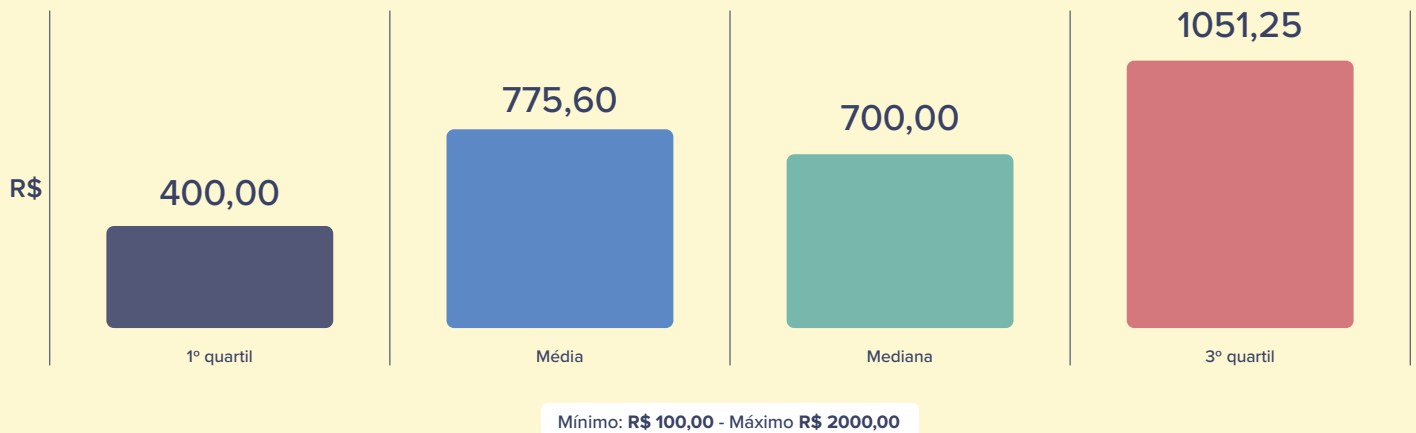
**Rendimentos do trabalho do cônjuge** – Em média, o cônjuge que está na força de trabalho ocupada tem rendimentos oriundos de sua atividade de R\$ 775,60. Aqueles 25% que têm os menores rendimentos, recebem de R\$ 100,00

(valor mínimo) a até R\$ 400,00 (1º quartil). A mediana da distribuição é R\$ 700,00. Entre aqueles 25% com os maiores rendimentos, os valores variam de R\$ 1.051,25 (3º quartil) até R\$ 2000 (valor máximo). Há 3 casos de não resposta.



**Gráfico 53: Quanto aproximadamente ganha o seu cônjuge por mês no Brasil? (não inclui eventos benéficos do governo)**

n=62



**Horas trabalhadas e rendimentos do trabalho do cônjuge** – Não há diferenças estatísticas significantes entre os rendimentos médios da força de trabalho no grupo de

até 10 horas e entre e 20 horas. Aqueles que trabalham mais de 40 horas por semana têm rendimento médio de R\$ 996,76.

**Média de rendimentos segundo as categorias em horas trabalhadas na semana de referência (em R\$)**

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Até 10 horas	9	680,00	516,333	283,11	1076,89
Entre 10 e 20 horas	17	470,00	432,782	247,48	692,52
Entre 20 e 40 horas	19	896,42	446,971	680,99	1111,85
Mais de 40 horas	17	996,76	443,836	768,57	1224,96
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>775,60</b>	<b>490,171</b>	<b>651,12</b>	<b>900,08</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

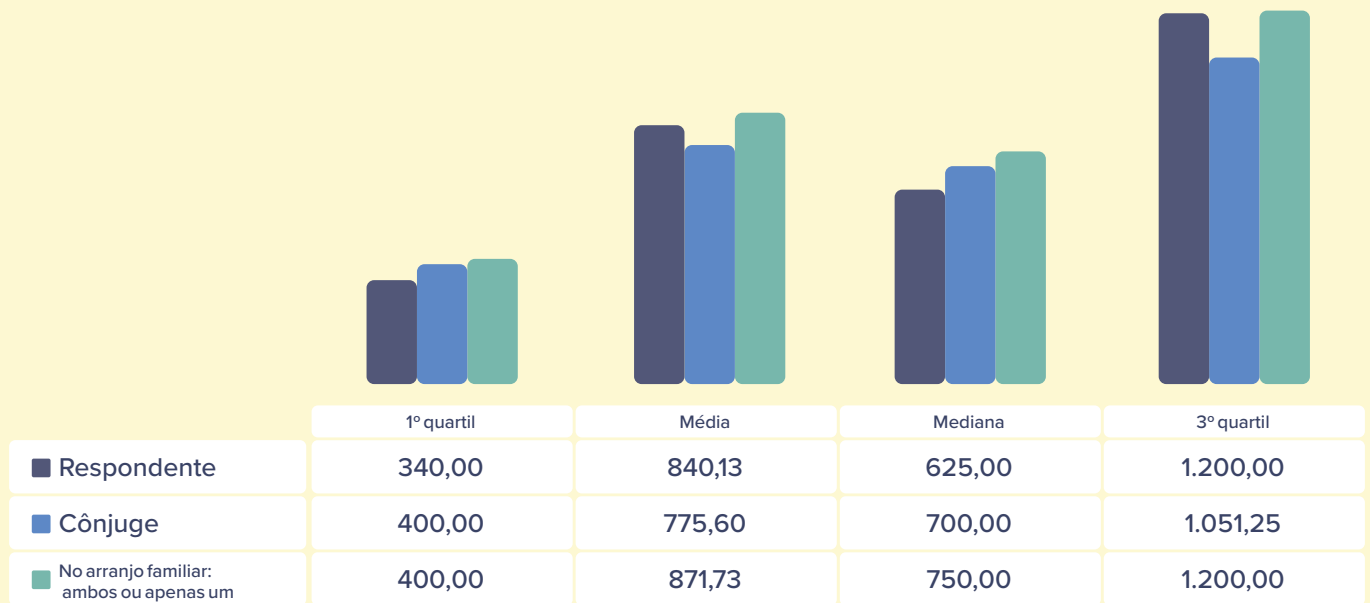
**Rendimentos do trabalho do respondente e (ou) cônjuge (quando há) e no núcleo familiar principal** – Considerando a força de trabalho do núcleo principal do arranjo familiar (cônjuges ou ponto focal que foi a unidade de resposta), 39,5% (n=131) integram arranjos familiares com algum rendimento do trabalho no mês de referência. A renda média dos rendimentos do trabalho no núcleo familiar principal do arranjo familiar<sup>29</sup> é de R\$ 871,73. No

primeiro quartil, os rendimentos de trabalho alcançam até R\$ 400,00. A mediana é R\$ 750,00. E no terceiro quartil, o rendimento de trabalho é de R\$ 1.200,00. O valor máximo da distribuição é R\$ 3.000,00 (*outlier*, está distante a mais de três desvios padrões da média). Não há diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento do trabalho do respondente e do cônjuge.

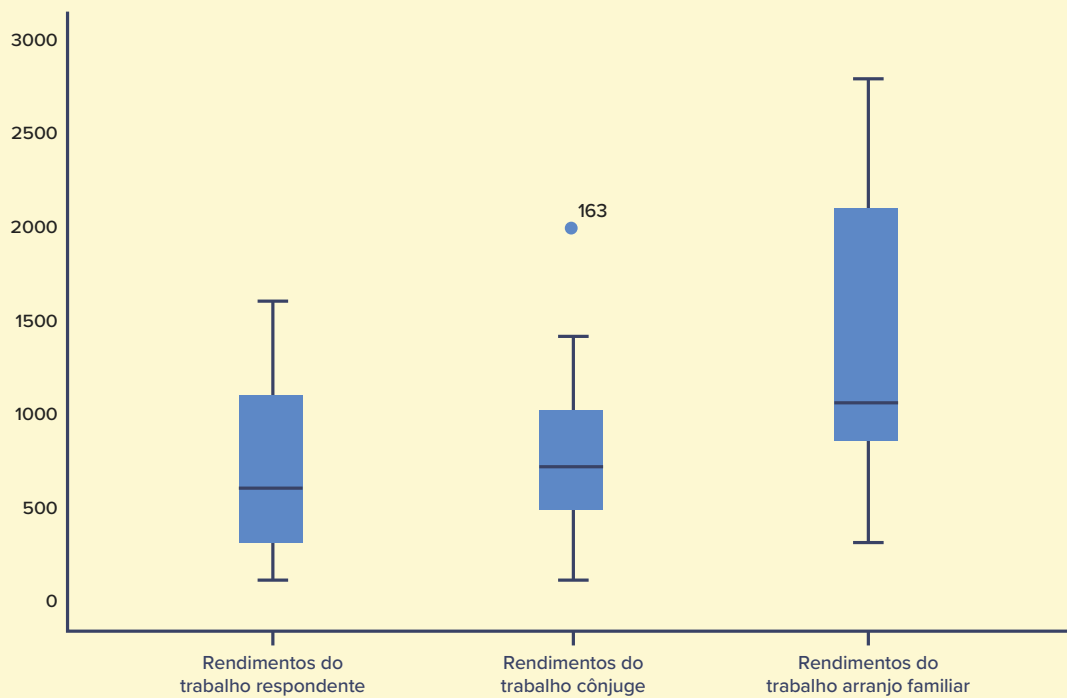
29 — Rendimento do trabalho em questão considera o rendimento do respondente e (ou) de seu cônjuge (quando há cônjuge). Há famílias estendidas no abrigo, mas aqui o cálculo se refere ao núcleo familiar principal.

**Gráfico 54: Rendimentos do Trabalho nos Arranjos Familiares: Estatísticas da distribuição (em R\$)**

n1=80, n2=65, n3=131



**Gráfico 55: Boxplot distribuição dos Rendimentos do Trabalho do respondente, cônjuge e da média do arranjo familiar**

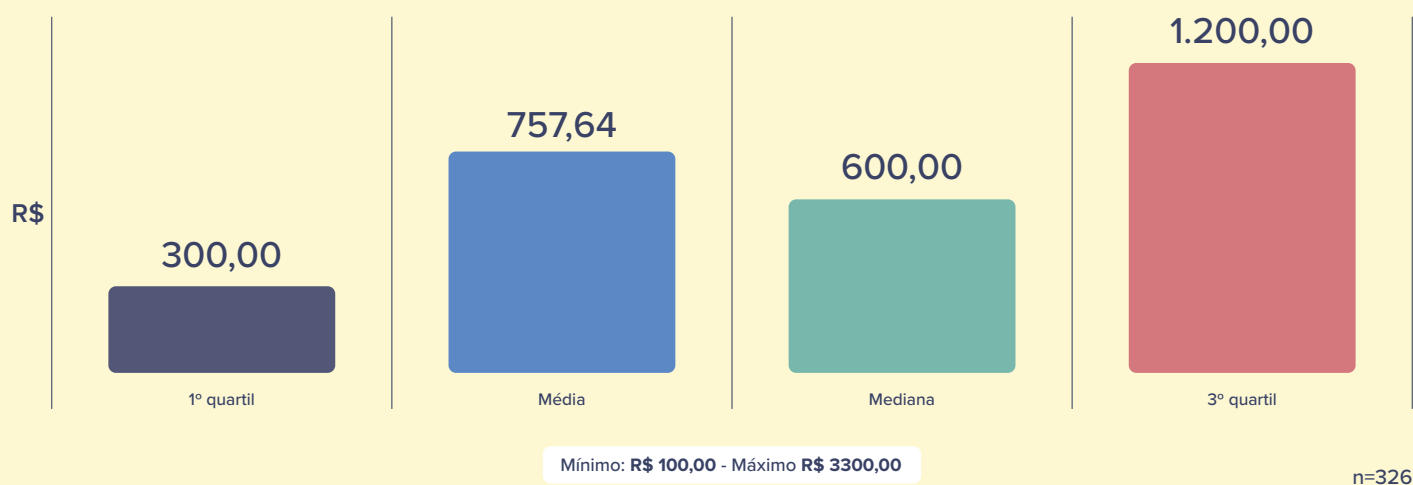


**Renda familiar total, inclusive benefícios de programas sociais**

– Mesmo considerando auxílios governamentais do tipo auxílio emergencial e Benefício de Prestação Continuada (BPC) e Bolsa Família, destinados a perfis específicos de vulnerabilidade, no mês de referência desta pesquisa 13,9% (n=46) dos respondentes entrevistados, pertenciam a arranjos familiares que não tiveram nenhuma renda familiar no mês de referência. A renda

média das famílias acolhidas nos centros temporários, foi, no mês de referência (novembro) de R\$ 757,64. Aqueles 25% com o menor rendimento familiar, ganharam até R\$ 300,00 (1º quartil). A mediana da distribuição é R\$ 600,00. Aqueles 25% com os maiores rendimentos, receberam de R\$ 1.200,00 (3º quartil) até R\$ 3.300,00 (*outlier* e maior valor da distribuição, distante a mais de três desvios padrões da média).

**Gráfico 56: Pensando em todas as pessoas de sua família neste abrigo que atualmente exercem alguma atividade que gera alguma renda, quanto, em média, é o rendimento de sua família? (Inclua no cálculo eventuais benefícios do governo. Se está sozinho (a) neste abrigo, anote a sua renda total incluindo eventuais benefícios do governo)**



**Gráfico 57: Boxplot da distribuição da Renda familiar**

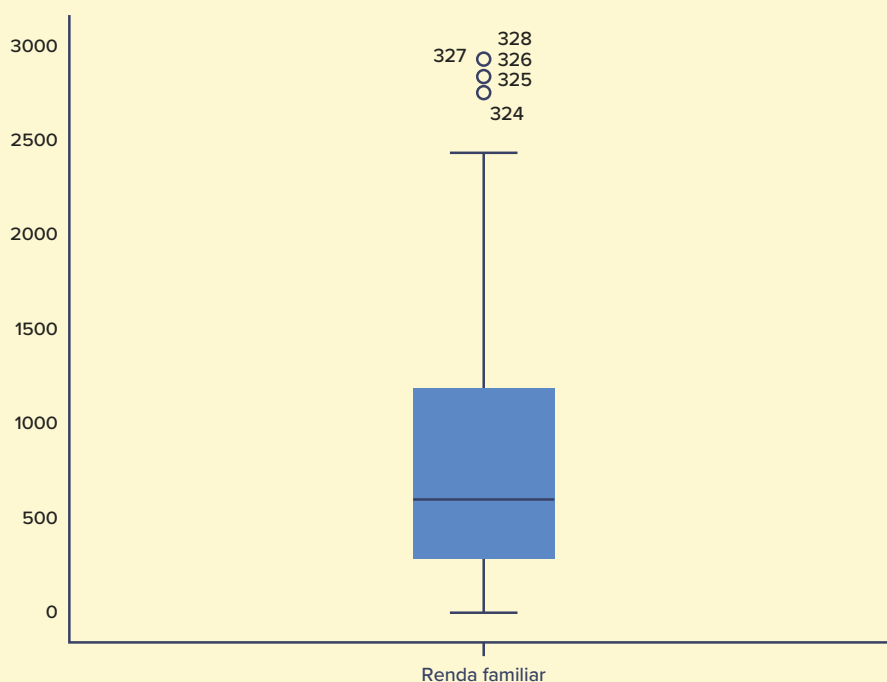
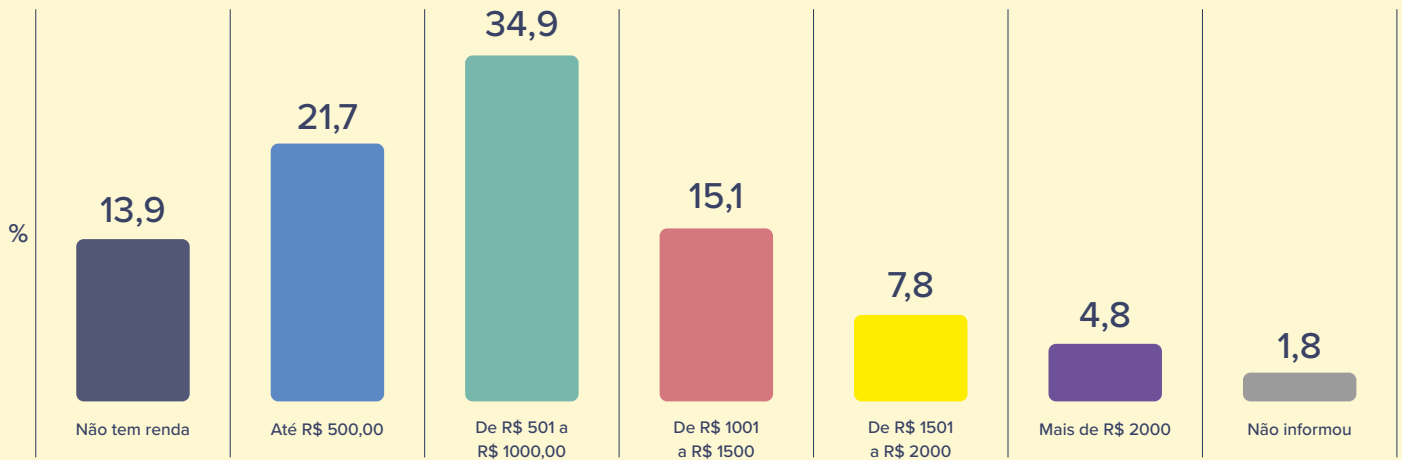


Gráfico 58: Renda familiar em categorias



**Renda familiar por número de pessoas que exercem atividade remunerada no arranjo familiar** – Enquanto arranjos familiares sem nenhuma pessoa que exerce atividade remunerada teve renda média no mês de referência de

R\$ 427,60; arranjos familiares com uma ou mais pessoas ocupadas tiveram renda média entre R\$ 1.043,32 e R\$ 1.130,53 (respectivamente uma pessoa ou mais de uma, a diferença entre as médias não é estatisticamente significativa.

Média de rendimentos segundo o número de pessoas que exercem alguma atividade remunerada no arranjo familiar

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Nenhuma pessoa exerce atividade remunerada	154	427,60	353,107	371,39	483,82
Uma pessoa exerce atividade remunerada	153	1043,32	693,852	932,49	1154,15
Duas ou mais pessoas exercem atividade remunerada	19	1130,53	891,057	701,05	1560,00
<b>Total</b>	<b>326</b>	<b>757,54</b>	<b>652,684</b>	<b>686,43</b>	<b>828,66</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

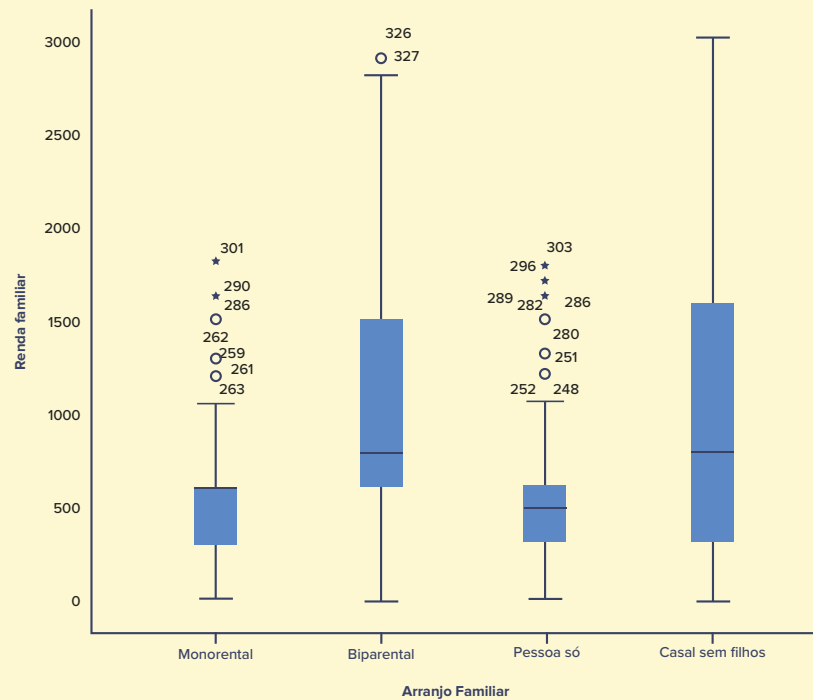
**Por arranjo familiar** – Enquanto arranjos monoparentais tiveram renda média familiar de R\$ 554,62 no mês de referência; arranjos biparentais ganharam em média quase o

dobro: R\$ 995,51. Também para o arranjo familiar de casal sem filhos a renda média (R\$ 1.031,50) é superior à de arranjos monoparentais ou de pessoas só (média de R\$ 562,11).

Média do rendimentos segundo o tipo de arranjo familiar

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Monoparental	86	554,62	414,968	465,65	643,59
Biparental	116	995,51	719,349	863,21	1127,81
Pessoa só	94	562,11	520,777	455,44	668,77
Casal com filhos	30	1031,50	893,062	698,02	1364,98
<b>Total</b>	<b>326</b>	<b>757,54</b>	<b>652,684</b>	<b>686,43</b>	<b>828,66</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

**Gráfico 59: Renda familiar segundo categorias de arranjo familiar**

**Por Situação Ocupacional** – A renda média das pessoas com emprego regular (com ou sem carteira assinada) é de R\$ 1.728,57, no mês de referência, estatisticamente igual à renda média dos empreendedores, de R\$ 1.366,67. Ao mesmo tem-

po é maior do que a renda média de autônomos diaristas, de R\$ 1.003,91. As rendas médias das donas de casa (R\$ 787,39), aposentados (R\$ 572,31), desempregados (R\$ 473,38) não apresentam diferenças estatisticamente significantes.

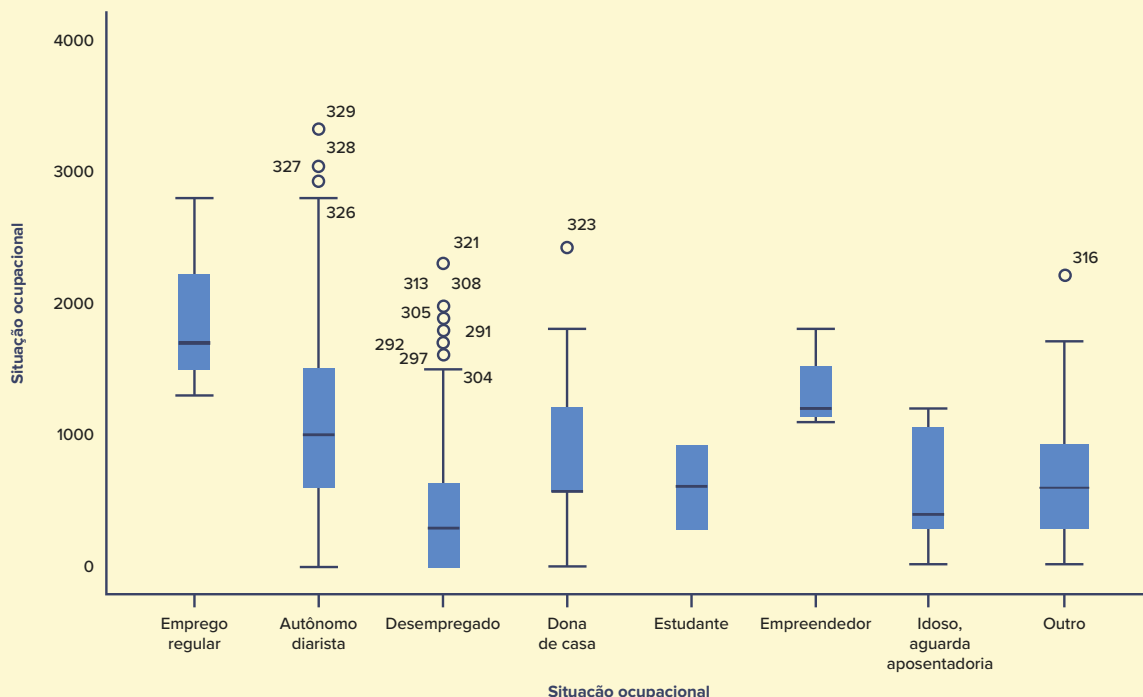
#### Média de rendimentos segundo as categorias de situação ocupacional do respondente

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Emprego regular com ou sem carteira assinada	7	1728,57	372,891	1383,70	2073,44
Empreendedor ou dono do próprio negócio	3	1366,67	378,594	426,19	2307,15
Autônomo diarista ou autônomo ambulante	69	1003,91	632,561	851,96	1155,87
Dona de casa/cuidadora crianças ou adultos na família	69	787,39	496,540	668,11	906,67
Idosos/pensionista/aguardando aposentadoria	13	572,31	387,146	338,36	806,26
Desempregado	126	473,38	487,397	387,45	559,32
Outro	34	622,74	580,881	420,06	825,41
Estudante <sup>30</sup>	2	600,00	424,264	-3211,86	4411,86
<b>Total</b>	<b>323</b>	<b>709,78</b>	<b>585,586</b>	<b>645,68</b>	<b>773,88</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

30 — Há apenas dois casos nesta categoria, com grande variabilidade de renda entre eles.

**Gráfico 60: Renda média e Situação Ocupacional**

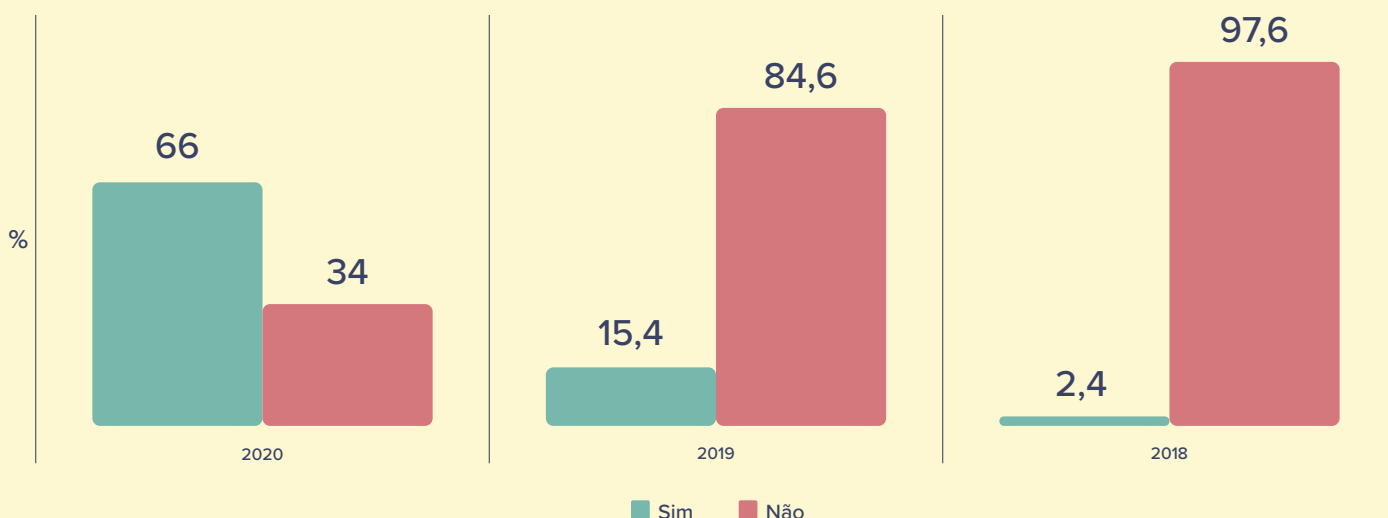


**Programas de assistência social e Renda Familiar** – Foram beneficiados pelo auxílio governamental no mês de referência desta pesquisa, 66% (n=219) dos arranjos familiares nos abrigos, segundo informação prestada

pelos respondentes. São beneficiários do Programa Bolsa Família 15,4% (n=51) dos arranjos familiares do total da amostra. Recebem o Benefício de Prestação Continuada 2,4% (n=8).

**Gráfico 61: Programas governamentais de assistência social e beneficiários nos abrigos**

n=332



Foram beneficiários de dois programas no mês de referência desta pesquisa 13,0% (n=43) dos arranjos familiares dos respondentes; beneficiaram-se de um programa

de assistência social 57,8% (n=192); não participaram de nenhum dos programas de assistência social 29,2% (n=97).

**Gráfico 62: Programas governamentais de assistência social segundo o número de benefícios acessados**

n=332



**Programas de assistência social e Renda Familiar** – Enquanto a renda média do arranjo familiar de quem não participou de nenhum programa foi de R\$ 353,18; aqueles arranjos familiares beneficiados por pelo menos um pro-

grama tiveram renda média de R\$ 902,45; e aqueles que integraram dois programas, de R\$ 966,28. Não há diferença estatisticamente significativa entre as médias de renda dos arranjos familiares que integraram 1 ou 2 programas.

**Média do rendimentos e Programas de Assistência Social**

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Não participa de nenhum	91	353,18	555,259	237,54	468,81
Participa de 1 programa	192	902,45	636,503	811,84	993,05
Participa de 2 programas	43	966,28	546,308	798,15	1134,41
<b>Total</b>	<b>326</b>	<b>757,54</b>	<b>652,684</b>	<b>686,43</b>	<b>828,66</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

**Auxílio emergencial e Renda Familiar** – O auxílio emergencial é o programa de maior impacto por sua abrangência: no mês de referência desta pesquisa a renda média familiar daqueles que o receberam (em relação àqueles

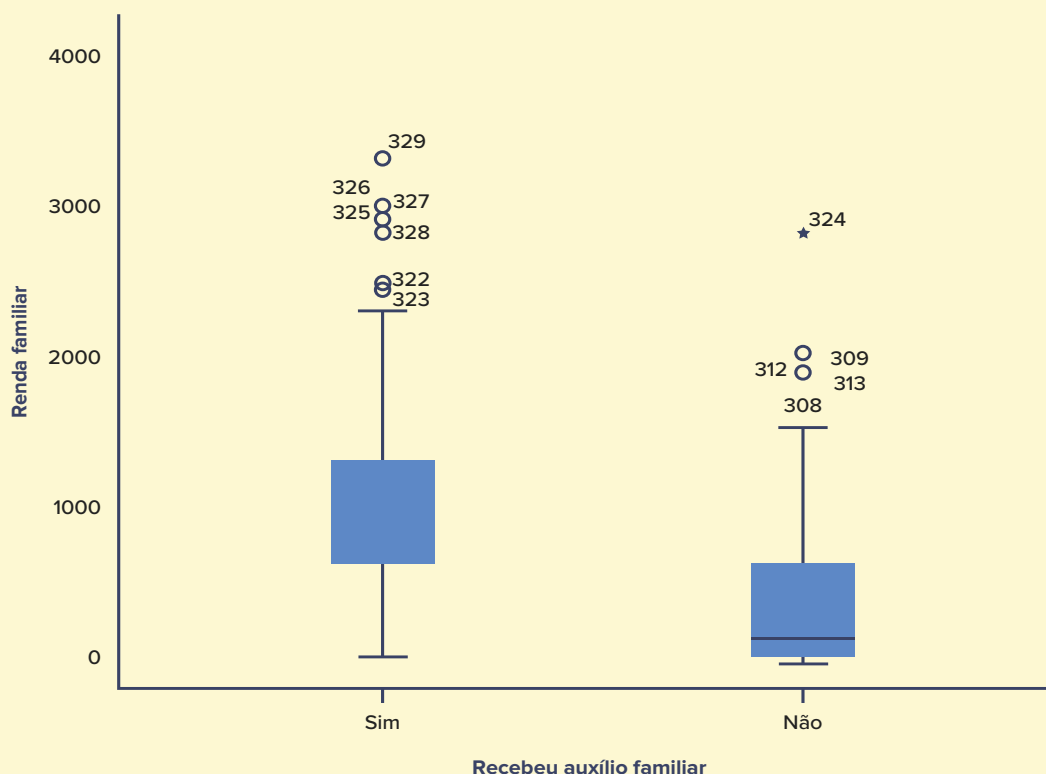
que não o receberam) foi em torno de R\$ 515,00 +/- R\$ 148,00. Aqueles que não o receberam no mês de referência tiveram renda média de R\$ 368,50; aqueles que o receberam tiveram renda média de R\$ 883,61.

**Média do rendimentos e Auxílio Emergencial**

	n	Média	Desvio Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média	
				Limite inferior	Limite superior
Não recebeu auxílio emergencial	109	368,50	504,887	272,65	464,36
Recebeu auxílio emergencial	214	883,61	546,975	809,90	957,31
<b>Total</b>	<b>323</b>	<b>709,78</b>	<b>585,586</b>	<b>645,68</b>	<b>773,88</b>

AnovaUnivariada – p=0,000

Gráfico 63: Renda familiar e Auxílio Emergencial



### Fatores que impactam a Renda Familiar - Modelo de regressão linear múltipla

– A associação entre características relativas ao contexto familiar (arranjo familiar, receber auxílio emergencial, receber auxílio BPC ou bolsa família e número de pessoas trabalhando no núcleo familiar), escolaridade e sexo e a renda familiar total foi avaliada utilizando-se um modelo de regressão linear múltipla. A variável resposta foi a renda familiar total, após a exclusão de 6 outliers. As variáveis preditoras foram incluídas em um modelo saturado, e por meio da estratégia *backward* chegou-se ao modelo final, em que permaneceram as variáveis com  $p < 0,05$  e a escolaridade independente de significância, para controle de efeitos. A qualidade do ajuste foi avaliada via coeficiente de determinação, análise de resíduos e avaliação de multicolinearidade. O modelo explicou 44,95% da variabilidade da renda familiar total. Mantendo-se sob controle a escolaridade, o auxílio emergencial que impactou a renda familiar de 66% ( $n=219$ ) da população abrigada deste estudo e o tipo de arranjo familiar, conseguimos isolar quanto, em média, importa para a renda familiar cada novo membro na força de trabalho ocupada no arranjo familiar. Arranjos familiares com uma pessoa na força de trabalho ocupada têm um aumento médio em sua renda familiar de R\$ 472,82 ( $p < 0,001$ ), em relação aos arranjos familiares sem nenhuma pessoa

trabalhando. Já os arranjos familiares com duas pessoas na força de trabalho ocupada têm aumento médio de R\$ 493,24 ( $p < 0,001$ ), em relação aos arranjos familiares sem nenhum de seus membros na força de trabalho ocupada. Ter recebido auxílio emergencial importou no mês de referência (novembro), um aumento de rendimentos médio de R\$ 541,12 ( $p < 0,001$ ), (considerando o intervalo de confiança entre R\$ 439,40 e R\$ 642,85).

O tipo de arranjo familiar também é um fator que impacta a renda familiar. Mantendo sob controle todas as variáveis da equação, arranjos biparentais ganham, em média, R\$ 304,65 ( $p < 0,001$ ), a mais do que arranjos monoparentais. Já casais sem filhos ganham em média R\$ 301,51 ( $p = 0,002$ ) a mais do que arranjos familiares monoparentais. Para pessoa só o coeficiente não é significativo. Também e não menos importante, é a anotação de que a escolaridade, diferentemente do que se suporia, não tem coeficiente significativo no modelo, possivelmente porque, como já nos indica o conjunto dos dados, é grande a precariedade da inserção dos migrantes e refugiados venezuelanos no mercado de trabalho, não apenas pelos baixos salários e subaproveitamento da força de trabalho, mas também com atividades que exigem menor qualificação, de tal forma que anos de estudo não está impactando positivamente a empregabilidade.



## Fatores que impactam a Renda Familiar - Modelo de regressão linear múltipla

Modelo de regressão linear múltipla para a renda familiar total (em R\$)			
Variáveis	Coefficiente	IC 95%	p-valor
Constante	-90,63	(-264,50; 83,23)	0,306
Arranjo familiar	-	-	-
Monoparental (referência)	-	-	-
Biparental	304,65	(175,14; 434,16)	<0,001
Pessoa só	41,84	(-87,41; 171,10)	0,525
Casal sem filhos	301,51	(121,54; 481,47)	0,002
Recebe auxílio emergencial	-	-	-
Não (referência)	-	-	-
Sim	541,12	(439,40; 642,85)	<0,001
Escolaridade	-	-	-
Educação básica ou menos	129,24	(-24,95; 283,43)	0,100
Educação média	-19,44	(-175,97; 137,08)	0,807
Educação superior (referência)	-	-	-
Nº de pessoas trabalhando no núcleo familiar	-	-	-
Nenhuma (referência)	-	-	-
Uma	472,82	(368,54; 577,10)	<0,001
Duas ou mais	493,24	(267,14; 719,35)	<0,001

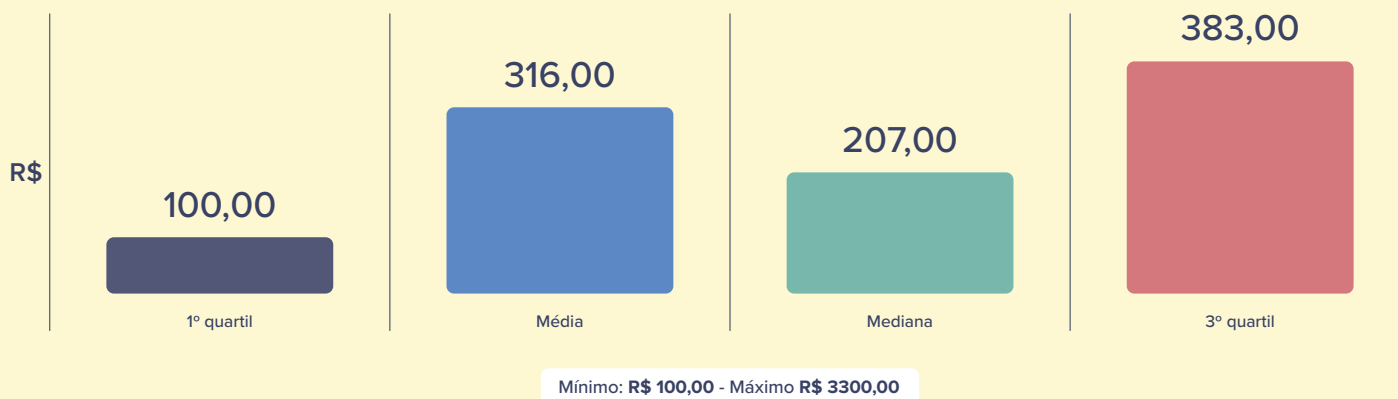
R<sup>2</sup> estimado 44,95%. Resíduos simétricos, centrados no zero e homocedásticos. O modelo não tem problemas de multicolinearidade.

**Renda per capita** – No mês de referência desta pesquisa, a renda per capita média dos refugiados e migrantes venezuelanos residentes nos abrigos da Operação Acolhida em Boa Vista administrados pelo ACNUR e AVSI Brasil foi de R\$ 316,00. No primeiro quartil da distribuição a renda foi de R\$ 100,00. A mediana foi R\$ 207,00. No terceiro quartil a renda per capita foi de R\$ 383,00. O valor máximo da distribuição é R\$ 3.300,00 e refere-se aos rendimentos de um

respondente classificado no arranjo familiar “pessoa só”. Registra-se que 69,9% das pessoas neste estudo receberam até R\$ 300,0/mês no mês de referência (novembro de 2020). Isso significa dizer que a vulnerabilidade dessa população é tão grande que, se não fosse acolhida nos abrigos, onde recebe alimentação e morada, mesmo com o benefício do auxílio emergencial a maior parte dela estaria na linha de pobreza extrema<sup>31</sup>.

Gráfico 64: Estatística da distribuição da Renda Per Capita

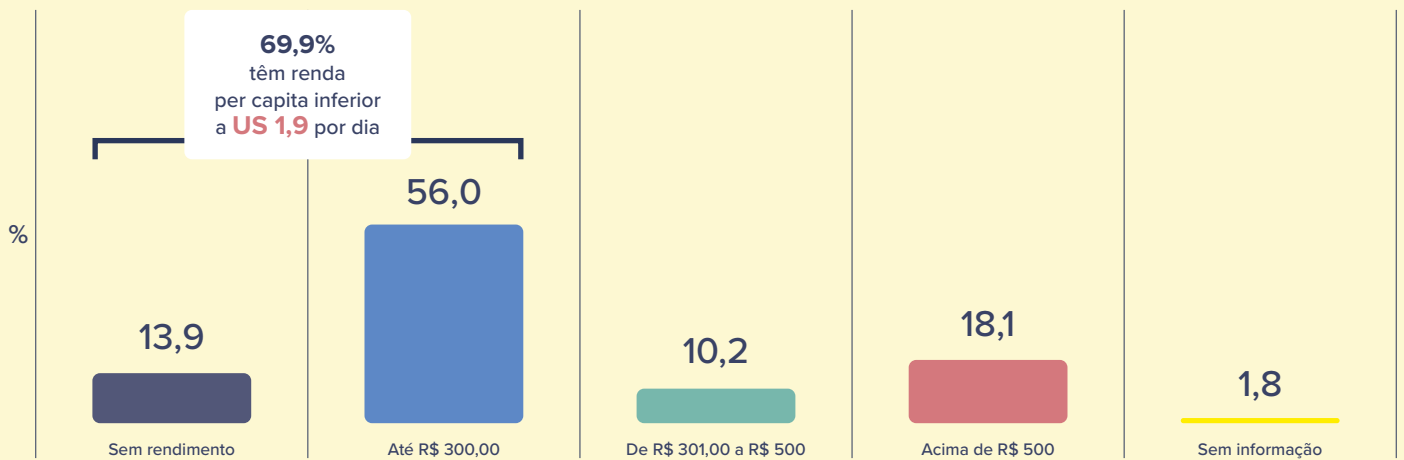
n=326



31 — Considerando-se a referência do gasto diário de US\$1,9 (um dólar e noventa cents) para se marcar a linha da pobreza extrema. Levando-se em conta o câmbio médio na terceira semana de janeiro de 2021, de R\$ 5,4 o dólar, tem-se R\$ 10,26 por dia, que corresponde a R\$ 307,80 ao mês.

Gráfico 65: Categorias da distribuição da Renda Per Capita

n=326

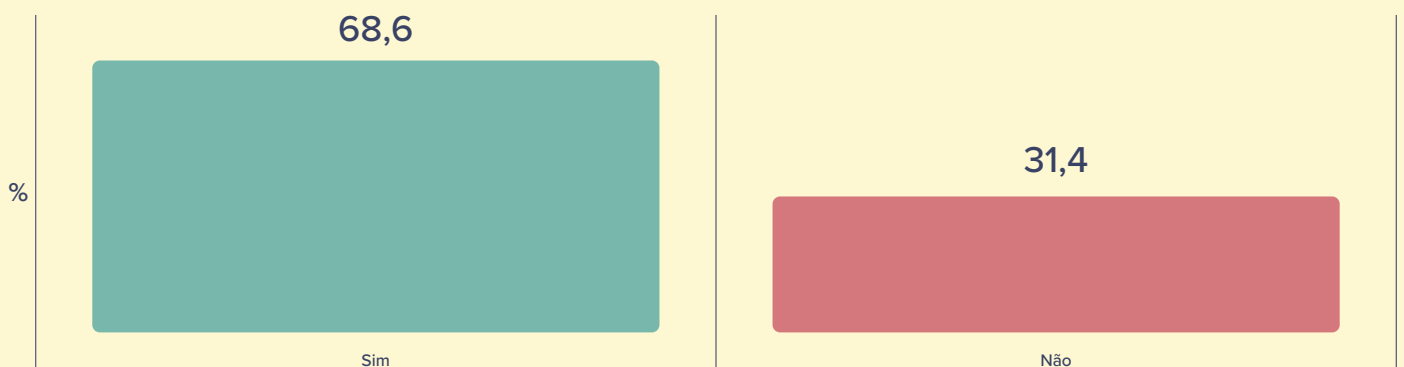


**Apoio à família na Venezuela** – O aumento na renda familiar proporcionado pelo auxílio emergencial deu algum alento aos refugiados e migrantes dos abrigos – que com a peque-

na folga no orçamento, puderam auxiliar os seus familiares na Venezuela. Há forte associação entre ter recebido o auxílio emergencial e ter enviado recursos para a Venezuela.

Gráfico 66: Desse rendimento total de seu núcleo familiar, você (s) envia (m) recursos para alguém ou para algum lugar na Venezuela?

n=326



Você ou alguém de sua família envia recursos para alguém na Venezuela? Por Auxílio Emergencial

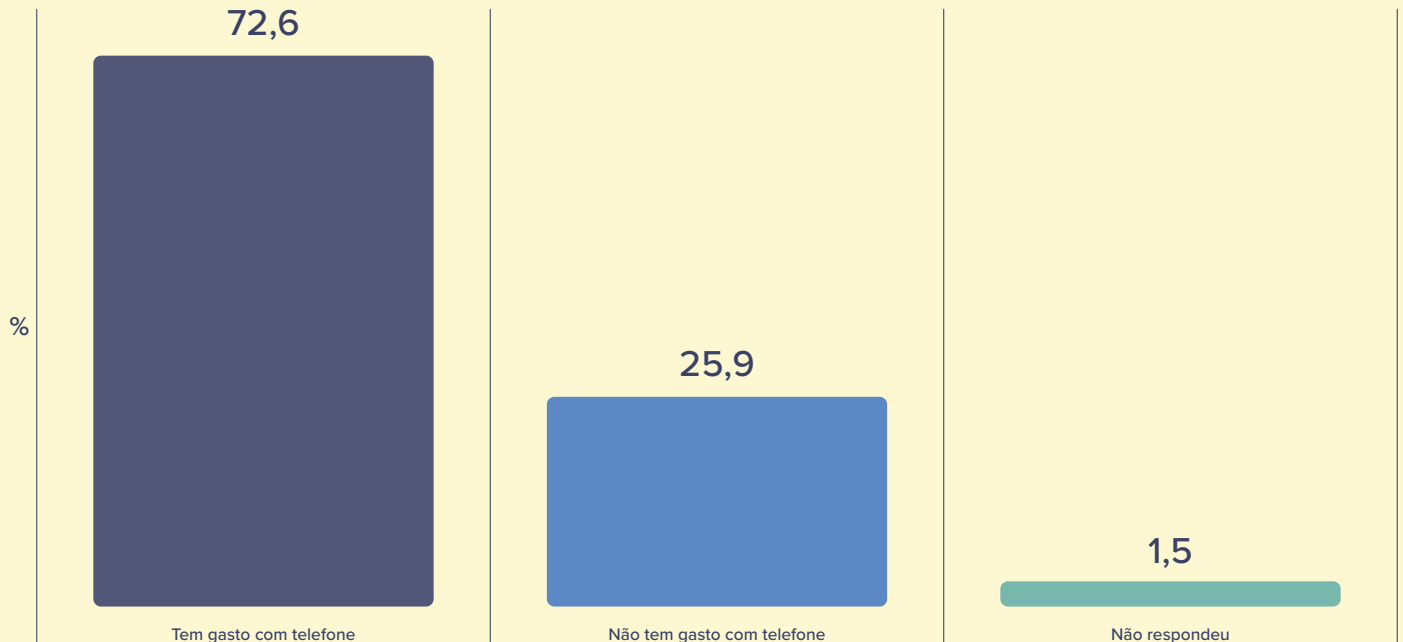
		Não recebeu auxílio emergencial	Recebeu auxílio emergencial	Total
Enviou recursos para familiares	n	46	181	227
	%	40,7%	<b>83,0%</b>	68,6%
Não enviou recursos para familiares	n	67	37	104
	%	<b>59,3%</b>	17,0%	31,4%
Total	n	113	218	331
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 61,857, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Gastos com telefone** – Têm gastos com telefone 72,6% (n=241) dos arranjos familiares acolhidos nos abrigos pesquisados; 25,9% (n=86) informam não ter gastos com telefone; 1,5% (n=5) não responde.

**Gráfico 67: Quanto você e sua família gastam por mês com telefone?**

n=332



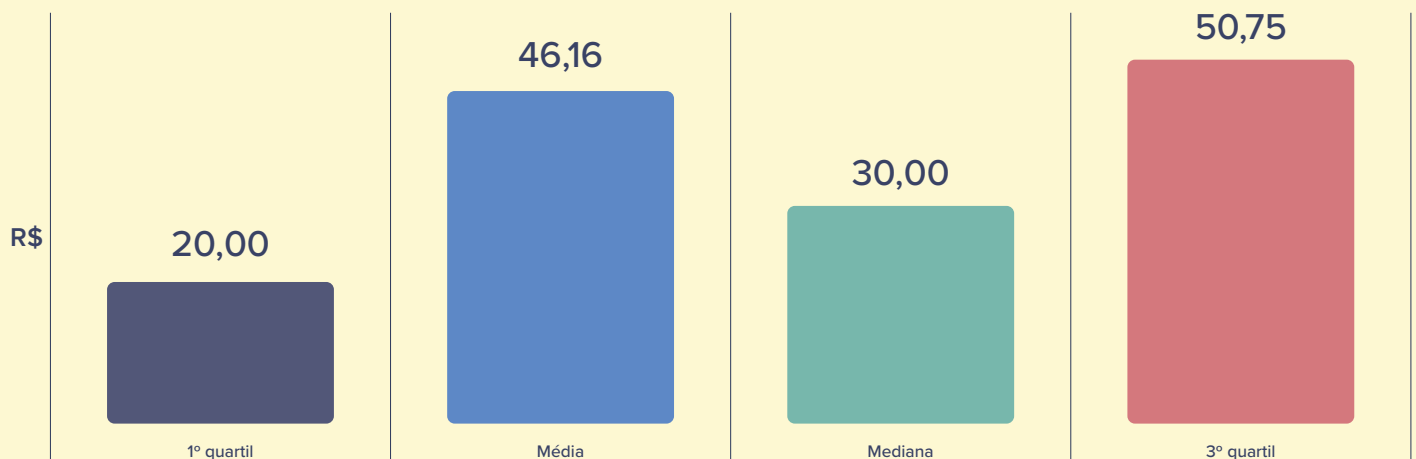
Entre aqueles 72,6% (n=241) que informaram ter gastos com telefone em seu núcleo familiar, o gasto médio informado foi de R\$ 46,16; e o gasto mediano, R\$ 30,00. Aqueles 25% que gastam menos fazem-no

entre R\$ 10,00 (valor mínimo) até R\$ 20,00 (1º quartil). Aqueles 25% que gastam mais, fazem-no a partir de R\$ 50,75 (3º quartil) até R\$ 300,00 (valor máximo e *outlier* na distribuição).

**Gráfico 68: Estatísticas da distribuição dos gastos com telefone**

n=236

Estatísticas do gasto com telefone



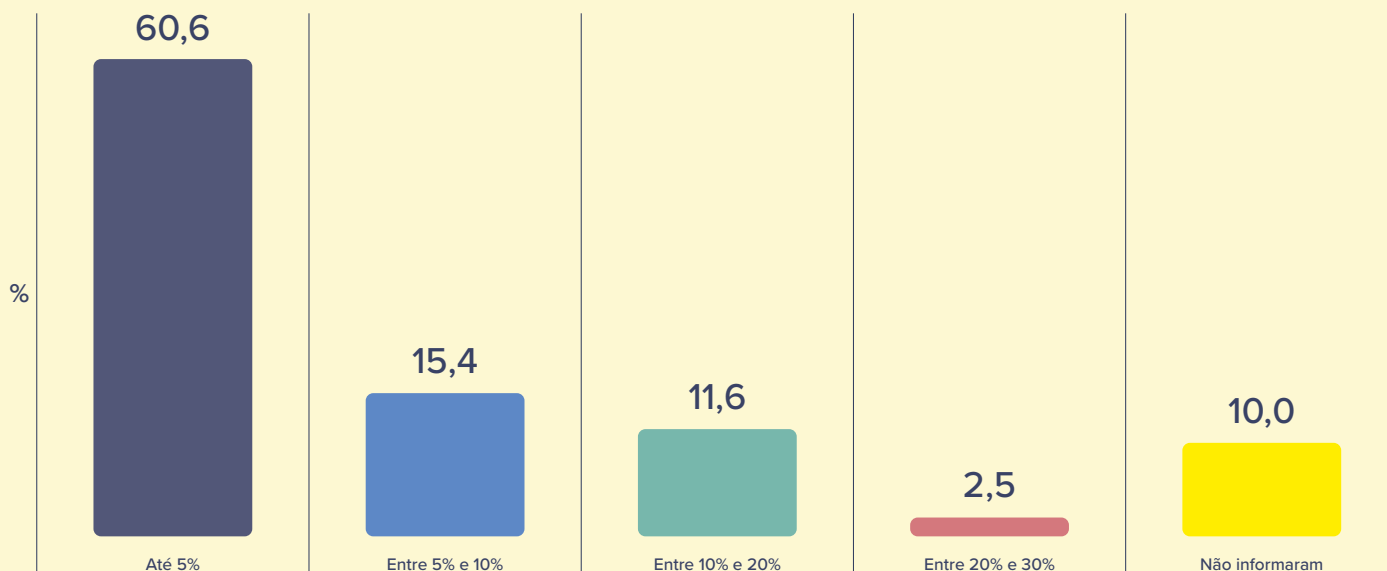
Mínimo: R\$ 100,00 - Máximo R\$ 300,00

Para até 60,6% (n=146) daqueles que têm gastos com telefone (72,6%, n=241) as despesas com telefone consomem até 5% da renda familiar; 15,4% (n=37) gastam entre

5% e 10%; 11,6% (n=28) entre 10% e 20%; 2,5% (n=6) despendem entre 20% e 30% da renda familiar com despesas de telefone; 10% (n=24) não prestaram a informação.

Gráfico 69: Quanto representa o gasto em telefone na renda familiar total?

n=326



**Percepção quanto a discriminação do estrangeiro** – A xenofobia e a discriminação contra os fluxos de deslocamento forçado dos venezuelanos são verificadas desde os primeiros anos de recrudescimento do fenômeno, entre 2016 e 2017, quando ainda não havia uma política pública formulada em âmbito nacional para a acolhida.

No mercado de trabalho, a discriminação se manifesta por meio da exploração dos refugiados e migrantes que, desesperados por se integrar e obter algum tipo de rendimento, estão mais propensos a aceitar pagamentos mais baixos em relação àqueles que seriam destinados aos brasileiros na execução das mesmas tarefas. Também estão mais inclinados a aceitar a informalidade, sem que os contratantes assumam o pagamento dos tributos previdenciários devidos, ainda que estejam executando tarefas em caráter regular, por mais de três vezes na semana, em horários fixos, o que de fato caracteriza uma relação de trabalho com direitos previstos na legislação trabalhista brasileira.

Embora nos centros de acolhimento temporário, os refugiados e migrantes sejam instruídos em relação aos seus direitos, como forma inclusive de evitar as situações de exploração, contudo, os casos persistem. Nas entrevistas qualitativas realizadas com atores-chaves responsáveis pela gestão dos abrigos, o problema foi reconhecido.

*“Realmente, acontece bastante. Até a questão de exploração mesmo de trabalho. A gente já verificou, já viu casos de exploração... Por exemplo, trabalho doméstico. A gente sabe que, por lei, se você trabalha com se você mantém a assiduidade num trabalho doméstico de três dias, por exemplo, a pessoa tem de assinar a sua carteira de trabalho. Então, essa questão da exploração do trabalho em cima dos venezuelanos foi muito grande, também. Vem diminuindo, no caso. Mas a questão de eles precisarem trabalhar, eles acabam se submetendo a esse tipo de trabalho, também(...) Agora, já está mudando muito, graças a Deus, porque dentro dos abrigos a gente está frisando muito essa questão de exploração do trabalho. Porque, querendo ou não alguns brasileiros enxergam no venezuelano como uma mão de obra barata, podemos dizer assim. Eles precisam trabalhar, querem trabalhar e então eles vão... infelizmente, eles não sabem o valor que têm e vão aceitar o que propuserem para eles, não caso.”*

Entrevista 3

Ser estrangeiro – não especificamente venezuelano – é de fato uma característica que pode produzir a inclinação de alguns à desqualificação do esforço da pessoa pela sobrevivência. Sobretudo naquelas situações de trabalho informal.

*“Olha, principalmente, no mercado de trabalho informal, quando a pessoa está ali trabalhando sem carteira assinada ou quando está tentando vender coisas na rua, ou está prestando um serviço, está tentando algum tipo de serviço, a gente percebe que o fato de ser não brasileiro... não só venezuelano, mas outras localidades, também, muitas vezes, isso é utilizado numa tentativa de reduzir o valor dos serviços. Então, isso, de fato, acontece.*

#### Entrevistado 2

Após a aplicação dos questionários de survey, registramos alguns relatos qualitativos de respondentes que contaram a sua história no Brasil: uma entrevistada, que pratica sexo para a sobrevivência, trabalhou como doméstica durante dois anos na casa de uma família brasileira em Boa Vista, que durante todo esse período jamais lhe pagou, alegando que “casa e comida” já constituíam a sua remuneração.

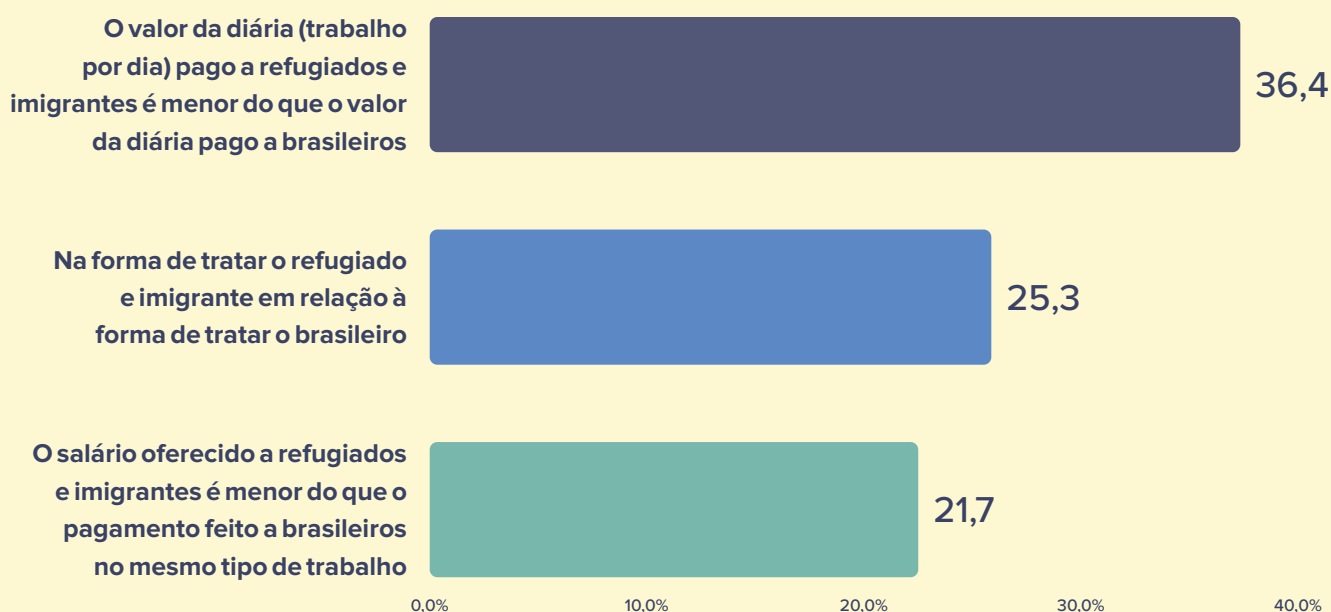
Os dados deste relatório indicam que a contratação dos refugiados e migrantes que estão nos abrigos se dá em caráter sobretudo informal, sendo mais prevalente a contratação por diárias (dias trabalhados) e a contratação regular sem carteira assinada.

Ao serem indagados sobre a sua experiência no mercado de trabalho do Brasil, é precisamente em relação ao pagamento das diárias em que se verifica a maior queixa: 36,4% (n=121) dos respondentes afirmaram considerar que o valor da diária (trabalho por dia) pago aos refugiados e migrantes é menor do que o valor da diária pago aos brasileiros. É menor a percepção relatada em relação à discriminação com a oferta de menor salário aos refugiados e migrantes em relação à oferta para brasileiros no mesmo tipo de trabalho (21,7%, n=72). E 25,3% (n=84) avaliam haver discriminação no mercado na forma de tratar o refugiado em relação à forma de tratar o brasileiro.

Contudo, a percepção quanto à discriminação chega a alcançar a metade dos respondentes que integram o grupo da força de trabalho ocupada (25,7%, n=85) e do grupo de desocupados, que procuram emprego (21,7%, n=71). Também entre pessoas do sexo masculino há maior prevalência da percepção da discriminação em relação às mulheres. Já a categoria de maior escolaridade ressentem-se mais do que na baixa escolaridade em relação à forma de tratamento recebido pelos refugiados e migrantes em relação aos brasileiros.

**Gráfico 70: Pela sua experiência no Brasil, pelo fato de você ser refugiado e/ou imigrante, você percebe algum tipo discriminação no mercado de trabalho do tipo...**

n=332



**Percepção quanto o valor da diária aos refugiados e migrantes em relação à diária dos brasileiros** – Entre homens e pessoas na força de trabalho ocupada e pessoas que pro-

curam emprego, que estão mais expostas ao mercado de trabalho há maior percepção de discriminação em relação às mulheres e pessoas que estão fora da força de trabalho.

**O valor da diária pago aos refugiados e migrantes é menor do que o valor da diária paga aos brasileiros? Por Gênero**

		Feminino	Masculino	Total
Sim	n	57	64	121
	%	28,5%	<b>48,9%</b>	36,6%
Não	n	143	67	210
	%	71,5%	51,1%	63,4%
Total	n	<b>200</b>	<b>131</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 14,141, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**O valor da diária pago aos refugiados e migrantes é menor do que o valor da diária paga aos brasileiros? Por Força de Trabalho**

		Pessoas na força de trabalho ocupadas	Pessoas na força de trabalho desocupadas	Pessoas na força de trabalho potencial	Pessoas na força de trabalho não potencial	Total
Sim	n	41	35	12	33	121
	%	<b>48,2%</b>	<b>48,6%</b>	21,4%	27,7%	36,4%
Não	n	44	37	44	86	211
	%	51,8%	51,4%	<b>78,6%</b>	<b>72,3%</b>	63,6%
Total	n	<b>85</b>	<b>72</b>	<b>56</b>	<b>119</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 19,055, p=0,04. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,000$ .

**Percebe discriminação no mercado de trabalho na forma de tratar o refugiado e migrante em relação à forma de tratar o brasileiro? Por Escolaridade**

		Até Fundamental)	Ensino Médio	Ensino Técnico ou Superior ou Pós-graduação	Total
Sim	n	30	33	21	84
	%	20,3%	25,4%	<b>38,9%</b>	25,3%
Não	n	118	97	33	248
	%	79,7%	74,6%	61,1%	74,7%
Total	n	<b>148</b>	<b>130</b>	<b>54</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 7,5258, p=0,027. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .





Relatório Analítico

**Bloco 4**  
**Usos do Tempo**



## USOS DO TEMPO

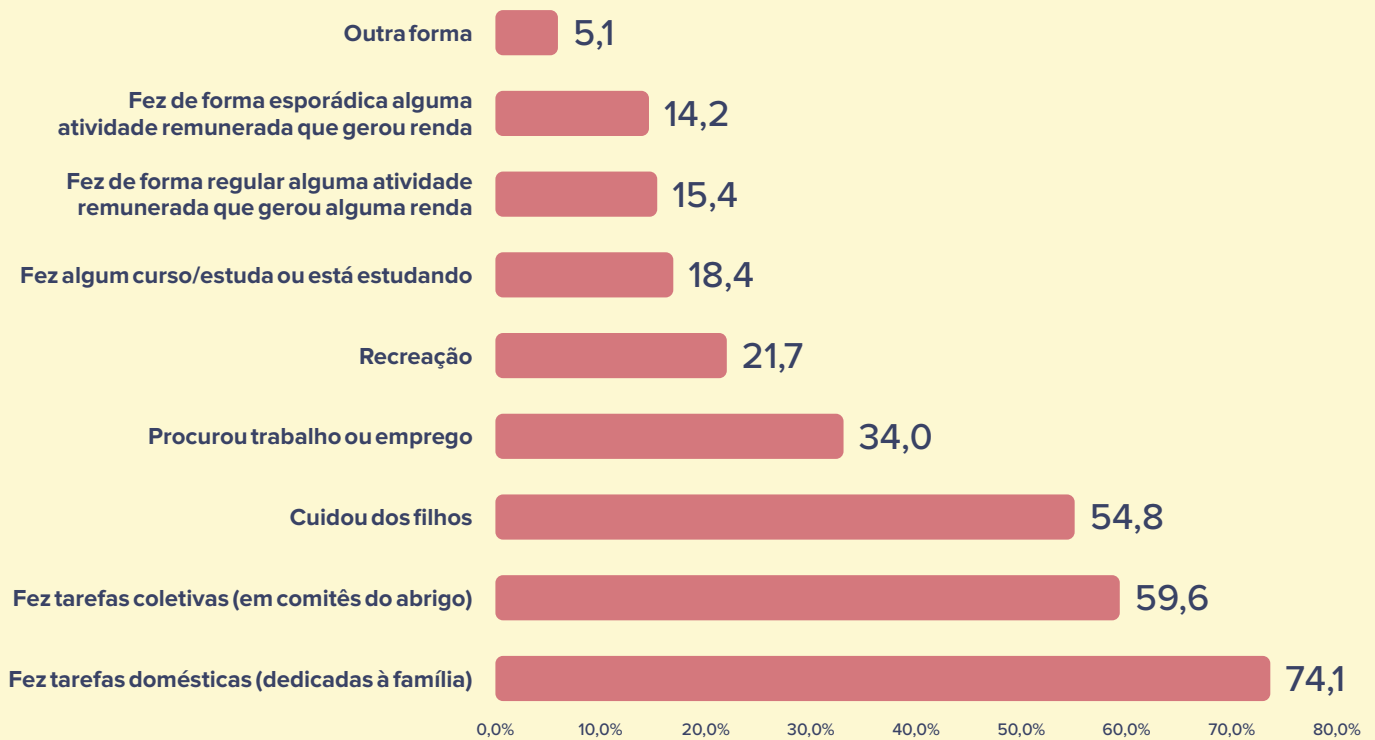
**Usos do Tempo na rotina de vida no Brasil** – Considerando os tipos de atividades realizadas ao longo do último mês em que o levantamento de campo foi realizado, o uso do tempo foi dedicado com maior frequência às atividades domésticas de cuidado com o arranjo familiar (74,1%, n=246); às tarefas relacionadas ao cuidado com as necessidades coletivas

(comitês) para o funcionamento do abrigo (59,6%, n=198), além das atividades relacionadas ao cuidado com os filhos (54,8%, n=182). No outro extremo, o uso do tempo foi menos incidente em atividades esporádicas remuneradas (14,2%, n=47); em atividades regulares remuneradas (15,4%, n=51); em cursos ou atividades de estudo (18,4%, n=61) e recreação (21,7%, n=72). Procura por trabalho ou emprego (34%, n=113) foram atividades de frequência intermediária.

**Gráfico 71: Formas de usos do tempo ao longo do mês que antecedeu ao levantamento de campo**

n=332

Usos do tempo: "No último mês como usou o seu tempo? Quais das seguintes tarefas realizou?"



Entre aqueles 5,1 (n=17) que indicaram outros usos do tempo, foram citações espontâneas: repouso por recomendação médica, está incapacitado, doente (n=5); cuidou de parentes ou amigos enfermos (n=4); consultas médicas (n=2); teceu/bordado (n=2); atividades de colaboração voluntária (n=1); igreja (n=1); cuidou de documentos para a interiorização ou outro tipo de documentação (n=1); caminhadas (n=1).

**Usos do tempo e assimetrias na distribuição de tarefas entre gêneros** – São grandes as assimetrias entre homens e mulheres no uso do tempo. A população refugiada e migrante nos abrigos reflete, em grande medida, uma construção social em que as tarefas relacionadas

à dimensão da manutenção do lar e cuidado com os filhos são atribuições femininas em contraposição ao papel masculino de prover financeiramente o lar. Como a dimensão do labor doméstico não aporta autonomia financeira, - e a mulher precisa pedir ao homem recursos para as despesas comuns - ao assumir a responsabilidade exclusiva dessa tarefa, ela reduz as próprias chances de se inserir no mercado de trabalho, o que supõe manter vínculos de dependência (e em muitos casos de subordinação) ao homem para a sobrevivência.

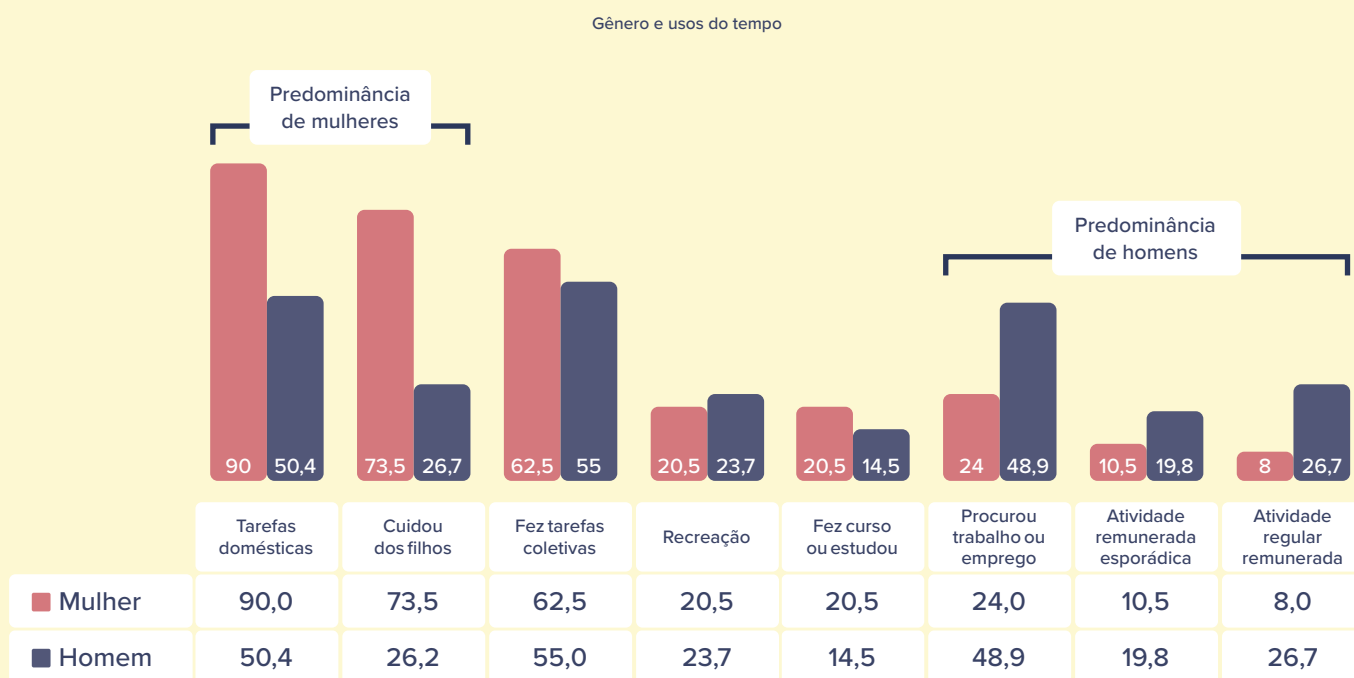
Enquanto 90% (n=180) das mulheres dedicaram, no mês anterior ao levantamento de campo, tempo às tarefas domésticas – e nos abrigos entre estas, não se inclui preparar alimentos – apenas 50,4% (n=66) dos homens

fizeram o mesmo. Dessa forma, **a refugiada ou migrante venezuelana nos abrigos tem 8,8<sup>32</sup> vezes mais chances – 780% de probabilidade maior – de depender tempo com as tarefas domésticas do que homens em sua mesma situação migratória.** Ao mesmo tempo, 73,5% (n=147) das

mulheres cuidaram dos filhos; enquanto apenas 26,7% (n=35) dos homens fizeram o mesmo. **Na vida diária dos abrigos, portanto, a mulher tem em sua rotina 7,6<sup>33</sup> vezes mais chances do que o homem de se dedicar à lida com os filhos – uma probabilidade 660% maior de ocorrência.**

Gráfico 72: Usos do tempo segundo o Gênero (em %)

n=332



Se a probabilidade de mulheres estarem atuando em tarefas domésticas e de cuidado com os filhos é de, respectivamente, 8,8 vezes e 7,6 vezes maior do que a probabilidade de homens estarem nessas atividades; por outro lado, a presença masculina é muito maior nas atividades que envolvam o trabalho remunerado ou a procura por ele. Procuraram emprego 48,9% (n=64) dos homens entrevistados; em contraposição, 24,0% (n=48) das mulheres fizeram o mesmo. É assim que a probabilidade de um refugiado ou migrante venezuelano procurar trabalho é 3 vezes maior<sup>34</sup> – o

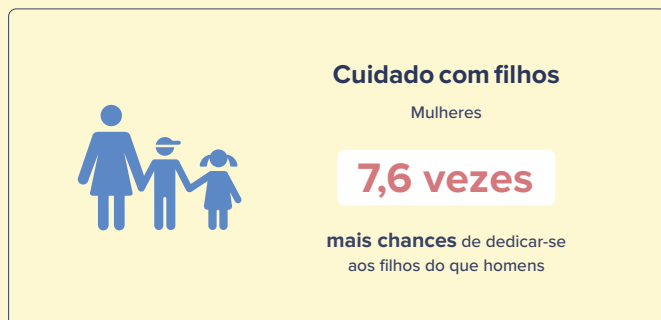
equivalente a 200% a mais - do que a chance de uma mulher de mesmo migratório fazê-lo. De modo análogo, exerceram atividades remuneradas esporádicas 19,8% (n=26) dos homens e 10,5% (n=21) das mulheres; exerceram atividades remuneradas regulares 26,7% (n=35) dos homens e 8,0% (n=16) das mulheres. No contexto desta pesquisa, o homem tem 4,1 vezes mais chance do que a mulher – 310% de probabilidade a mais – de exercer atividades remuneradas regulares e 2,1 vezes mais chance – 110% de probabilidade a mais – de exercer atividades remuneradas esporádicas.

32 – Regressão logística binária,  $P(Y)=1$  para Executar a tarefa) Odds Ratio (razão de chance)/Exp(Bmulheres em relação a homens) 8,864,  $p=0,000$ .

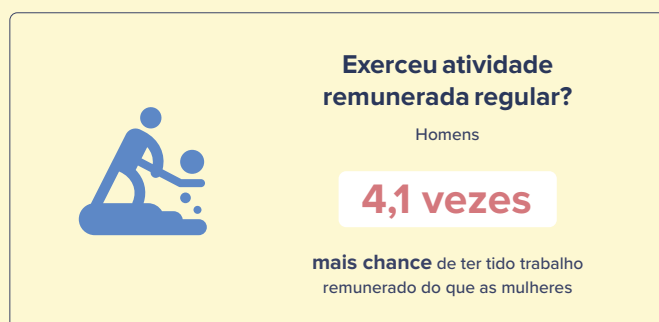
33 – Regressão logística binária, Odds Ratio (razão de chance)/Exp(Bmulheres em relação a homens) 7,608,  $p=0,000$ .

34 – Regressão logística binária,  $P(Y)=1$  para Executar a tarefa) Odds Ratio (razão de chance)/Exp(Bhomens em relação a mulheres) 8,864,  $p=0,000$ .

## Tarefas domésticas e filhos



## Trabalho e renda



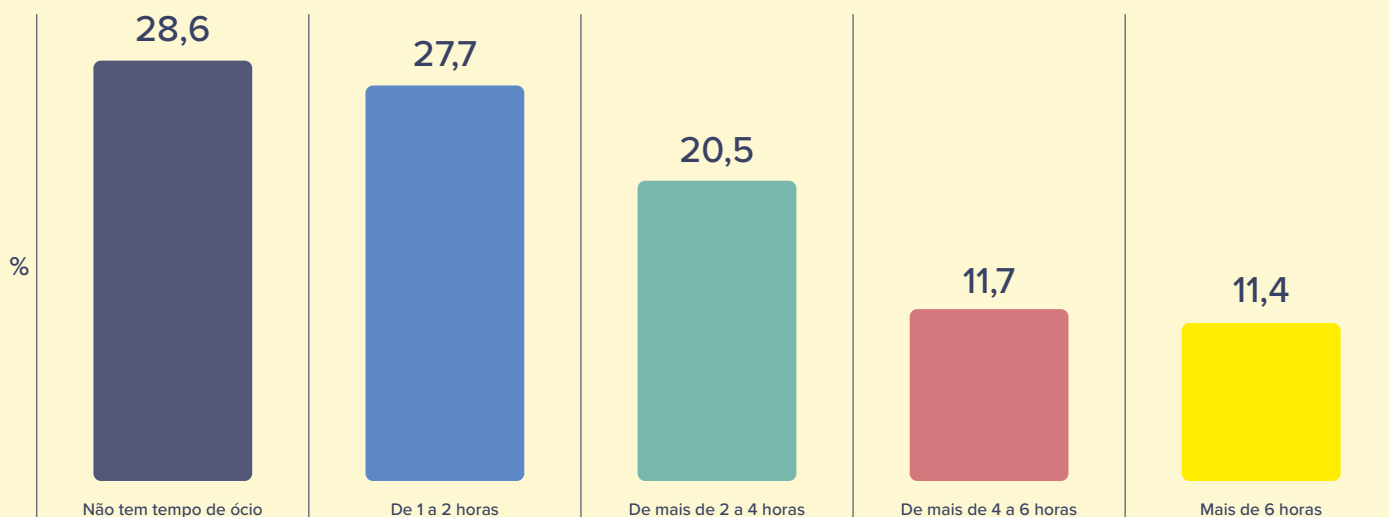
**Usos do tempo e o Ócio** – Informaram não ter tempo ocioso ao longo do dia 28,6% (n=95); estimam ter de 1 a 2 horas de tempo ocioso por dia 27,7% (n=92); 20,5% (n=68) avaliam ter de 2 a 4 horas de tempo ocioso diariamente;

11,7% (n=39) estimam ter de 4 a 6 horas por dia de tempo ocioso; e 11,4% (n=38) calculam ter mais de 7 horas por dia de tempo ocioso. Em seu conjunto, aqueles com mais de 2 horas de tempo ocioso por dia somam 43,6% (n=145).

**Gráfico 73: Pensando no uso do seu tempo, no último mês, de segunda a sexta-feira, quantas horas por dia teve de tempo ocioso, sem nenhum tipo de atividade?**

n=331

Tempo estimado de ócio



**Tempo de ócio e filhos** – Entre respondentes com filhos há maior frequência da ocorrência da ausência de tempo ocioso durante o dia do que entre respondentes que não

têm filhos. Por outro lado, há maior incidência de mais de 7 horas de ócio diário entre aqueles não têm filhos em relação àqueles que têm filhos.

Tempo ocioso e Filhos				
		Não tem filhos	Tem filhos	Total
Não tem tempo ocioso durante o dia	n	28	67	95
	%	22,2%	<b>32,5%</b>	28,6%
De 1 a 2 horas por dia	n	32	60	92
	%	25,4%	29,1%	27,7%
De mais de 2 a 4 horas por dia	n	21	47	68
	%	16,7%	22,8%	20,5%
De mais de 4 a 6 horas por dia	n	18	21	39
	%	14,3%	10,2%	11,7%
Mais de 7 horas por dia	n	27	11	38
	%	<b>21,4%</b>	5,3%	11,4%
Total	n	<b>126</b>	<b>206</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 23,530, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

Não ter tempo ocioso algum durante o dia é característica mais presente para representantes de arranjos monoparentais do que as outras categorias de arranjos. Já a categoria de 1 a 2 horas de tempo ocioso por dia é mais incidente junto a representantes de arranjos familia-

res biparentais em relação aos demais tipos de arranjos. Por seu turno, as pessoas sós e os casais sem filhos tendem a ter maior presença na faixa de mais de 7 horas de tempo ocioso por dia em relação aos arranjos biparentais e monoparentais.

Tempo Ocioso por Arranjos Familiares						
		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal sem filhos	Total
Não tem tempo ocioso durante o dia	n	36	32	18	9	95
	%	<b>40,9%</b>	26,9%	18,9%	30,0%	28,6%
De 1 a 2 horas por dia	n	19	41	25	7	92
	%	21,6%	<b>34,5%</b>	26,3%	23,3%	27,7%
De mais de 2 a 4 horas por dia	n	17	30	14	7	68
	%	19,3%	25,2%	14,7%	23,3%	20,5%
De mais de 4 a 6 horas por dia	n	11	10	18	0	39
	%	12,5%	8,4%	<b>18,9%</b>	0,0%	11,7%
Mais de 7 horas por dia	n	5	6	20	7	38
	%	5,7%	5,0%	<b>21,1%</b>	<b>23,3%</b>	11,4%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>95</b>	<b>30</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 38,699, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Determinantes do uso do tempo** – Há importantes desigualdades de gênero entre a população de refugiados e migrantes em relação ao uso do tempo nos abrigos. Em particular, há parcelas consideravelmente maiores de mulheres desempenhando tarefas domésticas e de cuidado com os filhos do que entre os homens. Esta maior ocupação das mulheres com os cuidados familiares reflete em parte a estrutura patriarcal das sociedades contemporâneas, nas quais há uma divisão tácita de tarefas entre homens e mulheres, com os primeiros participando pouco ou nada das atividades ligadas ao lar e à família e as últimas sendo menos engajadas em atividades não-domésticas do que os homens.

Com efeito, os dados relativos ao desempenho de atividades remuneradas mostram que proporções consideravelmente maiores de homens fizeram alguma atividade, quer seja de forma regular ou esporádica, do que mulheres. De maneira análoga, parcelas maiores de homens procuraram emprego ou trabalho no mês anterior à pesquisa relativamente às mulheres.

São menos afetados pelas distinções de sexo outros usos de tempo: proporções semelhantes de homens e mulheres informaram estar estudando ou ter estudado, bem como dedicado tempo a atividades recreativas. Nesses dois aspectos, há pouca disparidade entre os sexos. Mas, é importante notar que, à exceção das atividades domésticas, aquelas modalidades que tipicamente são desenvolvidas fora do lar, como as atividades remuneradas, a procura de emprego, o estudo e a recreação, são, em geral, pouco praticadas tanto por homens quanto por mulheres. Mesmo que em muitas dessas categorias tenha se verificado uma disparidade entre os gêneros desfavorável às mulheres, **o quadro geral que emerge sugere uma alienação da maioria dos refugiados de atividades sociais, em especial os estudos e o trabalho.**

Em quatro modelos de regressão binárias que se seguem examinamos o impacto do gênero sobre os usos do tempo de quatro maneiras – cuidado com filhos, tarefas domésticas, atividades remuneradas regulares e atividades remuneradas esporádicas – mantendo sobre controle a idade, a escolaridade, a presença de filhos no arranjo familiar. Para os modelos que se referem às tarefas domésticas e cuidado com os filhos, também geramos um termo interativo “homem com renda”, para verificar se o fato de o homem ter renda, muda o seu comportamento em relação a essas atribuições, que ainda persistem na cultura latina como se fossem responsabilidades exclusivas femininas.

**Modelos de Regressão - Determinantes do uso do tempo: Cuidado com filhos e Tarefas Domésticas** – Os dois

modelos de regressão logística binária que se seguem avaliam o impacto do gênero sobre “cuidar dos filhos” e realizar “tarefas domésticas”, mantendo sob controle, a idade (variável contínua), a escolaridade (variável categórica), a renda (dicotômica, ter ou não ter renda), a presença de filhos no arranjo familiar (dicotômica ter ou não ter filhos), além do termo interativo homem com renda. Ambos corroboram: assim como nas sociedades latinas contemporâneas, mantém-se nos arranjos familiares dos abrigos uma forte divisão sexual do trabalho, que se intensifica a cada ano adicional de idade.

**Tarefas domésticas** – Mantendo sob controle todas as variáveis do modelo, **um homem no abrigo tem probabilidade 88% menor do que uma mulher de ter executado tarefas domésticas** no mês anterior ao levantamento de campo desta pesquisa. E **a cada ano que envelhece, reduz-se em 2%** a probabilidade de que a pessoa se engaje nessas atribuições. Em se tratando do efeito da escolaridade sobre executar tarefas domésticas, à exceção da pós-graduação e do nível inicial de escolaridade, todas as demais categorias de anos de estudo têm efeito negativo sobre as chances de um indivíduo ter feito tarefas domésticas em relação àqueles que nunca estudaram (referência). É 86% menor a probabilidade de que indivíduos que possuem escolaridade primária/básica tenham realizado tarefas domésticas em relação aos indivíduos que nunca estudaram. Pessoas com escolaridade média e com escolaridade média técnica, têm, respectivamente probabilidade 79% e 84% inferior de terem feito tarefas domésticas em relação àqueles sem escolaridade. É 86% inferior a probabilidade de que uma pessoa com ensino superior técnico tenha realizado tarefas domésticas do que os não escolarizados. As demais variáveis não tiveram efeito significativo sobre as chances de um indivíduo ter feito tarefas domésticas. Destaque-se nesse sentido a ausência do efeito renda, que sugere que a divisão sexual do trabalho entre as famílias refugiadas perpassa os distintos extratos econômicos verificados entre eles.

**Cuidado com os filhos** – Mantendo sob controle as variáveis do modelo e examinando apenas o impacto do **gênero**, os coeficientes indicam que **um homem tem 83% menos chance (razão de chance 0,17) do que uma mulher de cuidar dos filhos**. E homens que têm algum tipo de rendimento do trabalho possuem chance significativamente menor de ter cuidado dos filhos em relação aos homens que informaram não ter rendimentos: mantendo-se constantes as demais variáveis do modelo, **a probabilidade de um homem com renda ter cuidado dos filhos é 76% menor do que daquele que não tem renda**. A idade

também apresentou efeito negativo sobre o cuidado com os filhos: quanto mais velho o indivíduo menor a chance de cuidar dos filhos: a razão de chance para o coeficiente desta variável foi de 0,96, o que significa dizer que **a cada ano que envelhece diminui em 4% a chance de que ele cuide dos filhos**. A variável relativa a ter ou não filhos apresentou um resultado óbvio de aumentar significativa-

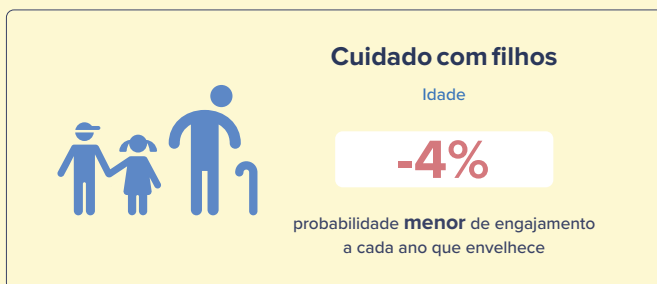
mente as chances de um indivíduo ter cuidado dos filhos no mês anterior à entrevista e foi mantida na regressão para controle. A escolaridade não se mostrou significativa neste modelo para o cuidado com os filhos: independentemente da escolaridade os aspectos centrais na cultura patriarcal ainda se mantêm contemporaneamente nos arranjos familiares.

### Razões de Chance para o Uso do Tempo no Cuidado com os Filhos e nas Tarefas Domésticas

Probabilidade do homem dedicar-se ao cuidado com os filhos e às tarefas domésticas é menor do que da mulher



### Mantendo sob controle as demais variáveis da equação, o envelhecimento tem impacto negativo sobre a probabilidade de uma pessoa cuidar dos filhos e dedicar-se às tarefas domésticas



### Mantendo sob controle as demais variáveis da equação, a escolaridade tem impacto negativo sobre a realização das tarefas domésticas em relação a quem nunca estudou. Escolaridade não é significativa para determinar o efeito de cuidado com os filhos.



### Determinantes do uso do tempo – Cuidado com filhos e Tarefas Domésticas: Coeficientes e Razões de Chance dos modelos de regressão

#### Modelos de Regressão Logística Binária: Discriminantes de usos do tempo para o “cuidar dos filhos” e “tarefas domésticas”

	Variáveis dependentes:			
	Cuidar dos filhos	Razão de Chance (OD)	Tarefas domésticas	Razão de Chance (OD)
<b>Sexo (homem)</b>	<b>-1.747***</b> (0.542)	<b>0,17</b>	<b>-2.136***</b> (0.375)	<b>0,21</b>
<b>Renda (tem alguma renda)</b>	-1.432** (0.686)	0,24	-0.100 (0.679)	0,9
<b>Escolaridade Inicial (Maternal- Terceiro Período)</b>	0.741 (1.847)	2,09	-0.361 (1.201)	0,7
<b>Escolaridade Primária/Básica (Referência não estudou)</b>	-0.389 (1.276)	0,68	<b>-1.975**</b> (0.904)	<b>0,14</b>
<b>Ensino Médio Geral (Referência não estudou)</b>	-0.072 (1.288)	0,93	<b>-1.565*</b> (0.912)	<b>0,21</b>
<b>Ensino Médio Técnico (Referência não estudou)</b>	0.839 (1.560)	2,31	<b>-1.810*</b> (1.082)	<b>0,16</b>
<b>Ensino Superior Técnico (Referência não estudou)</b>	-0.176 (1.441)	0,84	<b>-1.992**</b> (1.016)	<b>0,14</b>
<b>Graduação (Referência não estudou)</b>	0.741 (1.835)	2,10	-1.474 (1.149)	0,23
<b>Pós-Graduação (Referência não estudou)</b>	1.079 (3.664)	2,94	14.171 (726.165)	1424
<b>Idade (variável contínua)</b>	<b>-0.045**</b> (0.017)	<b>0,96</b>	<b>-0.024**</b> (0.011)	<b>0,98</b>
<b>Tem filhos</b>	<b>4.739***</b> (0.526)	<b>114,34</b>	0.413 (0.323)	1,51
<b>Homem*Tem renda (termo interativo)</b>	0.701 (0.897)	2,01	0.360 (0.775)	1,43
<b>Constante</b>	-0.139 (1.620)		4.534*** (1.164)	
<b>N</b>	327		327	
<b>Significância</b>		*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01		

Obs: erro padrão entre parênteses

**Modelos de Regressão - Determinantes do uso do tempo: “Atividades regulares que geram renda” e “Atividades esporádicas que geram renda”** – Os dois modelos da regressão seguintes examinam os fatores das atividades de natureza econômica desempenhados fora do ambiente doméstico pelos refugiados e migrantes, procurando identificar, sobretudo o impacto do gênero e da escolaridade sobre a ocorrência dessas atividades, mantidas sob controle um conjunto de outras variáveis: a idade (contínua), a renda familiar (ter renda familiar em referência a quem não tem), a presença de filhos no arranjo familiar (ter filhos em relação a quem não os tem).

São variáveis dependentes, das duas regressões logísticas binárias, as perguntas dicotômicas aos entrevistados sobre se haviam exercido alguma atividade regular e também, se haviam exercido alguma atividade esporádica, que gerassem renda no mês anterior. No primeiro caso, identificou-se algum tipo de vínculo contínuo, regular e, no segundo caso, trata-se da prestação de serviços ou realização de tarefas eventuais, esporádicas, que tenham alguma forma de remuneração.

Além das variáveis independentes mencionadas, foram também incluídas variáveis de controle relativas ao desempenho de atividades remuneradas cruzadas. Isto é, na equação que tem como dependente variável que indica ter realizado atividades de forma regular, há uma variável de controle que mede ter feito atividades de forma esporádica. Da mesma forma, na equação que tem como dependente a variável ter realizado atividades de forma esporádica, foi uma variável de controle relativa a ter realizado atividades de forma regular.

A inclusão dessas variáveis como forma de controle se deve, em primeiro lugar, ao fato de que possuem forte correlação com as dependentes e, portanto, não podem ter seu efeito ignorado, mesmo que tenham sentido analítico menos evidente. Em segundo lugar, sem estas variáveis de controle, parte significativa da variância do modelo não é explicada e acaba sendo absorvida pelo resíduo, o que tem como consequência o subdimensionamento do impacto de outras variáveis de interesse das regressões, tais como sexo, idade e educação. Os testes VIF de multicolinearidade realizados para versões desses modelos com e sem estas variáveis de controle demonstraram que elas não prejudicam a qualidade dos modelos (os valores de VIF ficam abaixo de 2 para todas as variáveis independentes, ainda que haja uma correlação moderada entre as duas variáveis de controle e a variável explicativa que mede ter ou não renda).

**Determinantes do Uso do Tempo -Atividades regulares e esporádicas que geram renda e as razões de chance**

**das variáveis modelos** – Homens tiveram 2,75 mais chances do que mulheres - probabilidade 175% maior de terem desenvolvido de forma regular alguma atividade que gerou renda no mês anterior ao levantamento de campo. Em se tratando de atividades esporádicas que geram renda, as chances são ainda maiores: 3,96 ou, em outras palavras homens tiveram probabilidade 296% maior do que as mulheres de terem feito alguma atividade esporádica remunerada. **A idade** tem efeito negativo neste modelo e é intuitivo: a cada ano a mais de idade **reduz-se em 4%** a chance de um ter realizado alguma atividade que gerou renda de forma regular no período em questão. De forma análoga, a cada ano de **vida reduz-se em 3% a chance de um indivíduo ter tido atividade esporádica que gere renda.**

**Ter filhos** foi uma variável significativa apenas em um dos modelos: aumenta as chances de realizar atividades **esporádicas** que geram renda. Indivíduos com filhos apresentaram 3,55 vezes mais chances – probabilidade 255% maior - de desenvolver esse tipo de atividade em relação aos indivíduos que não têm filhos. Já no modelo que procura explicar as atividades remuneradas regulares, ter filhos não foi variável significativa: dada a dificuldade de refugiados e migrantes venezuelanos de inserção no mercado de trabalho, de modo se não formal, pelo menos regular - arranjos familiares com filhos tendem a investir sobretudo nas atividades eventuais para obter rendimentos.

Para a regressão que procura explicar a probabilidade do indivíduo ter exercido atividade remunerada **regular** no mês que antecedeu o levantamento de campo – mantidas constantes as variáveis independentes – a escolaridade não apresentou efeito significativo, o que sugere, como temos demonstrado em outras análises neste relatório, que o baixo envolvimento dos refugiados com atividades remuneradas regulares não decorre de seu nível de ensino; mas antes, do mercado de trabalho e da precariedade e baixa qualificação das atividades com que nele conseguem se inserir.

Entretanto, a escolaridade do indivíduo tem efeito significativo, portanto apresenta impacto sobre ter ou não exercido atividades **esporádicas remuneradas** nos níveis primário, médio geral, médio técnico e superior técnico. Em todos esses casos o efeito é negativo, ou seja, ter esses níveis de educação reduz as chances de um indivíduo em relação a quem nunca estudou de ter feito atividades esporádicas que gerem renda: a redução é da ordem de 77% para o nível primário/básico em relação a quem não estudou; 76% para o nível médio geral em relação a quem não estudou; 94% para a escolaridade média técnica em relação a quem não estudou e 89% para o nível superior



técnico em relação a quem não estudou. Possivelmente, esse efeito se explica em decorrência da precariedade da inserção no mercado.

Ter exercido ou exercer **atividade regular remunerada** está negativamente associado a exercer atividade remunerada de forma esporádica: indivíduos com atividade regular remunerada tiveram 99% menos chance de também terem feito atividades remuneradas esporádicas. Esse resultado, é consistente com as análises na seção Renda e Trabalho deste relatório, em que se demonstra que os poucos refugiados e migrantes que conseguem se inserir no mercado de trabalho de forma regular, têm de se dedicar frequentemente mais de 40 horas por semana<sup>35</sup>, restando-lhes pouco ou nenhum tempo para atividades esporádicas que possam render algum adicional.

Nos dois modelos, a variável *renda* possui uma relação endógena com a variável dependente por isso, apresenta significância e magnitude de efeito altos.

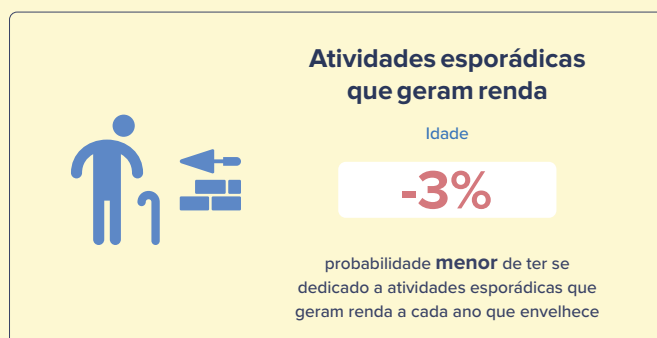
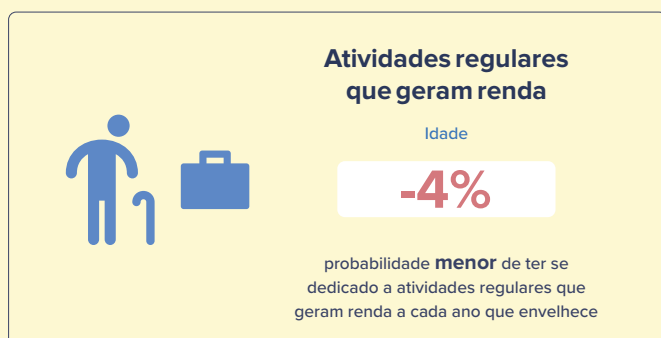
Os resultados dos modelos de regressão revelam que, tal como no caso das tarefas domésticas e familiares, existe no âmbito das atividades de renda uma divisão sexual do trabalho que determina que homens tenham muito mais chance de exercer tais atividades remuneradas do que mulheres. Fatores que normalmente seriam condicionantes fortes do acesso a este tipo de uso do tempo, - como a escolaridade - não se mostraram relevantes para determinar a inserção dos refugiados e migrantes nas atividades econômicas regulares. E no caso das atividades esporádicas essa relação foi no sentido o esperado, isto é, maior educação reduziu a chance de um indivíduo conseguir um trabalho ou algo do tipo.

### Razões de Chance para o Uso do Tempo em Atividades Regulares e Esporádicas Remuneradas

Homens têm mais chance do que mulheres de realizarem atividades regulares e esporádicas remuneradas



### O envelhecimento tem efeito negativo sobre a chance de exercer atividades regulares e esporádicas que geram renda



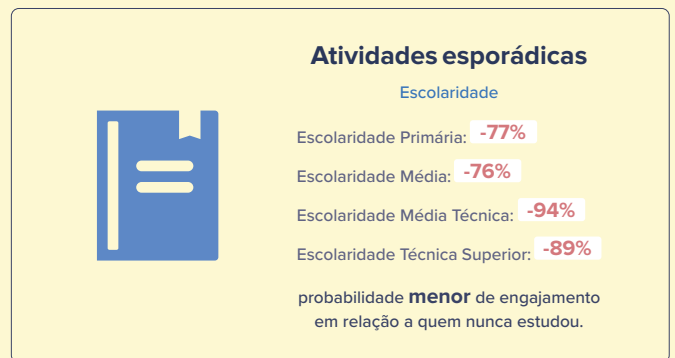
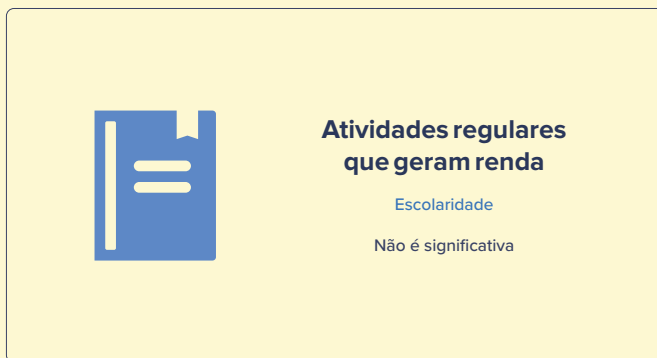
35 — Metade dos respondentes com ocupação regular trabalham mais de 40 horas por semana; por outro lado, a maior parte dos autônomos diaristas têm a força de trabalho subutilizada, trabalhando entre 20 e 40 horas por semana.

Quem tem filhos tem mais probabilidade de quem não tem de exercer atividades esporádicas que geram renda. Ter filhos não tem efeito significativo sobre atividades regulares que geram renda.



### Razões de Chance para o Uso do Tempo em Atividades Regulares e Esporádicas Remuneradas

Mantendo sob controle as demais variáveis da equação, a escolaridade não tem efeito sobre atividades regulares que geram renda e tem efeito negativo sobre as atividades esporádicas remuneradas.



### Determinantes do Uso do Tempo - Atividades regulares e esporádicas que geram renda: Coeficientes e Razões de Chance dos modelos de regressão

#### Modelos de Regressão Logística Binária: Discriminantes de usos do tempo para “atividades regulares que geram renda” e “atividades esporádicas que geram renda”

F	Variáveis dependentes:			
	Atividade regular que gere renda	Razão de Chance	Atividade esporádica que gere renda	Razão de Chance
Sexo (homem)	<b>1.003*</b> (0.599)	<b>2,73</b>	<b>1.377***</b> (0.472)	<b>3,96</b>
Renda (tem alguma renda)	<b>5.531***</b> (0.709)	252,31	<b>3.053***</b> (0.502)	21,18
Escolaridade Inicial (Maternal-Terceiro Período)	-1.153 (2.324)	0,32	-1.533 (1.392)	0,22
Escolaridade Primária/Básica	-2.033 (1.805)	0,13	<b>-2.038**</b> (0.977)	<b>0,13</b>

<b>Modelos de Regressão Logística Binária: Discriminantes de usos do tempo para “atividades regulares que geram renda” e “atividades esporádicas que geram renda”</b>				
Escolaridade Média Geral	-1.801 (1.822)	0,17	<b>-1.974**</b> (0.978)	<b>0,14</b>
Ensino Médio Técnico	-2.915 (2.015)	0,05	<b>-2.737*</b> (1.397)	<b>0,06</b>
Ensino Superior Técnico	-1.427 (2.003)	0,24	<b>-2.202*</b> (1.272)	<b>0,11</b>
Graduação	-0.501 (2.062)	0,61	-0.110 (1.062)	0,9
Pós-Graduação	-13.229 (1.378.982)	0	-14.065 (838.474)	0
Idade	<b>-0.044*</b> (0.023)	0,96	<b>-0.035*</b> (0.018)	<b>0,97</b>
Tem filhos	0.881 (0.631)	2,41	1.268** (0.503)	3,55
Fez atividade esporádica que gere renda	<b>-4.543***</b> (0.956)	0,01	--	-
Fez atividade regular que gere renda	-	-	<b>-4.453***</b> (0.903)	0,01
Constante	-1.494 (2.150)		-0.618 (1.366)	
N	327		327	
Significância			*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01	

Obs: erros padrão entre parênteses



Relatório Analítico

## **Bloco 5** **Planos para o Futuro**

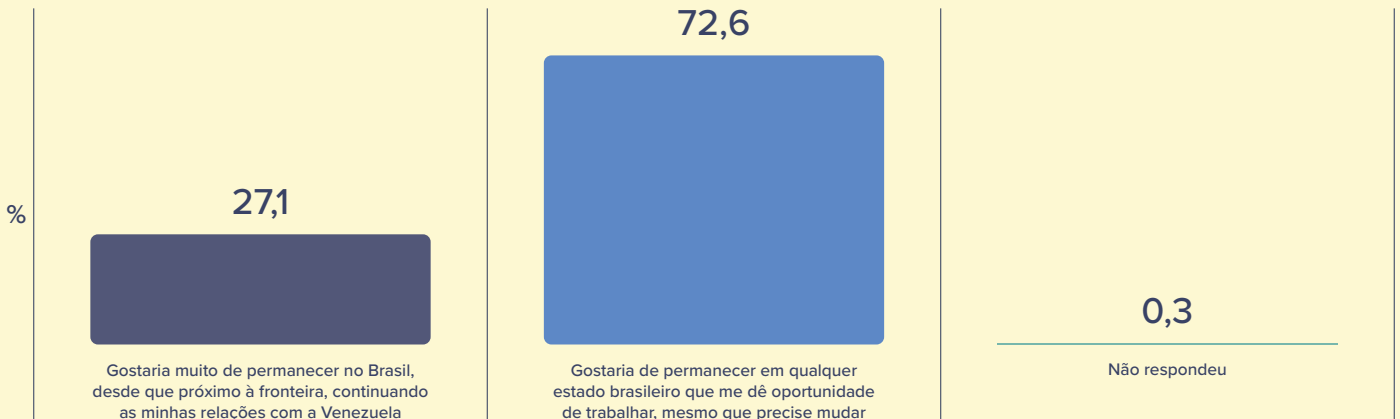
## PLANOS PARA O FUTURO

**Interiorização** – Cerca de três quartos (72,6%, n= 241) dos refugiados e migrantes venezuelanos que estão nos centros de acolhimento provisório em Boa Vista querem permanecer em qualquer estado brasileiro

que lhe dê oportunidade de trabalhar; 27,1% (n=90) querem ficar no Brasil, mas desde que próximos à fronteira, de tal forma a manter a proximidade com os relacionamentos na Venezuela; 0,3% (n=1) não respondeu porque afirmou não ter intenção de permanecer no Brasil.

Gráfico 74– Pensando em seu futuro, a sua intenção é....

n=332

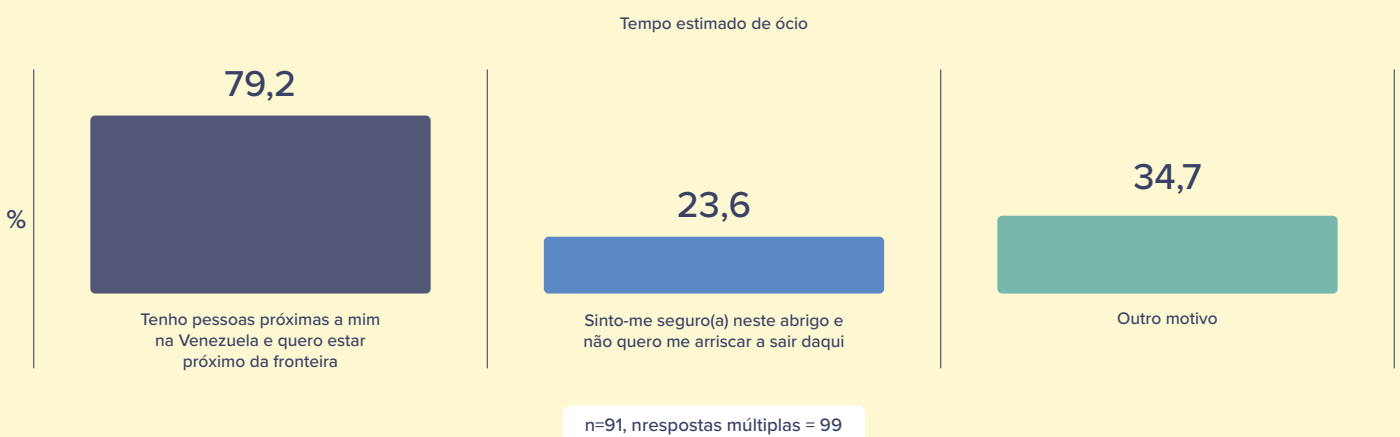


Entre aqueles 27,4%<sup>36</sup> (n=91) que informaram não estar dispostos a se mudar de Roraima, ou não responderam, em múltiplas respostas, 79,2% (n=57) disseram ter pessoas próximas na Venezuela, necessitando por isso estar próximos à fronteira. Entre estes que não desejam deixar Roraima, 23,6% (n=17) afirmam sentir-se seguros no abrigo, não desejando se arriscar a deixá-lo. Houve também 34,7% (n=25) que também apresentaram outros

motivos para não querer se mudar de Roraima: aguarda reunificação familiar (n=6); Idade (n=2); está em tratamento de saúde (n=2); situações de enfermidade ou de incapacidade na família que requerem cuidados (n=3); não há trabalho seguro (n=3); o respondente ou um dos membros do núcleo familiar está trabalhando em Boa Vista (n=2); deseja retornar à Venezuela (n=3); precisa cuidar dos filhos menores (n=1).

Gráfico 75: Motivos para não desejar se mudar de Roraima

n=332



36 – 27,1% (n=91) declararam não ter interesse em se mudar de Roraima e 0,3% (n=1) não respondeu porque não pretende ficar no Brasil.

## Outros motivos também informados para não se mudar de Roraima

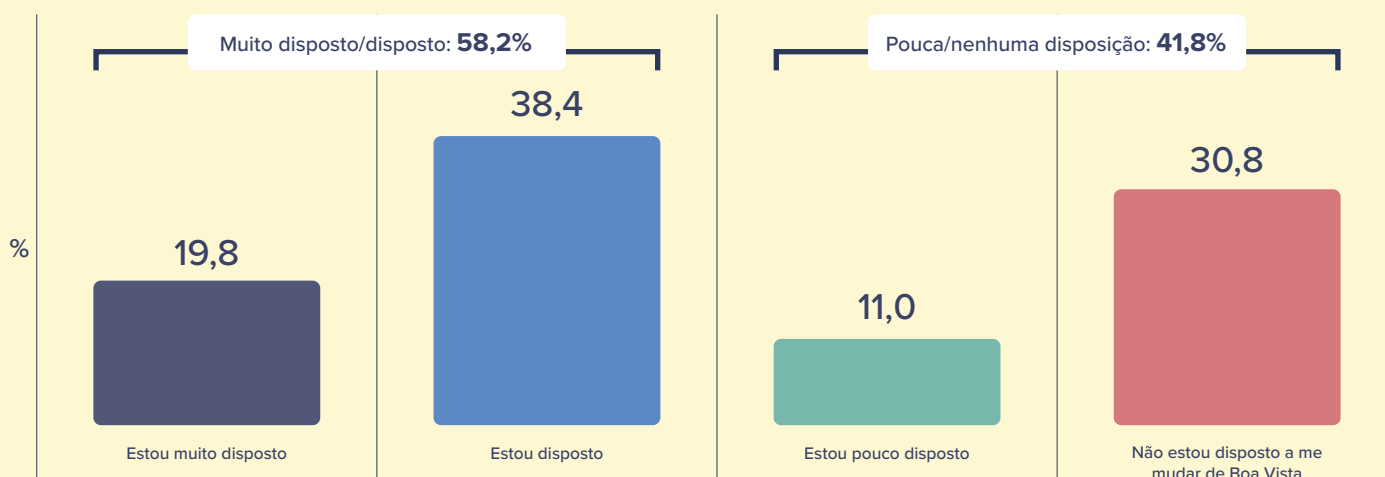
	n	%
Aguarda reunificação familiar	6	24,0
Idade, sente-se uma pessoa idosa	2	8,0
Está em tratamento de saúde	2	8,0
Situações de enfermidade ou incapacidade na família que requerem cuidados	3	12,0
Não há um trabalho seguro	3	12,0
O respondente ou um dos membros do núcleo familiar está trabalhando em Boa Vista	2	8,0
Deseja retornar à Venezuela para retomar vaga de trabalho	3	12,0
Está só para cuidar de filhos menores	1	4,0
Sem especificação	3	12,0
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100,0</b>

Entre aqueles 27,4% (n=91) que não estão interessados em participar voluntariamente do processo de interiorização, 58,2% (n=53) estão dispostos a se mudar para Manaus

ou alguma outra cidade em Roraima caso apareça alguma oportunidade de emprego; 41,8% (n=38) estão pouco dispostos ou não estão dispostos a se mudar de Boa Vista.

**Gráfico 76: Se aparecer uma boa oportunidade de trabalho para você em outra cidade de Roraima ou em Manaus, você estaria disposto a se mudar de Boa Vista ou você não quer se mudar de Boa Vista?**

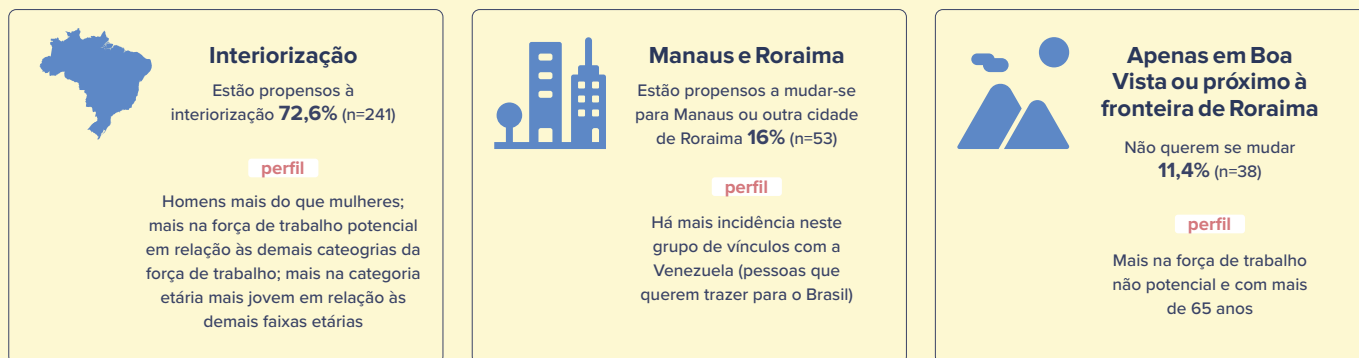
n=91



**Perfil da interiorização** – Homens, mais do que mulheres, jovens e pessoas na força de trabalho potencial (ou seja estão desempregadas, não procuraram emprego em Boa Vista no mês de referência, embora estivessem disponíveis para o trabalho) são mais propensos à interiorização do que mulheres e pessoas que estão na

força de trabalho não potencial (não estão ocupadas no mercado de trabalho e não procuram emprego porque não estão disponíveis). Nas categorias etárias de 60 anos ou mais há maior proporção de pessoas que preferem permanecer próximos à fronteira em relação aos mais jovens.

### Perfil da interiorização



Tendem a permanecer mais tempo nos abrigos, no estado de Roraima, próximo à fronteira. aqueles que desejam permanecer no Brasil, desde que

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Tempo no abrigo

		Até 4 meses	Mais de 4 a 8 meses	Mais de 8 a 12 meses	Mais de 12 a 18 meses	Mais de 18 meses	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	180	16	20	13	12	241
	%	<b>78,3%</b>	84,2%	66,7%	48,1%	50,0%	73,0%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	50	3	10	14	12	89
	%	21,7%	15,8%	33,3%	<b>51,9%</b>	<b>50,0%</b>	27,0%
Total	n	<b>230</b>	<b>19</b>	<b>30</b>	<b>27</b>	<b>24</b>	<b>330</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 19,968, p=0,001. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

Estão menos propensos à interiorização porque têm vínculos com o seu grupo social primário – cônjuges e filhos – que permaneceram na Venezuela, a quem desejam trazer para o Brasil.

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ... Por Familiares na Venezuela que espera trazer ao Brasil

		Não quer trazer nem filhos nem cônjuge	Quer trazer cônjuge	Quer trazer filhos	Quer trazer filhos e cônjuges	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	162	5	65	9	241
	%	<b>79,8%</b>	62,5%	62,5%	52,9%	72,6%
Gostaria muito de permanecer no Brasil, desde que próximo à fronteira, continuando as minhas relações com a Venezuela	n	40	3	39	8	91
	%	19,8%	37,5%	<b>37,5%</b>	<b>47,1%</b>	27,4%
Total	n	<b>202</b>	<b>8</b>	<b>104</b>	<b>17</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 14,338, p=0,002. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

Enquanto pessoas na força de trabalho não potencial estão mais propensas do que a média da amostra a permanecer nas proximidades da fron-

teira; pessoas na força de trabalho potencial têm maior adesão do que a média da amostra ao projeto de interiorização.

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Força de Trabalho

		Pessoas na força de trabalho ocupadas	Pessoas na força de trabalho desocupadas	Pessoas na força de trabalho potencial	Pessoas na força de trabalho não potencial	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	63	56	48	74	241
	%	74,1%	77,8%	<b>87,3%</b>	62,2%	72,8%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	22	16	7	45	90
	%	25,9%	22,2%	12,7%	<b>37,8%</b>	27,2%
Total	n	<b>85</b>	<b>72</b>	<b>55</b>	<b>119</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 13,568, p=0,004. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Interiorização e gênero** – Há maior frequência de mulheres do que de homens menos dispostas à interiorização.

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Gênero

		Feminino	Masculino	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	138	103	241
	%	69,0%	<b>79,2%</b>	73,0%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	62	27	89
	%	<b>31,0%</b>	20,8%	27,0%
Total	n	<b>200</b>	<b>130</b>	<b>330</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 4,187, p=0,041. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Interiorização e Faixas etárias** – Nas categorias etárias com mais de 60 anos há maior frequência do que na média da amostra de pessoas pouco afeitas à interiorização.

Entre jovens de até 24 anos, há maior disposição para mudar-se a qualquer estado brasileiro em relação à média da amostra.

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Faixas Etárias

		Até 24 anos	De 25 a 49 anos	De 50 a 59 anos	De 60 a 65 anos	Mais de 65 anos	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	47	151	31	6	6	241
	%	<b>82,5%</b>	75,9%	68,9%	46,2%	35,3%	72,8%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	10	48	14	7	11	90
	%	17,5%	24,1%	31,1%	<b>53,8%</b>	<b>64,7%</b>	27,2%
Total	n	<b>57</b>	<b>199</b>	<b>45</b>	<b>13</b>	<b>17</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 20,727, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .



**Interiorização e escolaridade** – Embora pessoas com formação técnica apresentem maior tendência à interiorização do que as demais categorias de escolaridade; a distribuição das demais faixas de escolaridade não está

associada ao desejo de permanecer próximo à fronteira. A escolaridade, o tipo de arranjo familiar e a proficiência em português não são variáveis associadas à disposição de interiorização.

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Escolaridade

		Até Fundamental	Ensino Médio	Formação técnica	Ensino Superior	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	102	98	29	12	241
	%	68,9%	75,4%	<b>87,9%</b>	60,0%	72,8%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	46	32	4	8	90
	%	31,1%	24,6%	12,1%	40,0%	27,2%
Total	n	<b>148</b>	<b>130</b>	<b>33</b>	<b>20</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 7,010, p=0,072. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Arranjo familiar

		Monoparental	Biparental	Pessoa só	Casal com filhos	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	60	93	66	22	241
	%	68,2%	78,2%	70,2%	73,3%	72,8%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	28	26	28	8	90
	%	31,8%	21,8%	29,8%	26,7%	27,2%
Total	n	<b>88</b>	<b>119</b>	<b>94</b>	<b>30</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 2,991, p=0,393. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

#### Pensando em seu futuro, a sua intenção é ...Por Proficiência em Português

		Muito baixa	Baixa	Alta	Muito alta	Total
Gostaria de permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	n	61	76	77	27	241
	%	69,3%	72,4%	78,6%	69,2%	73,0%
Gostaria de ficar no Brasil desde que próximo à fronteira	n	27	29	21	12	89
	%	30,7%	27,6%	21,4%	30,8%	27,0%
Total	n	<b>88</b>	<b>105</b>	<b>98</b>	<b>39</b>	<b>330</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 2,452, p=0,484. Não há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

**Desinteressados na interiorização e qualificação –**

Na tabela abaixo, estão as atividades em que os respondentes não interessados na interiorização declararam ter experiência prática. As atividades em que

mais têm experiência são relacionadas à gastronomia – cozinheiro (a) e auxiliar de cozinha; comércio e vendas; costura, confecção; construção civil; e limpeza/manutenção.

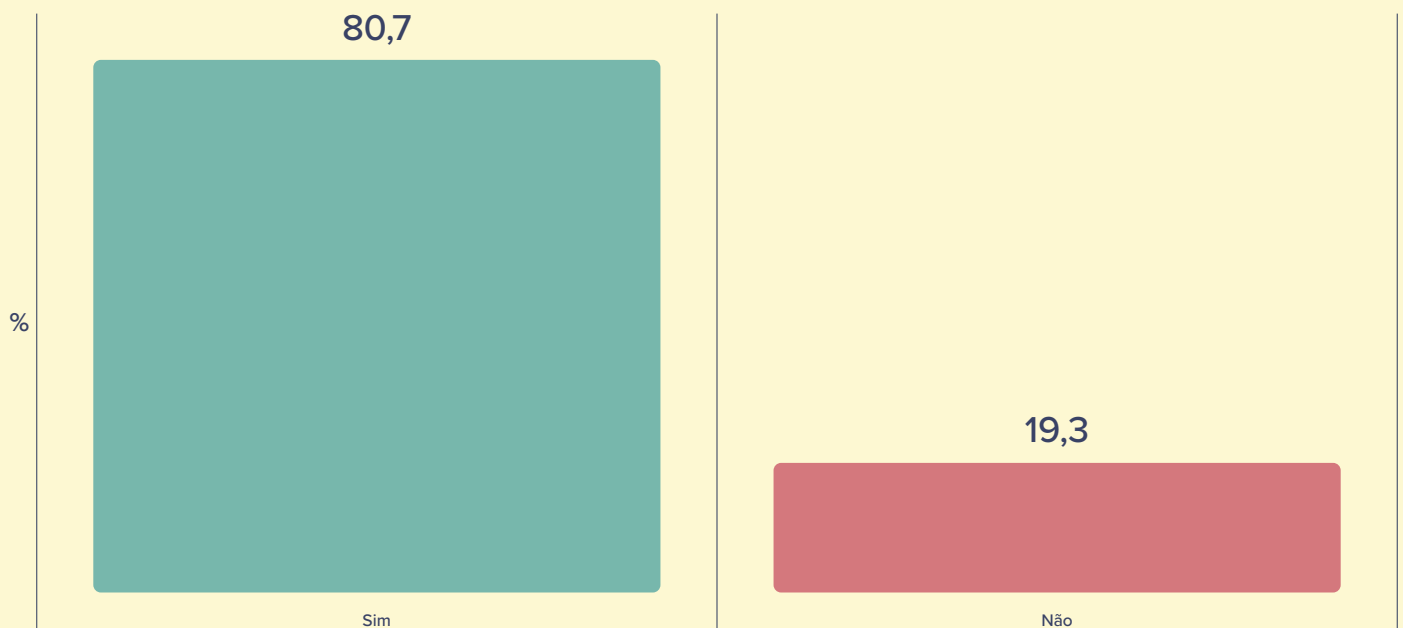
<b>Desinteressados na interiorização: atividades em que informam ter experiência prática</b>		
	<b>n</b>	<b>%</b>
Cozinheiro (a)/auxiliar de cozinha	16	17,6
Comércio, vendas	11	12,1
Costureira/crochê/trabalhos em tecidos	6	6,6
Pedreiro/mestre de obra/assentador de pedras	5	5,5
Limpeza e manutenção	4	4,4
Cabelereiro/estética/manicure/pedicure	3	3,3
Artesanato	3	3,3
Motorista/motorista de caminhão/de máquinas agrícolas	3	3,3
Recepcionista/Atendimento ao público	3	3,3
Professor/ensino infantil	3	3,3
Carpintaria/marcenaria/estofamento	2	2,2
Cuidador (a) de crianças ou idosos	2	2,2
Operador de máquinas/manejo de Maquinaria pesada	2	2,2
Fisioterapeuta	1	1,1
Serviços administrativos; secretariado	1	1,1
Caixa	1	1,1
Mecânico	1	1,1
Serralheiro	1	1,1
Diversas áreas/sem especificação	1	1,1
Pintor	1	1,1
Padaria/auxiliar de padaria/padeiro	1	1,1
Refrigeração/ar condicionado	1	1,1
Agricultor	1	1,1
Eletricista	1	1,1
Trabalhador portuário/barcos	1	1,1
Arquivista/bibliotecário	1	1,1
Despachante	1	1,1
Militar/exército	1	1,1
Grafite	1	1,1
Mineração, mineração artesanal	1	1,1
Petróleo: perfuração, plataformas	1	1,1
Não responderam	10	11
<b>Total</b>	<b>91</b>	<b>100</b>

**Família da Venezuela para o Brasil –** A maior parte dos refugiados e migrantes venezuelanos acolhidos no Brasil não apenas está disposta a se interiorizar (72,6%, n=241), deslocando-se a qualquer estado brasileiro onde se apresente oportunidade de emprego; como também 80,7% (n=268) gostariam de trazer um ou mais familiares ao

Brasil. No núcleo familiar principal, os filhos (45,1%, n=121) são os familiares mais citados. São também familiares que gostariam de trazer: pais ou avós (31%, n=83); irmãs, irmãos 28% (n=75); sobrinhos ou sobrinhas (10%, n=26); cônjuge (9,3%, n=25); sogro ou sogra (6,3%, n=17); neto ou neta (5,3%, n=14).

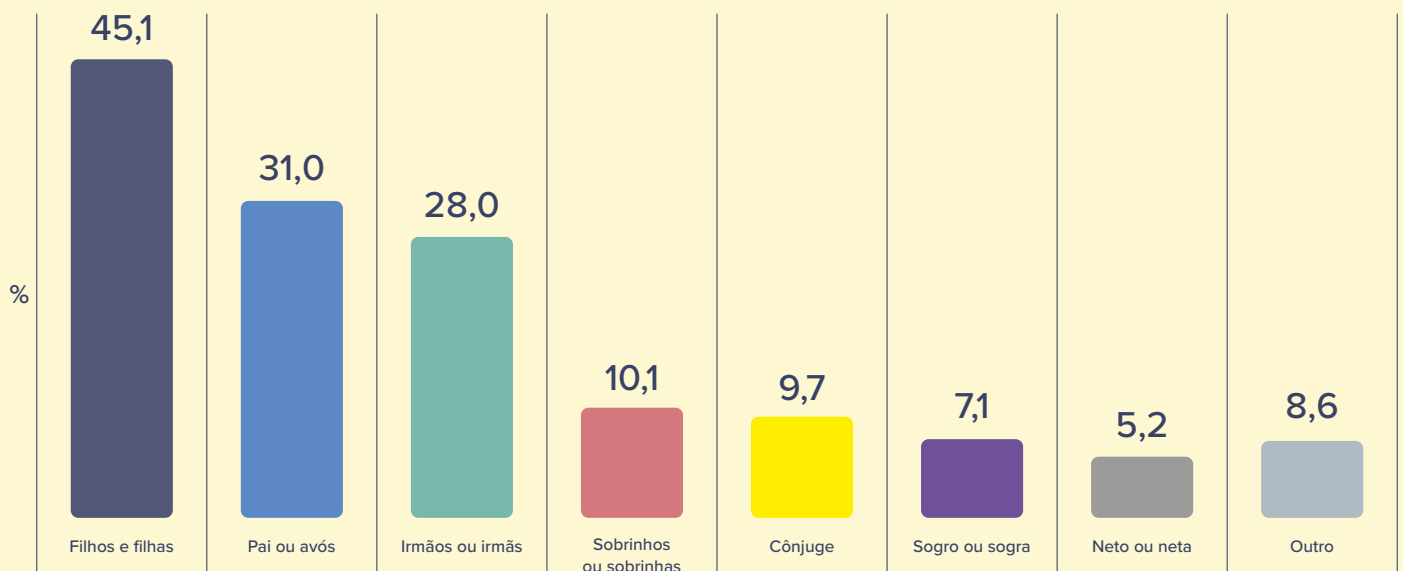
**Gráfico 77: Existe alguém ou mais de uma pessoa na Venezuela que você gostaria de trazer para o Brasil para que essa pessoa ou pessoas estejam mais perto de você?**

n=332



**Gráfico 78: Esta pessoa ou pessoas que você gostaria de trazer da Venezuela para o Brasil é ... (múltiplas respostas)**

n=268



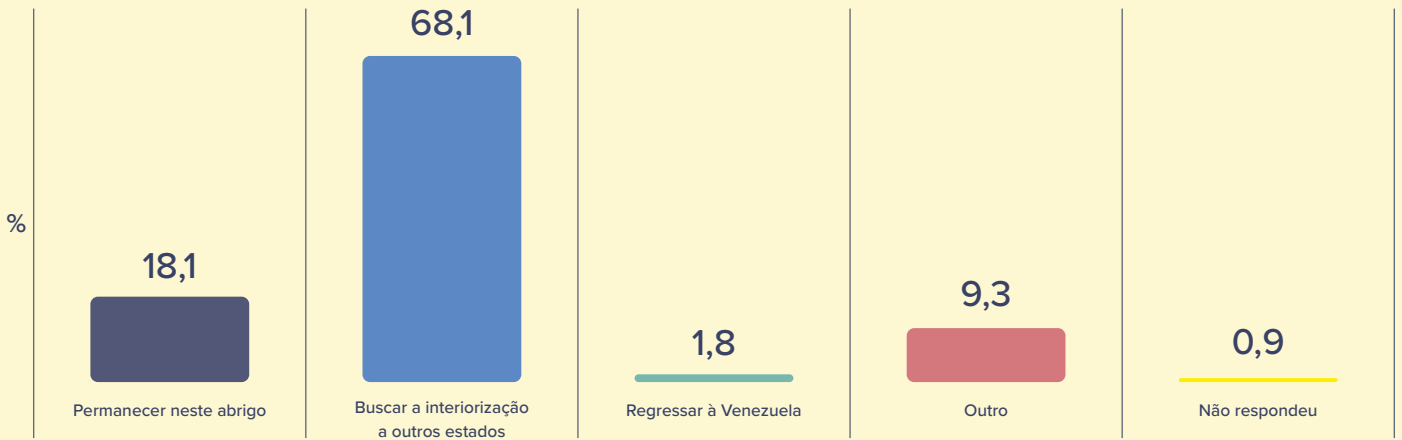
**Outros:** Cunhado ou cunhada (3,4%); tio ou tia (2,2%); amiga (0,7%); prima ou primo (0,7%); ex-marido (0,4%); noivo(a) (0,4%); pai de seus filhos (0,4%).

**A Covid-19 em 2021** – Buscar a interiorização a outros estados é a opção de 68,1% (n=226) neste ano em que se projeta novas ondas do novo coronavírus e atrasos para a imunização da população. Para 18,1% (n=60) permanecer no abrigo será a opção. Enquanto 1,8% (n=5) pretende regressar à Ve-

nezuela; 9,3% manifestaram outros projetos, entre os quais, os mais frequentes foram sair do abrigo para viver de aluguel; aguardar filhos e outros familiares chegarem da Venezuela para que faça a interiorização; aguardar tratamento de saúde próprio ou de algum familiar para tomar uma decisão.

**Gráfico 79: Se a nova pandemia coronavírus persistir neste novo ano de 2021, sua intenção será permanecer neste abrigo, buscar interiorização ou retornar à Venezuela?**

n=332



**Interiorização**

**perfil**

Mais frequente na faixa etária de até 24 anos; entre pessoas que estão desempregadas procurando emprego (desocupadas); e pessoas de arranjos biparentais, em relação à média da amostra.

**Permanecer no abrigo**

**perfil**

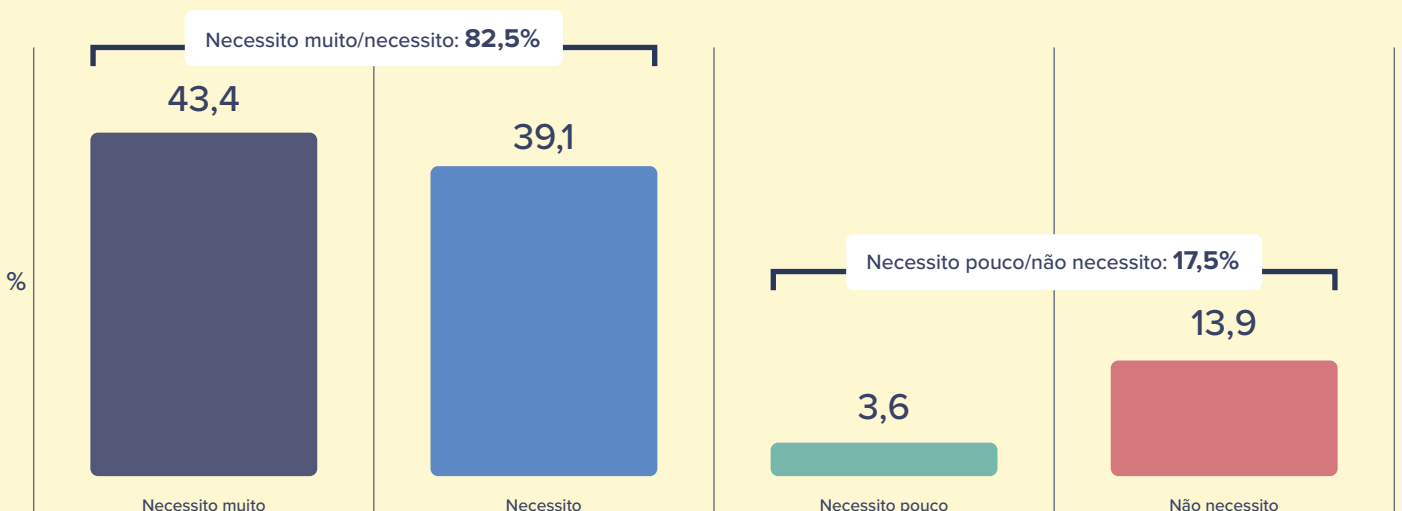
Mais frequente entre pessoas sós, acima de 50 anos, do sexo masculino em relação à média da amostra.

**Cursos** – Acreditam necessitar neste momento de cursos de capacitação que ajudem a empreender ou buscar trabalho 82,5% (n=274) dos respondentes. Enquanto 43,4% (n=144)

afirmam “necessitar muito” e 39,1% (n=130) “necessitar” de algum curso de capacitação; 3,6% (n=13) acham que necessitam pouco e 13,9% (n=45) acreditam que não necessitam.

**Gráfico 80: Em sua opinião, você precisa neste momento de algum curso de capacitação para ajudá-lo como empreendedor ou para buscar trabalho?**

n=332



Entre aqueles 86,1% (n=287) que informaram necessitar muito, necessitar ou necessitar pouco de um curso de capacitação, 36,9% (n=106) informaram ser prioridade o aprendizado de português; 25,4% (n=73) apresentaram uma sugestão de curso diferente do curso de português; 18,1% (n=52) apresentaram mais de uma sugestão de curso,

entre os quais o português; 12,5% (n=36) indicaram mais de uma sugestão de curso, sem menção ao português; 6,7% (n=19) não especificaram o curso, considerando que precisam aprender qualquer coisa que gere em renda; 0,3% (n=1) afirmou que precisa de certificação, no Brasil, de seu diploma relativo à sua formação profissional na Venezuela.

#### Qual curso acredita seja mais importante para você neste momento?

Categorias de resposta		
	n	%
Português	106	36,9
Apenas uma sugestão de curso	73	25,4
Mais de uma sugestão de curso (entre os quais português)	52	18,1
Mais de um curso sugerido (sem menção ao Português)	36	12,5
Sem especificação de curso (declaram precisar de qualquer curso que gere renda)	19	6,7
Certificação do diploma	1	0,3
<b>Total</b>	<b>287</b>	<b>100</b>

#### Cursos sugeridos

#### Qual curso acredita seja mais importante para você neste momento?

	n	%
Português	106	36,9
Português e outro	52	18,1
Cursos sem especificação (qualquer um que gere renda)	18	6,3
Empreendedorismo, empreendedorismo feminino	17	5,9
Corte e costura, crochê	9	3,1
Computação, informática	8	2,8
Cozinha, gastronomia	8	2,8
Idiomas (francês, alemão, inglês, russo)	7	2,4
Cabelereiro, manicure, pedicure	6	2,1
Administração	5	1,7
Mecânica, mecânica automotriz, mecânica a diesel	5	1,7
Bolos, bolos brasileiros	4	1,4
Comércio, vendas	4	1,4
Ar condicionado/refrigeração	3	1,0
Artesanato	3	1,0
Atendimento ao público	3	1,0
Barbearia	3	1,0
Enfermeira	2	0,7
Logística	2	0,7
Motorista	2	0,7

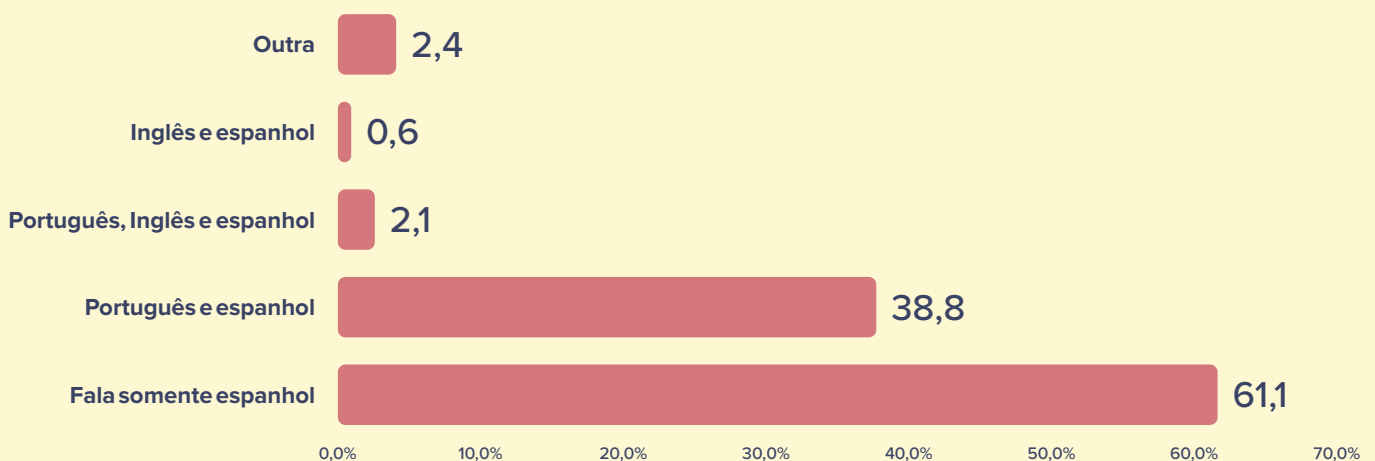
Qual curso acredita seja mais importante para você neste momento?		
Alvenaria	1	0,3
Arquitetura e engenharia	1	0,3
Certificação do diploma	1	0,3
Cuidadora de crianças	1	0,3
Eletrônica	1	0,3
Estética	1	0,3
Estilista	1	0,3
Matemática	1	0,3
Construção civil (materiais)	1	0,3
Panificação	1	0,3
Pedagogia	1	0,3
Relações humanas	1	0,3
Saúde	1	0,3
Segurança no trabalho	1	0,3
Serviços gerais	1	0,3
Soldador	1	0,3
Turismo e hotelaria	1	0,3
Psicologia	1	0,3
Carpintaria	1	0,3
Certificação do diploma	1	0,3
<b>Total</b>	<b>287</b>	<b>100%</b>

**Idiomas** – Entre os respondentes da amostra, falam somente o espanhol 61,1% (n=203). Além do espanhol, falam também português 38,8% (n=129); 2,1% (n=7) português, inglês e espanhol; e 0,6% (n=2) inglês e espanhol. Entre os

outros idiomas citados: italiano (0,6%, n=2); russo (0,6%, n=2); francês e português (0,3%, n=1); latim básico (0,3%, n=1); Warao (0,3%, n=1); um pouco de chinês (0,3%, n=1); linguagem de libras (0,3%, n=1).

**Gráfico 81: Além do espanhol, qual outra língua fala? (Em cada categoria de resposta a proporção no gráfico é em relação a 100% da amostra e indica a frequência da ocorrência)**

n=332

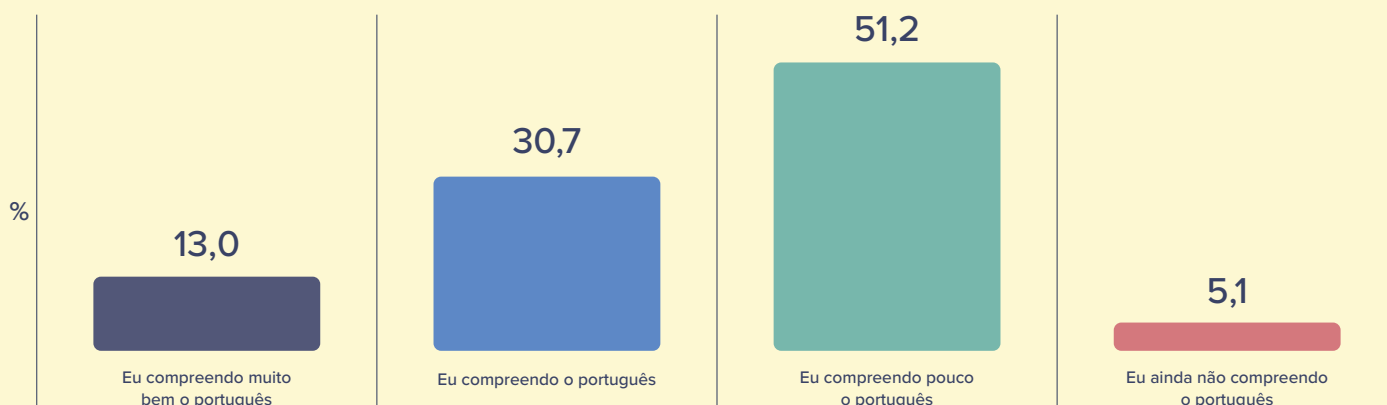


**Língua portuguesa** – Embora 38,8% (n=129) tenham afirmado, em pergunta dicotômica – sim ou não – “falar” português, para avaliar o nível de compreensão e

expressão na língua portuguesa, foram introduzidas as duas questões, em escala ordinal crescente de quatro pontos.

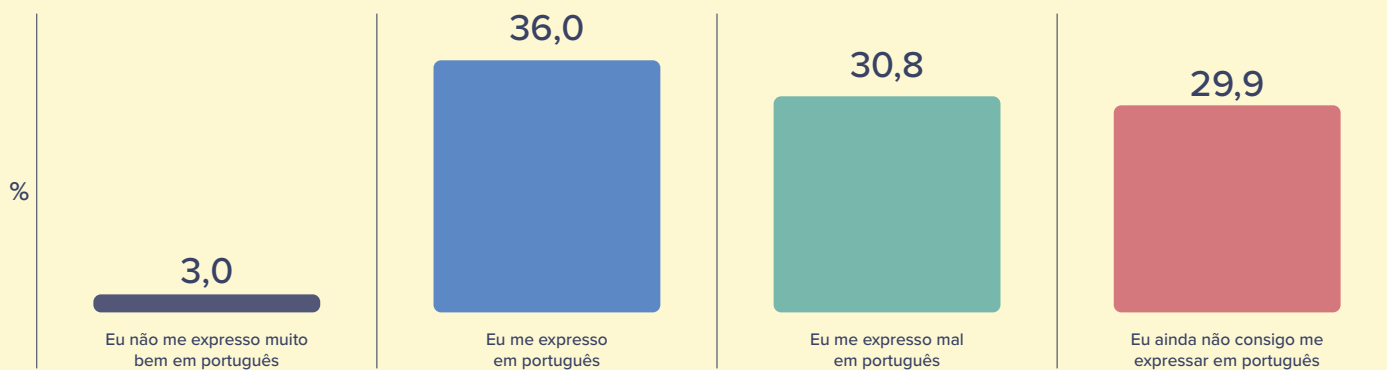
**Gráfico 82: Como você se sente, neste momento, em relação à sua compreensão da língua portuguesa?**

n=332



**Gráfico 83: Como você se sente, neste momento, em relação à sua comunicação (expressão) em língua portuguesa?**

n=331



**Proficiência em português** – Com o emprego da análise fatorial<sup>37</sup>, técnica de extração de componentes principais, gerou-se um índice a partir das variáveis que mediram em escalas de quatro pontos a capacidade de compreensão da língua portuguesa, além da capacidade de comunicação ou expressão em língua portuguesa. O índice foi denominado “Proficiência em Português” porque carrega essa dimensão latente, computando otimamente o peso das duas variáveis originais envolvidas<sup>38</sup>.

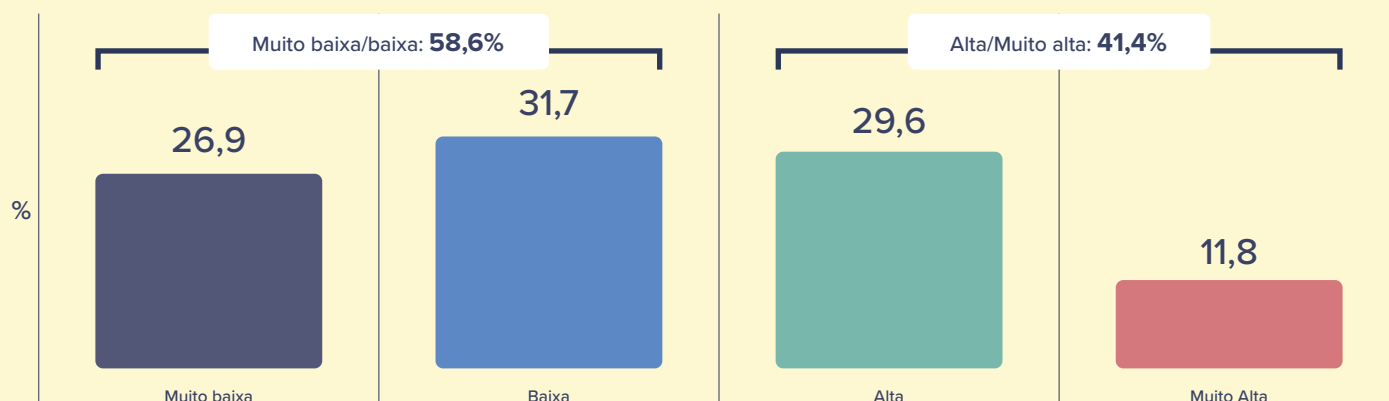
A partir da autoavaliação dos respondentes quanto à sua capacidade de compreensão e expressão em língua portuguesa, o Índice de Proficiência em Português aponta para 11,8% (n=39) com proficiência muito alta; 29,6% (n=98) com proficiência alta; 31,7% (n=105) com proficiência baixa; e 26,9% (n=89) com proficiência muito baixa. Em dois grandes grupos, 58,6% (n=194) têm a proficiência muito baixa ou baixa; e 41,4% (n=137) têm a proficiência alta ou muito alta.

37 – A principal função das diferentes técnicas de análise fatorial é reduzir uma grande quantidade de variáveis observadas a um número reduzido de fatores, com dimensões latentes que carregam os conceitos das variáveis individuais originais. Nesta análise, utilizamos a técnica de extração Análise de Componentes Principais. Foram variáveis consideradas: compreensão da língua portuguesa (escala) e expressão em língua portuguesa (escala).

38 – A adequação da análise fatorial utilizada foi avaliada pelo teste de esfericidade de Bartlett (0,5) e Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 159,47, p=0,000). O fator extraído, transformado no índice de Proficiência em Português, explica 80,9% da variância acumulada.

**Gráfico 84: Índice de Proficiência em Português dos refugiados e migrantes venezuelanos nos abrigos pesquisados em Boa Vista**

n=331



**Perfil da Alta Proficiência em Língua Portuguesa** – Na alta proficiência, estão mais homens do que mulheres. Também estão na alta proficiência mais pessoas da força de trabalho desocupada (procuram emprego), com alta escolaridade (que tem tido mais dificuldade para a integração no mercado, dada a precariedade da empregabilidade) e as pessoas que planejam mais a saída do abrigo. Aqueles que socializam mais com brasileiros também possuem alta proficiência.

**Perfil da Baixa Proficiência em Língua Portuguesa** – na baixa proficiência, encontram-se mais mulheres do que homens, assim como mais pessoas que estão força de trabalho não potencial (pessoas fora da força de trabalho, como donas de casa, idosos, pessoas doentes), com escolaridade até o Ensino Fundamental e no grupo de pessoas que nunca calculou de quanto precisaria ganhar para deixar o abrigo. Também estão nesse grupo, aqueles que socializam apenas com venezuelanos.

### Língua Portuguesa e variáveis com relações de dependência

#### Proficiência em Língua Portuguesa e Força de Trabalho

		Pessoas na força de trabalho ocupadas	Pessoas na força de trabalho desocupadas	Pessoas na força de trabalho potencial	Pessoas na força de trabalho não potencial	Total
Alta Proficiência	n	41	37	20	39	137
	%	48,8%	<b>51,4%</b>	35,7%	32,8%	41,4%
Baixa Proficiência	n	43	35	36	80	194
	%	51,2%	48,6%	64,3%	<b>67,2%</b>	58,6%
Total	n	<b>84</b>	<b>72</b>	<b>56</b>	<b>119</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 9,260, p=0,026. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

#### Proficiência em Língua Portuguesa e Gênero

		Feminino	Masculino	Total
Alta Proficiência	n	73	63	136
	%	36,5%	<b>48,5%</b>	41,2%
Baixa Proficiência	n	127	67	194
	%	<b>63,5%</b>	51,5%	58,8%
Total	n	<b>200</b>	<b>130</b>	<b>330</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 4,653, p=0,031. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .



Proficiência em Língua Portuguesa e Escolaridade					
		Até Fundamental	Ensino Médio	Ensino Técnico ou Superior ou Pós-graduação	Total
Alta Proficiência	n	47	60	30	137
	%	32,0%	46,2%	<b>55,6%</b>	41,4%
Baixa Proficiência	n	100	70	24	194
	%	<b>68,0%</b>	53,8%	44,4%	58,6%
Total	n	<b>147</b>	<b>130</b>	<b>54</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 11,057, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

Proficiência em Língua Portuguesa por Alguma vez já calculou quanto precisaria ganhar para deixar este abrigo?				
		Sim, já calculou	Não, nunca calculou	Total
Alta Proficiência	n	105	32	137
	%	<b>53,3%</b>	23,9%	41,4%
Baixa Proficiência	n	92	102	194
	%	46,7%	<b>76,1%</b>	58,6%
Total	n	<b>197</b>	<b>134</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 28,453, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

A proficiência em um idioma é um passaporte para a autonomia individual de expressão e para a confiança em interações e socialização. Pessoas com alta proficiência

em português se socializam mais com brasileiros do que só com venezuelanos, o que lhes permite criar vínculos e construir capital social no país de destino.

Proficiência em Língua Portuguesa por Pessoas (nacionalidades) com quem mais socializa							
		Brasileiros	Venezuelanos	Migrantes de outros países	Não se socializa com ninguém	Brasileiros e venezuelanos	Total
Alta Proficiência	n	25	67	8	3	34	137
	%	<b>64,1%</b>	34,4%	80,0%	30,0%	44,2%	41,4%
Baixa Proficiência	n	14	128	2	7	43	194
	%	35,9%	65,6%	20,0%	70,0%	55,8%	58,6%
Total	n	<b>39</b>	<b>195</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>77</b>	<b>331</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 19,190, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

Também pessoas com alta proficiência tendem, em maior proporção do que a média da amostra e em relação ao grupo de baixa proficiência, a não sentir dificuldade alguma em estabelecer interações e relacionamen-

tos com brasileiros. Entre aqueles com baixa proficiência há maior frequência de um “pouco de dificuldade” em relação à média da amostra e em relação àqueles com alta proficiência.

**Proficiência em Língua Portuguesa por Níveis de dificuldade para se socializar com brasileiros**

		Sinto muita dificuldade	Sinto dificuldade	Sinto um pouco de dificuldade	Não tenho nenhuma dificuldade	Total
Alta Proficiência	n	0	5	8	124	137
	%	0,0%	29,4%	16,7%	<b>47,3%</b>	41,4%
Baixa Proficiência	n	4	12	40	138	194
	%	100,0%	70,6%	<b>83,3%</b>	52,7%	58,6%
Total	n	4	17	48	262	331
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Qui-quadrado: 19,7333, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

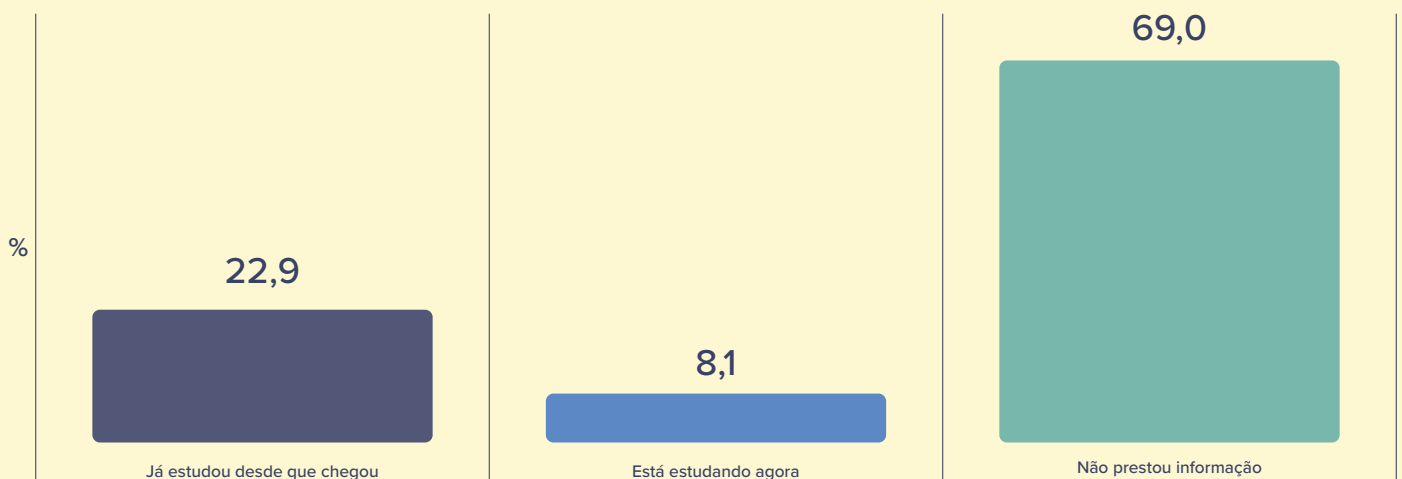
### Língua Portuguesa: estudos

No mês de referência desta pesquisa, 8,1% (n=27) estavam estudando português; 22,9% (n=76) declararam ter estudado em algum momento desde que chega-

ram ao Brasil; 69% (n=229) não prestaram informação sobre eventual curso ou estudos da língua desde que chegou ao Brasil, o que é sugestivo de que não tenham estudado.

**Gráfico 85: Neste momento você está estudando o português? Ou em algum momento, desde que chegou no Brasil, você chegou a estudar português?**

n=332



São sobretudo aqueles que já concluíram cursos de português em algum momento desde que chegaram ao Brasil que se autoavaliam com escores mais altos do Índice de Proficiência em Português, que considera a compreensão e expressão no idioma. Já entre aqueles nunca estudaram

há maior frequência do que a média na categoria de baixa proficiência em português. Portanto, os cursos realizados, tendem a melhorar a proficiência em português; o que se verifica inclusive em maior proporção em relação àqueles que estavam cursando no mês de referência da pesquisa.

## Estudo da língua portuguesa e Índice de Proficiência em Português

		Alta proficiência	Baixa proficiência	Total
Está estudando neste momento	n	15	12	27
	%	10,9%	6,2%	8,2%
Já estudou	n	46	29	75
	%	33,6%	14,9%	22,7%
Não estudou	n	76	153	229
	%	55,5%	<b>78,9%</b>	69,2%
Total		<b>137</b>	<b>194</b>	<b>331</b>
		<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

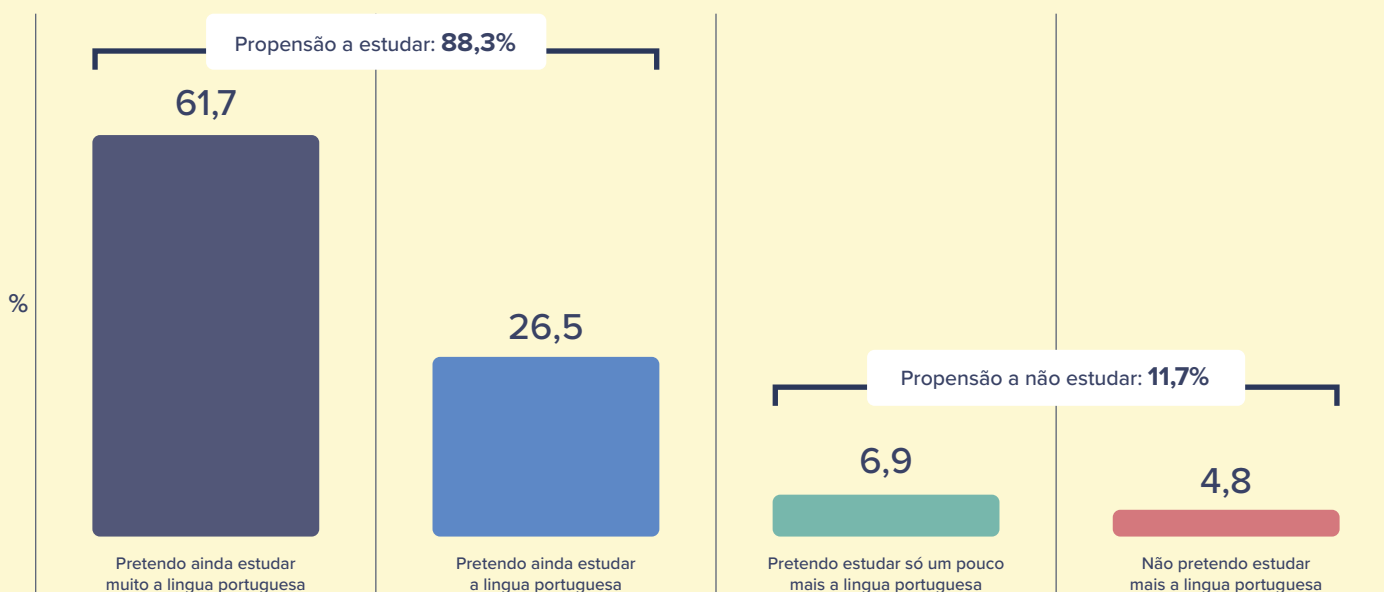
Qui-quadrado: 20,881, p=0,000. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

Pretendem ainda estudar muito a língua portuguesa 61,7% (n=205); 26,5% (n=88) informam pretender ainda estudar a língua portuguesa. Agregadas, as duas categorias de resposta que carregam o mesmo conceito, somam 88,3% (n=293): pretendem melhorar a sua comunicação e compreensão da língua portuguesa. Por

outro lado, 6,9% (n=23) dizem pretender estudar só um pouco e 4,8% (n=16) não têm intenção de estudar a língua portuguesa. As duas categorias, agregadas, somam 11,7% (n=39) de pessoas que estão pouco propensas a se aprofundar no idioma para melhorar a sua comunicação.

**Gráfico 86: Sobre a língua portuguesa, qual destas frases abaixo melhor expressa os seus sentimentos?**

n=332



Há forte associação entre a intenção de estudar a língua portuguesa e a disposição para a interiorização, ambas

variáveis que denotam predisposição para se estabelecer em definitivo no Brasil.

## Propensão a estudar português Por Predisposição para a interiorização

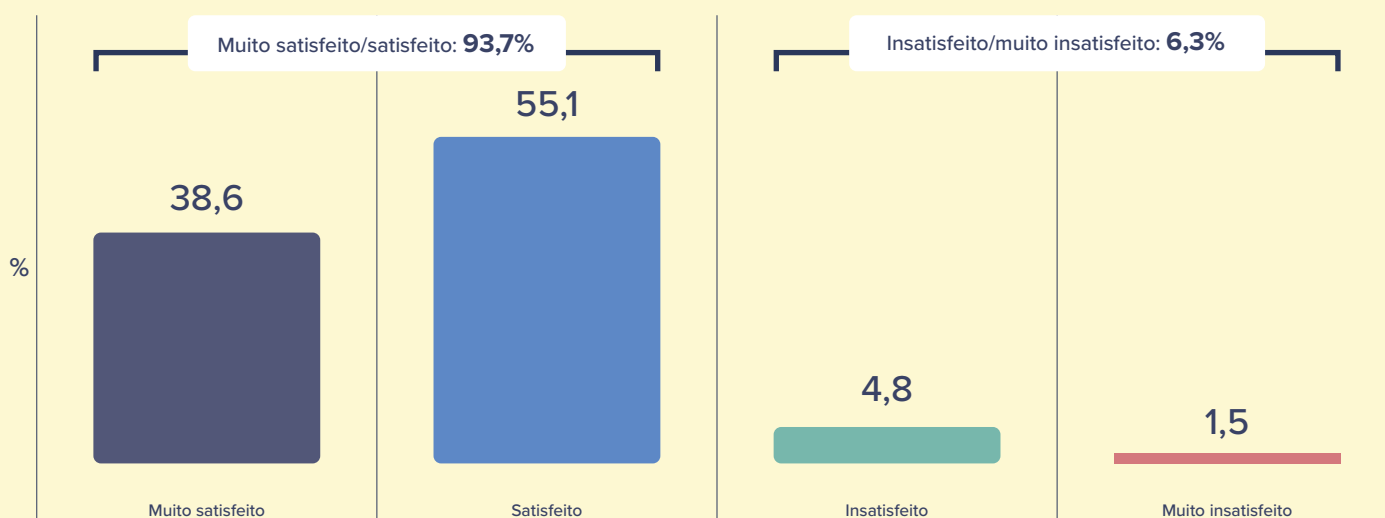
		Permanecer no Brasil, desde que próximo à fronteira, continuando as minhas relações com a Venezuela	Permanecer em qualquer estado brasileiro que me dê oportunidade de trabalhar, mesmo que precise mudar	Total
Não vai estudar ou vai estudar só um pouco	n	19	20	39
	%	20,9%	8,3%	11,7%
Pretende estudar muito ou estudar a língua portuguesa	n	72	221	293
	%	79,1%	<b>91,7%</b>	88,3%
Total	n	<b>91</b>	<b>241</b>	<b>332</b>
	%	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Qui-quadrado: 10,084, p=0,003. Há relação de dependência entre as duas variáveis em  $\alpha = 0,05$ .

É ampla a satisfação manifesta com a qualidade de vida no Brasil: 93,7% (n=311) declaram estar muito satisfeitos (38,6, n=128) ou satisfeitos (55,1%, n=183). Ape-

nas 6,3% (n=21) afirmam estar muito insatisfeitos (1,5%, n=5) ou insatisfeitos (4,8%, n=16).

Gráfico 87: Pelo momento, como você se sente em relação à sua qualidade de vida no Brasil?







©ACNUR/Allana Ferreira

## Em Resumo: Resultados

### EM RESUMO: DESCRIÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

**Gênero** – Entre os adultos respondentes desta pesquisa selecionados a partir da lista de referência dos pontos focais e adultos abrigados nos cinco centros de acolhimento de Boa Vista, 60,2% (n=200) se identificam como mulheres; 39,5% como homens (n=131); e 0,3% (n=1) se posiciona na categoria “outro”.

**Idade** – A idade média dos respondentes é de 38,65 anos. A distribuição dos respondentes segundo categorias etárias é a que segue: 17,2% (n=57) têm de 17 a 24 anos; 60,2% (n= 200) têm entre 25 e 49 anos; 13,6% (n=45) estão na faixa etária de 50 a 59 anos; e 3,9% (n=13) têm mais de 60 a 65 anos; e 5,1% (n=17) estão com 65 anos ou mais.

**Escolaridade** – Há prevalência da escolaridade de até nível fundamental entre respondentes, seguida da categoria de escolaridade média. Incluem-se na categoria até Ensino Fundamental – 44,6% (n=148) dos respondentes; 39,2% (n=130) têm até Ensino Médio; possuem formação técnica 10,2% (n=34); 6% (n=20) têm educação superior ou pós-graduação. Considerando as categorias desagregadas de escolaridade, 3,3 % (n=11) informam nunca ter estudado; 3,3% (n=11) têm educação inicial ou pré-escolar; 38% (n=126) têm educação básica (ensino fundamental); 39,2% (n=130) possuem educação correspondente a até o Ensino Médio; 4,2% (n=14) têm educação técnica de nível médio; 6% (n=20) educação técnica de nível superior; 5,1% (n=17) cursaram ensino universitário; 0,9% (n=3) cursou a pós-graduação.

**Raça ou cor** – Autodeclararam-se mestiços 32,8% (n=109) dos respondentes; 22,3% (n=74) declaram-se brancos; 18,1% (n=60), pardos; 6,3% (n=21) dizem ser a sua cor “morena”; 4,5% (n=15) declaram-se indígenas; e 0,3% (n=1) não soube identificar a sua cor ou raça.

**Religião** – Declaram-se evangélicos de diversas igrejas 38,0% (n=126); 30,7% (n=102) dizem não ter religião, embora acreditem em Deus; e 25,9% (n=86) são católicos. Não crê em Deus 0,9% (n=3), é agnóstico 0,3% (n=1) e 2,1% (n=7) não informam a sua religião.

**Estado civil** – São casados ou em união estável 57,2% (n=190) dos respondentes; 33,4% são solteiros (n=111); 6,6% (n=22) são divorciados; e 2,7% (n=9) viúvos. Alguns dos respondentes estão separados dos familiares ou cônjuges neste momento.

### EM RESUMO: ARRANJOS FAMILIARES

**Arranjos familiares** – Entre os respondentes desta amostra, 35,8% (n=119) integram arranjos familiares biparentais; 26,5% (n=88), arranjos monoparentais; 9,0% (n=30) são casais sem filhos; e 28,6% (n=95) pessoas adultas sós, sem familiares nos abrigos. Os arranjos famílias biparentais, são aqueles que têm em seu núcleo primário o casal com filhos; os arranjos monoparentais, aqueles que têm em seu núcleo principal um dos pais responsável pelos filhos (na maioria dos casos a mãe); o arranjo familiar do “casal sem filhos”; e as pessoas que estão sozinhas nos abrigos, sem qualquer relação de parentesco ou depen-

dência financeira e afetiva com outras pessoas abrigadas. Há arranjos familiares estendidos, que guardam em sua composição avós, tios, tias e irmãos todos estes, laços descritos em relação aos pontos focais (pessoas de referência para o contato com a administração do abrigo).

**Número de integrantes** – Em média, os arranjos familiares que estão nos abrigos têm 3,31 integrantes. A distribuição dos arranjos familiares por categorias: um quarto dos arranjos familiares (25,3%, n=84) têm uma pessoa; 18,7% (n=62) têm duas pessoas; 12% (n=40) têm 3 pessoas; em 14,2% (n=47) há 4 pessoas; em 15,4% (n=51) são 5 pessoas; e em 8,7% (n=29) há seis pessoas. Há em 5,7% (n=19) dos arranjos familiares sete ou mais pessoas.

**Média de pessoas por arranjo familiar** – Os arranjos familiares biparentais têm, em média, 4,8 integrantes; os arranjos monoparentais têm, em média 3,92 pessoas; os arranjos familiares de casais sem filhos têm em média 2,4 pessoas.

**Filhos** – Em 17,5% (n=58) dos arranjos familiares há um filho; em 15,1% (n=50), dois filhos; em 16,9% (n=56), três filhos; e em 8,4% (n=28), quatro filhos. Em 3,6% (n=12) dos arranjos há cinco filhos ou mais. Há nos arranjos biparentais ou monoparentais - que representam 61,4% (n=204) do total da amostra - em média 2,48 filhos por família. A mediana da distribuição é 2. No primeiro quartil da distribuição os arranjos têm 1 filho e, no terceiro quartil 3 filhos. Identifica-se maior incidência de filhos únicos nos arranjos monoparentais em relação aos arranjos biparentais. São arranjos familiares sem filhos nos abrigos: “casal sem filhos” ou “pessoa só”, que representam 38,6% (n=128) da amostra.

**Estado civil** – São casados ou em união estável 57,2% (n=190) dos respondentes; 33,4% são solteiros (n=111); 6,6% (n=22) são divorciados; e 2,7% (n=9) viúvos. Alguns dos respondentes estão separados dos familiares ou cônjuges neste momento.

## **EM RESUMO: SITUAÇÃO OCUPACIONAL E FORÇA DE TRABALHO**

**Situação Ocupacional dos respondentes** – O desemprego, o trabalho precário e a subocupação por insuficiência de horas são características marcantes da situação ocu-

pacional da população adulta de refugiados e migrantes venezuelanos abrigados nos cinco centros de acolhimento temporário em Boa Vista. Informam estar desempregados<sup>39</sup> 38,6% (n=74) dos respondentes. São trabalhadores autônomos, como diaristas, seja em atividades diferentes, seja prestando o mesmo tipo de serviço para mais de uma pessoa 16,9% (n=56). Trabalham como ambulantes nas ruas, vendendo produtos ou serviços 5,1% (n=17) dos respondentes. Têm emprego regular, principalmente sem carteira assinada<sup>40</sup> 2,4% (n=8). Integram a força de trabalho não potencial (porque não estão disponíveis para trabalhar e não procuram emprego) 20,8% (n=69) de donas de casa, que cuidam dos filhos ou pessoas doentes na família; 4,2% (n=14) de pessoas aposentadas ou idosas que aguardam a aposentadoria; e estudantes 0,9% (n=2). Informam situações categorizadas como “outras” 10,2% (n=34) que se referem principalmente a problemas de saúde que classificam a pessoa como na força de trabalho não potencial.

**Situação ocupacional do cônjuge** – Estão desempregados (pessoas desocupadas ou na força de trabalho potencial) 36,2% (n=54) dos cônjuges ou companheiros (as) dos respondentes. São autônomos diaristas 28,9% (n=43) e 4,7% são autônomos ambulantes (n=7). Têm emprego regular 8,7% (n=13) – dos quais, 2,7% (n=4) com carteira assinada e 6% (n=9) sem carteira assinada. Há um caso que é empreendedor (0,7%, n=1). Estão na força de trabalho não potencial 19,5% (n=29) dos cônjuges que cuidam dos filhos e 0,7% (n=1) que aguarda a aposentadoria.

**Força de trabalho e número de pessoas com rendimentos no arranjo familiar** – Há maior incidência de respondentes que estão na força de trabalho não potencial em arranjos familiares sem nenhum rendimento de trabalho do que a média da amostra, o que torna este grupo ainda mais vulnerável. Entre aqueles que são do grupo força de trabalho não potencial 64,7% (n=77) estão em arranjos familiares sem nenhum rendimento no momento da pesquisa e 35,3% (n=42) estão em arranjos familiares com uma pessoa com rendimentos. Também no grupo de força de trabalho potencial e no grupo de força de trabalho desocupada – portanto nas duas categorias os respondentes não estão trabalhando neste momento – há, respectivamente, 60,7% (n=34) e 59,7% (n=43) em arranjos familiares sem nenhuma pessoa com algum tipo de rendimento de trabalho.

39 – Incluem-se nesta classificação desocupados e pessoas na força de trabalho potencial: pessoas desocupadas que estão na força de trabalho (querem, podem e procuram emprego ou trabalho) e pessoas da força de trabalho potencial (querem e podem trabalhar mas não procuraram no mês de referência da pesquisa seja por desalento ou por outras razões). Participam da força de trabalho as pessoas que têm idade para trabalhar (14 anos ou mais) e que estão trabalhando ou procurando trabalho (ocupadas e desocupadas); IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

40 – Há entre respondentes da amostra uma única pessoa com carteira assinada.

## **EM RESUMO: RENDIMENTOS DO TRABALHO E RENDA FAMILIAR**

### **Rendimentos do trabalho do respondente e (ou) cônjuge (quando há) e no núcleo principal do arranjo familiar –**

Considerando a força de trabalho do núcleo principal do arranjo familiar (cônjuges ou ponto focal que foi a unidade de resposta), 39,5% (n=131) integram arranjos familiares com algum rendimento do trabalho no mês de referência. A renda média dos rendimentos do trabalho no núcleo familiar principal do arranjo familiar é de R\$ 871,73. No primeiro quartil, os rendimentos de trabalho alcançam até R\$ 400,00. A mediana é R\$ 750,00. E no terceiro quartil, o rendimento de trabalho é de R\$ 1.200,00. O valor máximo da distribuição é R\$ 3.000,00 (*outlier*, está distante a mais de três desvios padrões da média). Não há diferença estatisticamente significativa entre as médias de rendimento do trabalho do respondente e do cônjuge.

**Programas de assistência social e Renda Familiar –** Foram beneficiados pelo auxílio governamental no mês de

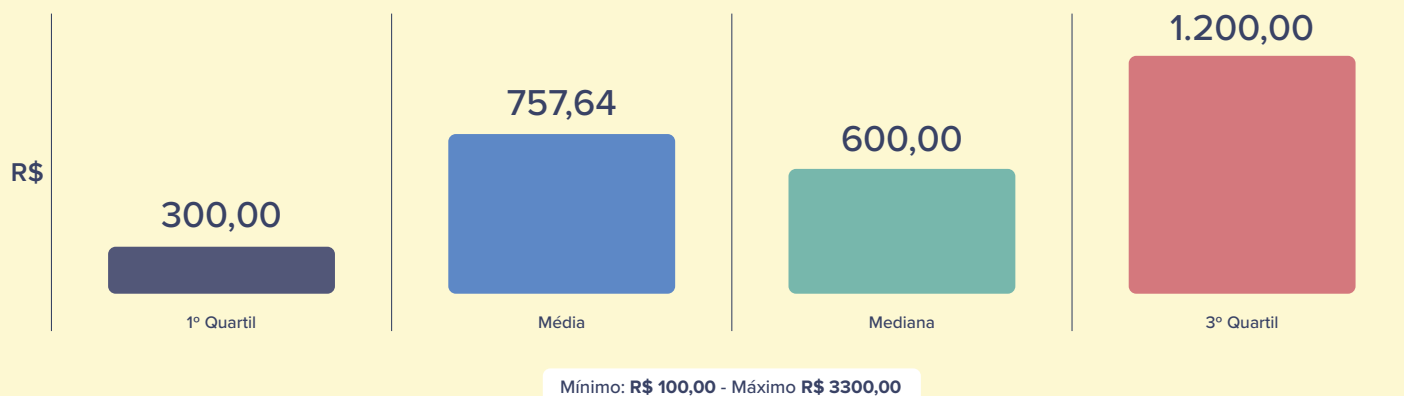
referência desta pesquisa 66% (n=219) dos arranjos familiares nos abrigos, segundo informação prestada pelos respondentes. São beneficiários do Programa Bolsa Família 15,4% (n=51) dos arranjos familiares do total da amostra. Recebem o Benefício de Prestação Continuada 2,4% (n=8).

### **Renda familiar total, inclusive benefícios de programas sociais –**

No mês de referência desta pesquisa 13,9% (n=46) dos respondentes entrevistados, pertenciam a arranjos familiares que não tiveram nenhuma renda familiar. Considerando auxílios governamentais do tipo auxílio emergencial e Benefício de Prestação Continuada (BPC) e Bolsa Família, destinados a perfis específicos de vulnerabilidade, a renda média das famílias acolhidas nos centros temporários, foi, no mês de referência (novembro) de R\$ 757,64. Aqueles 25% com o menor rendimento familiar, ganharam até R\$ 300,00 (1º quartil). A mediana da distribuição é R\$ 600,00. Aqueles 25% com os maiores rendimentos, receberam de R\$ 1.200,0 (3º quartil) até R\$ 3.300,00 (*outlier* e maior valor da distribuição, distante a mais de três desvios padrões da média).

**Gráfico 1 – Estatísticas da Distribuição da Renda Familiar total**

n=326



### **Fatores que impactam a Renda Familiar - Modelo de regressão linear múltipla –**

A associação entre características relativas ao contexto familiar (arranjo familiar, receber auxílio emergencial, receber auxílio BPC ou bolsa família e número de pessoas trabalhando no núcleo familiar), a escolaridade, o sexo e a renda familiar total foi avaliada utilizando-se um modelo de regressão linear múltipla. A variável resposta foi a renda familiar total. As variáveis preditoras foram incluídas em um modelo saturado, e por meio da estratégia *backward* chegou-se ao modelo final, em que permaneceram as variáveis com  $p < 0,05$  e a escolaridade independente de significância, para controle de efeitos.

Arranjos familiares com uma pessoa na força de trabalho ocupada têm um aumento médio em sua renda familiar de R\$ 472,82 ( $p < 0,001$ ), em relação aos arranjos familiares sem nenhuma pessoa trabalhando. Já os arranjos familiares com duas pessoas na força de trabalho ocupada têm aumento médio de R\$ 493,24 ( $p < 0,001$ ), em relação aos arranjos familiares sem nenhum de seus membros na força de trabalho ocupada. Ter recebido auxílio emergencial importou no mês de referência (novembro), um aumento de rendimentos médio de R\$ 541,12 ( $p < 0,001$ ), (considerando o intervalo de confiança entre R\$ 439,40 e R\$ 642,85). O tipo de arranjo familiar também é um fator que impacta a renda familiar: arranjos biparen-



tais ganham, em média, R\$ 304,65 ( $p < 0,001$ ), a mais do que arranjos monoparentais. Já casais sem filhos ganham em média R\$ 301,51 ( $p = 0,002$ ) a mais do que arranjos familiares monoparentais. Para pessoa só o coeficiente não é significativo. Também e não menos importante, é a anotação de que a escolaridade, diferentemente do que se suporia, não tem coeficiente significativo no modelo, pos-

sivelmente porque, como já nos indicou o conjunto dos dados, é grande a precariedade da inserção dos migrantes e refugiados venezuelanos no mercado de trabalho, não apenas pelos baixos salários e subaproveitamento da força de trabalho, mas também com atividades que exigem menor qualificação, de tal forma que anos de estudo não está impactando positivamente a empregabilidade.

**Modelo de regressão linear múltipla para a renda familiar total (em R\$)**

Variáveis	Coefficiente	IC 95%	p-valor
Constante	-90,63	(-264,50; 83,23)	0,306
<b>Arranjo familiar</b>			
Monoparental (referência)	-	-	-
Biparental	304,65	(175,14; 434,16)	<0,001
Pessoa só	41,84	(-87,41; 171,10)	0,525
Casal sem filhos	301,51	(121,54; 481,47)	0,002
<b>Recebe auxílio emergencial</b>			
Não (referência)	-	-	-
Sim	541,12	(439,40; 642,85)	<0,001
<b>Escolaridade</b>			
Educação básica ou menos	129,24	(-24,95; 283,43)	0,100
Educação média	-19,44	(-175,97; 137,08)	0,807
Educação superior (referência)	-	-	-
<b>Nº de pessoas trabalhando no núcleo familiar</b>			
Nenhuma (referência)	-	-	-
Uma	472,82	(368,54; 577,10)	<0,001
Dois ou mais	493,24	(267,14; 719,35)	

R<sup>2</sup> estimado 44,95%. Resíduos simétricos, centrados no zero e homocedásticos. O modelo não tem problemas de multicolinearidade.

## **EM RESUMO: A JORNADA DO DESLOCAMENTO E TEMPO DE ABRIGO**

**Estados venezuelanos de origem** – Anzoátegui (37,3%, n=124), Bolívar (25%, n= 83) e Monagas (15,4%, n=51) são os estados venezuelanos de onde se originam mais de três quartos (77,7%) dos migrantes e refugiados que estão nos abrigos da Operação Acolhida de Boa Vista geridos pelo ACNUR e AVSI Brasil. A localização desses estados possibilita o deslocamento terrestre para o Brasil.

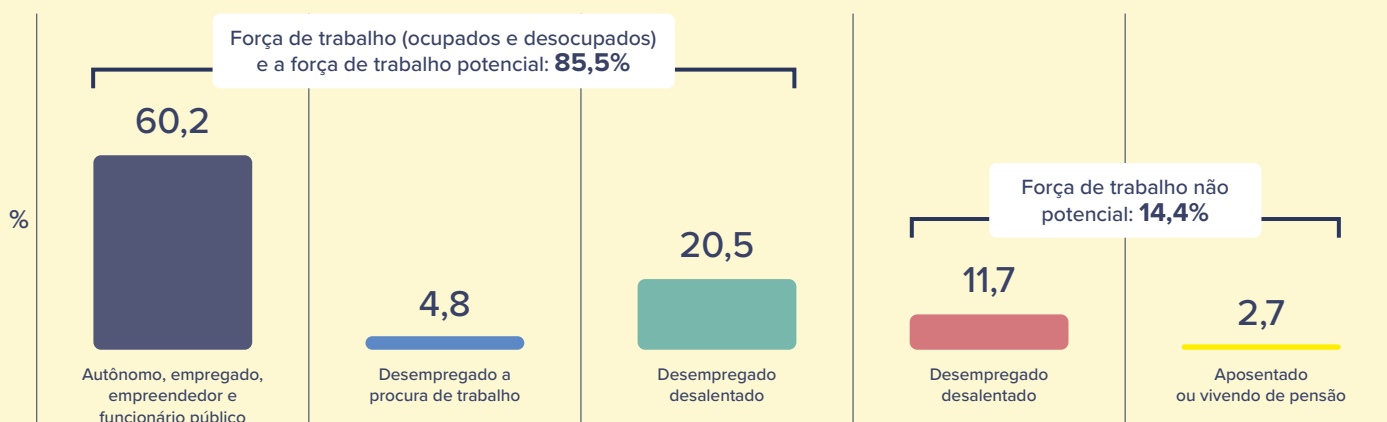
**Situação ocupacional** – 26,8% (n=89) dos venezuelanos adultos que estão nos centros de acolhimento temporário de Boa Vista trabalhavam na Venezuela por conta própria (autônomos); 25% (n=83) estavam empregados; 20,5% (n=68) eram desempregados desalentados (já haviam parado de procurar emprego); 6% (n=20) eram empregadores

ou empreendedores; 4,8% (n=16) estavam desempregados procurando trabalho; 2,4% (n=8) eram funcionários públicos.

**Força de trabalho na origem** – Antes de migrarem ou refugiarem-se no Brasil, 65% (n=198) dos venezuelanos adultos que estão abrigados nos centros de acolhimento temporário em Boa Vista sob a gestão do ACNUR e AVSI Brasil integravam força de trabalho no país de origem - que engloba as categorias de situação ocupacional autônomo, empregado, empregador/empreendedor, funcionário público e desempregado procurando trabalho. A categoria de pessoas desempregadas por desalento está no grupo de pessoas fora da força de trabalho, mas que integram a força de trabalho potencial. Agregadas a força de trabalho ocupada, desocupada e a força de trabalho potencial constituíam 85,5% (n=266). A força de trabalho não potencial somava 14,4% (n=48).

**Gráfico 2 – Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por segmentos demográficos e do mercado de trabalho**

n=332



### Arranjos familiares nos abrigos e força de trabalho no país de origem

– Metade das famílias que hoje estão nos abrigos e integram a categoria “arranjo monoparental” estavam na força de trabalho ocupada, antes de refugiar-se ou migrar para o Brasil. Atualmente, pouco mais da metade das famílias de arranjos monoparentais nos abrigos está na força de trabalho não potencial. Entre os integrantes nos abrigos da categoria “casal sem filhos” 83,3% (n=25) estavam na força de trabalho na Venezuela. Entre os desocupados procurando emprego na Venezuela, há maior frequência de famílias que estão na categoria biparental do que nas demais categorias de arranjos familiares.

### EM RESUMO: DETERMINANTES PARA OS USOS DO TEMPO

**Usos do Tempo na rotina do Brasil** – O relato das atividades e tarefas nas quais empregaram o tempo no mês que antecedeu o levantamento de campo desta pesquisa sugere um certo alijamento dos refugiados e migrantes venezuelanos das atividades **sociais, em especial os estudos, o trabalho e a recreação**. Considerando os tipos de atividades realizadas ao longo do último mês em que o levantamento de campo foi realizado, o uso do tempo foi dedicado com maior frequência às atividades domésticas de cuidado com o arranjo familiar (74,1%, n=246); às tarefas relacionadas ao cuidado com as necessidades coletivas (comitês) para o funcionamento do abrigo (59,6%, n=198), além das atividades relacionadas ao cuidado com os filhos (54,8%, n=182). No outro extremo, o uso do

tempo foi menos incidente em atividades esporádicas remuneradas (14,2%, n=47); em atividades regulares remuneradas (15,4%, n=51); em cursos ou atividades de estudo (18,4%, n=61) e recreação (21,7%, n=72). Procura por trabalho ou emprego (34%, n=113) foram atividades de frequência intermediária.

**Usos do tempo e o Ócio** – Informaram não ter tempo ocioso ao longo do dia 28,6% (n=95); estimam ter de 1 a 2 horas de tempo ocioso por dia 27,7% (n=92); 20,5% (n=68) avaliam ter de 2 a 4 horas de tempo ocioso diariamente; 11,7% (n=39) estimam ter de 4 a 6 horas por dia de tempo ocioso; e 11,4% (n=38) calculam ter mais de 7 horas por dia de tempo ocioso. Em seu conjunto, aqueles com mais de 2 horas de tempo ocioso por dia somam 43,6% (n=145).

**Tempo de ócio e filhos** – Entre respondentes com filhos há maior frequência da ocorrência da ausência de tempo ocioso durante o dia do que entre respondentes que não têm filhos. Por outro lado, há maior incidência de mais de 7 horas de ócio diário entre aqueles não têm filhos em relação àqueles que têm filhos.

**Tempo ocioso e arranjos familiares** – Não ter tempo ocioso algum durante o dia é característica mais presente para representantes de arranjos monoparentais do que as outras categorias de arranjos. Já a categoria de 1 a 2 horas de tempo ocioso por dia é mais incidente junto a representantes de arranjos familiares biparentais em relação aos demais tipos de arranjos. Por seu turno, as pessoas só e os casais sem filhos tendem a ter maior presença na

faixa de mais de 7 horas de tempo ocioso por dia em relação aos arranjos biparentais e monoparentais.

**Usos do tempo e assimetrias na distribuição de tarefas entre gêneros** – São grandes as assimetrias entre homens e mulheres no uso do tempo. A população refugiada e migrante nos abrigos reflete, em grande medida, uma construção social em que as tarefas relacionadas à dimensão da manutenção do lar e cuidado com os filhos são atribuições femininas. Como a dimensão do labor doméstico não aporta autonomia financeira, - e a mulher precisa pedir ao homem recursos para as despesas comuns - ao assumir a responsabilidade exclusiva dessa tarefa, ela reduz as próprias chances de se inserir no mercado de trabalho, o que supõe manter vínculos de dependência (e em muitos casos de subordinação) ao homem para a sobrevivência.

**Determinantes do uso do tempo** – Há importantes desigualdades de gênero entre a população de refugiados e migrantes em relação ao uso do tempo nos abrigos. Em particular, há parcelas consideravelmente maiores de mulheres desempenhando tarefas domésticas e de cuidado com os filhos do que entre os homens. Esta maior ocupação das mulheres com os cuidados familiares reflete em parte a estrutura patriarcal das sociedades contemporâneas, nas quais há uma divisão tácita de tarefas entre homens e mulheres, com os primeiros participando pouco ou nada das atividades ligadas ao lar e à família e as últimas sendo menos engajadas em atividades não-domésticas do que os homens. Com efeito, os dados relativos ao desempenho de atividades remuneradas mostram que proporções consideravelmente maiores de homens fizeram alguma atividade, quer seja de forma regular ou esporádica, do que mulheres. De maneira análoga, parcelas maiores de homens procuraram emprego ou trabalho no mês anterior à pesquisa relativamente às mulheres.

Em quatro modelos de regressão binárias que se seguem examinamos o impacto do gênero sobre os usos do tempo de quatro maneiras – cuidado com filhos, tarefas domésticas, atividades remuneradas regulares e atividades remuneradas esporádicas – mantendo sobre controle a idade, a escolaridade, a presença de filhos no arranjo familiar. Para os modelos que se referem às tarefas domésticas e cuidado com os filhos, geramos um termo interativo “homem com renda”, para verificar se o fato de o homem ter renda, muda o seu comportamento em relação a essas atribuições, que ainda persistem na cultura latina como se fossem responsabilidades exclusivas femininas.

**Tarefas domésticas: Modelo de Regressão Logística Binária** – Mantendo sob controle todas as variáveis do mo-

delo, **um homem no abrigo tem probabilidade 88% menor do que uma mulher de ter executado tarefas domésticas** no mês anterior ao levantamento de campo desta pesquisa. E a **cada ano que envelhece, reduz-se em 2%** a probabilidade de que a pessoa se engaje nessas atribuições. Em se tratando do efeito da escolaridade sobre executar tarefas domésticas, à exceção da pós-graduação e do nível inicial de escolaridade, todas as demais categorias de anos de estudo têm efeito negativo sobre as chances de um indivíduo ter feito tarefas domésticas em relação àqueles que nunca estudaram (referência). É 86% menor a probabilidade de que indivíduos que possuem escolaridade primária/básica tenham realizado tarefas domésticas em relação aos indivíduos que nunca estudaram. Pessoas com escolaridade média e com escolaridade média técnica, têm, respectivamente probabilidade 79% e 84% inferior de terem feito tarefas domésticas em relação àqueles sem escolaridade. É 86% inferior a probabilidade de que uma pessoa com ensino superior técnico tenha realizado tarefas domésticas do que os não escolarizados. As demais variáveis não tiveram efeito significativo sobre as chances de um indivíduo ter feito tarefas domésticas. Destaque-se nesse sentido a ausência do efeito renda, que sugere que a divisão sexual do trabalho entre as famílias refugiadas perpassa os distintos extratos econômicos verificados entre eles.

**Cuidado com os filhos – Modelo de Regressão Binária** – Mantendo sob controle as variáveis do modelo e examinando apenas o impacto do **gênero**, os coeficientes indicam que um **homem tem 83% menos chance (razão de chance 0,17) do que uma mulher de cuidar dos filhos**. E homens que têm algum tipo de rendimento do trabalho possuem chance significativamente menor de ter cuidado dos filhos em relação aos homens que informaram não ter rendimentos: mantendo-se constantes as demais variáveis do modelo, **a probabilidade de um homem com renda ter cuidado dos filhos é 76% menor do que daquele que não tem renda**. A **idade** também apresentou efeito negativo sobre o cuidado com os filhos: quanto mais velho o indivíduo menor a chance de cuidar dos filhos: a razão de chance para o coeficiente desta variável foi de 0,96, o que significa dizer que **a cada ano que envelhece diminui em 4% a chance de que ele cuide dos filhos**. A variável relativa a ter ou não filhos apresentou um resultado óbvio de aumentar significativamente as chances de um indivíduo ter cuidado dos filhos no mês anterior à entrevista e foi mantida na regressão para controle. A escolaridade não se mostrou significativa neste modelo para o cuidado com os filhos: independentemente da escolaridade os aspectos centrais na cultura patriarcal ainda se mantêm contemporaneamente nos arranjos familiares.

## Razões de Chance para o Uso do Tempo no Cuidado com os Filhos e nas Tarefas Domésticas

Homens têm menor chance do que mulheres de cuidar dos filhos e de fazer tarefas domésticas



## Mantendo-se sob controle o gênero, o envelhecimento está associado a menor probabilidade de ter cuidado com os filhos e de fazer tarefas domésticas



## Coeficientes e Razões de Chance dos modelos de regressão

### Modelos de Regressão Logística Binária: Discriminantes de usos do tempo para o “cuidar dos filhos” e “tarefas domésticas”

Variáveis dependentes:

	Cuidar dos filhos	Razão de Chance (OD)	Tarefas domésticas	Razão de Chance (OD)
Sexo (homem)	<b>-1.747***</b> (0.542)	<b>0,17</b>	<b>-2.136***</b> (0.375)	<b>0,21</b>
Renda (tem alguma renda)	-1.432** (0.686)	0,24	-0.100 (0.679)	0,9
Escolaridade Inicial (Maternal- Terceiro Período)	0.741 (1.847)	2,09	-0.361 (1.201)	0,7
Escolaridade Primária/Básica (Referência não estudou)	-0.389 (1.276)	0,68	<b>-1.975**</b> (0.904)	<b>0,14</b>
Ensino Médio Geral (Referência não estudou)	-0.072 (1.288)	0,93	<b>-1.565*</b> (0.912)	<b>0,21</b>
Ensino Médio Técnico (Referência não estudou)	0.839 (1.560)	2,31	<b>-1.810*</b> (1.082)	<b>0,16</b>
Ensino Superior Técnico (Referência não estudou)	-0.176 (1.441)	0,84	<b>-1.992**</b> (1.016)	<b>0,14</b>
Graduação (Referência não estudou)	0.741 (1.835)	2,10	-1.474 (1.149)	0,23
Pós-Graduação (Referência não estudou)	1.079 (3.664)	2,94	14.171 (726.165)	1424

**Modelos de Regressão Logística Binária: Discriminantes de usos do tempo para o “cuidar dos filhos” e “tarefas domésticas”**

	Variáveis dependentes:			
	Cuidar dos filhos	Razão de Chance (OD)	Tarefas domésticas	Razão de Chance (OD)
Idade (variável contínua)	<b>-0.045**</b> (0.017)	<b>0,96</b>	<b>-0.024**</b> (0.011)	
Tem filhos	<b>4.739***</b> (0.526)	<b>114,34</b>	0.413 (0.323)	1,51
Homem*Tem renda (termo interativo)	0.701 (0.897)	2,01	0.360 (0.775)	1,43
Constante	-0.139 (1.620)		4.534*** (1.164)	
N	327		327	
Significância		*p<0,1; **p<0,05; ***p<0,01		

Obs: erro padrão entre parênteses

**Atividades regulares e esporádicas que geram renda –**

Dois modelos da regressão examinam os fatores das atividades de natureza econômica desempenhados fora do ambiente doméstico pelos refugiados e migrantes, procurando identificar, sobretudo o impacto do gênero e da escolaridade sobre a ocorrência dessas atividades, mantidas sob controle um conjunto de outras variáveis: a idade (contínua), a renda familiar (ter renda familiar em referência a quem não tem), a presença de filhos no arranjo familiar (ter filhos em relação a quem não os tem). São variáveis dependentes, das duas regressões logísticas binárias, as perguntas dicotômicas aos entrevistados sobre se haviam exercido alguma atividade regular e também, se haviam exercido alguma atividade esporádica, que gerassem renda no mês anterior. No primeiro caso, identificou-se algum tipo de vínculo contínuo, regular e, no segundo caso, trata-se da prestação de serviços ou realização de tarefas eventuais, esporádicas, que tenham alguma forma de remuneração.

Além das variáveis independentes mencionadas, foram também incluídas variáveis de controle relativas ao desempenho de atividades remuneradas cruzadas. Isto é, na equação que tem como dependente variável que indica ter realizado atividades de forma regular, há uma variável de controle que mede ter feito atividades de forma esporádica. Da mesma forma, na equação que tem como dependente a variável ter realizado atividades de forma esporádica, foi uma variável de controle relativa a ter realizado atividades de forma regular.

**Atividades regulares e esporádicas que geram renda e as razões de chance das variáveis modelos –** Homens tiveram 2,75 mais chances do que mulheres - probabilidade de 175% maior- de terem desenvolvido de forma regular

alguma atividade que gerou renda no mês anterior ao levantamento de campo. Em se tratando de atividades esporádicas que geram renda, as chances são ainda maiores: 3,96 ou, em outras palavras, homens tiveram probabilidade 296% maior do que as mulheres de terem feito alguma atividade esporádica remunerada. **A idade** tem efeito negativo neste modelo e é intuitivo: a cada ano a mais de idade **reduz-se em 4%** a chance de um ter realizado alguma atividade que gerou renda de forma regular no período em questão. De forma análoga, a cada ano de **vida reduz-se em 3% a chance de um indivíduo ter tido atividade esporádica que gere renda.**

**Ter filhos** foi uma variável significativa apenas em um dos modelos: aumenta as chances de realizar atividades **esporádicas** que geram renda. Indivíduos com filhos apresentaram 3,55 vezes mais chances – probabilidade 255% maior - de desenvolver esse tipo de atividade em relação aos indivíduos que não têm filhos. Já no modelo que procura explicar as atividades remuneradas regulares, ter filhos não foi variável significativa: dada a dificuldade de refugiados e migrantes venezuelanos de inserção no mercado de trabalho, de modo se não formal, pelo menos regular - arranjos familiares com filhos tendem a investir sobretudo nas atividades eventuais para obter rendimentos.

**A escolaridade e demais fatores que impactam o exercício de atividades esporádicas que geram renda para refugiados e migrantes –**

A maior escolaridade não apresenta impacto para as chances de empregabilidade de refugiados e migrantes. Para a regressão que procura explicar a probabilidade do indivíduo ter exercido atividade remunerada regular no mês que antecedeu o levantamento de campo – mantidas constantes as variáveis independentes – a escolaridade não apresentou efeito

significativo, o que sugere, como temos demonstrado em outras análises neste relatório, que o baixo envolvimento dos refugiados com atividades remuneradas regulares não decorre de seu nível de ensino; mas antes, do mercado de trabalho e da precariedade e baixa qualificação das atividades com que nele conseguem se inserir.

Entretanto, a escolaridade do indivíduo tem efeito **significativo e negativo**, portanto apresenta impacto sobre ter ou não exercido atividades **esporádicas remuneradas** nos níveis primário, médio geral, médio técnico e su-

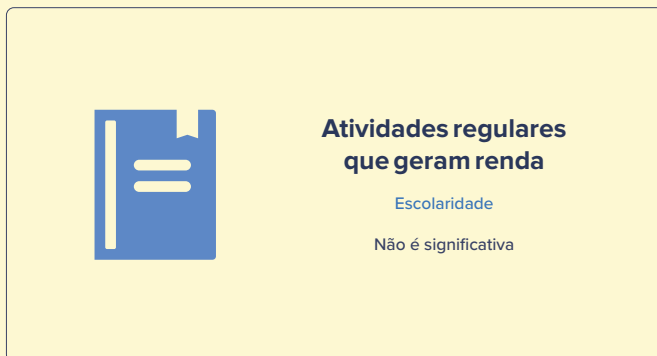
perior técnico. Em todos esses casos o efeito é negativo, ou seja, **ter esses níveis de educação reduz as chances de um indivíduo em relação a quem nunca estudou de ter feito atividades esporádicas que gerem renda: a redução é da ordem de 77% para o nível primário/básico em relação a quem não estudou; 76% para o nível médio geral em relação a quem não estudou; 94% para a escolaridade média técnica em relação a quem não estudou e 89% para o nível superior técnico em relação a quem não estudou.**

### Razões de Chance para o Uso do Tempo no Cuidado com os Filhos e nas Tarefas Domésticas

Homens têm menor chance do que mulheres de cuidar dos filhos e de fazer tarefas domésticas



### Mantendo-se sob controle o gênero, o envelhecimento está associado a menor probabilidade de ter cuidado com os filhos e de fazer tarefas domésticas



**Atividades regulares e esporádicas que geram renda:  
Coeficientes e Razões de Chance dos modelos de regressão**

**Modelos de Regressão Logística Binária: Discriminantes de usos do tempo para “atividades regulares que geram renda” e “atividades esporádicas que geram renda”**

Variáveis dependentes:

	Cuidar dos filhos	Razão de Chance (OD)	Tarefas domésticas	Razão de Chance (OD)
<b>Sexo (homem)</b>	<b>1.003*</b> (0.599)	<b>2,73</b> -	<b>1.377***</b> (0.472)	<b>3,96</b> -
<b>Renda (tem alguma renda)</b>	<b>5.531***</b> (0.709)	<b>252,31</b> -	<b>3.053***</b> (0.502)	<b>21,18</b> -
<b>Escolaridade Inicial (Maternal- Terceiro Período)</b>	-1.153 (2.324)	0,32 -	-1.533 (1.392)	0,22 -
<b>Escolaridade Primária/Básica</b>	-2.033 (1.805)	0,13 -	<b>-2.038**</b> (0.977)	<b>0,13</b> -
<b>Escolaridade Média Geral</b>	-1.801 (1.822)	0,17 -	<b>-1.974**</b> (0.978)	<b>0,14</b> -
<b>Ensino Médio Técnico</b>	-2.915 (2.015)	0,05 -	<b>-2.737*</b> (1.397)	<b>0,06</b> -
<b>Ensino Superior Técnico</b>	-1.427 (2.003)	0,24 -	<b>-2.202*</b> (1.272)	<b>0,11</b> -
<b>Graduação</b>	-0.501 (2.062)	0,61 -	-0.110 (1.062)	0,9 -
<b>Pós-Graduação</b>	-13.229 (1,378.982)	0 -	-14.065 (838.474)	0 -
<b>Idade</b>	<b>-0.044*</b> (0.023)	0,96 -	<b>-0.035*</b> (0.018)	<b>0,97</b> -
<b>Tem filhos</b>	0.881 (0.631)	2,41 -	1.268** (0.503)	3,55 -
<b>Fez atividade esporádica que gere renda</b>	<b>-4.543***</b> (0.956)	0,01 -	- -	- -
<b>Fez atividade regular que gere renda</b>	- -	- -	<b>-4.453***</b> (0.903)	0,01 -
<b>Constante</b>	-1.494 (2.150)	- -	-0.618 (1.366)	- -
<b>N</b>	327		327	-
<b>Significância</b>		* p<0.1; ** p<0.05; *** p<0.01		

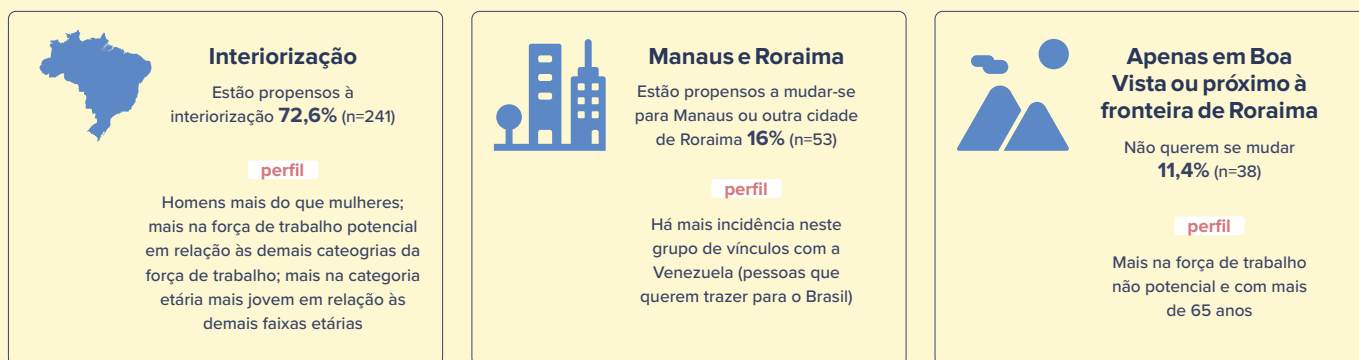
Obs: erros padrão entre parênteses

## PLANOS PARA O FUTURO

**Interiorização** – Cerca de três quartos (72,6%, n= 241) dos refugiados e migrantes venezuelanos que estão nos centros de acolhimento provisório em Boa Vista

querem permanecer em qualquer estado brasileiro que lhe dê oportunidade de trabalhar. Percebe-se, qualitativamente, grande idealização da perspectiva da interiorização, na qual é depositada grande expectativa para oportunidades de trabalho e integração.

**Gráfico 3 – Representação gráfica da distribuição dos respondentes da amostra por segmentos demográficos e do mercado de trabalho**



**Família da Venezuela para o Brasil** – A maior parte dos refugiados e migrantes venezuelanos acolhidos no Brasil não apenas está disposta a se interiorizar (72,6%, n=268), deslocando-se a qualquer estado brasileiro onde se presente oportunidade de emprego; como também 80,7% (n=268) gostariam de trazer um ou mais familiares ao Brasil. No núcleo familiar principal, os filhos (45,1, n=121) são os familiares mais citados. São também familiares que gostariam de trazer: pais ou avós (31%, n=83); irmãs, irmãos 28% (n=75); sobrinhos ou sobrinhas (10%, n=26); cônjuge (9,3, n=25); sogro ou sogra (6,3%, n=17); neto ou neta (5,3, n=14).

**A Covid-19 em 2021** – Buscar a interiorização a outros estados é a opção de 68,1% (n=226) neste ano em que se projeta novas ondas do novo coronavírus e atrasos para a imunização da população. Para 18,1% (n=60) permanecer no abrigo será a opção. Enquanto 1,8% (n=5) pretende regressar à Venezuela; 9,3% manifestaram outros projetos, entre os quais, os mais frequentes foram sair do abrigo para viver de aluguel; aguardar filhos e outros familiares chegarem da Venezuela para que faça a interiorização; aguardar tratamento de saúde próprio ou de algum familiar para tomar uma decisão.

## EM RESUMO: AVALIAÇÃO DOS ABRIGOS E SATISFAÇÃO COM A VIDA NO BRASIL

**Satisfação com os abrigos** – Declaram-se satisfeitos com a qualidade de vida no abrigo 64% (n=212) dos respondentes – dos quais 21,1% (n=70) afirmam estar muito satisfeitos e 42,8% (n= 142) estão satisfeitos. Afirmam estar insatisfeitos com a qualidade de vida no abrigo 35,9% (n=119) – dos quais 31,4% estão insatisfeitos (n=104) e 4,5% muito insatisfeitos (n=15). Há maior incidência de satisfação com a qualidade de vida no abrigo na categoria de arranjo familiar “Casal sem filhos” em relação aos demais tipos de arranjo familiar. Há maior frequência de insatisfação com a qualidade de vida no abrigo entre arranjos familiares biparentais em relação às demais categorias de arranjo familiar.

**Atributos do abrigo** – Entre os quatro atributos avaliados, a privacidade é aquele que recebe a menor nota média na escala ordinal crescente de avaliação com notas de 1 a 10: 6,32. A liberdade de ir e vir é o atributo mais bem avaliado, com média de 8,09. As regras comunitárias do abrigo recebem nota média de 7,84 e a convivência com as pessoas do abrigo, nota média de 7,48.

**Satisfação com a vida no Brasil** – É ampla a satisfação manifesta com a qualidade de vida no Brasil: 93,7% (n=311) declaram estar muito satisfeitos (38,6%, n=128) ou satisfeitos (55,1%, n=183). Apenas 6,3% (n=21) afirmam estar muito insatisfeitos (1,5%, n=5) ou insatisfeitos (4,8%, n=16).







# Questionário Aplicado

©ACNUR/Lucas Novaes

Q1

Olá! Somos da Pólis Pesquisa, uma empresa brasileira de pesquisas, com sede em Minas Gerais. Estamos fazendo um trabalho para o ACNUR e a AVSI Brasil. Gostaríamos muito de conhecer mais sobre você e a sua família, para que com essas informações, o ACNUR e a AVSI Brasil possam ajudar a população venezuelana migrante no processo de integração na sociedade brasileira. A sua participação é voluntária, as informações prestadas por você são completamente confidenciais e não serão associadas à sua identidade. Você concorda em nos ajudar respondendo às perguntas deste questionário?

- Sim
- Não

## Bloco 1 - Informações sobre o abrigo e data de entrada

Q2

Marque o nome do seu abrigo

- Rondon 1
- Rondon 2
- Rondon 3
- São Vicente 1
- Pricuma

Q3

Qual é o seu estado civil?

- Casado/vive com alguém/união estável
- Solteiro (a)
- Divorciado (a)/Separado (a)
- Viúvo (a)

Q4

Marque o ano em que você chegou no Brasil

- 2020
- 2019
- 2018
- Outro: \_\_\_\_\_ (Anote o ano em que veio para o Brasil)

Q5

Marque o mês do ano em que você chegou no Brasil

- Janeiro
- Fevereiro
- Março
- Abril
- Maio
- Junho
- Julho
- Agosto
- Setembro
- Outubro
- Novembro
- Dezembro

---

Marque o ano em que chegou neste abrigo

- Q6**
- 2020
  - 2019
  - 2018
  - Outro: \_\_\_\_\_ (Anoto o ano em que chegou neste abrigo)

---

Marque o mês do ano em que você chegou neste abrigo

- Q7**
- Janeiro
  - Fevereiro
  - Março
  - Abril
  - Maio
  - Junho
  - Julho
  - Agosto
  - Setembro
  - Outubro
  - Novembro
  - Dezembro

---

Indique a sua condição migratória no Brasil

- Q8**
- Solicitante de refúgio
  - Refugiado
  - Residência temporal
  - Residência permanente
  - Estudante
  - Sem documentos
  - Outro (especifique): \_\_\_\_\_

---

Indique quais documentos brasileiros você possui (MARQUE TODOS PERTINENTES)

- Q9**
- Protocolo de solicitação de refúgio
  - Protocolo de residência temporária
  - Protocolo de residência permanente
  - Carteira de trabalho
  - CPF
  - RNM
  - Sem documentos
  - Outro (especifique): \_\_\_\_\_

---

Marque a Província da Venezuela onde você vivia antes de migrar para o Brasil

- Q10**
- Amazonas
  - Anzoátegui
  - Apure
  - Aragua
  - Barinas
  - Bolívar
  - Carabobo
  - Caracas (Distrito Capital)
  - Cojedes
  - Delta Amacuro
  - Fálcon
  - Guárico
  - Lara
  - Mérida
  - Miranda
  - Monagas
  - Nueva Esparta
  - Portuguesa
  - Sucre
  - Táchira
  - Trujillo
  - Vargas
  - Yaracuy
  - Zulia
-

**Q11** Anote o nome da cidade em que morava antes de migrar para o Brasil

---

### Bloco 2 - Características sociodemográficas

**Q12** **Gênero**  
 Masculino  
 Feminino  
 Outro (especifique): \_\_\_\_\_

---

**Q13** **Qual é a sua idade?**  
 Anote: \_\_\_\_\_

---

**Q14** **Escolaridade: Marque o último ano que completou com êxito:**  
 Não estudou – **Salto para Q15**  
 Educação inicial (maternal, pré-escolar) – **Salto para Q15**  
 Educação Fundamental – **Salto para Q15**  
 Educação até o Ensino Médio  
 Educação média técnica - **Salto para Q16**  
 Educação de Jovens e Adultos – **Salto para Q15**  
 Técnico Superior de Nível Universitário - **Salto para Q16**  
 Graduação Nível Universitário - **Salto para Q16**  
 Pós-graduação - **Salto para Q16**

---

**Q15** **Pensando em seus conhecimentos práticos, tem experiência em alguma atividade que pode gerar renda? (por exemplo eletricista, pedreiro, jardineiro, bombeiro, cozinheiro, costureira, cuidador de idosos).**  
 Não tenho experiência prática em nenhuma atividade específica  
 Tenho experiência. Qual, especifique (**Anote**)

---

**Q16** **Qual é a sua formação profissional ou técnica?**  
 Anote: \_\_\_\_\_

---

**Q17** **Por quanto tempo você trabalhou nessa área em que tem formação profissional ou técnica?**  
 Até 1 ano  
 De mais de 1 ano a 3 anos  
 Mais de 3 anos

---

**Q18** **Você trabalhou em alguma outra área ou adquiriu experiência em área diferente de sua formação profissional?**  
 Não  
 Sim (Especifique a área)

---

**Q19** **Antes de mudar-se para o Brasil, quando você vivia na Venezuela, qual era a sua situação ocupacional?**  
 Eu estava empregado – **Salto para a Q20**  
 Eu era empregador /empreendedor/tinha o meu próprio negócio  
 Eu trabalhava por conta própria (autônomo) – **Salto para a Q20**  
 Eu era funcionário público – **Salto para a Q20**  
 Eu estava desempregado procurando emprego – **Salto para a Q20**  
 Eu estava desempregado mas já tinha parado de procurar emprego porque estava muito difícil conseguir uma colocação – **Salto para a Q20**  
 Eu era dona de casa (só trabalhava nas coisas da casa) – **Salto para a Q20**  
 Eu era estudante (só estudava) – **Salto para a Q20**  
 Eu estava aposentado ou vivendo de pensão ou de outro auxílio governamental – **Salto para a Q20**  
 Outro (Anote) – **Salto para a Q20**

---

**Q20** **Descreva o seu negócio na Venezuela. Você era...**  
 Empresário individual (tinha o próprio negócio, mas fazia tudo sozinho, não tinha empregados)  
 Era empreendedor, tinha sócio ou mais de um sócio em meu negócio  
 Era empreendedor, tinha um negócio que empregava a uma ou mais pessoas

---

**Q21** **Um ano antes de vir ao Brasil, você (e sua família) viviam em casa própria ou pagavam aluguel?**  
 Vivia em casa própria  
 Vivia em casa alugada  
 Outro (especifique) \_\_\_\_\_

---

**Q22** **Um ano antes de vir ao Brasil, você (ou alguém de sua família) possuía um automóvel própria em casa?**  
 Sim  
 Não

---

- 
- Q23** Um ano antes de vir ao Brasil, você (ou alguém de sua família) possuía um computador em casa?
- Sim
  - Não

- 
- Q24** Um ano antes de vir ao Brasil, você ou alguém de sua família tinha acesso à internet em casa?
- Sim
  - Não

### Bloco 3 – Situação no Brasil

**Qual é a sua situação ocupacional no Brasil hoje?**

- Q25**
- Emprego formal com carteira assinada – **Aplique a Q30**
  - Emprego regular sem carteira assinada (trabalha em um único local, com horários regulares, em determinados dias) – **Aplique Q26**
  - Trabalha como autônomo, prestando um mesmo tipo de serviço para mais de uma pessoa – **Aplique Q30**
  - Trabalha como autônomo, em atividades diferentes, para mais de uma pessoa- **Aplique a Q30**
  - Trabalha como ambulante, vendendo diversos produtos nas ruas – **Aplique a Q29**
  - Pede ajuda para as pessoas – Aplique a Q29
  - Está desempregado (não exerce nenhuma atividade remunerada há mais de um mês)– **Aplique a Q27**
  - Não trabalha fora porque é responsável por cuidar da família (filhos e outros) – **Aplique a Q33**
  - No momento está só estudando – **Aplique a Q33**
  - Sou empreendedor e dono do meu próprio negócio – **Aplique a Q30**
  - Outro (especifique): \_\_\_\_\_

**Quantos dias na semana você presta esse serviço regular para a mesma pessoa?**

- Q26**
- Um dia
  - Dois dias
  - Três dias
  - Quatro dias
  - Cinco dias
  - Seis dias
  - Sete dias

**No último mês, você procurou alguma oportunidade de trabalho regular ou como diarista?**

- Q27**
- Não procurei trabalho ou emprego no último mês
  - Procurei todos os seis dias úteis da semana
  - Procurei de 4 a 5 dias da semana
  - Procurei de 2 a 3 dias da semana
  - Procurei uma vez por semana
  - Procurei trabalho sem regularidade semanal

**Por que você não procurou trabalho no último mês?**

- Q28**
- Estou desanimado com poucas ofertas de trabalho
  - Medo de contrair coronavírus
  - Outro (Anote)
- 

**No último mês, você procurou alguma oportunidade de trabalho regular ou como diarista?**

- Q29**
- Não procurei trabalho ou emprego no último mês
  - Procurei todos os seis dias úteis da semana
  - Procurei de 4 a 5 dias da semana
  - Procurei de 2 a 3 dias da semana
  - Procurei uma vez por semana
  - Procurei trabalho sem regularidade semanal

**Qual é o ramo de atividade econômica que você exerce a sua atividade principal neste momento?**

- Q30**
- Serviços prestados em estabelecimentos de alimentação e hotéis (restaurantes, hotéis, pousadas e similares)
  - Serviços domésticos prestados em casas de família
  - Serviços de limpeza e manutenção prestados em empresas
  - Serviços prestados em estabelecimentos comerciais e de venda a varejo e atacado
  - Na indústria
  - Na construção civil
  - Outro (especifique): \_\_\_\_\_
-

---

**Q31** Normalmente, quantas horas por semana em média você está trabalhando no Brasil?

- Até 20 horas
- Entre 20 e 40 horas
- Acima de 40 horas

---

**Q32** Quanto aproximadamente você ganha por mês no Brasil com o seu trabalho? (não inclua neste cálculo eventuais benefícios do governo, apenas rendimento com trabalho)

Anote: \_\_\_\_\_

---

**Q33** Pela sua experiência no Brasil, pelo fato de você ser imigrante, você percebe algum tipo discriminação no mercado de trabalho do tipo... (Marque todas as pertinentes)

- O salário oferecido a imigrantes é menor do que o pagamento feito a brasileiros no mesmo tipo de trabalho
- O valor da diária (trabalho por dia) pago a imigrantes é menor do que o valor da diária pago a brasileiros
- Na forma de tratar o imigrante em relação à forma de tratar o brasileiro
- Não percebo discriminação em nenhuma das situações acima
- Não sei dizer

---

**Q34** Pelo fato de ser imigrante, em sua vida diária, você já foi vítima de discriminação no Brasil?

- Com muita frequência
- Com frequência
- Poucas vezes
- Nunca

---

**Q35** Pensando em seu núcleo familiar principal – por exemplo, cônjuge, filhos, pai ou mãe- alguma pessoa de seu núcleo familiar está com você neste abrigo?

- Sim, tenho familiares neste abrigo
- Não tenho familiares nem parentes neste abrigo – **Salto para Q50**

---

**Q36** Quantos familiares de seu núcleo familiar principal – por exemplo, cônjuge, filhos, pai ou mãe- estão com você neste abrigo?

Anote o número \_\_\_\_\_

---

**Q37** No seu núcleo familiar aqui neste abrigo há filhos ou filhas?

- Sim
- Não – **Salto para a Q45**

---

**Q38** Quantos filhos ou filhas integram o seu núcleo familiar aqui neste abrigo?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

Outro: \_\_\_\_\_

---

**Q39** Qual é a sua posição em seu núcleo familiar em relação à pessoa mais nova?

- Pai
- Mãe
- Avó
- Avô
- Tia
- Tio
- Outro: \_\_\_\_\_

---

**Q40** Quem em sua família assume (ou assumiu) a maior responsabilidade por cuidar dos filhos?

- A mãe
- O pai
- Ambos
- Filhos mais velhos
- Outro: \_\_\_\_\_

---

**Q41** Em sua família, a responsabilidade por cuidar e dar assistência aos filhos é ou sempre foi...

- Muito compartilhada entre o pai e a mãe
- Compartilhada entre o pai e a mãe
- Pouco compartilhada entre o pai e a mãe
- Nunca compartilhada entre o pai e a mãe

---

---

**Q42** Em sua família, a responsabilidade por proporcionar assistência financeira aos filhos é ou sempre foi...

- Muito compartilhada entre o pai e a mãe
- Compartilhada entre o pai e a mãe
- Pouco compartilhada entre o pai e a mãe
- Nunca compartilhada entre o pai e a mãe

---

**Q43** Quando o (s) adulto (s) responsável em sua família precisam sair, você (s) conta (m) com alguém para cuidar dos filhos?

- Sim
- Não
- Não precisa de ajuda porque os filhos já podem ficar sozinhos (são maiores de 12 anos)
- Outro: \_\_\_\_\_

---

**Q44** Você ou alguém de sua família recebe atualmente o benefício da Bolsa Família?

- Sim
- Não

---

**Q45** Você tem cônjuge neste abrigo?

- Sim
- Não – Salto para Q49
- Tenho cônjuge no Brasil mas não neste abrigo – Salto para Q49
- Tenho cônjuge na Venezuela – Salto para Q49

---

**Q46.** Qual é a situação ocupacional do seu cônjuge?

- Emprego formal com carteira assinada
- Emprego regular sem carteira assinada (trabalha em um único local, com horários regulares, em determinados dias)
- Trabalha como autônomo, prestando um mesmo tipo de serviço para mais de uma pessoa
- Trabalha como autônomo, em atividades diferentes, para mais de uma pessoa-
- Trabalha como ambulante, vendendo diversos produtos nas ruas
- Pede ajuda para as pessoas
- Está desempregado (não exerce nenhuma atividade remunerada há mais de um mês) – Salto para Q49
- Não trabalha fora porque é responsável por cuidar da família (filhos e outros) – Salto para Q49
- No momento está só estudando – Salto para Q49
- É empreendedor ou dono de seu próprio negócio

---

**Q47** Normalmente, quantas horas por semana em média o seu cônjuge está trabalhando no Brasil?

- Até 10 horas
- De mais de 10 a 20 horas
- De mais de 20 a 40 horas
- Acima de 40 horas

---

**Q48** Quanto aproximadamente ganha o seu cônjuge por mês no Brasil?  
Anote: \_\_\_\_\_

---

**Q49** Ao todo, quantas pessoas de seu núcleo familiar que estão neste abrigo exercem algum tipo de atividade remunerada no Brasil?

- Nenhum
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- Outro: \_\_\_\_\_

---

**Q50** Você ou alguém de sua família recebe Benefício de Prestação Continuada (BPC) ?

- Sim
- Não

---

**Q51** Você ou alguém de sua família recebe ou recebeu auxílio emergencial por causa da pandemia?

- Sim
- Não

---

**Q52** Pensando em todas as pessoas de sua família neste abrigo que atualmente exercem alguma atividade que gera alguma renda, quanto, em média, é o rendimento de sua família? (Inclua no cálculo eventuais benefícios do governo. Se está sozinho (a) neste abrigo, anote a sua renda total incluindo eventuais benefícios do governo)  
Anote: \_\_\_\_\_

---

- Q53** Desse rendimento total de seu núcleo familiar, você (s) envia (m) recursos para alguém ou para algum lugar na Venezuela?
- Sim
- Não – **Salto para Q56**

- Q54** Quanto em dinheiro você e sua família gastam ao mês, em média, com telefone?
- Anote: \_\_\_\_\_

- Q55** Quanto representa o gasto com telefone no rendimento total da família?
- Até 5%
- Entre 5% e 10%
- Entre 10% e 20%
- Entre 20% e 30%
- Outro: \_\_\_\_\_

- Q56** Existe alguém ou mais de uma pessoa na Venezuela que você gostaria de trazer para o Brasil para que essa pessoa ou pessoas estejam mais perto de você?
- Sim
- Não – **Salto para Q58**

- Q57** Esta pessoa ou pessoas que você gostaria de trazer da Venezuela para o Brasil é ... (marque todas pertinentes)
- Cônjuge
- Filhos ou filhas
- Pais ou avós
- Sogro ou sogra
- Namorada (o)
- Outro (especifique): \_\_\_\_\_

#### Bloco 4 - Planos para o futuro

- Q58** Além do espanhol, quais línguas você fala? (Marque todas)
- Português
- Inglês
- Falo só espanhol
- Outra (anote): \_\_\_\_\_

- Q59** Marque abaixo como você se sente, neste momento, em relação à sua compreensão da língua portuguesa.
- Eu compreendo muito bem o português
- Eu compreendo o português
- Eu compreendo pouco o português
- Eu ainda não compreendo o português

- Q60** Marque abaixo como você se sente, neste momento, em relação à sua comunicação (expressão) em língua portuguesa.
- Eu me expresso muito bem em português
- Eu me expresso em português
- Eu me expresso mal em português
- Eu ainda não consigo me expressar em português

- Q61** Neste momento você está estudando o português?
- Sim – **Salto para Q63**
- Não

- Q62** Em algum momento, desde que chegou no Brasil, você chegou a estudar português?
- Sim
- Não

- Q63** Ainda sobre a língua portuguesa, qual destas frases abaixo melhor expressa os seus sentimentos?
- Pretendo ainda estudar muito a língua portuguesa
- Pretendo ainda estudar a língua portuguesa
- Pretendo estudar só um pouco mais a língua portuguesa
- Não pretendo estudar mais a língua portuguesa

- Q64** Pensando em seu futuro a sua intenção é...
- Eu gostaria muito de permanecer no Brasil, desde que sempre perto da fronteira, mantendo as minhas relações com a Venezuela
- Eu gostaria de ficar em qualquer Estado brasileiro que me dê a oportunidade de trabalho, inclusive se precisar de mudar de Roraima



Você tem interesse em participar voluntariamente do processo de interiorização para outros estados do Brasil?

- Q65**
- Tenho muito interesse - **Salto para a Q68**
  - Tenho interesse - **Salto para a Q68**
  - Tenho pouco interesse
  - Não tenho interesse algum em me mudar de Roraima

Por que está pouco disposto a se mudar de Roraima?

- Q66**
- Tenho pessoas próximas à mim na Venezuela e quero ficar perto da fronteira
  - Sinto-me seguro neste abrigo e não quero arriscar-me a sair daqui
- Algum outro motivo? Especifique \_\_\_\_\_

Se aparecer uma boa oportunidade de trabalho para você em outra cidade de Roraima ou Manaus, você estaria disposto a se mudar de Boa Vista ou você não quer se mudar de Boa Vista?

- Q67**
- Estou muito disposto
  - Estou disposto
  - Estou pouco disposto
  - Não estou disposto

#### Abrigo e usos do tempo

No último mês, como você usou o seu tempo? Quais das tarefas abaixo você fez? (Marque todas as atividades que fez)

- Q68**
- Cuidou dos filhos
  - Fez tarefas domésticas (dedicadas à família)
  - Fez tarefas coletivas (em comitês do abrigo)
  - Fez de forma regular alguma atividade remunerada que gerou alguma renda
  - Fez de forma esporádica alguma atividade remunerada que gerou renda
  - Fez algum curso/estuda ou está estudando
  - Procurou trabalho ou emprego
  - Lazer com a família
  - Tempo ocioso
  - Usou o seu tempo de alguma outra forma? (Especifique)

Pensando no uso do seu tempo, no último mês, de segunda a sexta-feira, quantas horas por dia você teve de tempo ocioso, sem nenhum tipo de atividade?

- Q69**
- De 1 a 2 horas por dia
  - De mais de 2 a 4 horas por dia
  - De mais de 4 a 6 horas por dia
  - Mais de 7 horas por dia
  - Não tem tempo ocioso durante o dia

Como você avalia a sua qualidade de vida aqui neste abrigo? Você se sente..,

- Q70**
- Muito satisfeito com a qualidade de vida no abrigo
  - Satisfeito com a qualidade de vida no abrigo
  - Pouco satisfeito com a qualidade de vida no abrigo
  - Muito insatisfeito com a qualidade de vida no abrigo

Ainda pensando neste abrigo, de 1 a 10, em que 1 é uma nota muito ruim e 10 a melhor e mais alta nota, que você dá para...

- Q71**
- A privacidade que tem no abrigo
  - A liberdade de ir e vir que tem no abrigo
  - As regras comunitárias do abrigo
  - A convivência com as pessoas que vivem no abrigo

Quando acredita que terá recursos financeiros suficientes para deixar este abrigo?

- Q72**
- Nos próximos seis meses – **Salto para Q74**
  - No próximo ano - **Salto para Q74**
  - No próximo ano e meio - **Salto para Q74**
  - Não sei dizer quando poderei me mudar deste abrigo. Não considero esta hipótese neste momento

Por que não considera deixar este refúgio neste momento?

- Q73**
- Anote: \_\_\_\_\_

Alguma vez você já calculou de quanto você e sua família precisariam ganhar por mês para se mudar deste abrigo?

- Q74**
- Não
  - Sim – Quanto você e sua família necessitariam ganhar para mudar-se deste refúgio? Anote: \_\_\_\_\_

---

**Q75** Em sua opinião, você necessita de um curso de capacitação neste momento para ajudá-lo a empreender ou a procurar trabalho?

Necessito muito

Necessito

Necessito pouco

Não necessito

---

**Q76** Que curso acredita ser mais importante para você neste momento?

Anote: \_\_\_\_\_

---

**Q77** Pensando em sua experiência de imigração aqui no Brasil, qual é, em sua opinião, o tempo mínimo necessário para que uma pessoa ou uma família consiga se mudar do abrigo para um espaço próprio?

Quatro meses

Oito meses

Um ano

Dois anos

Mais de dois anos

---

**Q78** Pensando em seus relacionamentos e contatos sociais no Brasil, atualmente, os seus amigos ou pessoas com quem conversa mais ou se socializa mais são...

Brasileiros

Venezuelanos

Imigrantes de outros países

Não me socializo com ninguém

Outro: \_\_\_\_\_

---

**Q79** Você sente dificuldade em fazer amigos brasileiros no Brasil?

Sinto muito dificuldade em fazer amigos no Brasil

Sinto dificuldade em fazer amigos no Brasil

Sinto um pouco de dificuldade em fazer amigos no Brasil

Não tenho dificuldade alguma em fazer amigos no Brasil

---

**Q80** Pelo momento, como você se sente em relação à sua qualidade de vida no Brasil?

Muito satisfeito

Satisfeito

Insatisfeito

Muito insatisfeito

---

**Q81** Se neste novo ano de 2021 persistir a pandemia do novo coronavírus, a sua intenção será permanecer neste abrigo, buscar a interiorização ou retornar à Venezuela?

Permanecer neste abrigo

Buscar a interiorização

Retornar à Venezuela

---

**Q82** Para concluir, pensando na legislação e realidade brasileira, você define a sua cor ou raça como ...

Branca

Preta

Indígena

Asiática

Mestiça

Pardo

Outro (especifique): \_\_\_\_\_

---

**Q83** Qual a sua religião?

Católica

Evangélica Batista

Outras igrejas Evangélicas

Religião de matriz indígena

Religião de matriz africana

Não tem religião mas crê em Deus

Não crê em Deus

Outra religião (especifique): \_\_\_\_\_

---

---

**Q84** Nome: \_\_\_\_\_

---

**Q85** Número de identificação no abrigo: \_\_\_\_\_

---

**Q86** Telefone: \_\_\_\_\_

---





## Parceiros do ACNUR em Roraima:



## O ACNUR Brasil agradece o apoio de doadores privados e das seguintes instituições:



## Doadores do setor privado:



O ACNUR Brasil aprecia o apoio e parceria de todas as outras agências da ONU, autoridades brasileiras (a nível federal, estadual e municipal) e organizações da sociedade civil envolvidas na resposta de emergência e nos programas regulares de sua operação brasileira.



**Equipe de  
Gestão da Informação**  
ACNUR Boa Vista

Twitter @ACNURBrasil  
Facebook /ACNURPortugues

Instagram @acnurbrasil  
LinkedIn /company/acnurportugues

Phone +55 95 3624-4784  
Email brabrim@unhcr.org

[acnur.org.br](http://acnur.org.br)

[acnur.org](http://acnur.org) (Américas)  
[unhcr.org](http://unhcr.org) (Global)

Phone +55 (61) 3044-5744